

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL**

**TEORIA FUNCIONALISTA DOS VALORES HUMANOS:
*TESTANDO SUA ADEQUAÇÃO INTRA E INTERCULTURALMENTE***

EMERSON DIÓGENES DE MEDEIROS

**João Pessoa – PB
Março de 2011**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

TEORIA FUNCIONALISTA DOS VALORES HUMANOS:
TESTANDO SUA ADEQUAÇÃO INTRA E INTERCULTURALMENTE

Emerson Diógenes de Medeiros, *Doutorando*
Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia, *Orientador*

João Pessoa, Março de 2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

TEORIA FUNCIONALISTA DOS VALORES HUMANOS:
TESTANDO SUA ADEQUAÇÃO INTRA E INTERCULTURALMENTE

Emerson Diógenes de Medeiros

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (Doutorado), da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de *Doutor* em Psicologia Social.

**TEORIA FUNCIONALISTA DOS VALORES HUMANOS:
TESTANDO SUA ADEQUAÇÃO INTRA E INTERCULTURALMENTE**

Emerson Diógenes de Medeiros

Banca Avaliadora:

Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia (UFPB, *Orientador*)

Profa. Dra. Maria da Penha de Lima Coutinho (UFPB, *Membro Interno*)

Prof. Dr. Jacob A. Laros (UnB, *Membro Externo*)

Profa. Dra. Maria Luiza Teixeira (U. Mackenzie, *Membro Externo*)

Prof. Dr. Thiago Antonio Avellar de Aquino (UFPB, *Membro Externo*)

Prof. Dr. Walberto Silva dos Santos (UFC, *Membro Externo*)

Aos meus pais, Edna M. de Medeiros e Manoel P. de
Medeiros (*In memoria*).
À minha amada esposa, Paloma Cavalcante B. Medeiros.

*...Eu sou guerreiro
Sou trabalhador
E todo dia, todo dia, vou encarar
Com fé em Deus
E na minha batalha...*
(Lado B Lado A – O Rappa)

*...Valeu a pena!
Êh! Êh!
Sou pescador de ilusões...*
(Pescador De Ilusões – O Rappa)

AGRADECIMENTOS

O momento de redigir os agradecimentos não é fácil, especialmente quando se trata de uma tese de doutoramento, pois muitas pessoas contribuíram de alguma forma para que acontecesse o êxito nesta empreitada. Deste modo, há sempre o receio de que algum nome escape, razão que me leva a desde já me desculpar se deixei alguém de fora.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus por me conceder a dádiva da vida e forças para enfrentar os desafios que foram aparecendo.

É *imensurável* minha gratidão ao meu orientador, Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia, que me acolheu em seu grupo de pesquisa, inicialmente para ser bolsista de IC, ainda em 2005, quando me sentia perdido no curso de Graduação em Psicologia. Desde então conto com seu apoio, sabedoria e paciência, além de seus ensinamentos e incentivos, dedicando seu tempo precioso não só como orientador, mas também como grande amigo que levo comigo. Ao mestre com carinho: MUITO OBRIGADO!!

Gostaria, também, de agradecer à Profa. Dra. Rildésia Silva Veloso Gouveia por seu carinho e sua amizade durante todo este período de convívio. Sua confiança foi imprescindível. Muito obrigado!

À Profa. Dra. Maria da Penha de Lima Coutinho, por aceitar ser a leitora das versões preliminares desta tese, contribuindo de maneira significativa com suas considerações.

A todos os integrantes do grupo de pesquisa *Bases Normativas do Comportamento Social (BNCS)*. Sem eles não seria possível a realização deste sonho. Afinal, uma tese, apesar de figurar um único autor, sabe-se que é um produto dos esforços mútuos de um grupo de pessoas. Deste modo, agradeço a cada um dos que fazem ou fizeram parte desta equipe durante minha estadia: Ana Isabel Araújo Silva de Brito Gomes, Ana Karla Silva Soares, Carlos Eduardo Pimentel, Dayse Ayres Mendes do Nascimento, Deliane

Macedo Farias de Sousa, Estefânea Élide da Silva Gusmão, Jorge Artur Peçanha de Miranda Coelho, Kátia Correa Vione, Larisse Helena Gomes Macêdo Barbosa, Layrthton Carlos de Oliveira Santos, Leogildo Alves Freires, Luana Elayne Cunha de Souza, Luis Augusto de Carvalho Mendes, Márcio Coutinho, Marina Pereira Gonçalves, Patrícia Nunes da Fonseca, Rafaella de Carvalho Rodrigues Araújo, Rebecca Alves Aguiar Athayde, Roosevelt Vilar Lobo de Souza, Sandra de Lucena Pronk, Sandra Elisa de Assis Freire, Tiago Jessé Souza de Lima e Viviany Pessoa. Considero-me honrado por fazer parte deste grupo e ter a chance de debater, aprender e compartilhar momentos especiais com pessoas tão importantes. Obrigado a todos!

Agradeço aos integrantes da banca avaliadora, Prof. Dr. Jacob A. Laros, Profa. Dra. Maria Luiza Teixeira, Prof. Dr. Thiago Antônio Avellar de Aquino e Prof. Dr. Walberto Silva dos Santos, pela disponibilidade em ler e contribuir com esta tese. Tenho certeza que suas sugestões e críticas a fizeram mais completa e robusta; os erros que porventura existam são fruto de um processo inacabado de crescimento, que confio se concluirá com os anos.

De modo especial, quero agradecer aos professores Carolina Fernández, Diana Boer, Esther Vargas Medina, José Eduardo Moreno, Miguel Clemente, Rolando Ardon, Ronald Fischer, Rosario Arias Barahona, Rubén Ardila, Silvina A. Brussino, Taciano Lemos Milfont e Valeschka Martins Guerra, por contribuírem com a coleta de dados nas diferentes culturas. É necessário agradecer também a amabilidade dos professores Jacques Commandeur e Melanie Vauclair, que forneceram textos e dicas sobre o programa *GPA*.

Sou grato à *CAPES*, que durante o primeiro e a metade do segundo ano do Doutorado me concedeu bolsa de estudos que permitiu a dedicação exclusiva ao então projeto de tese.

Ao meu amor, minha *Paloma*, esposa dedicada, companheira e amorosa. Sou feliz por ter você comigo. Obrigado por me deixar fazer parte de sua vida.

Agradeço aos amigos e familiares que, de seu modo, sempre torceram por mim.

Vocês, e também aqueles que por qualquer motivo não citei aqui, reconheço, reverencio e registro meu profundo e sincero *muito obrigado*.

TEORIA FUNCIONALISTA DOS VALORES HUMANOS: TESTANDO SUA ADEQUAÇÃO INTRA E INTERCULTURALMENTE

RESUMO. Esta tese objetivou conhecer a adequação da *Teoria funcionalista dos valores humanos* nos âmbitos intra e intercultural. Concretamente, testaram-se as hipóteses de *conteúdo* e *estrutura* dos valores proposta por esta teoria. Neste sentido, realizaram-se dois estudos. O *Estudo 1* considerou uma amostra de 34.020 participantes das cinco regiões do Brasil. Estes tinham idade média de 26 anos, sendo equitativamente distribuídos quando ao sexo. Com o fim de testar tais hipóteses, a amostra foi dividida segundo a região: Norte ($n = 2.328$), Nordeste ($n = 17.431$), Centro-Oeste ($n = 2.735$), Sudeste ($n = 8.554$) e Sul ($n = 2.919$). Inicialmente, por meio de análise fatorial confirmatória (AFC), checkou-se a *hipótese de conteúdo*, admitindo que os 18 valores poderiam ser representados em seis subfunções valorativas (modelo original), confrontando-o com estruturas fatoriais alternativas (uni, bi, tri e pentafatorial). Independente da região, o modelo original foi o mais adequado, apresentando indicadores de ajuste aceitáveis (*GFI*, *RMSEA*). Posteriormente, testou-se a *hipótese de estrutura* por meio de escalonamento multidimensional (EMD) confirmatório (*Proxscal*), adotando o *Phi de Tucker* (ϕ) como indicador de ajuste do modelo. Coerentemente, nas cinco regiões este indicador se situou acima do recomendado (0,90), indicando que os valores poderiam ser representados em um espaço 3 (tipo de orientação: pessoal, central e social) x 2 (tipo de motivador: materialista e idealista). O *Estudo 2* teve como objetivo replicar estes achados, considerando uma amostra total de 4.890 participantes, cuja idade média foi de 24.2 anos, sendo a maioria do sexo feminino (57,7%), distribuídos em 12 países: Alemanha ($n = 156$), Argentina ($n = 406$), Brasil ($n = 1.235$), Colômbia ($n = 230$), Espanha ($n = 874$), Filipinas ($n = 279$), Honduras ($n = 199$), Inglaterra ($n = 298$), Israel ($n = 167$), México ($n = 274$), Nova Zelândia ($n = 257$) e Peru ($n = 615$). No caso da *hipótese de conteúdo*, testaram-se por meio de AFC o modelo original (hexafatorial) e os alternativos (uni, bi, tri e pentafatorial), confirmando-se em sete países (Alemanha, Brasil, Espanha, Inglaterra, Israel, Nova Zelândia e Peru) a adequação melhor do modelo original ($\Delta\chi^2$, *ECVI*); nos outros cinco países (Argentina, Colômbia, Filipinas, Honduras e México) os melhores modelos foram os penta e hexafatorial, não diferindo entre eles. Além disso, testou-se a invariância fatorial do modelo original (hexafatorial), que reuniu as propriedades de invariância *configural*, *métrica* e *estrutural*. Quanto à *hipótese de estrutura*, em todos os países o indicador de ajuste (*Phi de Tucker*) se mostrou adequado ($\phi \geq 0,93$), permitindo afirmar que os valores se configuram em um espaço 3 x 2, como teorizado. Buscou-se ainda verificar se esta estrutura se mantinha equivalente através dos países, realizando *análises procrustes generalizadas* (APG), as quais permitiram comprovar que a estrutura era similar nos diversos países (ajuste total superior a 0,90; valores médios de ϕ e *Raw Stress* de 0,94 e 0,11, respectivamente). Concluiu-se que, além de fundamentada, parcimoniosa e integradora, a *Teoria funcionalista dos valores humanos* reúne evidências empíricas de sua adequação tanto no Brasil como em outros países. Portanto, poderá ser utilizada para compreender os valores humanos e seus correlatos.

Palavras-chave: Valores; motivações; funções; teoria; estrutura; conteúdo.

FUNCTIONALIST THEORY OF HUMAN VALUES: TESTING ITS ADEQUATION WITHIN AND BETWEEN CULTURES

ABSTRACT. This thesis aimed at knowing the adequacy of the functional theory of human values in the ambit within and between cultures. Specifically, the content and structure of values proposed by this theory were tested. In this sense, two studies were carried out. Study 1 tested the content hypotheses and structure of values, considering a sample of 34,020 participants from all five regions of Brazil. They had a mean age of 26 years, being equally distributed by gender. In order to test these hypotheses, the sample was divided by region: North ($n = 2328$), Northeast ($n = 17,431$), Midwest ($n = 2735$), Southeast ($n = 8554$) and south ($n = 2919$). Initially, the *content hypothesis* was verified using confirmatory factor analysis (AFC), assuming that the 18 values could be represented in six values subfunctions (original model), confronting it with alternative factor structures (uni, bi, tri and penta factorial). Regardless of region, the original model was the most adequate, with fit indexes acceptable (*GFI*, *RMSEA*). Subsequently, it was tested the structure hypothesis by confirmatory (*Proxscal*) multidimensional scaling (*MDS*), adopting the Tucker's Phi as an indicator of model fit. Consistently, in the five regions this value was above the recommended (0.90), indicating that the values could be represented in a space 3 (type of orientation: personal, social and central) x 2 (type of motivation: materialistic and idealistic). Study 2 aimed to replicate these findings, considering a total sample of 4,890 participants, whose mean age was 24.2 years, most female (57.7%), distributed in 12 countries: Germany ($n = 156$), Argentina ($n = 406$), Brazil ($n = 1,235$), Colombia ($n = 230$), Spain ($n = 874$), Philippines ($n = 279$), Honduras ($n = 199$), England ($n = 298$); Israel ($n = 167$), Mexico ($n = 274$), New Zealand ($n = 257$) and Peru ($n = 615$). In the case of the content hypothesis, were tested by ACF the original model (hexafactorial) and alternatives (uni, bi, tri and penta factorial), confirming in seven countries (Germany, Brazil, Spain, England, Israel, New Zealand, and Peru) better adequacy of the original model ($\Delta\chi^2$; *ECVT*); in the other five countries (Argentina, Colombia, Philippines, Honduras and Mexico) the best models were the penta and hexafactorial, which did not differ between each other. In addition, it was tested the factorial invariance of the original model (hexafactorial), which gathered the configural, metric and structural invariance properties. As for the structure hypothesis, in all countries the fit indicator (*Tucker's Phi*) was adequate ($\phi \geq 0.93$), allowing to conclude that the values are configured in a 3 x 2 space, as theorized. It was sought to determine whether this structure remained equivalent across countries, by Generalized Procrustes Analysis (*GPA*), which allowed proving that the structure was similar in through the different countries (total adjustment greater than 0.90, average values of ϕ and *Raw Stress* of 0.94 and 0.11, respectively). It was concluded that, besides theoretically grounded, integrative and parsimonious, the *functional theory of human values* gathers empirical evidence of its suitability in Brazil and in other countries. Therefore, it can be properly used to understand human values and its correlates.

Keywords: Values, motivations, functions, theory, structure, content.

TEORÍA FUNCIONALISTA DE LOS VALORES HUMANOS: COMPROBANDO SU ADECUACIÓN INTRA E INTERCULTURALMENTE

RESUMEN. Esta tesis tuvo como objetivo conocer la adecuación de la *Teoría funcionalista de los valores humanos* tanto dentro como entre las culturas. En concreto, se han comprobado las hipótesis de *contenido* y *estructura* de los valores propuestas por esta teoría. En este sentido, se llevaron a cabo dos estudios. El *Estudio 1* tuvo en cuenta una muestra de 34.020 participantes de las cinco regiones del Brasil. Estos tenían una edad promedio de 26 años, se distribuyendo por igual con respecto al sexo. Para comprobar estas hipótesis, la muestra fue dividida por regiones: Norte ($n = 2.328$), Nordeste ($n = 17.431$), Centro-Oeste ($n = 2.735$), Sudeste ($n = 8.554$) y Sur ($n = 2.919$). Primeramente, por medio de análisis factorial confirmatorio (AFC), se comprobó la *hipótesis de contenido*, suponiendo que los 18 valores podrían ser representados en seis subfunciones valorativas (modelo original), comparándolo con estructuras factoriales alternativas (uni, bi, tri y penta factorial). Independientemente de la región, el modelo original se mostró el más adecuado, con indicadores de ajuste aceptables (*GFI*, *RMSEA*). Posteriormente, se comprobó la *hipótesis de estructura* por medio de escalamiento multidimensional (EMD) confirmatorio (*Proxscal*), asumiendo como indicador de ajuste del modelo el *Phi de Tucker* (ϕ). Coherentemente, en las cinco regiones este indicador fue superior al valor recomendado (0,90), indicando que los valores podrían ser representados en un espacio 3 (tipo de orientación: personal, central y social) $\times$ 2 (tipo de motivación: materialista e idealista). El *Estudio 2* tuvo como objetivo replicar estos hallazgos, considerando una muestra total de 4.890 participantes, cuya edad promedio fue de 24.2 años, la mayoría mujeres (57.7%), distribuidos en 12 países: Alemania ($n = 156$), Argentina ($n = 406$), Brasil ($n = 1.235$), Colombia ($n = 230$), España ($n = 874$), Filipinas ($n = 279$), Honduras ($n = 199$), Inglaterra ($n = 298$), Israel ($n = 167$), México ($n = 274$), Nueva Zelanda ($n = 257$) y Perú ($n = 615$). En el caso de la *hipótesis de contenido*, se han comprobado por medio de ACF el modelo original (hexafactorial) y los alternativos (uni, bi, tri y penta factorial), confirmandose en siete países (Alemania, Brasil, España, Inglaterra, Israel, Nueva Zelanda y Perú) la adecuación mejor del modelo original ($\Delta\chi^2$, *ECVI*); en los otros cinco países (Argentina, Colombia, Filipinas, Honduras y México) fueron más adecuados los modelos penta y hexafactorial, pero no se han diferido entre ellos. Además, se ha comprobado la invariancia factorial del modelo original (hexafactorial), que reunió las propiedades de invariancia *configural*, *métrica* y *estructural*. En cuanto a la *hipótesis de estructura*, en todos los países el indicador de ajuste (*Phi de Tucker*) fue adecuado ($\phi \geq 0,93$), permitiendo concluir que los valores se configuran en un espacio de 3×2 , tal como había sido teorizado. Todavía, se ha procurado conocer si esta estructura se mantenía equivalente en todos los países, efectuando *análisis procrustes generalizados* (APG), que permitieron comprobar que la estructura era similar en los distintos países (ajuste total de 0.90; los valores promedios de ϕ y *Estrés Bruto* fueron de 0.94 y 0.11, respectivamente). Se concluyó que, además de fundamentada, integradora y parsimoniosa, la *Teoría funcionalista de los valores humanos* presenta evidencias empíricas de su adecuación tanto en Brasil como en otros países. Por lo tanto, podrá ser utilizada para comprender los valores humanos y sus correlatos.

Palabras-clave: Valores; motivaciones; funciones; teoría; estructura; contenido.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	21
PARTE I – MARCO TEÓRICO	25
CAPÍTULO I. ELEMENTOS HISTÓRICOS DO ESTUDO SOBRE OS VALORES	
HUMANOS.....	26
1.1 ELEMENTOS HISTÓRICOS E PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS	30
1.1.1 Ferdinand Tönnies.....	31
1.1.2 Thomas e Znaniecki	33
1.1.3 Robert King Merton.....	35
1.1.4 Teoria da Ação Social	38
1.1.5 Teoria da hierarquia das necessidades humanas	46
CAPÍTULO II. MODELOS CULTURAIS E INDIVIDUAIS DOS VALORES.....	50
1.1 VALORES HUMANOS NA PERSPECTIVA CULTURAL	51
1.1.1 Valores individualistas e coletivistas de Hofstede.	51
1.1.2 Valores materialistas e pós-materialistas de Inglehart.....	53
1.2 VALORES NA PERSPECTIVA INDIVIDUAL.....	56
1.2.1 Valores instrumentais e terminais de Rokeach.....	56
1.2.2 Tipos motivacionais de Schwartz	62
CAPÍTULO III. TEORIA FUNCIONALISTA DOS VALORES HUMANOS.....	70
3.1 DEFINIÇÃO DE VALORES E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	72
3.2 AS FUNÇÕES PRINCIPAIS DOS VALORES	75
3.2.1 A função de guiar o comportamento: Tipos de orientações.....	75
3.2.2 A função de expressar as necessidades humanas: Tipos de motivadores.....	77
3.3 AS SUBFUNÇÕES VALORATIVAS: ESTRUTURA E CONTEÚDO	79
3.4 AS SUBFUNÇÕES VALORATIVAS: CONGRUÊNCIA E COMPATIBILIDADE.....	88
PARTE II – ESTUDOS EMPÍRICOS.....	91
CAPÍTULO IV. TESTANDO A TEORIA FUNCIONALISTA DOS VALORES	
HUMANOS NO BRASIL.....	92
4.1 INTRODUÇÃO	93
4.2 MÉTODO	95
4.2.1 Participantes.....	95
4.2.2 Instrumentos	100

4.2.3 Procedimento.....	101
4.2.4 Análises de dados	101
4.3 RESULTADOS	104
4.3.1 Estatísticas descritivas e índice de consistência interna das subfunções ...	104
4.3.2 Testando as hipóteses de conteúdo e estrutura no Brasil	114
4.3.2.1 Norte	116
4.3.2.2 Nordeste.....	120
4.3.2.3 Centro-Oeste	123
4.3.2.4 Sudeste.....	126
4.3.2.5 Sul.....	129
4.3.3 Análises multigrupos de invariância fatorial	133
4.4 DISCUSSÃO PARCIAL	136
CAPÍTULO V. TESTANDO A TEORIA FUNCIONALISTA DOS VALORES	
HUMANOS TRANSCULTURALMENTE.....	139
5.1 INTRODUÇÃO	140
5.2 MÉTODO	141
5.2.1 Amostra.....	141
5.2.2 Instrumentos	143
5.2.3 Procedimento.....	144
5.2.4 Análises de dados	145
5.3 RESULTADOS	147
5.3.1 Estatísticas descritivas, índices de consistência e validades das subfunções	147
5.3.2 Testando as hipóteses de conteúdo e estrutura	165
5.3.2.1 Alemanha.....	166
5.3.2.2 Argentina	169
5.3.2.3 Brasil.....	172
5.3.2.4 Colômbia	175
5.3.2.5 Espanha.....	178
5.3.2.6 Filipinas	181
5.3.2.7 Honduras.....	184
5.3.2.8 Inglaterra.....	186
5.3.2.9 Israel	190
5.3.2.10 México.....	193

5.3.2.11 Nova Zelândia.....	196
5.3.2.12 Peru.....	199
5.3.3 <i>Análises multigrupos de invariância fatorial</i>	202
5.3.3.2 Análise Procrustes Generalizada	204
5.4 DISCUSSÃO PARCIAL	207
CAPÍTULO VI. DISCUSSÃO GERAL E CONCLUSÕES	210
6.1 LIMITAÇÕES POTENCIAIS	211
6.2 RESULTADOS PRINCIPAIS	213
6.2.1. <i>Parâmetros da Medida de Valores</i>	213
6.2.1.1. Evidências de Consistência Interna	214
6.2.1.2. Evidências de Validade de Construto	216
6.2.1 <i>Conteúdo dos valores humanos</i>	218
6.2.2 <i>Estrutura dos valores humanos</i>	221
6.3 DIREÇÕES FUTURAS	223
6.4 CONCLUSÃO	226
REFERÊNCIAS	229
ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO DOS VALORES BÁSICOS (QVB)	249
ANEXO 2 – TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	250
ANEXO 3 – BASIC VALUE SURVEY (BVS)	251
ANEXO 4 – CUESTIONARIO DE LOS VALORES BÁSICOS (CVB)	252
ANEXO 5 – GRUNDWERTE FRAGEBOGEN (GF)	253
ANEXO 6 – QUESTIONÁRIO DEMOGRÁFICO	254
ANEXO 6 – PARECER DO COMITÊ DE ETICA UFPB	255

LISTA DE TABELAS

<i>Tabela 1.</i> Principais elementos da definição das estruturas sociais de Tönnies.....	32
<i>Tabela 2.</i> Esquema explicativo dos modos adaptativos de Merton.....	36
<i>Tabela 3.</i> Tipos de valores instrumentais e terminais proposto por Rokeach (1973). ...	60
<i>Tabela 4.</i> Tipos motivacionais de Schwartz (1994, 2006).	66
<i>Tabela 5.</i> Características demográficas dos estados da região Norte.....	96
<i>Tabela 6.</i> Características demográficas dos estados da região Nordeste.	97
<i>Tabela 7.</i> Características demográficas dos estados da região Centro-Oeste.....	98
<i>Tabela 8.</i> Características demográficas dos estados da região Sudeste.	98
<i>Tabela 9.</i> Características demográficas dos estados da região Sul.....	99
<i>Tabela 10.</i> Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto no Norte.....	105
<i>Tabela 11.</i> Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas no Norte.....	106
<i>Tabela 12.</i> Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto no Nordeste.	107
<i>Tabela 13.</i> Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas no Nordeste.	107
<i>Tabela 14.</i> Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto no Centro-Oeste.	108
<i>Tabela 15.</i> Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas no Centro-Oeste.	109
<i>Tabela 16.</i> Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto no Sudeste.	110
<i>Tabela 17.</i> Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas no Sudeste.	111
<i>Tabela 18.</i> Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto no Sul.	112
<i>Tabela 19.</i> Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas no Sul.	112
<i>Tabela 20.</i> Comparação das subfunções valorativas segundo a região do país.	113
<i>Tabela 21.</i> Indicadores de ajuste dos modelos na região Norte (n = 2.328).	118
<i>Tabela 22.</i> Indicadores de ajuste dos modelos na região Nordeste (n = 17.431).	121
<i>Tabela 23.</i> Indicadores de ajuste dos modelos na região Centro-Oeste (n = 2.735). ...	124
<i>Tabela 24.</i> Indicadores de ajuste dos modelos na região Sudeste (n = 8.554).	127
<i>Tabela 25.</i> Indicadores de ajuste dos modelos na região Sul (n = 2.919).	131
<i>Tabela 26.</i> Verificação de invariância fatorial entre as macrorregiões do Brasil.....	135

<i>Tabela 27. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto na Alemanha. ...</i>	148
<i>Tabela 28. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas na Alemanha.....</i>	148
<i>Tabela 29. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto na Argentina.....</i>	149
<i>Tabela 30. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas na Argentina.</i>	150
<i>Tabela 31. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto no Brasil.</i>	151
<i>Tabela 32. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas no Brasil.</i>	151
<i>Tabela 33. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto na Colômbia.</i>	152
<i>Tabela 34. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas na Colômbia.</i>	153
<i>Tabela 35. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto na Espanha.</i>	154
<i>Tabela 36. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas na Espanha.</i>	154
<i>Tabela 37. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto nas Filipinas.</i>	155
<i>Tabela 38. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas nas Filipinas.</i>	155
<i>Tabela 39. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto em Honduras. ...</i>	156
<i>Tabela 40. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas em Honduras.</i>	157
<i>Tabela 41. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto na Inglaterra.</i>	158
<i>Tabela 42. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas na Inglaterra.</i>	158
<i>Tabela 43. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto em Israel.....</i>	159
<i>Tabela 44. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas em Israel.</i>	160
<i>Tabela 45. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto no México.</i>	161
<i>Tabela 46. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas no México.....</i>	161
<i>Tabela 47. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto na Nova Zelândia.</i>	162
<i>Tabela 48. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas na Nova Zelândia.</i>	163

<i>Tabela 49.</i> Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto no Peru.	164
<i>Tabela 50.</i> Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas no Peru.	164
<i>Tabela 51.</i> Indicadores de ajuste dos modelos na Alemanha.	167
<i>Tabela 52.</i> Indicadores de ajuste dos modelos na Argentina.	170
<i>Tabela 53.</i> Indicadores de ajuste dos modelos no Brasil.	173
<i>Tabela 54.</i> Indicadores de ajuste dos modelos no Colômbia.	176
<i>Tabela 55.</i> Indicadores de ajuste dos modelos na Espanha.	179
<i>Tabela 56.</i> Indicadores de ajuste dos modelos nas Filipinas.	182
<i>Tabela 57.</i> Indicadores de ajuste dos modelos em Honduras.	185
<i>Tabela 58.</i> Indicadores de ajuste dos modelos na Inglaterra.	188
<i>Tabela 59.</i> Indicadores de ajuste dos modelos em Israel.	191
<i>Tabela 60.</i> Indicadores de ajuste dos modelos no México.	194
<i>Tabela 61.</i> Indicadores de ajuste dos modelos na Nova Zelândia.	197
<i>Tabela 62.</i> Indicadores de ajuste dos modelos no Peru.	200
<i>Tabela 63.</i> Indicadores de ajuste para os testes de invariância entre os países.	204
<i>Tabela 64.</i> Análise Procrustes (GPA) para comparar estruturas nos 12 países.	206

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1.</i> Estrutura dos tipos motivacionais (Adaptado de Schwartz, 2006, p. 142).....	67
<i>Figura 2.</i> Facetas, dimensões e subfunções dos valores básicos.	80
<i>Figura 3.</i> Congruência das subfunções valorativas (Gouveia & cols., 2008, p. 11).....	89
<i>Figura 4.</i> Hipótese de conteúdo da <i>Teoria Funcionalista dos Valores Humanos</i>	115
<i>Figura 5.</i> Estrutura fatorial com respectivas saturações na região Norte.....	117
<i>Figura 6.</i> Representação espacial dos valores na região Norte.....	119
<i>Figura 7.</i> Estrutura fatorial com respectivas saturações na região Nordeste.	120
<i>Figura 8.</i> Representação espacial dos valores na região Nordeste.....	122
<i>Figura 9.</i> Estrutura fatorial com respectivas saturações na região Centro-Oeste.	123
<i>Figura 10.</i> Representação espacial dos valores na região Centro-Oeste.....	125
<i>Figura 11.</i> Estrutura fatorial com respectivas saturações na região Sudeste	126
<i>Figura 12.</i> Representação espacial dos valores na região Sudeste.....	128
<i>Figura 13.</i> Estrutura fatorial com respectivas saturações na região Sul.	130
<i>Figura 14.</i> Representação espacial dos valores na região Sul.....	132
<i>Figura 15.</i> Estrutura fatorial com respectivas cargas fatoriais na Alemanha.....	166
<i>Figura 16.</i> Representação espacial dos valores na Alemanha.....	168
<i>Figura 17.</i> Estrutura fatorial com respectivas cargas fatoriais na Argentina.	169
<i>Figura 18.</i> Representação espacial dos valores na Argentina.	171
<i>Figura 19.</i> Estrutura fatorial com respectivas cargas fatoriais no Brasil.	172
<i>Figura 20.</i> Representação espacial dos valores no Brasil.	174
<i>Figura 21.</i> Estrutura fatorial com respectivas cargas fatoriais na Colômbia.	175
<i>Figura 22.</i> Representação espacial dos valores na Colômbia.	177
<i>Figura 23.</i> Estrutura fatorial com respectivas cargas fatoriais na Espanha.....	178
<i>Figura 24.</i> Representação espacial dos valores na Espanha.	180

<i>Figura 25. Estrutura fatorial com respectivas cargas fatoriais nas Filipinas.....</i>	<i>181</i>
<i>Figura 26. Representação espacial dos valores em Filipinas.....</i>	<i>183</i>
<i>Figura 27. Estrutura fatorial com respectivas cargas fatoriais em Honduras.</i>	<i>184</i>
<i>Figura 28. Representação espacial dos valores em Honduras.</i>	<i>186</i>
<i>Figura 29. Estrutura fatorial com respectivas cargas fatoriais na Inglaterra.....</i>	<i>187</i>
<i>Figura 30. Representação espacial dos valores na Inglaterra.</i>	<i>189</i>
<i>Figura 31. Estrutura fatorial com respectivas cargas fatoriais em Israel.</i>	<i>190</i>
<i>Figura 32. Representação espacial dos valores em Israel.</i>	<i>192</i>
<i>Figura 33. Estrutura fatorial com respectivas cargas fatoriais no México.....</i>	<i>193</i>
<i>Figura 34. Representação espacial dos valores no México.....</i>	<i>195</i>
<i>Figura 35. Estrutura fatorial com respectivas cargas fatoriais na Nova Zelândia.</i>	<i>196</i>
<i>Figura 36. Representação espacial dos valores na Nova Zelândia.</i>	<i>198</i>
<i>Figura 37. Estrutura fatorial com respectivas cargas fatoriais no Peru.....</i>	<i>199</i>
<i>Figura 38. Representação espacial dos valores no Peru.</i>	<i>201</i>
<i>Figura 39. Hipótese de conteúdo na Teoria Fundionalista dos Valores.</i>	<i>203</i>

A presente tese busca reunir evidências sobre a adequação de uma tipologia emergente dos valores, intitulada *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos* (Gouveia, 1998, 2003, 2005; Gouveia, Albuquerque, Clemente & Espinosa, 2002; Gouveia & cols., 2010; Gouveia, Fischer & Milfont, 2009; Milfont, Gouveia & Fischer, 2008; Gouveia, Milfont, Fischer & Santos, 2008). Em busca na literatura, provavelmente o leitor se perguntará acerca da necessidade de mais uma teoria sobre valores, já que existem teorias consolidadas internacionalmente, a exemplo daquelas que propõem Rokeach (1973), Inglehart (1977) e Schwartz (1992). Não obstante, confia-se que esta dúvida seja dirimida ao término da apresentação dos elementos que tornam esta nova teoria ímpar (Gouveia & cols., 2008).

Em geral, os valores humanos em *Psicologia Social* são definidos como princípios-guia gerais, que transcendem objetos ou situações específicas, tradição que teve lugar já no início do século XX, tendo sido consolidada a partir de sua segunda metade, sobretudo a partir dos estudos relativos à *Teoria da ação social* e das contribuições de Rokeach (Gouveia, Fonseca, Milfont & Fischer, 2011; Ros, 2006). Os estudos sobre valores humanos ganharam lugar de destaque na Psicologia Social, possivelmente por este construto exercer papel importante no processo seletivo das ações humanas, julgamentos e atitudes (Rokeach, 1973). Este aspecto se consolidou, sobretudo, em razão de os valores deixarem de ser concebidos como atributos de um objeto para serem tratados como critérios desejáveis ou tipos de orientação propriamente ditos (Gouveia & cols., 2008; Kluckhohn, 1951).

A pertinência da temática decorre da constatação de que os valores humanos são de grande relevância, como construto, para o entendimento de diversos fenômenos sócio-psicológicos (Bardi & Schwartz, 2003). A propósito, têm sido diversas as pesquisas que corroboram esta posição. Por exemplo, os valores humanos têm sido

empregados para explicar atitudes e comportamentos ambientais (Coelho, Gouveia & Milfont, 2006), religiosidade (Schwartz & Huismans, 1995), preconceito (Vasconcelos, Gouveia, Souza Filho, Sousa & Jesus, 2004), consumo de drogas (Coelho Júnior, 2001), comportamentos antissociais (Pimentel, 2004; Vasconcelos, 2004), delinquência juvenil (Santos, 2008), atitudes frente à tatuagem (Medeiros, 2008), intenção de cometer suicídio (Aquino, 2009) e uso de água e atitudes pró-ambientais (Coelho, 2009).

No caso específico da *Teoria funcionalista dos valores humanos* (Gouveia, 2003; Gouveia & cols. 2008), ela tem sido o marco de referências de muitos dos estudos empíricos elencados previamente ou que têm a ver com comportamentos sociais (Aquino, 2009; Cavalcanti, 2009; Coelho, 2009; Coelho Junior, 2001; Diniz, 2009; Medeiros, 2008; Pimentel, 2004; Santos, 2008; Vasconcelos, 2004). Como Gouveia e seus colaboradores indicam (Gouveia, 2003; Gouveia & cols. 2008, 2010, 2011; Gouveia, Milfont, Fischer, 2009; Gouveia, Milfont, Soares, Andrade & Leite, no prelo), esta tem se demonstrado mais parcimoniosa e teoricamente fundamentada que as teorias prévias (por exemplo, Rokeach, 1973; Schwartz, 1992). Tais aspectos justificaram considerá-la como foco de interesse da presente tese, cujo objetivo principal foi conhecer evidências de sua adequação no Brasil e em outras culturas, considerando dois de seus fundamentos: *conteúdo* e *estrutura* dos valores.

Procurando atender este objetivo geral, procura-se estruturar esta tese em duas partes principais. A primeira diz respeito ao seu *marco teórico*, que reúne três capítulos. No *capítulo I*, intitulado *Elementos históricos do estudo sobre os valores humanos*, apresentam-se inicialmente as ideias centrais que fundamentaram os principais modelos de valores no âmbito da Psicologia Social, resgatando os estudos iniciais em diversas áreas, com destaque para aqueles dos anos 1950 e 1960 levados a cabo em Antropologia (Kluckhohn), Psicologia (Maslow) e Sociologia (Parsons). No *capítulo II* é feito um

apanhado dos *Modelos individuais e culturais dos valores*, reunindo, em cada nível de análise, duas das principais teorias a respeito, isto é, no nível cultural, as teorias de Inglehart e Hofstede, e, no nível individual, as de Rokeach e Schwartz. Finalmente, no capítulo III é apresentada a *Teoria funcionalista dos valores humanos*. Nesta oportunidade são apresentados seus principais fundamentos e justificativas, detalhando a derivação das funções e subfunções valorativas, assim como suas hipóteses de *conteúdo e estrutura*.

A segunda parte da tese, correspondendo aos *Estudos empíricos*, procura mostrar evidências acerca da adequação da *teoria funcionalista dos valores humanos*, focando, concretamente, nas hipóteses de *conteúdo e estrutura*. Na ocasião serão apresentados dois estudos empíricos. O primeiro considerará participantes de todas as regiões do Brasil, permitindo testar tanto no âmbito pancultural, considerando este país como uma megacultura, como intracultural, tendo em conta tais regiões. O segundo estudo, por outro lado, compreenderá um esforço por reunir evidências transculturais sobre a adequação desta teoria. No caso, além de uma amostra independente do Brasil, considerarão amostras de outros onze países, de diversos continentes (América, Europa, Oceania e Ásia); unicamente não se consideraram participantes da África. Esta parte será finalizada com uma discussão geral, reunindo os achados dos dois estudos, apresentando as limitações potenciais das pesquisas, as contribuições teórico-práticas do modelo testado e a possibilidades de estudos futuros.

PARTE I – MARCO TEÓRICO

***CAPÍTULO I. ELEMENTOS HISTÓRICOS DO ESTUDO SOBRE OS VALORES
HUMANOS***

A tentativa de identificar os valores que descrevam as pessoas não é recente (Ros, 2006). O estudo dos valores humanos pode ser identificado desde tempos longínquos na história do pensamento social; de fato, grandes pensadores gregos da Filosofia (por exemplo, Platão, Aristóteles, Sócrates) consideravam os valores e sugeriam seu ensino (Pimentel, 2004). Lembrando, este não é o escopo da presente tese, devendo o leitor interessado consultar algumas obras que trataram mais pormenorizadamente das contribuições filosóficas ao estudo dos valores, como Garcés (1988) e Lima (1997). No caso da perspectiva que interessa, isto é, psicológica, somente a partir das décadas de 1960 e 1970 os valores passaram a ser objeto de pesquisa sistemática em Psicologia Social (Albuquerque, Noriega, Coelho, Neves & Martins, 2006; Gouveia, 1998), sobretudo em razão das contribuições de Rokeach, quem desenvolveu o primeiro instrumento específico para mensurar os valores humanos como um construto legítimo e independente dos demais (Rokeach, 1973).

Antes de conseguir um lugar de destaque nos estudos de Psicologia Social, poucas vezes os valores humanos figuraram em revistas de destaque da área. Por exemplo, os primeiros estudos de Rokeach (1973) foram veiculados em revistas da filosofia e religião, como a *Review of Religious Research*; aos poucos foram aparecendo artigos em revistas mais aplicadas, como *Journal of Applied Social Psychology* e *Journal of Social Issues*. A propósito, Gouveia (1998) comenta que diversos foram os fatores que contribuíram para este quadro, destacando-se dois: (1) *falta de precisão com que se abordavam os valores humanos*. Neste caso, elencavam-se diversos atributos e conceitos que se pensavam se referirem a valores, como atitudes, crenças, traços de personalidade, interesses e necessidades (Rokeach, 1973); e (2) *as conotações morais e existenciais em que estavam fundamentados*. Este aspecto era bastante comum, figurando em diversos dos instrumentos inicialmente pensados para medi-los, mas

confundindo-os, por exemplo, como modos de ver a vida e propósitos da vida (Braithwaite & Scott, 1991), aspectos que na obra de Frankl (1990) são diferenciados. Este autor encarava o sentido da vida como produzindo coerência nos valores do indivíduo, isto é, ele experimentaria harmonia com seu sistema valorativo; o vazio existencial, contrariamente, refletiria no conflito ou inquietude do indivíduo com seus próprios valores.

Deste modo, o interesse pelos valores humanos ganhou espaço e força quando as atitudes, “carro chefe” da Psicologia Social à época, começaram a apresentar problemas conceituais e metodológicos (Gouveia, 1998). A propósito, Eagly e Himmelfarb (1978) apontaram que os estudos das atitudes estavam então em declínio, situação em parte motivada pela ascensão do cognitivismo (Sperry, 1993), trazendo à tona discussões sobre processos mentais menos atomistas, levando a focalizar, por exemplo, os valores humanos (Gouveia, 1998). Neste contexto, Rokeach (1973) apontou a necessidade de elaborar uma abordagem mais cognitivista para o entendimento dos valores humanos, desenvolvendo um programa de pesquisa que os considerou no âmbito das crenças, oferecendo *insights* teóricos e, sobretudo, uma medida concreta a respeito (Ros, 2006), que até os anos 1980 era a mais empregada (Gouveia & cols., 2011).

Hoje em dia, diversas perspectivas podem ser verificadas nos estudos dos valores (Ros, 2006), pois, como já indicava Rokeach (1973), estes estão presentes em diversas facetas da vida das pessoas, manifestando-se nas suas escolhas e na forma como se relacionam com os demais em sociedade (Almeida & Sobral, 2009). É possível encontrar referências sobre os valores em vários campos de conhecimento, a exemplo de Antropologia, Economia, Filosofia, Sociologia e Psicologia (Gouveia, 2003; Ros, 2006). Em Psicologia Social, especificamente, estes vêm sendo amplamente estudados, justificando-se em razão de serem importantes no processo seletivo das ações humanas

(Rokeach, 1973), constituindo-se um construto preponderante para o entendimento de muitos fenômenos psicossociais (Bardi & Schwartz, 2001, 2003).

De acordo com Ros (2006), diversas têm sido as contribuições teóricas acerca dos estudos sobre os valores, procurando explicá-los, seu conteúdo e sua estrutura, e também utilizá-los como explicadores de atitudes, crenças e comportamentos. Em termos gerais, os valores humanos têm sido estudados em duas perspectivas principais: uma eminentemente cultural e outra com foco individual. A primeira perspectiva (cultural) é de natureza mais sociológica, destacando-se, por exemplo, os modelos de valores individualistas e coletivistas (Hofstede, 1984) e as orientações valorativas materialista e pós-materialista (Inglehart, 1977). Apesar de esta ser uma abordagem relevante, demandando a atenção como um marco principal de referência, não será o foco principal desta tese. Contrariamente, ênfase é dada à segunda perspectiva, isto é, a que considera os valores como um construto psicológico (individual). Nesta linha têm sido elaborados diversos modelos, a exemplo dos que propuseram Rokeach (1973; valores terminais-instrumentais) e Schwartz (1992; tipos motivacionais dos valores). Nesta mesma linha, apresenta-se também a teoria funcionalista dos valores humanos (Gouveia, 2003).

Nesta última perspectiva as pesquisas costumam entender os valores como orientadores da ação humana, sendo relacionados com vários comportamentos e/ou atitudes individuais. Por exemplo, atitudes e comportamentos ambientais (Coelho, Gouveia & Milfont, 2006; Coelho, 2009), intenção de constituir família (Milfont, 2001), consumo (Allen, Ng & Wilson, 2002), interesses vocacionais (Gusmão, 2004), religiosidade (Schwartz & Huismans, 1995), preconceito (Vasconcelos & cols., 2004), uso de drogas (Coelho Júnior, 2001), comportamentos antissociais (Pimentel, 2004; Santos, 2008; Vasconcelos, 2004) e pró-sociais (Schwartz, 2010), preferência musical

(Pimentel, 2004), intenção de suicídio (Aquino, 2009), liberalismo sexual (Guerra, 2005), honra (Guerra, 2008), significado do dinheiro (Leite-Lauer, 2009) e intenção de voto (Barnea & Schwartz, 1998).

Como foi previamente dito na *introdução*, a presente tese se insere no âmbito da Psicologia Social. Neste sentido, procura-se a seguir apresentar algumas das principais ideias de estudiosos que se debruçaram na temática dos valores humanos, sendo essenciais para a concepção que hoje existe a respeito. Especificamente, oferece-se um resgate histórico breve de contribuições teóricas que nortearam o construto valores, favorecendo que passasse a serem concebidos como legítimo. Este panorama histórico servirá de referência para posterior descrição dos modelos culturais e individuais acerca dos valores humanos, os quais têm sido mais recorrentes nos estudos empíricos nesta área, favorecendo igualmente introduzir a *Teoria funcionalista dos valores humanos*.

1.1 Elementos históricos e principais contribuições teóricas

Cabe ressaltar que não se pretende realizar um levantamento histórico extenso e detalhista; com esta finalidade existem publicações mais relevantes e informativas (Ros, 2006; Spates, 1983; Zavalloni, 1980). Neste âmbito, assume-se aqui que a decisão de quais contribuições são as mais importantes para a compreensão vigente dos valores humanos é certamente idiossincrática e arbitrária, embora se tenha dado atenção à demarcação elaborada por Ros (2006). Neste sentido, considera-se um panorama mais ou menos consensual de autores-chave, principiando com Thomas e Znaniecki (1918), mas também considerando as ideias de Parsons e Kluckhohn (*Teoria da ação social*) e Maslow (*Teoria das necessidades humanas*). Entretanto, procurou-se também ter em conta dois outros nomes que têm desempenhado papéis importantes neste contexto,

apesar de nem sempre lembrados: Tönnies e Merton. Procura-se organizar os resumos em razão da ordem cronológica em que aparecem as obras destes autores.

1.1.1 Ferdinand Tönnies

Com o objetivo de explicar a forma como se organizam as pessoas em sociedade, Tönnies (1887/1979) propôs uma tipologia fundamentada em dois conceitos principais: vontade (*Wille*) e estrutura social (*Schaft*), cada um abrangendo outras duas categorias. O conceito de vontade se subdividiu em natural (*Wesenwille*) e racional (*Kürwille*), enquanto que estrutura social foi dividida em comunidade (*Gemeinschaft*) e sociedade (*Gesellschaft*). Estes conceitos devem ser considerados como ferramentas analíticas, não descritivas de uma realidade objetiva estudada. Entretanto, teoricamente é possível a partir delas deduzir aspectos das relações entre os indivíduos, atividades comuns à vida e às organizações sociais.

Tönnies (1887/1979) sugere que a vontade (*Wille*) tem a função de descrever tendências de comportamentos, próprios do ser humano, orientados para as demais pessoas. Em seu componente natural (*Wesenwille*) há o predomínio da paixão, do desejo e da fé em detrimento de componentes mais racionais e críticos que descrevem a vontade racional (*Kürwille*). Por sua vez, a estrutura social (*Schaft*) diz respeito às interações sociais, em termos das atividades da vida e do trabalho das pessoas. A propósito a comunidade (*Gemeinschaft*), está pautada nas relações afetivas, pessoais, familiares, nacionais e tribais, e os homens tratam-se uns aos outros como fins. Por outro lado, a sociedade (*Gesellschaft*) pode ser considerada instrumental, racional, estratégica, tática, onde os homens são meios para se conseguir certos fins. Deste modo, o foro íntimo e o público da convivência entre os homens são entendidos como vida em comunidade e sociedade, respectivamente. Por exemplo, o casamento e a vida familiar

poderiam ser pensados como comunidade, enquanto que o convívio em uma turma de Psicologia e um clube esportivo refletiriam a sociedade.

Segundo este autor, a comunidade é concebida como uma estruturação social que antecede a sociedade. No entanto, ambas não são totalmente excludentes, o que explicaria o fato de o desenvolvimento das sociedades modernas, aos passar dos anos, ter estado sob constante atrito entre estes dois modos. Também não são de todo excludentes as vontades, pois mesmo havendo predomínio de uma categoria sobre a outra em determinado período, o comportamento se define em função da associação de paixão, razão, emoção, estratégias etc. De modo resumido, são apresentadas na Tabela 1 as duas categorias de estrutura social, teorizadas por Tönnies, juntamente com os principais elementos que as definem.

Tabela 1. Principais elementos da definição das estruturas sociais de Tönnies.

Estilos de vida	Princípios predominantes	Unidades ou instituições sociais	Atividades
COMUNIDADE (<i>GEMEINSCHAFT</i>)			
Familiar	Harmonia	Pessoas	Economia domestica
Rural	Ritos e costumes	Comunidade	Agricultura
Da cidade	Religião	Igreja	Arte
SOCIEDADE (<i>GESELLSCHAFT</i>)			
Urbana	Convenção	Associação	Comercio
Nacional	Legislação	Estado	Indústria
Cosmopolita	Opinião pública	República de estudantes	Ciência

Nota: Adaptado de Gouveia (1998, p. 118)

Nesta tabela são considerados quatros aspectos das estruturas sociais: *estilos de vida*, *princípios predominantes*, *unidades ou instituições sociais* e *atividades*. Com base neles, concebe-se que, de modo geral, a vida em comunidade, seja de sangue (familiar), lugar (rural) ou espiritual (igreja), consiste na posse e prazer mútuo, assim como a posse e o gozo dos bens comuns, desenvolvendo-se permanentemente em relação com a terra, a igreja e a moradia. Por outro lado, a vida em sociedade consiste na obtenção de

objetos, acumulação de riquezas e prazer pessoal, embora obtidos em um mundo igualitário entre e para todas as pessoas.

Neste ponto parece evidente a relação entre *comunidade* e *sociedade* com dimensões presentes em modelos mais recentes, como coletivismo e individualismo (Hofstede, 1984), interesses coletivos e pessoais (Schwartz & Bilsky, 1987) ou tipos de orientação social e pessoal (Gouveia, 2003), respectivamente. A partir da teoria de Tönnies, diversos estudos em Ciências Sociais foram demandados e levados a cabo, inclusive os que desenvolveram Merton (1949/1968), que culminou com a tipologia *local* vs. *cosmopolita*. Cabe ainda ressaltar que sua obra serviu de alicerce para desenvolvimento de outras teorias, a exemplo da que propôs Parsons (1959; Parsons & Shils, 1951). Estes dois autores serão considerados mais adiante neste capítulo. Antes, entretanto, parece justificável tratar dois autores que foram chaves no contexto dos estudos de atitudes e valores, como a seguir são discutidos.

1.1.2 Thomas e Znaniecki

Com a publicação de sua obra *O Campesino Polonês* (Thomas & Znaniecki, 1918), estes autores têm sido considerados os pioneiros no interesse pelo construto valores como hoje são concebidos (Gouveia & cols., 2011; Ros, 2006). Por primeira vez foram introduzidos os conceitos de *atitudes* e *valores*, procurando diferenciá-los. A propósito, eles definiram as *atitudes* como *um processo da consciência individual que determina a atividade real ou possível do indivíduo no mundo social*, ou seja, resumidamente, poderiam ser entendidas como o *significado das coisas para cada pessoa*. Em sua leitura de Thomas e Znaniecki (1918), Ros (2006) indica que na visão destes autores as atitudes formariam um processo no qual alguém capta cognitivamente uma situação e depois decide como tem que agir. Neste aspecto, introduziram também o

conceito de *intencionalidade*, que passou a ser chave nos estudos sobre atitudes (Ajzen, 1985; Ajzen & Fishbein, 1970, 1980). Os valores, neste marco teórico, surgiam como um elo ou uma conexão entre a estrutura social e as atitudes; os valores foram então definidos como *qualquer dado que tenha um conteúdo empírico acessível aos membros de um grupo social e um significado que possa ser objeto atitudinal*.

Gouveia e cols. (2011) destacam destas definições, dois aspectos importantes: (1) apesar de relacionados na obra de Thomas e Znaniecki (1918), as atitudes e os valores são concebidos como construtos distintos; e (2) as atitudes assumem natureza *intrasubjetiva* enquanto que os valores dependem da assimilação de significado pelos demais, portanto, são percebidas como essencialmente *intersubjetivas*. Deste modo, introduz-se por primeira vez a noção de atitudes serem eminentemente individuais, pessoais, enquanto que os valores também têm um conteúdo compartilhado, socializado, que possibilita caracterizá-los como elementos ensinados em um contexto social e cultural específico.

Thomas e Znaniecki (1918) não se aprofundaram na temática dos valores, mas foram célebres em introduzir seus conceitos, embora algo diferentes do que hoje em dia se conhece. Portanto, suas principais contribuições, embora inegáveis, foram conceituais e analíticas, não exatamente empíricas ou propondo uma tipologia específica dos valores. O autor a seguir também não desenvolveu um modelo dos valores, mas muitas de suas ideias guardam relação estreita com a concepção deste construto como cultural e socialmente definidores de padrões de conduta. Portanto, parece justificável tê-lo em conta, resgatando algumas de suas contribuições.

1.1.3 Robert King Merton

Este sociólogo parte das ideias de Durkheim (1897 / 2000), especificamente a de que o comportamento desviante não seria patológico, desenvolvendo sua teoria estrutural funcionalista do desvio e da anomia. Merton (1949/1968), quando da elaboração de sua teoria, concentrou seu foco nas relações existentes entre *estrutura cultural* e *estrutura social*, principalmente na maneira como os indivíduos reagem aos conflitos na relação entre ambas as estruturas.

Segundo Merton (1938), a estrutura cultural estabelece metas (objetivos culturais) que são propostas aos membros de determinada sociedade, que podem ser entendidas como motivações que direcionam o comportamento para a consecução destes objetivos, envolvendo diversos graus de prestígio, poder e sucesso. A propósito, ele comenta que a cultura se caracteriza pela ênfase na riqueza como símbolo básico de sucesso em detrimento dos caminhos legítimos que conduzem a este objetivo. Já a estrutura social exerce papel regulador e controlador dos modos de comportamentos socialmente aceitáveis (normas institucionais) para a obtenção de tais metas. Deste modo, alguns procedimentos, que do ponto de vista particular de alguns indivíduos, seriam mais eficientes para alcançar metas impostas pela estrutura cultural, a exemplo de furto de carro ou banco, acabariam rechaçados a partir de normas institucionais (Merton, 1949/1968).

Sobressaem-se, da teoria de Merton (1949/1968), dois elementos principais: metas culturais e normas institucionalizadas. Como pensava este autor, os elementos são independentes, podendo provocar certo descompasso recíproco. Deste modo, a má integração entre as estruturas cultural e social produziria uma tensão, que resultaria no rompimento de normas ou sua total desconsideração. Logo, fraudes, corrupção e crimes são exemplos de comportamentos proscritos que são apresentados quando há demasiada

ênfase em metas culturais desvinculadas à observação e ao cumprimento de normas institucionalizadas (Merton, 1938). Este contexto de tensão é responsável pelo surgimento da *anomia*, que pode dar origem a comportamentos socialmente desviantes.

A desordem na relação entre as estruturas cultural e social permite que as pessoas passem a adotar vias adaptativas diferentes, que se apresentam em função de potenciais frustrações às quais as pessoas são expostas no intento de alcançar ditas metas. Em sua teoria, concebem-se cinco modos de adaptação individual que podem ser considerados respostas a demandas decorrentes da composição das metas (fins culturais) e normas sociais (meios institucionais), a saber: *conformidade*, *inovação*, *ritualismo*, *retraimento* e *rebelião*. A Tabela 2 apresenta o esquema explicativo utilizado por Merton (1938, 1949/1968) acerca da tipologia dos modos de adaptação individual. O sinal de mais (+) simboliza a aceitação, o de menos (-) a rejeição e, finalmente, o mais ou menos (±) simboliza a rejeição de valores dominantes e a substituição por novas metas e padrões valorativos.

Tabela 2. Esquema explicativo dos modos adaptativos de Merton.

Modos de adaptação	Metas culturais	Meios institucionais
Conformidade	+	+
Inovação	+	-
Ritualismo	-	+
Retraimento	-	-
Rebelião	±	±

Nota: adaptado de Merton, 1938. (+) = Aceita-se, (-) = Rejeita-se e (±) = Rejeita-se e há substituição de metas e normas.

É possível verificar que dois fatores condicionam a escolha de um e não de outro desses caminhos adaptativos: o grau de socialização e o modo que internalizou os respectivos valores e normas. Dos cinco modos adaptativos, somente o *conformismo* é

sinônimo de comportamentos totalmente ajustados, em consonância com as normas institucionalizadas, reforçando atitudes conformistas em relação tanto às metas culturais como às normas. É o modo mais comum e difundido em sociedades estáveis.

A *inovação* é o representante dos comportamentos criminosos. É o modo que se emprega meios ilegítimos para a perseguição e consecução das metas culturais. Merton (1938) argumenta que a ênfase nos objetivos culturais propicia este tipo adaptativo, pois o indivíduo assimila tal ênfase sem igualmente interiorizar as normas sociais institucionalizadas. A propósito deste aspecto, em tipologias valorativas recentes, este tipo corresponderia a comportamentos desviantes, ficando evidente quando os indivíduos são guiados por tipos motivacionais relativos à abertura à mudança (Schwartz, 1992) ou à subfunção *experimentação* (Gouveia, 2003).

Outro modo de discrepância entre as estruturas cultural e social, o *ritualismo*, caracterizaria aqueles indivíduos que interiorizam enfaticamente os valores institucionais, enquanto se distanciam das metas culturais. Deste modo, permaneceria a ênfase na obediência, no respeito por costumes e regras tradicionais. Isso é coerente com valores da subfunção *normativa* (Gouveia, 2003).

O modo *retraimento*, segundo Merton (1938), seria o menos comum nas sociedades, em contraste com a *conformidade*. Representa a negação tanto das metas culturais quanto dos meios institucionais. Um exemplo para este modo de conduta poderia ser observado em comunidades alternativas, que vivem isoladas da sociedade moderna.

Por fim, a *rebelião* corresponde, assim como o *retraimento*, à negação dos objetivos culturais e meios institucionais. Não obstante, os indivíduos que optam por este modo buscam fins alternativos, mediante meios alternativos (Merton, 1938,

1949/1968), resultando na busca por uma realidade social nova, que apresente “valores novos”, padrões e critérios de sucesso inovadores.

Na visão de Merton (1938), a estrutura sociocultural exerce influência decisiva nos membros da sociedade, que pode levá-los à *anomia* e, conseqüentemente, a comportamentos desviantes. Verifica-se, neste contexto, que, embora raramente se faça referência a este autor, suas ideias têm muito em comum com modelos recentes acerca dos valores humanos. Por exemplo, a ideia de comportamentos motivados e/ou regidos por normas está presente em algumas teorias atuais no campo dos valores (Gouveia, 2003; Schwartz, 1992), mas de algum modo se fazem também presentes em aspectos voltados para explicar o desenvolvimento humano (Kohlberg, 1981; Piaget, 1994). A seguir, apresenta-se um resumo de uma obra que se assume ser mais diretamente relacionada com os valores humanos, fruto de contribuições de autores de diversas áreas de estudo.

1.1.4 Teoria da Ação Social

Não é possível atribuir a um único autor esta teoria. De fato, compreende dos poucos eventos bem articulado em Ciências Humanas e Sociais que reuniu pesquisadores de diferentes disciplinas (por exemplo, Antropologia, Psicologia, Sociologia). A ideia inerente era desenvolver uma teoria geral da ação, que abarcasse diferentes aspectos da vida social, tratando desde motivações dos indivíduos particulares a sua integração em estruturas sociais coletivamente construídas (Parsons & Shils, 1951). Entretanto, em termos do foco específico dos valores humanos, quiçá dois autores mereçam maior destaque, como a seguir são abordados:

Talcott Parsons

Na obra *Towards a general theory of action* (Parsons & Shils, 1951), Parsons buscou explicar sobre o desenvolvimento de uma teoria geral do comportamento humano. Segundo a proposta apresentada, tratava-se de uma teoria integradora que permitiria contemplar diversos aspectos do comportamento humano. Mesmo que o objetivo principal desta teoria não fosse os valores, Spates (1983) enumera cinco das contribuições oferecidas ao desenvolvimento dos estudos sobre este tema, a maioria delas derivada da obra de Parsons:

Primeiramente, ela ofereceu uma definição de valor, ainda que não tenha tido o impacto pretendido (Gouveia & cols., 2011). No entanto, serviu de marco para a elaboração de uma definição sistemática para os valores, em que, por primeira vez, procurava-se diferenciar o *desejado* do *desejável* (Kluckhohn, 1951). Tal definição demonstrava que os valores eram instigadores do comportamento nas pessoas, tendo sido internalizados pelo ator social ou propriamente emissor do comportamento (Ros, 2006). Além disso, cunhava a ideia de os valores serem hierarquicamente organizados.

A segunda contribuição, não menos importante e na mesma direção, sugere que sem valores comuns a vida social dificilmente seria possível. A propósito, Gouveia (1998) comenta que esta ideia já se fazia presente em autores clássicos da Sociologia, como Durkheim, que pensava que fora da sociedade, isolado e sem vida social o homem não teria superado o nível animalesco. Portanto, entende-se que a sociedade, ao projetar suas normas, transmitindo-as por meio de agentes socializadores (por exemplo, pais, professores, amigos) faz com que cada um não se oriente estritamente por seu puro egoísmo, mas que tenham em conta também os demais, apreciando, por exemplo, valores *normativos* (*obediência, religiosidade, tradição*; Gouveia, 2003).

A terceira contribuição disse respeito à introdução da noção de *orientação dos valores*. No caso, admite-se que existem sistemas de valores associados na sociedade e na mente dos indivíduos, demandando que as pessoas passem a se comportar ou ter atitudes que sejam coerentes com eles. A propósito das orientações de valores, Ros (2006) argumenta que as pessoas são motivadas a agir por três critérios principais: *cognitivos*, *catéticos (afetivos)* e *avaliativos*, além de se pautarem em orientações de valores que as fazem respeitar normas sociais, limitando ou restringindo suas possibilidades de escolha.

A quarta contribuição indica que a eleição de determinada orientação valorativa é em si estruturada, refletindo combinação de variáveis-padrão (*pattern variables*) inerentes, que poderiam resultar em valores. Segundo Parsons (1959), estas variáveis representariam cinco dicotomias delineadas para de acordo com os quais os indivíduos se orientam no contexto de interação social. Por um lado tais dicotomias refletem os padrões valorativos dominantes na sociedade tradicional (*Gemeinschaft*), e por outro aqueles que são dominantes na sociedade moderna (*Gesellschaft*). Estas ideias, entretanto, como previamente se descreveu, já existiam na obra de Ferdinand Tönnies.

Finalmente, a quinta contribuição sugeria que a institucionalização dos valores em um grupo social produz um efeito de perfeição. Esta ideia indica que as regras, se seguidas em uma situação de plena institucionalização, levariam a ações perfeitamente articuladas, livres de conflitos. É possível que inerente a esta concepção esteja a noção de valores sociais, sobretudo aqueles que procuram assegurar a manutenção do *status quo*, como aqueles dos tipos motivacionais *conformidade* e *tradição* (Schwartz, 1992) ou da subfunção valorativa *normativa* (Gouveia, 2003).

Gouveia e cols. (2011) lembram que Parsons foi o grande responsável por introduzir a concepção de *ação motivada*, isto é, que o comportamento tem lugar

sempre que a pessoa busca lograr determinadas metas. Possivelmente ninguém duvidará do impacto desta concepção em modelos recentes sobre os valores; talvez o exemplo mais claro, porém não o único, corresponda à *Teoria universal dos valores*, que considera os valores como princípios motivacionais (Schwartz, 1992; Schwartz & Bilsky, 1990).

Parecem evidentes as múltiplas contribuições da *Teoria da ação social*, especialmente aquelas oferecidas por Parsons (1951). Não obstante, Spates (1983) também faz algumas críticas ao seu trabalho, como as que se indicam: (1) falta apoio empírico para sua teoria. De fato, como ressalta este autor, até finais dos anos 1960 poucos dados tinham sido coletados com o propósito de testar a teoria e/ou as hipóteses específicas propostas por Parsons; (2) o problema da imposição dedutiva. Teóricos que o antecederam concebiam os valores como gerados pelas pessoas em situações concretas, tendo uma variedade de propósitos, e sua natureza dependia da análise empírica. Porém, Parsons tinha por definição que os valores eram componentes fundamentais de todo o sistema social, podendo ser observados ou inferidos das situações, e seu conteúdo específico deduzido por teórico atencioso; e, finalmente, (3) o problema de abstração. Os valores, desde a perspectiva de Parsons, tornaram-se um conceito abstrato, ocupando o lugar mais alto na estrutura de controle cultural, isto é, eles controlavam as normas e estas, por sua vez, o comportamento. Embora heurística, esta formulação não gozou de evidências empíricas. Em suma, Parsons ofereceu a base para o desenvolvimento teórico acerca dos valores, porém pouco fez no plano das pesquisas empíricas.

Clyde Kluckhohn

Gouveia (1998) dedica alguns parágrafos para tratar as contribuições de Kluckhohn ao estudo dos valores que, em sua opinião, foi colocado em segundo plano na obra editada por Parsons e Shils (1951). Entre suas diversas contribuições, Gouveia (1998) dá destaque para a conceituação de valores oferecida por este antropólogo: “*um valor é uma concepção, explícita ou implícita, própria de um indivíduo ou característica de um grupo, sobre o desejável, o que influencia a escolha dos modos, meios e fins existentes da ação*” (Kluckhohn, 1951, p. 443).

Ficam evidentes nesta definição, segundo Gouveia (1998), três elementos essenciais para compreender os valores: afetivos (desejáveis), cognoscitivos (concepção) e conativos (seleção). Além disso, este autor detalha as partes da definição de Kluckhohn:

Uma concepção. Indica-se que os valores representam inferências e abstrações extraídas de dados sensíveis imediatos, e como outros construtos *psi* (mentais) quaisquer, não podem ser observados diretamente; somente podem ser inferidos por meio de comportamento verbal ou motor.

Explícita ou implícita. Coerente com o anteriormente dito, admitia-se que nem todos os valores seriam verbalizados. Neste ponto, quiçá, fosse apreciável algo dos ensinamentos psicanalíticos recebidos por este autor quando de sua estada em Viena.

Distintiva de um indivíduo ou característica de um grupo. Certamente motivado por sua formação antropológica, este autor supunha que os valores eram produtos culturais. Entretanto, não se limitou a esta concepção mais abrangente e culturalista, indicando que os valores de um grupo são submetidos, individualmente, a uma interpretação e significação por parte de cada indivíduo, podendo ser convertidos em algo privado da personalidade de cada um.

Desejável. Provavelmente este tenha sido o elemento principal, ímpar de seu modelo teórico e que mais teve repercussão. Indicava-se que os valores definem os limites permissíveis para satisfação do impulso de acordo com metas permanentes da personalidade e do sistema sociocultural, sem infringir a ordem na vida social. Isso quer dizer que os valores respeitam as normas partilhadas pelas pessoas em determinado grupo ou cultura. Dizer que os valores são *desejáveis* é diferente de dizer que são *desejados*; a característica de *desejável* define os valores como algo compartilhado socialmente, um princípio que a pessoa deveria ter em conta. Deste modo, não é um atributo específico de um objeto, uma situação ou instituição social, mas um princípio geral, que deve orientar a ação humana no contexto social; o *desejado* é próprio do indivíduo, sem necessariamente fazer referência aos demais.

Influencia a escolha das formas, meios e fins existentes de ação. Esta característica dos valores é congruente com o anteriormente comentado. Está implícita a ideia de que as concepções do desejável podem influenciar (e o fazem) o comportamento humano. Nesta concepção também fica evidente uma dicotomia que se popularizou na literatura, isto é, de meios (valores instrumentais) versus fins (valores terminais) (Rokeach, 1973; Schwartz & Bilsky, 1987).

Kluckhohn (1951) define também *orientações de valor*, descrevendo-a como “concepção organizada e generalizada, que influencia a conduta no que diz respeito à natureza, ao lugar que nela corresponde ao homem, de sua relação com outros homens e do desejável e não desejável, de acordo com a maneira em que têm lugar as relações inter-humanas e as do homem com o ambiente” (p. 461). Porém, esta definição não vingou; quiçá hoje possa ser mais bem vista como valores compostos, quer sejam tipos motivacionais (Schwartz, 1991) ou subfunções valorativas (Gouveia, 2003). Porém, não se sabe ao certo. Recentemente, Gouveia e cols. (2011) empregaram o conceito de *tipos*

de orientação, que de algum modo pode ser associado com este conceito kluckhohniano. Procurando ser mais sistemático, Kluckhohn (1951) elabora um esquema conceitual em que identifica oito dimensões principais dos valores:

1. *Dimensão de modalidade.* Segundo este autor, os valores são definidos como positivos e negativos. Valores e contravalores ou ainda antivalores são nomenclaturas que sugerem esta dicotomia. Apesar de ter sido assumido em outros modelos (Schwartz & Bilsky, 1987), a ideia de valores negativos parece atualmente pouca endossada e, de fato, é contrária à própria concepção do desejável.
2. *Dimensão de conteúdo.* Foram admitidas três referências para os valores: estéticos, cognoscitivos e morais. Basicamente, este autor admitia que os valores se manifestavam no plano das ideias, embora com implicações evidentes na ação social.
3. *Dimensão de propósito.* Três tipos de valores foram admitidos: de *forma*, *instrumentais* e *metas*. O primeiro dizia respeito a um estilo ou uma maneira que tem que ter um objeto ou comportamento. O segundo são os que os indivíduos ou grupos consideram como um meio para lograr um fim. Finalmente, o terceiro indica que os valores compreendem fins e virtudes que as sociedades e os indivíduos criam para si. Como anteriormente comentado, classicamente, esta dimensão foi reduzida aos valores *instrumentais* e *terminais* (Rokeach, 1973).
4. *Dimensão de generalidade.* Alguns valores são considerados específicos para certas situações, enquanto que outros, chamados de *temáticos*, aplicam-se a diversos contextos, situações e áreas de conteúdo cultural. Gouveia (1998) sugere que é possível que a partir desta dimensão se

tenha desenvolvido a ideia de valores próprios de contextos específicos, a exemplo do cultural (Chinese Culture Connection, 1987).

5. *Dimensão de intensidade*. Duas idéias principais são representadas com esta dimensão: (a) a avaliação da força de um determinado valor e (b) os graus de persistência, adoção ou aceitação de diferentes tipos de valores.
6. *Dimensão de explicação*. Indica-se, com esta dimensão, que os valores se apresentam como um *continuum* sem rupturas pronunciadas, mas, sobretudo, que um valor *explícito* é aquele que aparece expressado verbalmente pelo ator, enquanto que um *implícito* é o que resulta de observações a partir de tendências do comportamento.
7. *Dimensão de alcance*. Segundo pensava este autor, os valores poderiam variar de um indivíduo até toda humanidade. Sugeriram-se quatro níveis de alcance dos valores humanos: *idiossincráticos*, *pessoais*, *grupais* e *universais*. Os primeiros diziam respeito a valores de uma pessoa no grupo considerado; os valores *pessoais* são a forma em que se manifesta um valor do grupo, apresentando suas matrizes, relevos e interpretações especiais e próprias; já os valores *grupais* seriam as normas abstraídas que representariam características de uma unidade social; os valores *universais* seriam aqueles que comuns em todas as culturas.
8. *Dimensão da organização*. Assume-se uma hierarquia de valores no sentido de “*mais ... que*”. Neste contexto, Gouveia (1998) aponta que é importante saber em que grau e como os valores se encontram hierarquicamente organizado, o que implicaria um determinado sistema de valores. Ele indica que a vida sem uma hierarquia de valores se converteria em uma sequência de reações a estímulos sem muito sentido

social. Portanto, os valores seriam os que determinariam uma tendência à coerência do comportamento nos níveis individual e grupal.

Deste modo, Gouveia ressalta que a *teoria da ação* compreendeu um esforço por construir um esquema teórico, um sistema de ideias comuns que permitiria contemplar o comportamento humano desde a perspectiva das Ciências Sociais. No que diz respeito aos valores humanos, inclusive compartilhando a maioria dos elementos articulados nas mais recentes teorias a respeito, seus proponentes não se empenharam em coletar dados empíricos que sustentassem o que conceitualmente expressavam.

1.1.5 Teoria da hierarquia das necessidades humanas

Até este ponto foram apresentados trabalhos eminentemente de cunho sócio-antropológico, porém os valores têm também uma fundamentação marcadamente psicológica, como expressa na concepção de ações motivadas (Merton, 1938; Kluchkhohn, 1951; Parsons, 1951). Deste modo, não parece estranho sua vinculação com as necessidades humanas, como passou a ser amplamente considerada (Rokeach, 1973), inclusive com formulações teóricas explícitas (Inglehart, 1977; Gouveia, 2003).

Provavelmente nenhum outro autor seja mais lembrado quando se fala em necessidades do que Maslow, sobretudo a partir da publicação de seu clássico *Personality and Motivation* (Maslow, 1954). Nesta obra fica evidente a relação das necessidades com os valores humanos, que quase se convertem em sinônimos (Gouveia, 1998). Maslow desenvolveu de fato uma teoria das necessidades humanas (1943, 1954), em que estabelece que os seres humanos têm vários tipos de necessidades, que estão hierarquicamente organizadas como seguem: *fisiológicas* (comida, bebida, desejo social), *segurança* (estabilidade, proteção, estrutura), *pertencimento e amor* (intimidade, contato, família), *estima* (auto-respeito, autoestima), *conhecimento* (entender, explicar,

ter iniciativa), *estética* (busca ativa da beleza) e *autorrealização* (realizar, desenvolver o que a pessoa pode chegar a ser).

Ros (2006) lembra que as sete necessidades (grupos de necessidades, como parecem mais consensuais) são organizadas em termos ordinais, correspondendo ao que Maslow (1954) denomina como *prepotência relativa*. Este autor sugeria que uma necessidade nova apenas teria lugar uma vez satisfeita a necessidade de um nível imediatamente inferior. Ros (2006), entretanto, lembra que existem algumas exceções quanto ao princípio de ordem da hierarquia das necessidades, a exemplo do fato de que para algumas pessoas seu nível de aspiração estará “congelado”, isto é, a pessoa se contenta em suprir determinada necessidade, sem aspirar àquelas consideradas de ordem superior. Portanto, elas não sentem forçosamente necessidade de ordem superior, uma vez satisfeitas as de ordem inferior. Pode ser o caso de pessoas que passam por situações de escassez, fazendo com que se sintam satisfeitas e conformadas por terem suas necessidades básicas atendidas.

Esta teoria influenciou diretamente o modelo de valores materialistas e pós-materialista (Inglehart, 1977), indicando que a passagem dos primeiros para estes últimos estaria ligada sequencialmente à satisfação de necessidades de bem-estar econômico e, logo depois, de autorrealização (Ros, 2006). De acordo com esta teoria, os países só passariam a dar importância a valores representantes das necessidades pós-materialistas (por exemplo, autorrealização, participação política, cuidado com o meio ambiente) quando a escassez econômica fosse eliminada. Além deste modelo valorativo, Gouveia (1998) lembra que outras tipologias de valores também sofreram influência das aportações de Maslow (Hofstede, 1984; Levy, 1990; Rokeach, 1973; Schwartz, 1992).

Gouveia (1998) comenta que a teoria maslowniana se faz importante por sua forma clara e consistente de definir a natureza humana, concebendo-a como

essencialmente *benévola* (este aspecto, entretanto, compreende o núcleo rígido de sua teoria, no sentido lakatiano, não sendo possível comprová-lo; Lakatos, 1989). Seu modelo também permitiu derivar múltiplas hipóteses sobre o conjunto de necessidade, sua satisfação e os padrões de comportamento apresentados pelo ser humano (Kenrick, Griskevicius, Neuberg & Schaller, 2010). Segundo pensava Maslow (1954), o homem é um ser insaciável, sugerindo, desta forma, que sempre haverá uma necessidade última, correspondendo a de *autorrealização*. Entende-se que esta é uma necessidade de ordem superior, compreendendo um estado em que o ser humano estará mais interessado em intimidade, distanciamento e reflexão. De forma resumida, estas aportações podem ser expressas, de acordo com Gouveia e cols. (2011), nos seguintes termos: (1) os valores precisam ser todos positivos, por ser o homem de natureza benévola e orientado à autorrealização, e (2) os valores representam necessidades deficitárias e de desenvolvimento.

Em resumo, foram apresentadas algumas das primeiras concepções que formaram a base para os estudos acerca dos valores humanos, abarcando desde concepções sobre a comunidade e sociedade (Tönnies, 1887 / 1979), a proposta da terminologia de valores como diferente de atitudes (Thomas & Znaniecki, 1918), a ideia de adesão às normas sociais ou desvio delas (Merton, 1938), passando pela concepção de ação motivada (Parsons & Shils, 1951), princípio do desejável (Kluckhohn, 1951) e valores representando necessidades (Maslow, 1954). Deste modo, existe um fundamento que permitirá ao leitor compreender o surgimento de modelos contemporâneos sobre os valores, tanto a nível cultural como individual. Precisamente este será o foco do próximo capítulo, principiando com as tipologias de valores culturais de Hofstede e Inglehart, apreciando a continuação as propostas de Rokeach e Schwartz.

Finalmente, será introduzida a *Teoria funcionalista dos valores humanos*, de Gouveia e seus colaboradores, objeto principal desta tese.

CAPÍTULO II. MODELOS CULTURAIS E INDIVIDUAIS DOS VALORES

Como forma de estruturar o presente capítulo, decidiu-se reunir primeiro os modelos teóricos sobre os valores que foram desenvolvidos no nível cultural e, posteriormente, aqueles que se apresentam no nível individual de análise. É importante ressaltar que, como em qualquer ensaio teórico, não é possível contemplar todas as contribuições neste âmbito de estudo. Por exemplo, Schwartz conta com um modelo cultural (Schwartz, 2006) e outro individual (Schwartz, 1992) dos valores; porém, unicamente este último será considerado, pois é o mais conhecido. Também existem ausências no caso dos modelos individuais. Por exemplo, nada foi dito sobre o modelo de *conformismo* e *autodireção*, de Kohn (1977). Feitas estas ponderações, descrevem-se alguns dos modelos que têm sido mais recorrentes no contexto da Psicologia Social, como se depreende em algumas publicações (Gouveia & cols., 2011; Ros, 2006).

1.1 Valores Humanos na Perspectiva Cultural

Conforme foi anteriormente mencionado, nesta oportunidade são apresentados os modelos dos valores que têm sido identificados como adotando uma perspectiva cultural, isto é, são modelos que têm como referências as pontuações médias das culturas nacionais, geralmente países, procurando conhecer ou testar determinada estrutura teórica ou dimensões valorativas. Como não poderia deixar de ser, inicia-se este tópico com o modelo de Hofstede, que é, seguramente, um marco obrigatório, representando a maioria daqueles que têm assumido esta perspectiva.

1.1.1 Valores individualistas e coletivistas de Hofstede.

Nesta perspectiva, os valores são considerados representações de necessidades construídas socialmente na realidade, e são estabelecidas sob o reflexo de normas sociais e institucionais vigentes (Mangabeira, 2002). Hofstede (1984) analisa as prioridades valorativas levando em consideração a cultura em que as pessoas estão

inseridas. Em termos amplos, este autor define a cultura como sendo o “programa mental” que guia os indivíduos nas suas interações cotidianas. Portanto, sua proposição aponta para a cultura como um fenômeno coletivo, determinando padrões ou “programas mentais” para as pessoas, instruindo-as acerca de pensamentos, sentimentos e ações que, parcialmente, determinam os comportamentos socializados (Hofstede, 1984, 1991).

Hofstede (1984), no final da década de 1970 se deparou com o desafio de mapear as dimensões valorativas através das quais as culturas variavam, trabalho que se sabe hoje compreendia uma demanda da empresa IBM, com sucursais espalhadas pelos cinco continentes. Seu estudo original teve em conta mais de 100.000 empregados desta multinacional, os quais responderam um questionário que incluía quatorze metas de trabalho. Analisando-os por meio de análise de componentes principais (ACP), tomando em conta a média dos participantes em cada item por país, este autor encontrou quatro dimensões principais de variação transcultural:

Distância de poder. Esta dimensão expressava em que medida os subordinados se sentem confortáveis frente ao poder e à autoridade, isto é, compreende um indicador de aceitação ou não da hierarquia.

Individualismo-coletivismo. Esta seguramente compreende a dimensão mais reconhecida, que chegou a definir toda uma década de pesquisa (Kagitsibasi, 1994). Conforme seu modelo conceitual, expressaria a “(in)dependência emocional de grupos, organizações e outras coletividades” (Hofstede, 1984, p. 157). Portanto, evidencia o quanto as pessoas de uma sociedade se sentem responsáveis pelas demais ou mesmo independentes delas.

Masculinidade – feminilidade. Indica, no caso da masculinidade, que se dá ênfase ao materialismo, aos próprios benefícios, ou, no caso da feminilidade, que se centra mais nas relações interpessoais, ou seja, nas interações com outras pessoas.

Evitação de incerteza. Esta última dimensão expressa o grau de ansiedade e preocupação das pessoas frente a situações inesperadas ou incertas, sobretudo vinculadas com a questão do futuro.

Apesar de seu sucesso inicial, este modelo tem recebido algumas críticas. Por exemplo, Gouveia (2003) afirma que dois foram os motivos pelos quais o modelo em questão se revelou inadequado. Por um lado, Hofstede deu a entender que com o desenvolvimento econômico as sociedades passariam a ser individualistas, portanto, abandonando o estilo de vida coletivista. Este fato que é contestado, haja vista que as sociedades contemporâneas misturam elementos coletivistas e individualistas (Sinha & Tripathi, 1994). Por outro lado, o modelo não levou em conta dados que consideravam coletivismo e individualismos como fatores legítimos e independentes. Contrariamente, definia-os como pólos de uma única dimensão. Nesta mesma direção teve lugar outro modelo cultural de repercussão equivalente, correspondendo àquele proposto por Inglehart. Este autor partiu da concepção de hierarquia das necessidades (Maslow, 1954), desenvolvendo a teoria dos valores políticos representados pelas dimensões materialismo e pós-materialismo, como se resume a seguir.

1.1.2 Valores materialistas e pós-materialistas de Inglehart

Possivelmente, no que se refere aos modelos recentes sobre os valores humanos, nas Ciências Sociais e Políticas o destaque compreenda Inglehart (Gouveia, 1998), sobretudo a partir de sua obra *The silent revolution* (Inglehart, 1977). Partindo da teoria da hierarquia das necessidades de Maslow, numa tentativa de definir a origem dos valores, tal autor elaborou um modelo teórico que se propôs considerar os aspectos

sociais e culturais dos valores. Neste modelo, Inglehart (1977) definiu duas dimensões por meio das quais tentou identificar as mudanças geracionais e comparar culturas nacionais: *materialismo* e *pós-materialismo*. A primeira representa as necessidades mais básicas ou os valores materiais (por exemplo, satisfação de necessidades de segurança física e econômica), enquanto que a segunda dimensão expressa necessidades mais elevadas (por exemplo, como autoestima, pertencimento, cognitiva e estética).

Segundo Inglehart (1991), o materialismo é o padrão valorativo que prevalece em sociedades em que não são satisfeitas as necessidades de segurança (física e econômica). Por outro lado, em sociedades mais industrializadas, aquelas que contam com mais recursos financeiros, o padrão dominante é o pós-materialista. Portanto, estima-se que somente em sociedades consideradas com grau elevado de desenvolvimento cultural e sócio-econômico é possível o surgimento de um novo conjunto de valores, superando aqueles mais voltados para aspectos materiais e concretos. Não obstante, estes padrões nem sempre condizem com a realidade; por exemplo, não é raro observar pessoas ou países com boas condições financeiras seguirem priorizando valores materialistas (Formiga, 2002; Oyserman, 2001).

A explicação para o anteriormente descrito, de acordo com Inglehart (1991), radica em duas hipóteses principais: a primeira é o fato de que as prioridades valorativas básicas são delimitadas pela *hipótese da escassez*, isto é, as pessoas valorizam o que mais necessitam, atribuindo-se maior importância subjetiva às coisas que são relativamente escassas; e a segunda se deve à *hipótese de socialização*, indicando que o processo de socialização pelo qual as pessoas passam são determinantes para indicar o que terá mais importância. Portanto, deve-se levar em conta o contexto em que as pessoas foram socializadas no início de suas vidas (infância e adolescência), já que seus valores básicos refletem, geralmente, as condições prevalecentes neste período. Por

exemplo, algumas pessoas que cresceram em contexto de escassez, como durante uma seca, enchente ou guerra, podem seguir dando grande importância à segurança física e/ou econômica, mesmo já resguardado o suprimento destas necessidades. Neste aspecto, cabe assinalar que, apesar de ser comumente pensada como cultural, esta teoria tem forte base psicológica, como denotada por suas hipóteses, sobretudo no que se refere à origem motivacional dos valores.

Como anteriormente sugerido, Inglehart (1977) considera que as sociedades seguem em direção ao *pós-materialismo*, especialmente quando se tornam mais ricas e desenvolvidas. Entretanto, esta posição nem sempre é observada empiricamente (Gouveia, 1998; Gouveia & cols., 2011; Kid & Lee, 1997). Contudo, este é apenas um dos aspectos que se questiona em seu modelo. A própria estrutura dos construtos *materialismo* e *pós-materialismo* é algo que pode ser discutido. No caso, Inglehart (1977), por meio de análise de componentes principais, observou que os valores se agrupavam em estrutura bipolar, em que os valores materialistas estariam em um pólo e os pós-materialistas em outro. Segundo Gouveia (1998), embora haja alguma evidência para esta estrutura transcultural dos valores, pode-se questionar a concepção de serem as orientações materialista e pós-materialista pólos opostos. De fato, este autor assinala que em diversos países tais dimensões se confundem ou ao menos se combinam, não sendo adequado tratá-las como pólos que se estendem ao longo de uma única dimensão.

Em resumo, expuseram-se aqui dois modelos teóricos dos valores humanos em nível cultural. Sua relevância é evidente, guardando muitas semelhanças com os modelos individuais. Neste aspecto, não parece ser coincidência que Schwartz e Bilsky (1987) tenham concebido sua teoria dos tipos motivacionais dos valores enfocando interesses individualistas e coletivistas (Hofstede), assim como Gouveia (2003) admita uma dimensão denominada como *tipo de motivador*, definindo dois tipos: *materialista*

(*pragmático*) e *idealista (humanitário)*. Contudo, a discussão sobre a convergência dos modelos cultural e individual extrapolam o escopo da presente tese; nela a ênfase é em relação à perspectiva que considera este último nível de análise, como se descreve a seguir. Concretamente, inicia-se a exposição com o modelo de Rokeach e, em seguida, aquele proposto por Schwartz. Estas contribuições servirão de base para o capítulo seguinte, onde se apresentará a *Teoria funcionalista dos valores humanos*, de Gouveia e colaboradores.

1.2 Valores na Perspectiva Individual

No plano individual, de acordo com Ros (2006), as teorias sobre valores são úteis para caracterizar as prioridades que orientam os indivíduos, as bases motivacionais nas quais são apoiados os valores, servindo igualmente para entender as diferenças entre os indivíduos. Esta autora enfatiza que as teorias na perspectiva individual são comumente relacionadas com tomadas de decisões e atitudes manifestas pelos indivíduos. Portanto, tais teorias são úteis para o estabelecimento de relações entre as prioridades valorativas e os comportamentos dos indivíduos ou grupos que os priorizam. Como não poderia deixar de ser, esta exposição é iniciada com a obra de Rokeach, que pode ser considerado uma figura central na temática, dando contribuições importantes que foram acolhidas em diversos modelos dos valores, como os de Schwartz (1992) e Gouveia (2003).

1.2.1 Valores instrumentais e terminais de Rokeach.

De acordo com Chaves (2006), foi a partir da década de 1950 que os valores humanos ganharam maior expressão com a introdução de técnicas refinadas de medição das atitudes, ressaltando-se, uma década depois, as contribuições de Rokeach. Este autor tem se destacado como um dos que mais contribuíram para os estudos recentes dos

valores humanos (Gouveia, Andrade, Milfont, Queiroga & Santos, 2003), podendo mesmo ser considerado o pai do tema como tem sido tratados nos últimos 50 anos na Psicologia Social.

A obra principal deste autor, *The nature of human values* (Rokeach, 1973), é com certeza referência obrigatória quando se trata de valores humanos. Lendo-a é possível concluir que, embora não tenha feito tudo, este autor semeou a base dos elementos principais que fundamentam as teorias dos valores, como as questões de medição, conteúdo e estrutura. Com relação à sua obra, Gouveia e cols. (2011) não pouparam reconhecimento, indicando que mais da metade do conhecimento sobre o tema dos valores humanos se deve às suas contribuições ou pode ser derivadas dela.

Rokeach (1981), na década de 1960, foi quem pela primeira vez procedeu à mensuração específica dos valores, propondo então diversas versões do seu *Rokeach Value Survey* (Ros, 2006). Entretanto, somente quase duas décadas depois, nos anos 1980, observa-se no Brasil uma tentativa explícita de adaptá-lo (Günther, 1981). O modelo ou arcabouço teórico desse autor parte de cinco pressupostos básicos:

1. O número de valores que uma pessoa possui é relativamente pequeno;
2. Todos os homens possuem os mesmos valores em graus diferentes, independente da cultura na qual estejam inseridos;
3. Os valores são organizados em sistemas de valores;
4. Os antecedentes dos valores humanos podem ser encontrados em cultura, sociedade, instituições e personalidade de cada indivíduo; e
5. Os valores são manifestados (virtualmente) em todos os fenômenos que os cientistas sociais possam considerar como importantes de serem pesquisados.

Rokeach (1973) conceituou os valores como uma “crença duradoura de que um modo específico de comportamento ou estado final de existência é pessoal ou

socialmente preferível a um modo de comportamento ou estado final de existência oposto ou inverso” (p. 5). Neste sentido, os valores podem ser compreendidos como crenças prescritivas – proscritivas que permitem aos indivíduos julgarem objetos ou ações como desejáveis ou indesejáveis, recomendáveis ou reprováveis. Conforme entendia este autor, uma vez que um valor fosse internalizado, ele se tornaria, consciente ou inconscientemente, um padrão ou critério para guiar a ação (Rokeach, 1981).

Rokeach (1973, 1979, 1981) ressalta as diferenças entre atitudes e valores. Segundo concebia, enquanto que o primeiro construto representaria diversas crenças focalizadas em um objeto ou situação específica, um valor seria uma única crença que guiaria o comportamento e independeria de objetos e situações específicos. Além disto, ressalta que o valor, ao contrário das atitudes, não somente refletia uma crença do preferível, mas também uma preferência pelo preferível. Neste modelo os valores humanos são pensados como um número pequeno de cognições presentes em toda sociedade sobre estados finais de existência desejáveis (*valores terminais*) e modos desejáveis de se comportar (*valores instrumentais*), organizados em termos de diferenças de prioridades.

Rokeach (1973) teorizou um sistema de valores definido como uma organização hierárquica – em termos ordinais – quanto à importância dos valores. A hierarquia ou a importância relativa dos valores tem sido empregada como base para examinar como as pessoas usam os valores com o fim de entender e agir no mundo (Bain, Kashima & Haslan, 2006). Partindo de autores dos anos 1950, como Kluckhohn (1951), Rokeach (1973, 1981) procurou estruturar os valores em dois tipos principais: *terminais* (o próprio desejável) e *instrumentais* (os comportamentos), cada um com um conteúdo ou conjunto de valores próprios. Deste modo, admitia representar os valores em duas listas

separadas, cada uma com 18 valores específicos, abarcando os tipos antes indicados, como se descrevem a seguir:

Valores terminais. Tais valores, segundo seu modelo, representariam estados finais de existência, a exemplo de *igualdade*, *vida confortável* e *felicidade*. Eles são classificados como autocentrados (apresentam um foco pessoal) ou centrados na sociedade (têm um foco interpessoal).

Valores instrumentais. Estes representam condutas que são consideradas preferíveis, a exemplo de *ambicioso*, *honesto* e *responsável*. Conforme sua proposta, tais valores podem ser subdivididos em *morais* [reportam o modo como se comportar; quando são violados, estes valores geram sentimento de culpa (intrapessoal)] e *de competência* [conduzem a um estado (pessoal) de competência, de que se está agindo de forma adequada].

Na tentativa de facilitar o entendimento desta teoria, indicando como os valores se estruturam, apresenta-se a Tabela 3 a seguir. Lembrando, neste modelo os valores se integram em conjuntos, denominados de sistemas de valores, organizando-se de forma hierárquica, de modo que cada valor é elencado em razão de sua importância em comparação com os demais valores dentro de cada tipo (*instrumental* e *terminal*). Esta organização dos valores pode sofrer mudanças (reordenações) durante a vida dos indivíduos, as quais comumente se dão, segundo Gouveia (1998), em consequência de vivências em contextos culturais, sociais e pessoais, mas também como fruto de manipulações e/ou aprendizagem (Rokeach, 1973, 1979).

Tabela 3. Tipos de valores instrumentais e terminais proposto por Rokeach (1973).

Tipos de Valores	
Terminais	Instrumentais
Estados finais de existência	Modos de comportamento
Pessoais	De competência
Centrados na própria pessoa, foco intrapessoal	Sua transgressão provoca vergonha, foco intrapessoal
Exemplos: <i>salvação, harmonia interior</i>	Exemplos: <i>lógico, inteligente</i>
Sociais	Morais
Centrados na sociedade, foco interpessoal	Sua transgressão provoca culpa, foco interpessoal
Exemplos: <i>um mundo de paz, amizade verdadeira</i>	Exemplos: <i>honesto, responsável</i>

O leitor certamente encontrará alguma correspondência destas listas de valores, isto é, *terminais* e *instrumentais*, com o instrumento original de Schwartz (1992), denominado *Schwartz Value Survey*. Porém, Rokeach (1973) também instigou outros pesquisadores a considerarem aspectos pouco discutidos sobre os valores, a exemplo de suas funções (Allen, Ng & Wilson, 2002; Gouveia, 2003). Entretanto, influenciado pelo contexto dos estudos sobre as funções das atitudes, ele concebeu as funções dos valores de modo muito abrangente, sugerindo cinco tipos:

Ego-defensiva. Indica que os sentimentos ou as ações pouco aceitos, seja no plano pessoal ou social, podem se modificar por meio de processos de racionalização e formação defensiva, em algo mais aceitável, de maneira que socialmente representem conceitos culturalmente justificáveis.

Conhecimento ou *autorrealização*. Sugere que os valores fomentam a busca de significado e compreensão, o que implica na busca incessante de conhecimento de si e do mundo que o cerca e, conseqüentemente, a autorrealização.

Critérios de orientação. Com o fim de se posicionar diante de problemas, tarefas como avaliar, julgar, emitir elogios a si ou a outras pessoas, comparar, persuadir, influenciar, racionalizar crenças, atitudes e comportamentos que de outro modo seriam pessoal ou socialmente condenados moralmente e necessários à manutenção da autoestima. De certo modo, Gouveia (2003) tem em conta os critérios de orientação, mas dá uma direção diferente a deste autor, enfocando tipos específicos de orientação (pessoal, central e social).

Motivacional. Indica-se com esta função que os valores guiam as ações humanas no cotidiano, expressando suas necessidades básicas. Portanto, claramente algo que já vinha desde a tradição de Parsons (1951), culminando no trabalho de autores como Inglehart (1977).

Adaptativa. Indica-se que alguns valores dão ênfase a modos de conduta ou estados finais que são de orientação adaptativa ou dirigidos para a utilidade. Embora não seja muito claro ao descrever esta função, é possível que se tratem de valores materialistas, sobretudo os *normativos*, na perspectiva de Gouveia (2003).

Parece evidente, pois, que Rokeach contribui decisivamente para o avanço dos estudos sobre os valores. Suas contribuições principais podem ser resumidas nos seguintes termos: (1) sintetizou conceitos e reuniu ideias de perspectivas e conhecimentos de áreas diversas, como Antropologia, Sociologia e Psicologia; (2) providenciou a distinção de valores e outros construtos com os quais costumam ser relacionados, a exemplo de atitudes e traços de personalidade; (3) apresentou uma definição específica para os valores humanos e os sistemas de valores; (4) apresentou um instrumento específico para mensurá-los; e (5) destacou a centralidade dos valores no sistema cognitivo das pessoas, reunindo dados sobre seus antecedentes e consequentes.

Gouveia e cols. (2011) também destacam algumas contribuições deste autor: (1) propôs uma classificação para os valores instrumentais e terminais, assim como seus respectivos subtipos; (2) desenvolveu o método de autoconfrontação no contexto de mudanças de valores; e, por último, (3) propôs uma tipologia de ideologia política a partir da combinação de pontuações nos valores de *igualdade* e *liberdade*. Entretanto, Rokeach não ficou imune a críticas. Alguns autores apontaram problemas no seu modelo, como seguem (Gouveia, Martínez, Meira & Milfont, 2001): (a) sua medida era de natureza *ipsativa* (sugere dependência entre as pontuações de um mesmo sujeito); (b) a estrutura dos valores, embora claramente delimitada, não foi formalmente testada com dados empíricos; e (c) a restrição das amostras de seus estudos, os quais foram realizados, principalmente, com estudantes universitários estadunidenses. Este talvez tenha sido seu maior problema, isolando-se academicamente, sem preocupação em difundir e divulgar seu modelo, aspectos que foram atentamente considerados por Schwartz (1992), quem tratou de montar um grupo extenso de pesquisadores espalhados pelos cinco continentes, procurando mostrar a universidade de seu modelo.

1.2.2 Tipos motivacionais de Schwartz

Sem dúvida, Rokeach foi bastante influente no estudo dos valores em Psicologia. Entretanto, foi por meio de pesquisas transculturais realizadas por Schwartz e seus colaboradores que aconteceu a revitalização do estudo deste construto, tornando-se, atualmente, um dos temas principais em Psicologia Social (Rohan & Zanna, 2003) e Psicologia Transcultural (Smith & Schwartz, 1997). Desde o final dos anos 1980 o modelo deste autor tem se tornado o referente principal no campo de estudos sobre os valores humanos.

Conforme é possível constatar de leitura atenta da obra de Schwartz (1992, 1994; Schwartz & Bilsky, 1990), sua teoria compreende uma síntese das contribuições

anteriores, principalmente do trabalho de Rokeach (1973). Em seu modelo valorativo os valores são concebidos como atendendo a metas motivacionais, isto é, visam à satisfação de necessidades humanas básicas. Sua proposta, portanto, é mapear os valores em um espaço bidimensional, estruturando-os em diferentes tipos motivacionais. O modelo mais conhecido reúne dez tipos motivacionais. Contudo, quiçá em razão de ser um empreendimento com base fortemente empírica, sem uma teoria sólida e unívoca das necessidades humanas, este número tem variado ao longo dos anos, tendo sido, além dos dez conhecidos, sete (Schwartz, 1990) e onze (Schwartz, 1992, 1994, 2006), e parece haver indicações de que serão mais de uma dúzia e meia, considerando estudos que atualmente vêm sendo levados a cabo por este autor e seus colaboradores. Seja como for, o modelo com dez tipos é o mais conhecido, sendo o que se toma como referência principal neste capítulo.

Originalmente, Schwartz e Bilsky (1987, 1989) buscavam propor uma tipologia dos valores humanos que primasse por sua universalidade, isto é, eles pretendiam reunir evidências de validade intra e intercultural dos tipos motivacionais (Schwartz, 2006). Sua definição dos valores primou por elementos consensuais, indicando que estes seriam um conjunto de crenças pertencentes a fins desejáveis ou à forma de comportamentos, que independeriam de situações específicas, guiando as ações humanas e sendo ordenados por sua importância com relação a outros valores (Schwartz, 1992, 2006; Schwartz & Bilsky, 1987, 1990). Contudo, apesar de esta definição servir para diferenciar os valores de outros construtos (por exemplo, atitudes, necessidades), ela não esclarece acerca do conteúdo e da estrutura dos valores. Neste sentido, este autor também indica que os valores representam três tipos principais de necessidades (Schwartz, 2006): biológicas (organismo), garantindo a sobrevivência, (2) regulação das interações (social) e (3) bem-estar e sobrevivência grupal (institucional).

Schwartz (1994, 2006) propõe uma estrutura composta por dez tipos motivacionais, nos quais todo e qualquer valor humano encontraria sua representação, independente da cultura. Apresentam-se a seguir os tipos motivacionais com seus respectivos valores específicos ou marcadores entre parênteses:

- 1. Autodireção.** Compreende a busca de independência do pensamento e ação, envolvendo escolhas, criatividade e exploração (por exemplo, criatividade, independente, liberdade).
- 2. Estimulação.** Diz respeito à busca de excitação, novidades e mudanças na vida (por exemplo, ser atrevido, uma vida excitante, uma vida variada),
- 3. Hedonismo.** Este tipo motivacional indica a busca de prazer e gratificação sexual por parte do indivíduo (por exemplo, desfrutar da vida, prazer).
- 4. Realização.** Evidencia a demonstração de sucesso pessoal e competência de acordo com padrões sociais aceitáveis (por exemplo, ambicioso, capaz, obter êxito),
- 5. Poder.** Com este tipo motivacional é sugerida a busca de *status* social e prestígio, além de controle e/ou domínio sobre pessoas e recursos (por exemplo, autoridade, poder social, riqueza).
- 6. Segurança.** Compreende a busca de segurança, harmonia e estabilidade da sociedade, dos relacionamentos e de si mesmo (por exemplo, ordem social, segurança familiar, segurança nacional).
- 7. Conformidade.** Refere-se a restrições de ações, impulsos e inclinações que violam as expectativas e normas sociais vigentes (por exemplo, autodisciplina, bons modos, obediência).
- 8. Tradição.** Este tipo se traduz pela busca de respeito, compromisso e aceitação de costumes e idéias impostos pela cultura ou religião (por exemplo, devoto, honra aos pais e mais velhos, respeito pela tradição, vida espiritual).

9. Benevolência. Acentuam-se a busca e preservação do bem-estar das pessoas com quem se mantém relações de intimidade (por exemplo, ajudando, honesto, não-rancoroso, ter sentido na vida).

10. Universalismo. Indica a busca da compreensão, tolerância, aceitação e bem-estar de todos, além da proteção e preservação dos recursos naturais (por exemplo, aberto, amizade verdadeira, igualdade, justiça social, protetor do meio ambiente, sabedoria, um mundo em paz, um mundo de beleza).

Procurando que o leitor tenha uma compreensão do todo, elaborou-se a Tabela 4 a seguir, que reúne de forma mais direta e clara os tipos motivacionais, com seus valores específicos representativos e sua fonte, isto é, a origem em termos das necessidades humanas (Schwartz, 2006). É importante assinalar que a adequação dos valores específicos para representar cada um dos tipos motivacionais de valores compreende a *hipótese de conteúdo*. Neste sentido, checa-se em diversas culturas em que medida cada um destes valores específicos aparece na região definida como correspondendo ao tipo motivacional subjacente (Schwartz & Sagiv, 1995).

Tabela 4. Tipos motivacionais de Schwartz (1994, 2005).

Tipo motivacional	Exemplos de valores	Fontes
Autodireção	Criatividade; Liberdade	Organismo; Interação
Estimulação	Ousadia; Vida variada; Vida excitante	Organismo
Hedonismo	Prazer; Apreciar a vida	Organismo
Realização	Bem sucedido; Ambicioso	Interação; Grupo
Poder	Poder social; Riqueza	Interação; Grupo
Segurança	Segurança nacional; Ordem social; Limpo	Organismo; Interação; Grupo
Conformidade	Bons modos; Honra os pais e os mais velhos	Interação
Tradição	Humilde; Devoto	Grupo
Benevolência	Prestativo; rancoroso	Organismo; Interação; Grupo
Universalismo	Tolerância; Igualdade; Proteção do meio ambiente	Grupo; Organismo

De acordo com o que estabelece esta teoria, há inter-relações estreitas entre os tipos motivacionais (*hipótese da estrutura*). Neste sentido, Schwartz (1992) afirma que, ao agir tomando um dos valores como meta, suas consequências práticas, psicológicas e/ou sociais podem ser compatíveis ou conflitantes com algum outro valor. Portanto, tal modelo propõe uma organização estrutural e dinâmica dos tipos motivacionais, coerente com o exposto na Figura 1.

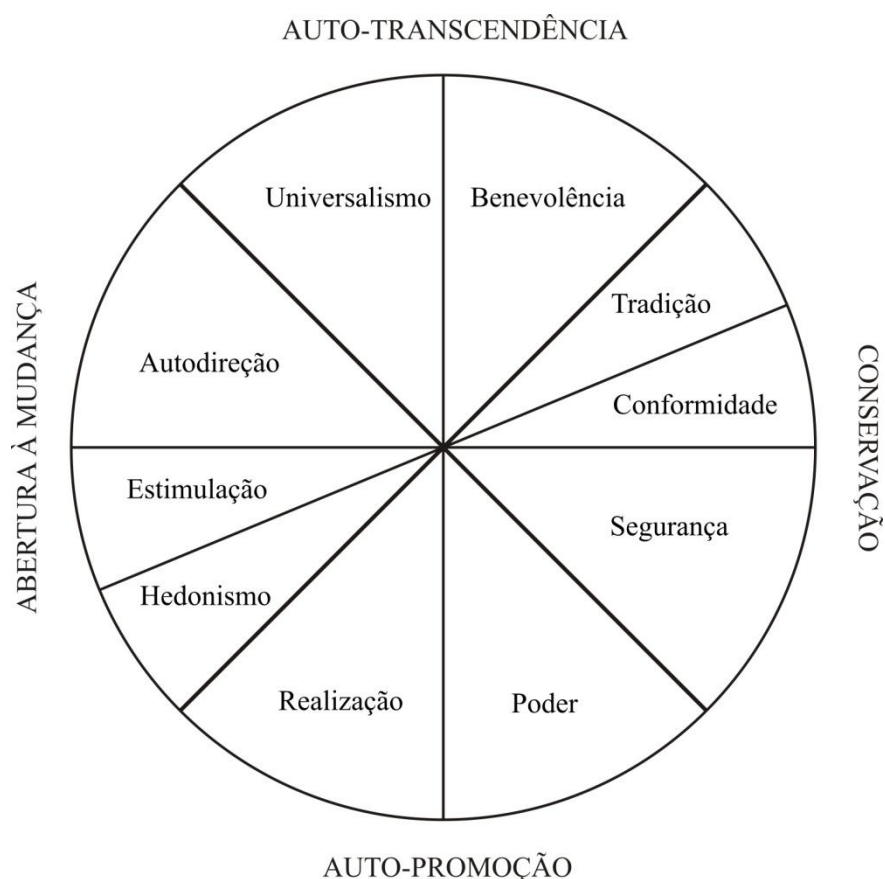


Figura 1. Estrutura dos tipos motivacionais (Adaptado de Schwartz, 2006, p. 142).

De acordo com a teoria deste autor, os padrões de conflitos e compatibilidades entre os tipos motivacionais podem ser deduzidos da proximidade que eles ocupam no espaço bidimensional. Neste caso, tipos adjacentes indicariam maior compatibilidade, evidenciando conflito a partir de seu afastamento, com a oposição no espaço revelando maior conflito. Por exemplo, os seguintes pares de tipos motivacionais são considerados compatíveis: poder / realização, realização / hedonismo, hedonismo / estimulação, estimulação / autodireção, autodireção / universalismo, universalismo / benevolência, benevolência / conformidade, conformidade / tradição, tradição / segurança, segurança / poder e segurança / conformidade.

Esta estrutura também apresenta dimensões bipolares de ordem superior. A dimensão localizada no eixo horizontal seria formada pela oposição entre *abertura à*

mudança (compatibilidade entre os tipos motivacionais autodireção e estimulação), que enfatiza a independência e o favorecimento da mudança, e a *conservação* (compatibilidade entre os tipos tradição, conformidade e segurança), que acentua a estabilidade pessoal, a submissão e a manutenção das tradições. A segunda dimensão, na vertical, é composta pela oposição de *autotranscedência* (compatibilidade entre universalismo e benevolência), que enfatiza a superação dos próprios interesses em função do bem-estar dos outros, e a *autopromoção* (poder e realização), que focaliza a busca de poder e sucesso pessoais.

A teoria dos valores de Schwartz e seus colaboradores (Schwartz, 1992, 1994, 2006; Schwartz & Bilsky, 1987, 1989) é, provavelmente, a que possui maior impacto no mundo acadêmico, servindo como referência principal dos estudos em Psicologia Social e áreas afins. Certamente ela representou uma contribuição importante para a temática, operacionalizando e testando algumas das ideias de Rokeach (1973), a exemplo das hipóteses de *conteúdo* e *estrutura*, que este autor tratou superficialmente, indicando existirem dois tipos de valores (*instrumentais* e *terminais*), cada um representado por 18 valores específicos. Schwartz (2006) apresentou uma proposta elegante, indicando dez tipos motivacionais, além de sugerir relações estruturais entre eles; propôs ainda a própria noção de tipos motivacionais, definindo-a como uma variável latente, com múltiplos indicadores (valores específicos), amenizando o aspecto técnico do erro de medida quando um único indicador é tido em conta. Some-se a estas contribuições seu esforço em reunir pesquisadores dos cinco continentes, os quais têm ajudado com evidências que parecem sugerir a qualidade de seu modelo.

Apesar do anteriormente comentado, como todo empreendimento científico, o modelo de Schwartz (1992, 2006) não está isento de críticas por parte de diversos autores (Gouveia, 1998; Molpeceres, 1994; Waage, Billiet & Pleysier, 2000). Estas têm

tido lugar, sobretudo, em razão da falta de uma base teórica subjacente à origem dos valores, repercutindo, por exemplo, na indeterminação do número de tipos motivacionais, na seleção de valores específicos para representá-los e na ausência de explicação consistente acerca das compatibilidades e conflitos dos valores. Por certo, Gouveia (2003) critica a ideia de conflitos dos valores, pois esta não é compatível com a concepção do desejável, própria dos valores, e que talvez tenha se originado como resultado deste autor não contar com um modelo explícito acerca da natureza humana. Ressalta-se, ainda, a não inclusão de dimensões valorativas que parecem essenciais quando os valores são pensados como representações cognitivas das necessidades; este é o caso, por exemplo, da subfunção *existência* (Gouveia & cols., 2011). Por fim, pesquisadores independentes têm encontrado alguma dificuldade em corroborar sua estrutura valorativa, sugerindo por vezes um modelo mais reduzido, contendo seis a oito tipos motivacionais de valores (Perrinjaquet, Furrer, Marguerat, Usunier & Cestre, 2007).

Em razão dos aspectos anteriormente comentados, procurando contar com um modelo teórico axiomatizado que tivesse em conta contribuições prévias, mas pudesse ser maximamente parcimonioso, Gouveia e seus colaboradores propuseram a *Teoria funcionalista* dos valores humanos (Gouveia, 1998, 2003; Gouveia & cols., 2008, 2009, 2010, 2011). Como previamente foi comentado, a ênfase desta tese é em relação a esta teoria, procurando testá-la nos contextos intra (Brasil) e intercultural (Alemanha, Argentina, Brasil, Colômbia, Espanha, Filipinas, Honduras, Inglaterra, Israel, México, Nova Zelândia e Peru). Neste sentido, demanda-se considerá-la mais detidamente no capítulo a seguir.

CAPÍTULO III. TEORIA FUNCIONALISTA DOS VALORES HUMANOS

Em revisão acerca dos teóricos dos valores, Gouveia (1998) pôde verificar que, em geral, os modelos a respeito apresentavam algumas limitações no que se refere à indicar a fonte e natureza dos valores. Ele também observou que poucas teorias valorativas partiam de uma concepção específica de homem, o que, em sua opinião, favorecia a ambiguidade de admitir os valores como desejáveis e, ao mesmo tempo, falar em valores negativos ou contra-valores. Estes aspectos o animou a se aprofundar mais na temática, estudando os modelos teóricos então prevalentes, tentando entender como poderiam ser melhor estruturados e se havia elementos convergentes. A propósito, por exemplo, quando considerou o modelo de Schwartz (1992) se deu conta de que alguns dos valores que ele incluiu no seu instrumento, majoritariamente derivados da lista admitidamente intuitiva de Rokeach (1973), não apresentavam um conteúdo claro (por exemplo, limpo, criativo) ou eram pouco específicos (por exemplo, protetor do meio ambiente, união com a natureza); além disso, deixou de incluir outros que parecem ser essenciais para orientação de comportamentos, sobretudo em contexto de escassez (por exemplo, sobrevivência, estabilidade pessoal).

Apesar de jamais ter deixado de reconhecer as contribuições importantes de autores como Rokeach, Kohn, Inglehart e Schwartz, Gouveia e seus colaboradores (1998, 2003; Gouveia & cols., 2008; Gouveia & cols., 2009; Gouveia & cols., 2010; Gouveia & cols., 2011) entenderam que poderiam oferecer uma alternativa teórica neste contexto. Concretamente, há pouco mais de uma década eles vêm se dedicando ao estudo dos valores, culminando com a *Teoria funcionalista dos valores humanos*. Embora seja menos reconhecida internacionalmente que o modelo de Schwartz (1992, 2006), conforme indicam Gouveia e cols. (2011), já foram realizados estudos que abrangem próximo a 50.000 pessoas do Brasil e diversos países. Os resultados que descrevem estes autores são animadores.

Apesar deste volume de dados, nenhuma tentativa foi até então levada a cabo com o fim de integrar tais dados, reunindo evidências acerca da adequação desta teoria, permitindo que seja conhecida em diversos contextos. Movido por este propósito, com o fim de oferecer uma visão geral sobre esta teoria, organizam-se a seguir seus principais elementos, contemplando sua definição sucinta de valores, as funções principais dos valores e as subfunções derivadas, as hipóteses de conteúdo e estrutura, além da diferenciação entre os conceitos de congruência e compatibilidade dos valores. Porém, estes últimos não são o foco principal desta tese, figurando apenas para ilustrar a singularidade desta teoria, diferenciando-a de outras que podem ser encontradas na literatura.

3.1 Definição de Valores e Pressupostos Teóricos

De acordo com os autores da *Teoria funcionalista dos valores*, estes podem ser formalmente definidos como (1) critérios de orientação que guiam as ações humanas e (2) expressam cognitivamente suas necessidades básicas (Gouveia & cols., 2009; Gouveia & cols., 2010). Este modelo admite quatro pressupostos fundamentais:

Natureza humana. Este modelo assume a natureza benevolente do ser humano, compreendendo este um aspecto epistemológico ou não refutável da teoria; seu núcleo rígido, na perspectiva de Lakatos (1989). Deste modo, o homem é concebido como naturalmente bom (Maslow, 1954), implicando que ele se orienta por aspectos positivos da vida, justificando-se que apenas faça sentido falar em valores como atributos positivos. Mas, aqui o leitor se perguntará: então, o que explica que algumas pessoas tenham comportamentos erráticos, desviantes? Gouveia e cols. (2011) dão uma justificativa a respeito. Resumidamente, embora todos os valores sejam positivos, priorizar excessivamente uns em detrimento de outros pode resultar em tais condutas.

Por exemplo, isso poderia ocorrer com aqueles que priorizam o *poder* acima de tudo, dando escassa importância a valores como *convivência*, *apoio social* e *tradição*. Neste sentido, não é descabido pensar no indivíduo maduro, em termos de sistema valorativo, como aquele que integra todos os valores, reconhecendo sua importância; ocorreria, portanto, uma homeostase.

Base motivacional. Apesar de alguns autores originalmente reconhecerem que os valores compreendam transformações de necessidades humanas (Rokeach, 1973; Schwartz & Bilsky, 1987), isso não parece óbvio. Como apreender e operacionalizar o processo de transformação? Evitando esta celeuma, a *Teoria funcionalista dos valores humanos* entende que os valores são representações cognitivas de necessidades individuais (Maslow, 1954), demandas da sociedade e instituições (Parsons, 1951; Tönnies, 1887/1979), que insinuam a restrição de impulsos pessoais (Merton, 1949), assegurando um ambiente estável e seguro (Inglehart, 1977).

Caráter terminal. A divisão dos valores em *instrumentais* e *terminais* não é recente (Kluckhohn, 1951), embora tenha se popularizado com os trabalhos de Rokeach (1973). Apesar de escassas evidências empíricas que a sustentasse, Schwartz e Bilsky (1987, 1990) também a consideraram em seus estudos iniciais, sendo uma das facetas da teoria universal dos valores humanos, que parece ter sido abandonada nos dias atuais (Schwartz, 2006). Diferentemente destes autores, Gouveia e cols. (2008, 2011) descartaram considerar estes dois tipos de valores; de fato, como o próprio Rokeach (1973) reconhecia, os valores instrumentais poderiam se converter em terminais [por exemplo, *lealdade* (fiel aos amigos e ao grupo) → *amizade verdadeira* (companheirismo)]. Portanto, pareceu mais parcimonioso e teoricamente apropriado considerar unicamente valores terminais, coerente com a ideia de princípios do desejável. Além disso, como afirmava Rokeach (1973), estes podem ser representados

por cerca de uma dúzia e meia de valores específicos, diferentemente dos instrumentais que demandariam milhares de valores.

Princípios guias individuais. Os valores são concebidos nesta teoria como categorias gerais de orientação para as condutas dos indivíduos, contextualizados na cultura, não se restringindo a determinadas situações ou objetos (Gouveia & cols., 2008). Quando úteis para sobrevivência das pessoas, de seu grupo e da sociedade como um todo, tais valores são incorporados pela cultura, que os moldam como princípios desejáveis que as pessoas os apresentem, garantindo assim a continuidade da sociedade e o convívio harmonioso de seus membros. Tais valores são então encarados como tipicamente individuais, representando escolhas de pessoas concretas, embora em diversos contextos culturais. Neste âmbito, parece sem sentido falar em valores culturais, pois, em realidade, são pontuações dos indivíduos para valores específicos, sendo somadas e atribuídas a cada cultura. Este aspecto indica que esta teoria foi propriamente elaborada no nível individual de análise. Não obstante, embora não se comprovará aqui, seus autores sugerem que possa ser útil também para explicar as pontuações atribuídas às culturas (Gouveia & cols., 2011).

Em consonância com as suposições teóricas anteriormente descritas, Gouveia e cols. (2009; Gouveia & cols., 2010) admitem as seguintes características consensuais para a definição dos valores: a) são conceitos ou categorias; b) sobre estados desejáveis de existência; c) transcendem situações específicas; d) assumem diferentes graus de importância; e) guiam a seleção e avaliação de condutas e eventos; e f) representam cognitivamente as necessidades humanas (Inglehart, 1977; Kluckhohn, 1951; Rokeach, 1973; Schwartz, 1992). Porém, destaca-se nesta teoria a ênfase funcionalista para abordar os valores; portanto, faz-se a seguinte pergunta: Para que servem os valores? Embora esta resposta tenha sido dada em termos amplos por Rokeach (1973), propondo

cinco funções, os proponentes da presente teoria foram mais precisos, enfocando não o uso quotidiano dos valores ou o sentido máximo do conceito, mas as funções essenciais enquanto um construto. Neste caso, a resposta para a pergunta anterior foi dada nos seguintes termos: os valores servem como (1) critérios de orientação que guiam o comportamento das pessoas e (2) expressam cognitivamente suas necessidades (Gouveia & cols., 2008).

3.2 As Funções Principais dos Valores

Como é possível perceber, este modelo tem como foco principal as funções dos valores humanos. Gouveia e cols. (2008) apontam para o fato de que poucos estudos fazem referência a este aspecto (Allen, Ng & Wilson, 2002), e, ao revisarem a literatura, identificaram duas funções consensuais acerca dos valores (Gouveia, 2003; Gouveia & cols., 2011), inerentes à definição previamente apresentada: (a) guiam as ações do homem (*tipo de orientação*; Rokeach, 1973; Schwartz, 1992) e (b) expressam suas necessidades (*tipo motivador*; Inglehart, 1977; Maslow, 1954). Portanto, Gouveia e cols. (2011) sugerem que as funções são definidas como aspectos mentais que os valores cumprem ao dirigir o comportamento e representar cognitivamente as necessidades humanas. Descreve-se a seguir cada uma destas funções principais.

3.2.1 A função de guiar o comportamento: Tipos de orientações

A distinção pessoal – social, de algum modo presente nas ideias de Tönnies (1887 / 1979) e claramente defendida por Rokeach (1973), é certamente uma dimensão fundamental de orientação do ser humano (Gouveia & cols., 2011), posteriormente definidora de tipologias do individualismo e coletivismo, respectivamente (Hofstede,

1984; Triandis, 1995). De maneira geral, estima-se que pessoas que se pautam em valores pessoais são egocêntricas, possuindo um foco intrapessoal, enquanto que aquelas guiadas por valores sociais possuem um foco interpessoal ou priorizam a vida em sociedade (Gouveia, 2003). Coerente com esta perspectiva, na presente teoria é concebido que as pessoas enfatizam elas mesmas ou o grupo como a unidade principal de sobrevivência (Gouveia & cols., 2008), sendo, desta forma, seus comportamentos guiados por uma orientação pessoal ou social, respectivamente.

Contudo, indo mais além de Rokeach (1973), Gouveia (1998, 2003) defendeu a existência de um terceiro tipo de orientação, denominada como *central*. Concretamente, em revisão de estudos empíricos sobre os valores este autor observou que existiam valores que não eram especificamente *pessoais* ou *sociais*, embora congruentes com ambos. Tais valores foram denominados como *centrais* por se apresentarem entre os outros dois tipos de orientação, compreendendo a base estruturante ou o ponto de referência dos demais valores. A centralidade destes valores não é situacional, isto é, não se deve ao juízo que as pessoas fazem acerca de sua importância (Verplaken & Holland, 2002); é, por outro lado, uma qualidade inerente de um conjunto de valores, uma característica ou propriedade que eles têm.

O leitor poderá se indagar se os valores *centrais* não seriam os mesmos que os *mistos*, como entendidos por Schwartz (1992; Schwartz & Bilsky, 1987). Neste ponto é importante diferenciá-los. O que este autor denomina como valores ou, mais adequadamente, tipos motivacionais *mistos*, representam dois conjuntos específicos: *segurança* e *universalismo*. Gouveia, Chaves, Dias, Gouveia e Andrade (2003) já alertavam a abrangência destes tipos motivacionais, que incluíam mais de uma ideia, o que justifica a nomenclatura de valores mistos. De fato, recentemente esta hipótese foi testada pelo próprio Schwartz que, embora tenha indicado que poderiam ser

considerados tipos específicos, seus resultados parecem corroborar a possibilidade de tratar diferentes valores dentro destas categorias mais amplas (Schwartz & Boenke, 2004). Por exemplo, *segurança* envolve um elemento pessoal (por exemplo, *limpo, saudável*) e outro mais grupal (por exemplo, *ordem social, segurança nacional*).

Os valores *centrais* contam com fundamentação teórica e suporte empírico. Concretamente, no que se refere ao primeiro aspecto, destaca-se que eles são a base a partir da qual são definidos os demais valores, representando cognitivamente a polarização de necessidades mais básicas (por exemplo, comer, dormir, beber) e aquelas de ordem mais elevada (por exemplo, cognitivas, estéticas, autorrealização). No plano empírico, comumente tem sido observado que tais valores se apresentam entre aqueles *pessoais* e *sociais* (Gouveia & cols., 2011), assim como podem ser um reflexo da variação de indicadores sociais e econômicos (Fischer, Milfont & Gouveia, no prelo). Portanto, são legítimos e, em certa medida, diferentes daqueles nomeados como valores *mistos*, embora não sejam opostos (Gouveia, 2003).

Em resumo, a função dos valores como princípios que guiam o comportamento humano pode ser definida como a dimensão *tipo de orientação*, que é representada por três critérios valorativos: *pessoal, central* e *social*. Estes abarcam a tipologia de valores terminais, como proposta por Rokeach (1973), incluindo uma dimensão então não considerada (valores *centrais*), que diferente da proposta de valores *mistos* (Schwartz, 2006).

3.2.2 A função de expressar as necessidades humanas: Tipos de motivadores

Segundo Gouveia e cols. (2009, 2010), mesmo não havendo uma correspondência perfeita entre necessidades e valores, é possível concebê-los como representando cognitivamente as necessidades humanas. De fato, esta ideia não é nova

(Maslow, 1954; Parsons, 1951); como anteriormente descrito, Inglehart (1977, 1989) foi um dos autores que mais diretamente a teve em conta, propondo dois tipos de valores culturais para representar as necessidades mais básicas (*materialismo*) e as mais avançadas (*pós-materialismo*). Outros autores também consideraram esta possibilidade, mas sem uma base teórica sólida em termos do modelo de necessidades que tinham em conta, admitindo tanto necessidades positivas como negativas e concebendo os valores como transformações delas (Rokeach, 1973; Schwartz & Bilsky, 1987).

Claramente, Gouveia (1998, 2003) tomou como referência principal o conjunto de necessidades descritas por Maslow (1954). Embora Gouveia não tenha defendido sua tese de hierarquia das necessidades, estimando que unicamente uma necessidade mais avançada teria lugar se suprida uma imediatamente mais básica, considerou pertinente a visão maslowniana. Coerente com seu esquema conceitual, esta perspectiva das necessidades admitia a natureza humana como benévola, propondo tipos diferentes de necessidades que têm abarcado adequadamente diversos modelos (Ronen, 1994). Mesmo com proposta recente de modificar sua estrutura piramidal, incluindo algumas necessidades [por exemplo, busca e manutenção de parceiro(a)] e excluindo outras (por exemplo, autorrealização) (Kenrick & cols., 2010), não há comprometimento no conjunto de valores que são demandados para representá-las.

Gouveia e seus colaboradores (Gouveia, 2003; Gouveia & cols., 2010, 2011) indicam que os valores podem ser classificados como *materialistas* (*pragmáticos*) ou *humanitários* (*idealistas*) (Inglehart, 1977; Marks, 1997), segundo as necessidades que representam cognitivamente. Os valores *materialistas* ou *pragmáticos* evidenciam ideias práticas, um pensamento mais voltado para o aqui e agora, visando um interesse imediato e a observância de condutas que atendam a padrões culturais vigentes. Quem se pauta por estes valores costuma apresentar uma orientação para metas específicas e

regras normativas, dando importância à sua própria existência e as condições nas quais esta pode ser assegurada. Por outro lado, os valores *humanitários* ou *idealistas* representam uma orientação universal, baseada em princípios e ideias abstratos, sem um foco imediato. Quem se pauta por tais valores tende a ter uma visão mais ampla e madura da vida, desfrutando do prazer de existir e estando aberto a possibilidades e mudanças.

Em resumo, a segunda função dos valores é dar expressão cognitiva às necessidades humanas, correspondendo à dimensão valorativa *tipo de motivador*, que se divide em *materialista* e *idealista*.

3.3 As subfunções valorativas: Estrutura e conteúdo

Conforme foi previamente descrito, os valores humanos apresentam duas dimensões principais: *tipo de orientação* e *tipo de motivador*. A primeira dimensão é formada por três tipos de orientação (*pessoal*, *central* e *social*), enquanto a segunda abarca dois tipos de motivador (*materialista* e *idealista*). O cruzamento destas duas funções permite identificar um modelo 3 x 2 dos valores, representado na Figura 2.

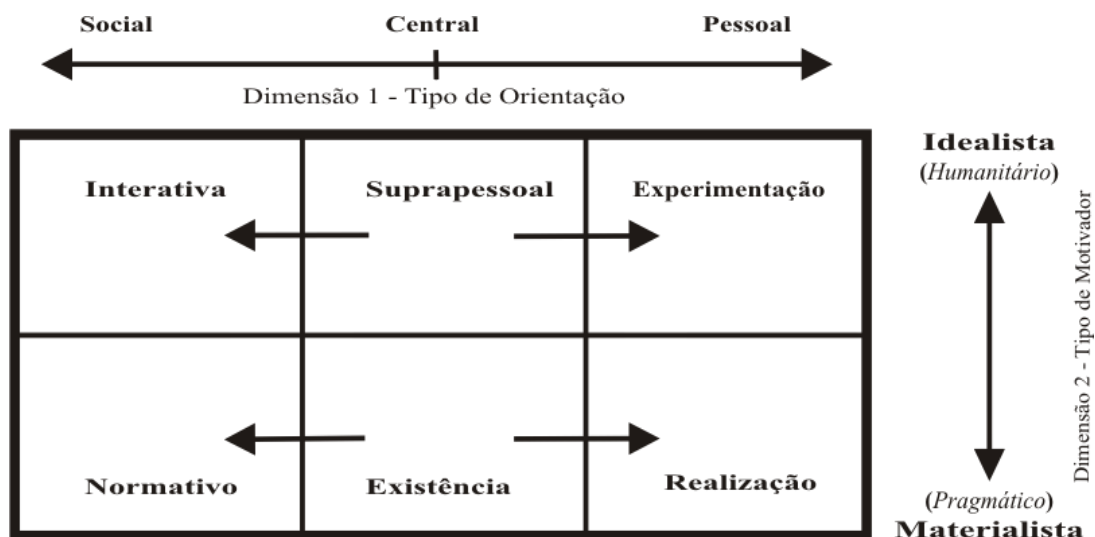


Figura 2. Facetas, dimensões e subfunções dos valores básicos.

De acordo com esta figura, são teorizados dois eixos principais a partir dos quais os valores se estruturam. O eixo horizontal corresponde à função de guia do comportamento humano, representando a dimensão *tipo de orientação*, subdividindo-se em três (*peçoal*, *central* e *social*). O eixo vertical define a função de representar cognitivamente as necessidades humanas, denominado de *tipo de motivador*, estando subdividido em dois tipos (*materialista* e *idealistas*). Quando combinadas (cruzadas), estas duas dimensões principais dão origem a seis subfunções valorativas, representadas nos quadrantes indicados: social-materialista (*subfunção normativo*), social-idealista (*subfunção interativa*), central-materialista (*subfunção existência*), central-idealista (*subfunção suprapessoal*), pessoal-materialista (*subfunção realização*) e pessoal idealista (*subfunção experimentação*). Percebe-se também que estas seis subfunções são distribuídas de maneira equitativa nos critérios de orientação social (*interativa* e *normativa*), central (*suprapessoal* e *existência*) e pessoal (*experimentação* e *realização*).

Portanto, como indica a teoria de Gouveia e seus colaboradores, as seis subfunções valorativas podem ser representadas estruturalmente em um delineamento 3 (tipos de orientações: *peçoal*, *central* e *social*) x 2 (tipos de motivador: *materialista* e

idealista). Além disso, sugere-se que as setas partindo da orientação *central* (subfunções *existência* e *suprapessoal*) indicam que esta compreende a referência para os demais valores, apresentando-se como a "espinha dorsal" ou a fonte principal a partir da qual têm lugar os demais valores. Isso é assim precisamente porque este tipo de orientação evidencia a polarização entre as necessidades mais básicas (por exemplo, comer e beber) e aquelas de ordem mais elevada (por exemplo, cognitivas e estéticas).

Em resumo, a *Teoria funcionalista dos valores humanos* (Gouveia, 2003; Gouveia & cols., 2011) considera somente valores terminais e positivos, coerente com as concepções de que os valores são desejáveis e o homem é um ser benevolente, respectivamente. Propõem-se duas dimensões principais dos valores (*tipo de orientação* e *tipo de motivador*), que são combinadas para dar origem a seis subfunções valorativas (*experimentação, realização, existência, suprapessoal, interativa e normativa*), que podem ser representadas em um espaço dimensional. Nele os valores que correspondem ao tipo de orientação pessoal estariam de um lado e aqueles que cobrem a orientação social apareceriam de outro; entre ambos figurariam os valores centrais; os valores materialistas e individualistas ocupariam regiões diferentes neste espaço. Esta formulação corresponde à *hipótese de estrutura*, que pode ser formal e estatisticamente testada, por exemplo, por meio de *escalonamento multidimensional*.

Além da hipótese supracitada, nesta teoria se admite também a *hipótese de conteúdo*. Concretamente, parte-se da concepção de que as subfunções, derivadas das funções valorativas, são estruturas latentes, variáveis hipotéticas ou não observadas diretamente. Portanto, elas precisam ser representadas por marcadores ou valores específicos. Precisamente, o *conteúdo dos valores* diz respeito à adequação de valores específicos para representar as funções e, conseqüentemente, as subfunções correspondentes. Gouveia e cols. (2011) indicam que, apesar de não ser extensa a lista

de valores constante no instrumento derivado de sua teoria, eles representam alguns dos mais citados na literatura (Braithwaite & Scott, 1991).

A seguir é descrita cada subfunção, considerando o *tipo de orientação* e o *tipo de motivador* que representam, indicando os valores específicos ou marcadores comumente empregados para representá-las. Tendo em conta que os valores *centrais* são a base ou a referência a partir da qual os demais valores têm origem (Gouveia & cols., 2011), principia-se a apresentação com as subfunções correspondentes (*existência* e *suprapessoal*), com as respectivas subfunções que descrevem, respectivamente, valores *materialistas* e *idealistas*.

Subfunção existência. Compreende os valores mais claramente definidores do motivador *materialista*. Esta subfunção representa a necessidade mais básica de sobrevivência do homem (biológica e psicológica), além da necessidade de segurança (Maslow, 1954). Reúne valores que são compatíveis com as orientações pessoal e social, sendo, portanto, considerados *centrais*. Conforme previamente indicado, esta subfunção serve de referência para as de *realização* e *normativa*, que serão as seguintes a serem consideradas. Os seguintes valores constituem a subfunção *existência*:

Sobrevivência. É o valor mais relevante para pessoas socializadas em contextos de escassez ou aquelas que não têm à sua disposição recursos econômicos básicos. Representa as necessidades humanas mais básicas, como comer e beber.

Estabilidade pessoal. Sua ênfase está na vida organizada e planejada. Pessoas que se guiam por este valor procuram garantir sua própria sobrevivência, tendo uma vida que seguem padrões fixos, focada em aspectos práticos, orientada para o imediato. Está evidente a necessidade de segurança, procurando ter uma vida controlada.

Saúde. As pessoas que se guiam por este valor buscam obter um elevado grau de saúde, evitando coisas que podem ser uma ameaça para sua vida. Neste contexto, a

saúde é mais do que não estar doente; compreende o aspecto também subjetivo, de sentir-se bem, não estar enfermo e evitar o que possa comprometer sua saúde. Neste caso, parece evidente a representação das necessidades de sobrevivência e segurança.

Subfunção realização. Os valores desta subfunção representam o motivador *materialista*, porém têm uma orientação *pessoal*. Pessoas orientadas por tais valores focam realizações materiais e pessoais, sendo imediatistas, focadas no aqui e agora. Estes representam as necessidades de autoestima (Maslow, 1954), dando importância à hierarquia quando baseada em demonstração de competência pessoal (Gouveia & cols. 2011). Tais valores, estima-se, são típicos de jovens adultos, em fase produtiva, ou indivíduos educados em contextos rígidos em termos disciplinares e formais (Rokeach, 1973). Os seguintes valores a representam:

Êxito. A ênfase é ser eficiente e alcançar as metas definidas, sobretudo, a curto e médio prazo. As pessoas que adotam este valor têm o ideal de sucesso e são orientadas nesta direção, primando pela competitividade, buscando benefícios pessoais que as façam se sentirem destacadas das demais.

Poder. Representa a ênfase dada ao princípio da hierarquia. Este valor é menos social que os outros dois desta subfunção, sendo mesmo desconsiderado ou rejeitado por pessoas que contam com formação escolar e nível socioeconômico elevados. Importa ser o chefe, controlando as decisões.

Prestígio. A ênfase deste valor diz respeito ao contexto social. A pessoa deseja ter sua imagem pessoal reconhecida publicamente, razão que a faz dar importância aos demais, porém com propósitos não eminentemente sociais, mas pessoais, de interesse próprio, visando desfrutar das vantagens do reconhecimento social.

Subfunção normativa. Como a subfunção anteriormente tratada, esta representa o motivador *materialista*, porém com orientação claramente social, focada na

observância de normas sociais. Representa a necessidade de controle e as condições para alcançar todas as necessidades humanas (Maslow, 1954), correspondendo às demandas institucionais e sociais (Schwartz, 1992). Geralmente, são as pessoas mais velhas as que se guiam por tais valores (Rokeach, 1973; Tamayo, 1988), seguindo normas convencionais e, conseqüentemente, apresentando menor número de comportamentos socialmente desviantes (Pimentel, 2004; Santos, 2008). Os valores a seguir podem ser empregados para representar esta subfunção:

Obediência. Evidencia a importância de obedecer e cumprir deveres e obrigações diárias, respeitando os pais e as pessoas mais velhas. É um valor típico de pessoas com mais idade e/ou educadas em sistema mais tradicional, orientado para seguir normas estritas.

Religiosidade. Representa a necessidade de controle para lidar com realidades adversas; não depende de qualquer preceito religioso. Unicamente há o reconhecimento de uma entidade ou ser superior em quem se busca certeza e harmonia social para uma vida social pacífica.

Tradição. Representa a pré-condição de disciplina no grupo ou na sociedade como um todo para satisfazer as necessidades. Sugere respeito aos padrões morais seculares e contribui para a harmonia social. Portanto, pessoas que se guiam por este valor dão importância à manutenção de padrões culturais prevaletentes, nos quais foram socializadas por seus pais e mestres.

Subfunção suprapessoal. Esta apresenta uma orientação *central* e um motivador *idealista*. Seus valores representam as necessidades de estética e cognição, bem como a necessidade superior de autorrealização (Maslow, 1954), que ajuda a categorizar o mundo de forma consistente. Tal subfunção acentua a importância de ideias abstratas, com menor ênfase em coisas concretas e materiais (Inglehart, 1977). Estima-se que

estes sejam os valores mais importantes entre aqueles que apresentam um motivador idealista. Guiar-se por esta subfunção é coerente com as orientações pessoal e social, sendo, portanto, considerados como *centrais*, dando origem às outras duas subfunções com este tipo de motivador: *experimentação* e *interativa*, que serão posteriormente consideradas. Os seguintes valores podem ser utilizados para representar tal subfunção:

Beleza. Claramente representa as necessidades estéticas, porém evidenciando uma orientação global, desconectada de objetos ou pessoas específicos. Os que se guiam por este valor buscam apreciar o que é belo, com independência da natureza do objeto (material ou imaterial), não se limitando a questões pragmáticas.

Conhecimento. Representa as necessidades cognitivas, tendo um caráter mais universal, abrangente, não se limitando à dicotomia pessoal – social. Quem enfatiza este valor busca conhecimentos novos, estando atualizado, procurando descobrir fatos e ideias. Não se restringe ao conhecimento como desempenho, mas uma indicação de saber, reunindo informações sobre temas vários.

Maturidade. Representa a necessidade de autorrealização. Descreve um sentido de satisfação consigo mesmo, percebendo-se útil na vida, tendo encontrado um sentido existencial. Indivíduos pautados por este valor tendem a apresentar uma orientação universal, não se restringindo a pessoas ou grupos específicos, nem se limitando a coisas e bens materiais.

Subfunção experimentação. Como a subfunção *suprapessoal*, esta representa um motivador *idealista* (*humanitário*), porém com uma orientação *pessoal*. Seus valores representam as necessidades de sexo e gratificação, compreendendo a suposição do princípio do prazer (hedonismo; Maslow, 1954). Tais valores contribuem para a promoção de mudança e inovação na estrutura das organizações sociais, sendo mais endossados por jovens. Os que se guiam por eles são menos prováveis se conformarem

com regras sociais (Santos, 2008), não sendo orientados em longo prazo para alcançarem metas fixas e materiais. Podem compor esta subfunção os seguintes valores:

Emoção. Este valor representa a necessidade fisiológica de excitabilidade e busca de experiências perigosas, arriscadas, algo equivalente ao tipo de personalidade “buscador de sensações” (Zuckerman, 1994). Comumente, jovens são os que mais priorizam este valor (Chaves, 2004).

Prazer. Corresponde à necessidade orgânica de satisfação em um sentido mais amplo (por exemplo, beber ou comer por prazer, divertir-se). Embora se possa imaginar algo material, a ênfase não é em qualquer coisa concreta; interessa aproveitar a vida, desfrutar os prazeres ao máximo. Possivelmente, as pessoas que priorizem este valor apresentem mais comportamentos socialmente desviantes, fruto da busca do prazer inerente ao tipo de personalidade anteriormente descrito (Pimentel, 2004).

Sexualidade. Este valor representa a necessidade de sexo. É comum na literatura tratá-lo como um item ou um fator de moralidade religiosidade (Braithwaite & Scott, 1991). Apesar de na tipologia de Maslow (1954) ser possível pensar nesta necessidade como fisiológica, básica, remetendo a aspecto material, recentemente têm sido reunidas evidências de que a sexualidade não pode ser enquadrada neste tipo de necessidade (Kenrick & cols., 2010). Não se constitui em algo estritamente fisiológico, deficitário, mas como uma escolha, sobretudo no contexto de busca de parceiro(a) e obtenção de prazer, entendido como desfrute da vida

Subfunção interativa. Esta é outra subfunção que representa o motivador *idealista*, mas tem uma orientação claramente *social*. Representa cognitivamente as necessidades de pertença, amor e afiliação (Maslow, 1954), enfatizando estabelecer e manter as relações entre as pessoas. Contatos sociais são uma meta em si mesmos, enfatizando características mais afetivas e abstratas. Os indivíduos que adotam esta

função como princípio-guia em suas vidas frequentemente são jovens e orientados para relações íntimas estáveis, sobretudo em fase de busca e manutenção de parceiro(a), isto é, na constituição familiar (Kenrick & cols., 2010; Milfont, 2001). Podem ser empregados para representar esta subfunção os seguintes valores:

Afetividade. Este valor está relacionado com aspectos da vida social, enfatizando relacionamentos íntimos, afetos, relações familiares, compartilhamento de cuidados, prazeres e tristezas. Representa, principalmente, a necessidade de amor.

Apoio social. Enfatiza a necessidade de afiliação, destacando-se a segurança que pode ser proporcionada ao contar com o apoio dos demais ao redor. No caso, expressa o sentimento de não estar sozinho no mundo e, quando necessitar, obter ajuda das demais pessoas.

Convivência. Não representa as relações interpessoais específicas, mas a relação indivíduo-grupo. Requer um sentido de identidade social, indicando a ideia de pertença a um grupo social.

Em resumo, esta teoria admite, além de uma *hipótese de estrutura*, uma *hipótese de conteúdo*. Esta corresponde a dois aspectos formais: (a) indica a existência de seis subfunções valorativas e (b) sugere um conjunto específico de valores que representam cada uma destas subfunções. A comprovação desta hipótese pode ser levada a cabo, comumente, por meio de análise fatorial confirmatória. Apesar de a *estrutura* e o *conteúdo* dos valores corresponderem a aspectos centrais desta teoria, que serão considerados diretamente na presente tese, há outra parte da teoria que, embora não será avaliada, deve ser sumariamente descrita, representando inovações em relação a outros modelos teóricos sobre os valores.

3.4 As subfunções valorativas: *Congruência e compatibilidade*

Gouveia e seus colaboradores propõem dois conceitos que, embora não sejam contraditórios, demandam considerar aspectos diferentes no momento de (a) compreender a estrutura interna ou o sistema dos valores (*hipótese da congruência*) e (b) avaliar o padrão de associação dos valores com outros construtos (*hipótese da compatibilidade*) (Gouveia & cols., 2008; Gouveia & cols., 2011). Conforme estes autores, neste ponto também sua teoria se diferencia daquela que propõe Schwartz (1992), quem trata (*in*)congruência e (*in*)compatibilidade como conceitos equivalentes. Contrariamente, na *Teoria funcionalista dos valores humanos* estes conceitos são diferenciados. Especificamente, *congruência* diz respeito à consistência interna do sistema funcional dos valores, isto é, quão fortes são as correlações entre as subfunções valorativas. Por outro lado, *compatibilidade* se refere à correlação dos valores com critérios ou variáveis externos, equivalendo aos padrões de relação entre valores e variáveis antecedentes e consequentes. A *congruência* é a seguir considerada.

Coerente com o modelo teórico destes autores, que admite a natureza benevolente do ser humano, existindo apenas valores positivos, estimou-se que as correlações entre todos os valores seriam positivas. Contudo, poderiam variar segundo o grau de maturidade sócio-cognitiva das pessoas. Possivelmente, aquelas que são mais maduras, comumente também mais velhas, autorrealizadas, apresentam maior grau de congruência; as mais jovens, principalmente os adolescentes que ainda estão definindo seu sistema valorativo, apresentam menor congruência. Porém, o padrão de congruência não se define apenas em razão do grau de maturidade das pessoas, sendo preponderante conhecer o que as subfunções compartilham em termos de *tipos de orientação* e *tipos de motivador*. A Figura 3 a seguir ajudará a mapear os graus de congruências entre as subfunções valorativas.

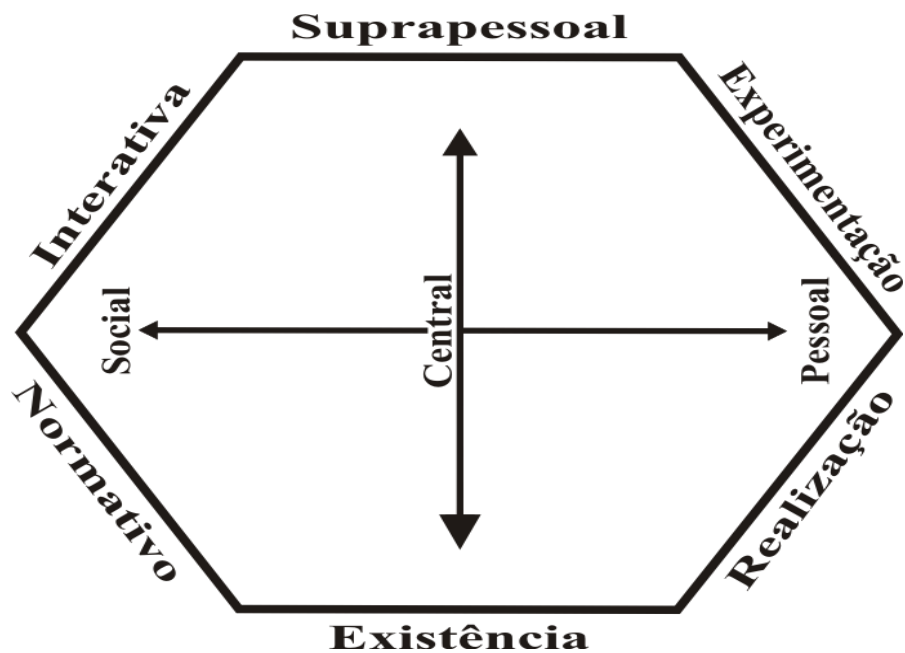


Figura 3. Congruência das subfunções valorativas (Gouveia & cols., 2008, p. 11).

Como é possível observar, a *hipótese da congruência* entre as subfunções valorativas pode ser adequadamente representada pela figura de um hexágono. Considerando a proximidade entre cada par de subfunção, os autores da teoria sugerem que há três níveis de congruência: baixa, moderada e alta, detalhadas a seguir:

Congruência baixa. Corresponde às subfunções que têm orientações e motivadores diversos; estes se encontram em lados opostos no hexágono. Portanto, os pares *realização – interativa* e *normativa – experimentação* apresentam baixa congruência. No caso, a baixa congruência se deve à independência, mas sem expressar incompatibilidade enquanto princípios-guia, destes pares de subfunções.

Congruência moderada. É caracterizada por valores que apresentam o mesmo motivador, porém tipos diferentes de orientações; os pares de subfunções *realização – normativa* e *experimentação – interativa* expressam este nível de congruência.

Congruência alta. Agrupa as subfunções que possuem a mesma orientação, mas com motivadores diferentes. Estas expressam o padrão de máxima congruência, sendo

representada por subfunções que aparecem em lados adjacentes do hexágono, correspondendo aos pares *realização – experimentação* e *normativa – interativa*.

O fato de duas subfunções valorativas não serem incluídas, especificamente, *existência* e *suprapessoal*, é explicado por Gouveia e cols. (2011) em razão de serem a fonte ou a base que dá origem às demais subfunções, apresentando correlações fortes e positivas com todas elas (Gouveia & cols., 2009; Gouveia & cols., 2011). Além disso, destacam que existe outro aspecto que justifica a não inclusão de tais subfunções, a saber: o fato de a distinção principal teórica dos valores se situar na distinção de valores sociais e pessoais (Gouveia & cols., 2003; Rokeach, 1973), e não na dicotomia de valores materialistas e idealistas. A comprovação da *hipótese da congruência* é feita comparando as correlações médias entre os valores que conformam cada um dos graus de congruência.

Em resumo, a teoria de Gouveia e colaboradores contempla as hipóteses de *conteúdo* e *estrutura*, tratadas também no modelo de Schwartz (1992, 2005); adicionalmente, contribui com a distinção entre *congruência* e *compatibilidade* dos valores, oferecendo, inclusive, um cálculo de graus de congruência. Neste sentido, testar dois de seus aspectos principais, isto é, *conteúdo* e *estrutura*, tanto intra como transculturalmente, parece ser algo relevante, sobretudo quando existe apenas uma publicação a respeito realizada com dados de uma única cultura (Gouveia & cols., 2011). Desta forma, levaram-se a cabo dois estudos empíricos, os quais são tratados nos dois capítulos a seguir.

PARTE II – ESTUDOS EMPÍRICOS

CAPÍTULO IV. TESTANDO A TEORIA FUNCIONALISTA DOS VALORES HUMANOS NO BRASIL

4.1 Introdução

O empenho em conhecer o conteúdo e a estrutura dos valores humanos não é recente (Gouveia, 1998; Gouveia & cols., 2011). De fato, já na década de 1970 tiveram lugar alguns esforços nesta direção (Braithwaite & Law, 1985; Kohn, 1977; Rokeach, 1973; Schwartz, 1992). Conforme descrito no *Capítulo II* desta tese, quanto às perspectivas de estudo dos valores nos níveis cultural e individual, têm sido propostas diversas estruturas, algumas com certa convergência entre si (Ros & Gouveia, 2006).

Embora não sejam os únicos, como antes comentado, na perspectiva cultural dos valores podem ser citados dois modelos principais: (a) aquele que apresenta Inglehart (1977), no qual sugere que os valores podem ser reunidos em dois pólos (muitas vezes se concebem como dimensões) denominados como *materialista* e *pós-materialista*, e (b) o modelo proposto por Hofstede (1984), que descreve quatro padrões de variação cultural ou fatores, nomeados como *distância do poder*, *masculinidade-feminilidade*, *evitação de incertezas* e *individualismo-coletivismo*. Esta última se popularizou, traduzindo uma dicotomia antiga cujo foco era o indivíduo (individualista) ou o grupo (coletivista) (Tönnies, 1887 / 1979).

Na perspectiva individual, são bastante conhecidos os modelos teóricos de Rokeach (1973) e Schwartz (1992). No primeiro, os valores são concebidos ou classificados em *instrumentais* (*de competência* e *morais*) ou *terminais* (*pessoais* e *sociais*), enquanto que no segundo os valores se apresentam como marcadores, agrupados em dez *tipos motivacionais* (*autodireção*, *belevolência*, *conformidade*, *estimulação*, *hedonismo*, *poder*, *realização*, *segurança*, *tradição* e *universalismo*). Neste mesmo contexto, teve lugar nos últimos anos o modelo teórico proposto por Gouveia e seus colaboradores (Gouveia, 1998, 2003; Gouveia, Andrade, Jesus, Meira, & Soares, 2002; Gouveia & cols., 2008, 2009, 2010, 2011; Gouveia, Fischer & Milfont,

2009; Milfont, Gouveia & Fischer, 2008), tratado no *Capítulo III*. Embora tenha se mostrado integradora e mais parcimoniosa do que outros modelos, como os de Rokeach e Schwartz (Gouveia, 2003), mostrando-se eficaz para explicar diversos fenômenos psicossociais (Aquino, 2009; Baracuh, 2009; Coelho, 2009; Coelho Junior, 2001; Diniz, 2009; Medeiros, 2008; Pimentel, 2004; Santos, 2008; Vasconcelos, 2004), não se tem notícias acerca de um estudo em que esta tenha sido amplamente testada no Brasil e em outros países.

A *Teoria funcionalista dos valores humanos* não deve ser encarada como oposta aos demais modelos teóricos, mas sim como uma contribuição ao tema dos valores (Gouveia & cols., 2011). Ela permite repensar ausências de dimensões em Schwartz (1992), como a subfunção *existência*, bem como evita duplicações de tipos motivacionais, a exemplo de *conformidade-tradição* e *realização-poder*, que podem ser adequadamente representados pelas subfunções *normativa* e *realização*, respectivamente (Gouveia, 2003). Também faz possível contar com uma dimensão valorativa que representa os tipos motivadores, superando a dicotomia estrita de *materialismo* e *pós-materialismo* (Inglehart, 1977, 1991), pois considera três subfunções que aproximadamente representam cada polo destes.

Diante deste contexto, o presente estudo visou contribuir com o tema dos valores humanos, sobretudo ao reunir evidências empíricas acerca de sua adequação no Brasil. Portanto, este foi seu *objetivo principal*. Especificamente, buscou-se testar as *hipóteses de conteúdo* (*Hipótese 1*), que prediz que as seis subfunções, derivadas do cruzamento das duas funções principais propostas (tipos de *orientação* e *motivador*), podem ser representadas adequadamente por três indicadores ou valores específicos; e a *hipótese de estrutura* (*Hipóteses 2*), que prediz que os valores *centrais* estarão situados entre os *pessoais* e *sociais* (*Hipótese 2a*), e que os valores *materialistas* e *idealistas* se

organizarão em um espaço bidimensional, ocupando regiões opostas (*Hipótese 2b*). Pretende-se ainda (a) verificar se a *estrutura* e o *conteúdo* dos valores se mantêm invariantes através das regiões brasileiras, (b) reunir evidências dos parâmetros psicométricos das subfunções valorativas [validades convergente e discriminante, homogeneidade e consistência interna dos fatores (Alfa de Cronbach, Confiabilidade Composta)] e (c) conhecer os valores endossados pelos brasileiros, comparando-os segundo sua região de moradia.

4.2 Método

4.2.1 Participantes

Participaram deste estudo 34.020 pessoas dos 27 estados brasileiros provenientes de 24 estudos realizados independentemente. Estas tinham idade média de 29,3 anos ($dp = 13,38$; amplitude de 8 a 86 anos), quase igualmente distribuídos quando a sexo (51,4% homens). Entre aqueles que foram indagados quando ao seu estado civil e responderam (34,4%), a maioria indicou ser solteira (78,3%). Tratou-se de uma amostra não-probabilística, isto é, de conveniência, tendo participado as pessoas que, quando convidadas, aceitaram colaborar voluntariamente. A seguir são apresentadas as características demográficas dos participantes segundo sua região de moradia:

Região Norte

Esta foi composta por 2.328 participantes dos sete estados que a conformam, apresentando idades entre 17 e 71 ($m = 29,8$, $dp = 11,21$), sendo a maioria do sexo feminino (60,3%) e solteira (66%). Quanto ao grau de religiosidade dos participantes, 29,9% se autodenominaram como “muito religiosos” e 19,8% como “medianamente

religiosos”; 47,6% não responderam este item. Uma descrição mais detalhada a respeito das características demográficas destes participantes pode ser vista na Tabela 5.

Tabela 5. Características demográficas dos estados da região Norte.

ESTADO	n	SEXO		ESTADO CIVIL		
		Masculino	Feminino	Solteiro	Casado	Divorciado
Acre	186	111	75	--	--	--
Amapá	358	136	220	206	66	19
Amazonas	461	187	270	129	46	15
Pará	442	185	254	166	19	9
Rondônia	296	100	192	129	61	15
Roraima	260	88	167	109	99	14
Tocantins	325	109	213	131	73	12
TOTAL	2.328	916	1.391	870	364	84

A respeito de idades médias, observaram-se os seguintes valores para os sete estados desta região: Amapá ($m = 28,2$, $dp = 10,16$), Amazonas ($m = 28,7$, $dp = 10,37$), Acre ($m = 29,4$, $dp = 12,79$), Roraima ($m = 30,0$, $dp = 9,16$), Pará ($m = 30,5$, $dp = 12,14$), Tocantins ($m = 30,8$, $dp = 11,47$) e Rondônia ($m = 31,5$, $dp = 12,14$).

Região Nordeste

Desta área do território nacional participaram 17.431 pessoas, as quais apresentaram idades variando de 8 a 86 anos ($m = 23,2$, $dp = 11,61$), sendo a maioria do sexo feminino (56,1%) e solteira (35,1%; destaca-se que para 55,7% dos participantes não se dispôs desta informação). Na Tabela 6 são oferecidos mais detalhes a respeito.

Tabela 6. Características demográficas dos estados da região Nordeste.

ESTADO	N	SEXO		ESTADO CIVIL		
		Masculino	Feminino	Solteiro	Casado	Divorciado
Alagoas	350	142	208	131	28	8
Bahia	873	491	382	-	-	-
Ceara	839	457	378	161	32	9
Maranhão	398	219	174	100	65	10
Paraíba	12.706	5.253	7.398	4.866	978	280
Pernambuco	628	322	305	185	24	6
Piauí	554	223	326	304	83	23
Rio Grande do Norte	398	193	204	156	31	4
Sergipe	685	219	234	212	17	17
TOTAL	17.431	7.519	9.609	6.115	1.258	357

Com relação à idade dos participantes, o estado com a amostra mais jovem foi a Paraíba ($m = 20,1$, $dp = 9,62$), seguida dos seguintes estados: Piauí ($m = 29,2$, $dp = 10,94$), Sergipe ($m = 29,63$, $dp = 12,50$), Ceará ($m = 30,7$, $dp = 11,33$), Rio Grande do Norte ($m = 32,2$, $dp = 12,90$), Bahia ($m = 32,4$, $dp = 12,21$), Alagoas ($m = 33,3$, $dp = 11,41$), Pernambuco ($m = 34,8$, $dp = 12,10$) e, por fim, Maranhão ($m = 35,9$, $dp = 12,50$).

Região Centro-Oeste

Os participantes desta região totalizaram 2.735 pessoas, as quais apresentaram idade média de 31 anos ($m = 31,5$, $dp = 11,94$), tendo o mais jovem 16 e mais velho 78 anos. O sexo masculino correspondeu à maioria deles (53,9%), sendo a maioria solteira (82,9%) os que responderam a pergunta sobre estado civil. Informações detalhadas a respeito destas características podem ser observadas na Tabela 7.

Tabela 7. Características demográficas dos estados da região Centro-Oeste.

ESTADO	n	SEXO		ESTADO CIVIL		
		Masculino	Feminino	Solteiro	Casado	Divorciado
Brasília	775	448	327	173	20	11
Goiás	926	527	395	381	65	9
Mato Grosso	411	235	410	148	40	6
Mato Grosso do Sul	623	323	299	159	21	6
TOTAL	2.735	1.533	1.431	861	146	32

As médias de idade variaram de 28,1 ($dp = 10,77$; Goiás) a 33,8 ($dp = 11,59$; Distrito Federal); Mato Grosso e Mato Grosso do Sul tiveram médias de 32,8 ($dp = 11,84$) e 32,9 ($dp = 12,94$), respectivamente.

Região Sudeste

Compuseram esta região 8.554 participantes. Estes tinham idades variando de 17 a 85 anos ($m = 38,8$, $dp = 11,48$), sendo a maioria do sexo masculino (65,1%); a informação acerca do estado civil não foi obtida para a maioria deles (90%); informações mais detalhadas sobre tais características podem ser observadas na Tabela 8.

Tabela 8. Características demográficas dos estados da região Sudeste.

ESTADO	n	SEXO		ESTADO CIVIL		
		Masculino	Feminino	Solteiro	Casado	Divorciado
Espírito Santo	663	379	275	231	45	17
Minas Gerais	1.681	1.069	611	206	20	6
Rio de Janeiro	1.398	864	534	187	39	14
São Paulo	4.812	3.250	1.557	129	51	17
TOTAL	8.554	5.562	2.977	753	155	54

Estes participantes apresentaram as seguintes médias de idade, segundo o estado de moradia: Espírito Santo (33,6, $dp = 12,61$), Minas Gerais (35,8, $dp = 11,66$), Rio de Janeiro (38,7, $dp = 11,44$) e, finalmente, São Paulo (40,6, $dp = 10,80$).

Região Sul

Contou-se com a participação de 2.919 pessoas nesta região. Estes apresentaram idade média de 34,2 anos ($dp = 11,98$), sendo a maioria do sexo masculino (62,3%); entre os que foram demandados responder a pergunta sobre estado civil e o fizeram (654), a maioria indicou ser solteira (86,7%). Mais detalhes podem ser checados na Tabela 9 a seguir.

Tabela 9. Características demográficas dos estados da região Sul.

ESTADO	n	SEXO		ESTADO CIVIL		
		Masculino	Feminino	Solteiro	Casado	Divorciado
Paraná	1.197	763	434	155	9	9
Rio Grande do Sul	1.102	639	461	266	29	6
Santa Catarina	620	416	204	146	29	5
TOTAL	2.919	1.818	1.099	567	67	20

No caso da média de idade em anos dos participantes em função do seu estado de moradia, verificaram-se os seguintes valores: Paraná ($m = 32,9$, $dp = 11,39$), Rio Grande do Sul ($m = 34,7$, $dp = 12,43$) e Santa Catarina ($m = 35,7$, $dp = 12,04$).

Em resumo, constata-se variação considerável nos dados demográficos nos estados e regiões. Neste último caso, comprovam-se diferenças significativas em relação a duas das variáveis demográficas principais: (a) *Idade*. Os participantes mais jovens foram do Nordeste ($m = 23,2$, $dp = 11,61$) e os mais velhos aqueles do Sudeste ($m = 38,8$, $dp = 11,48$) [$F(4, 33.596) = 2.750,39$, $p < 0,001$]; e (b) *Sexo*. Observou-se maior

concentração de pessoas do sexo masculino no Sudeste (65,1%), sendo menos predominantes no Norte (39,7%) [χ^2 (4) = 1.318,28, $p < 0,001$].

3.2.2 Instrumentos

Conforme anteriormente comentado, os dados foram obtidos de 24 estudos independentes. Neste sentido, incluíram-se diversos instrumentos em cadernos que continham a medida de valores humanos, um ou mais construtos de interesse e informações demográficas (idade, estado civil e sexo). Considerando o foco desta tese, unicamente se descreve o instrumento para medir os valores.

O *Questionário dos Valores Básicos* foi elaborado inicialmente em português e espanhol, constando de 66 itens (Gouveia, 1998). Posteriormente, desenvolveu-se uma versão abreviada apenas em português, com 24 itens (Gouveia, 2003) e, mais recentemente, a que tem sido mais amplamente empregada, formada por 18 itens (Gouveia & cols., 2008). Embora exista também uma versão equivalente para crianças (Gouveia & cols., no prelo), todos responderam a versão geral (Anexo 1). Para cada item são apresentados dois descritores, procurando representar o conteúdo inerente do valor. Por exemplo, *saúde* é descrito em termos de “preocupar-se com sua saúde antes de ficar doente” e “não estar enfermo”, *tradição* sugere “seguir as normas sociais de seu país” e “respeitar as tradições de sua sociedade” e *prazer* reúne os descritores “desfrutar da vida” e “satisfazer todos os seus desejos”. Estes valores são distribuídos equitativamente nas seis subfunções valorativas, como antes foram descritas. Com o fim de respondê-los, o participante deve ler cada um com atenção e avaliar sua importância com um princípio-guia na sua vida, utilizando escala de sete pontos, variando de 1 (*Totalmente não importante*) a 7 (*Totalmente importante*).

4.2.3 Procedimento

Pesquisadores nos diversos estados foram convidados a colaborar com um projeto amplo de pesquisa sobre valores humanos e seus correlatos, podendo incluir outras medidas de seu interesse, além daquela de valores. As aplicações dos questionários eram feitas individual e coletivamente, geralmente em ambiente coletivo (por exemplo, em sala de aula, empresas), tendo sido levadas a cabo de 2002 a 2010. Todos os instrumentos foram autoaplicáveis, contendo as instruções necessárias para proceder às respostas. Porém, sempre ao menos um pesquisador esteve presente para dirimir as dúvidas, esclarecendo quanto à forma de responder, eximindo-se de detalhar os conteúdos. Os participantes foram informados que suas respostas seriam tratadas no conjunto, de modo a garantir a confidencialidade destas e seu anonimato. Portanto, não foram solicitados a indicar nome ou qualquer outra informação que visasse identificá-los. Não obstante, os maiores de 18 anos tiveram que assinar um *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (Anexo II), que, no caso dos menores de idade, foi substituído por termo correspondente, assinado pelos pais e/ou responsáveis. Ressalta-se que este projeto teve aprovação do comitê de ética do Hospital Universitário Lauro Vanderley (HU/ UFPB; Proc. 0011; Anexo 7). Sua participação no estudo variou conforme a pesquisa, sendo, em média, de 20 a 30 minutos.

4.2.4 Análises de dados

Os seguintes programas estatísticos foram usados para realizar as análises estatísticas dos dados: *AMOS* e *PASW* (ambos em suas versões 18). Com o *AMOS* foram realizadas as análises fatoriais confirmatórias (*AFCs*), procurando (a) testar a *hipótese de conteúdo*, (b) checar a validade de construto (validades convergente e discriminante, e confiabilidade composta) e (c) invariância fatorial (Byrne, 2001, 2004;

Joreskog & Sörbom, 1989). Em se tratando do teste desta hipótese, os seguintes indicadores de ajuste foram tidos em conta (Browne & Cudeck, 1993; Hu & Bentler, 1999; Pilati & Laros, 2007; Tabachnick & Fidell, 2007):

χ^2 (*qui-quadrado*). Testa a probabilidade de o modelo teórico se ajustar aos dados; quanto maior este valor, pior o ajustamento. Este, por ser sensível ao tamanho da amostra (amostras grandes, isto é, $n > 200$ podem favorecer descartar um modelo adequado), deve ser interpretado com alguma reserva, valendo-se de sua razão em relação aos graus de liberdade ($\chi^2/\text{g.l.}$). Este valor precisará ser entre 2 e 3, preferencialmente, admitindo-se até 5. Contudo, a prática sugere que poderá padecer de viés quando a amostra for superior a 1.000 participantes. Em todo caso, esta estatística pode ser útil para comparar modelos rivais, tomando em conta a mesma amostra.

Goodness-of-Fit Index (GFI). Este indicador, como sua versão ponderada (*Adjusted Goodness-of-Fit Index, AGFI*), funciona como a estatística R^2 na análise de regressão, representando o quanto da matriz de variância-covariância dos dados pode ser explicada pelo modelo teórico testado. Seus valores oscilam entre 0 (zero; ajuste nulo) e 1 (um; ajuste perfeito), admitindo-se como aceitáveis aqueles próximos ou superiores a 0,90.

Comparative Fit Index (CFI). Compreende um indicador comparativo, adicional, de ajuste do modelo. Seus valores variam de 0 (zero; ajuste nulo) a 1 (um; ajuste perfeito), sendo admitidos os que são próximos ou superiores a 0,90 como indicativo de ajuste aceitável.

Root-Mean-Square Error of Approximation (RMSEA). Este tem em conta intervalo de confiança de 90% (*IC90%*), referindo-se aos residuais entre o modelo teórico estimado e os dados empíricos obtidos. Valores altos são indicativos de um modelo não ajustado, recomendando-se valores próximos ou inferiores a 0,05; 0,08 é

um valor comumente aceito, admitindo-se até 0,10 como referência de um modelo aceitável.

Com o fim de comparar os modelos alternativos foram considerados os seguintes indicadores: $\Delta\chi^2$, *CAIC* (*Consistent Akaike information Criterion*) e *ECVI* (*Expected Cross Validation Index*). Diferença estatisticamente significativa do $\Delta\chi^2$, penalizando o modelo com maior χ^2 , e valores menores de *CAIC* e *ECVI* sugerem um modelo mais adequado. No caso da invariância fatorial, considerou-se, além do $\Delta\chi^2$, o $\Delta RMSEA$, admitindo-se diferença igual ou inferior a 0,001 como indicativo de invariância.

Finalmente, tomando como referência os valores das estimativas (valores não padronizados) e os pesos de regressão (valores padronizados) dos valores específicos que representam cada subfunção, reuniram-se evidências de sua *validade de construto* e precisão (*validade convergente*, *validade discriminante* e *confiabilidade composta*). No caso, obtiveram-se a *variância média extraída* (*VME*) e a *confiabilidade composta* (*CC*) (Fornell & Larcker, 1981; Hair, Anderson, Tatham & Black, 1998). Valores iguais ou superiores a 0,50 e 0,70, respectivamente, asseguram a adequação da medida. A *VME* pode ser considerada indicadora de *validade convergente* de cada subfunção, isto é, o quanto ela serve para explicar o conjunto de valores específicos; no caso da *validade discriminante*, esta é assegurada quando a raiz quadrada da *VME* é superior ao coeficiente de correlação (Φ) entre as duas subfunções em consideração. A confiabilidade composta, comparada, por exemplo, com o Alfa de Cronbach, tem a vantagem de não pressupor que os itens sejam *tau* equivalentes, isto é, tenham iguais pesos fatoriais, nem que os erros de medida sejam independentes. Portanto, é um indicador adicional de consistência interna do fator (subfunção) avaliado.

O *PASW* permitiu calcular estatísticas descritivas (distribuição de frequência, médias, desvios padrões), consistência interna (homogeneidade e Alfa de Cronbach) das

subfunções valorativas e o escalonamento multidimensional confirmatório (MDS, algoritmo *Proxscal*). Neste caso, o propósito foi testar a *hipótese de estrutura*. Com este fim, anteriormente à criação da matriz de distâncias euclidianas, os valores foram transformados em pontuações z. Posteriormente, a organização espacial dos valores foi definida de acordo com a teoria em pauta, com as subfunções assumindo os seguintes parâmetros para a dimensão *tipo de orientação*: *experimentação* [1,0], *realização* [1,0], *existência* [0,0], *suprapessoal* [0,0], *interativa* [-1,0] e *normativa* [-1,0]; na dimensão *tipo de motivador* os parâmetros assumidos pelas subfunções foram como seguem: *experimentação* [0,5], *realização* [-0,5], *existência* [-1,0], *suprapessoal* [1,0], *interativa* [0,5] e *normativa* [-0,5]. Portanto, cada valor foi forçado a ocupar uma posição específica no espaço, congruente com sua subfunção de pertença. Assumiu-se o nível ordinal de medida, permitindo *tie breaks*. O coeficiente *Phi de Tucker* (ϕ) foi utilizado como medida de ajuste do modelo, aceitando-se valores de 0,90 ou superiores (Van de Vijver & Leung, 1997).

4.3 Resultados

4.3.1 Estatísticas descritivas e índice de consistência interna das subfunções

Procurou-se conhecer a pontuação média das subfunções nas cinco grandes regiões brasileiras, seus respectivos índices de consistência interna (*Alfa de Cronbach*, α) e índice de homogeneidade (correlação média inter-itens, $r_{m.i}$). Buscou-se ainda conhecer evidências de sua validade de construto e precisão, tomando como referência a variância média extraída (VME) e confiabilidade composta (CC), respectivamente. Os resultados são apresentados em função das regiões brasileiras.

Região Norte. Nesta região foi encontrado índice de consistência interna médio de 0,45 ($dp = 0,05$), com alfas que variaram entre 0,38 (*realização*) e 0,53 (*normativo*). Calcularam-se ainda as correlações inter-itens para cada subfunção, as quais apresentaram valor médio de 0,23 ($dp = 0,04$). A confiabilidade composta (*CC*) média ficou em 0,68 ($dp = 0,04$), variando de 0,63 (*realização*) a 0,74 (*interativa*), e a variância média extraída (*VME*) se situou, em média, em 0,52 ($dp = 0,04$), no intervalo de 0,44 (*suprapessoal*) e 0,57 (*normativa*). Informações detalhadas a respeito podem ser observadas na Tabela 10.

Tabela 10. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto no Norte.

Subfunção	<i>m</i>	<i>dp</i>	α	$r_{m.i}$	<i>CC</i>	<i>VME</i>
Experimentação	4,97 (5)	1,05	0,43	0,21	0,69	0,52
Realização	4,80 (6)	1,06	0,38	0,18	0,68	0,54
Existência	6,26 (1)	0,73	0,43	0,21	0,63	0,53
Suprapessoal	5,82 (3)	0,83	0,45	0,23	0,64	0,44
Interativa	5,91 (2)	0,83	0,49	0,26	0,74	0,51
Normativa	5,48 (4)	1,08	0,53	0,30	0,70	0,57

Nota: *m* = média, *dp* = desvio padrão, α = Alfa de Cronbach, $r_{m.i}$ = Índice de homogeneidade, *CC* = Confiabilidade Composta, *VME* = Variância Média Extraída. Os valores entre parênteses correspondem à ordem de importância das subfunções.

No que se refere às evidências de validade discriminante das subfunções, apresenta-se na Tabela 11 as raízes quadradas das *VMEs* e a matriz de correlações entre tais subfunções. As subfunções *existência* e *suprapessoal* se mostraram fortemente correlacionadas entre si ($\Phi = 0,86$), superando as $\sqrt{VMEs}$ de ambas (0,73 e 0,66, respectivamente). *Existência* se correlacionou também fortemente com as subfunções *normativa* ($\Phi = 0,79$), *interativa* ($\Phi = 0,78$) e *realização* ($\Phi = 0,75$). *Suprapessoal* o fez com as subfunções *realização* ($\Phi = 0,81$) e *interativa* ($\Phi = 0,79$). Por fim, *interativa* e *normativa* também se correlacionaram entre si ($\Phi = 0,84$), sendo este valor superior aos observados para suas $\sqrt{VMEs}$ (0,71 e 0,75, respectivamente).

Tabela 11. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas no Norte.

$\sqrt{VME}$	Subfunção	1	2	3	4	5
0,72	1.Experimentação	—				
0,73	2.Realização	0,71 (0,30)	—			
0,73	3.Existência	0,57 (0,24)	0,75 (0,22)	—		
0,66	4.Suprapessoal	0,43 (0,19)	0,81 (0,26)	0,86 (0,33)	—	
0,71	5.Interativa	0,39 (0,17)	0,64 (0,20)	0,78 (0,33)	0,79 (0,38)	—
0,75	6.Normativa	0,15 (0,00)	0,52 (0,17)	0,78 (0,33)	0,57 (0,27)	0,83 (0,48)

Nota: Entre parênteses encontram-se as correlações de Pearson (unicaudal).

Finalmente, por meio de uma *MANOVA* para medidas interdependentes, foi possível verificar diferenças nas médias entre as subfunções [*Lambda de Wilks* = 0,29; $F(5, 2.323) = 1.135,77, p < 0,001$]. O teste de *post hoc* de Bonferroni mostrou diferenças entre as pontuações de todas as subfunções.

Região Nordeste. Os resultados para esta região, descritos na Tabela 12, indicaram consistência interna (α) média de 0,47 ($dp = 0,06$), oscilando entre 0,39 (*realização*) e 0,55 (*existência*); a homogeneidade média ficou em 0,24 ($dp = 0,05$), variando de 0,17 (*realização*) a 0,29 (*normativa* e *existência*). A confiabilidade composta média se situou em 0,69 ($dp = 0,02$), com amplitude de 0,66 (*existência*) a 0,72 (*experimentação*), enquanto que a *VME* exprimiu um valor médio de 0,46 ($dp = 0,06$), variando de 0,39 (*realização* e *normativa*) a 0,54 (*existência*).

Tabela 12. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto no Nordeste.

Subfunção	<i>m</i>	<i>dp</i>	α	$r_{m.i}$	CC	VME
Experimentação	4,90 (5)	1,15	0,42	0,21	0,72	0,48
Realização	4,69 (6)	1,13	0,39	0,17	0,70	0,39
Existência	6,17 (1)	0,85	0,55	0,29	0,66	0,54
Suprapessoal	5,63 (3)	0,97	0,48	0,25	0,68	0,49
Interativa	5,77 (2)	0,94	0,47	0,23	0,66	0,49
Normativa	5,55 (4)	1,09	0,53	0,29	0,70	0,39

Nota: *m* = média, *dp* = desvio padrão, α = Alfa de Cronbach, $r_{m.i}$ = Índice de homogeneidade, CC = Confiabilidade Composta, VME = Variância Média Extraída. Os valores entre parênteses correspondem à ordem de importância das subfunções.

Quanto à validade discriminante das subfunções, na Tabela 13 são mostradas as raízes quadradas das VMEs e a matriz de correlações entre tais subfunções. As subfunções *existência* e *suprapessoal* se mostraram fortemente correlacionadas entre si ($\Phi = 0,87$), superando as $\sqrt{VME}$ s respectivas (0,73 e 0,70). *Existência* se correlacionou ainda com as subfunções *realização* ($\Phi = 0,90$) e *normativa* ($\Phi = 0,75$), enquanto que *suprapessoal* o fez com *interativa* ($\Phi = 0,88$) e *realização* ($\Phi = 0,87$). Finalmente, a correlação entre *experimentação* e *realização* ($\Phi = 0,73$) foi superior aos coeficientes observados para suas $\sqrt{VME}$ s (0,69 e 0,72, respectivamente).

Tabela 13. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas no Nordeste.

$\sqrt{VME}$	Subfunção	1	2	3	4	5
0,69	1.Experimentação	—				
0,62	2.Realização	0,73 (0,34)	—			
0,73	3.Existência	0,58 (0,24)	0,90 (0,35)	—		
0,70	4.Suprapessoal	0,50 (0,23)	0,97 (0,28)	0,87 (0,45)	—	
0,79	5.Interativa	0,38 (0,16)	0,82 (0,26)	0,90 (0,46)	0,88 (0,43)	—
0,62	6.Normativa	0,09 (-0,01)	0,54 (0,18)	0,75 (0,40)	0,61 (0,31)	0,77 (0,41)

Nota: Entre parênteses encontram-se as correlações de Pearson (unicaudal).

Em termos das médias correspondentes às subfunções, estas foram comparadas por meio de uma análise multivariada de variância (MANOVA) para medidas interdependentes. Os resultados mostraram diferenças significativas [*Lambda de Wilks* = 0,33; $F(5, 17.426) = 7.190,90$, $p < 0,001$]. Adicionalmente, o teste de *post hoc* de Bonferroni revelou diferenças entre todas as subfunções.

Região Centro-Oeste. Conforme se verifica na Tabela 14, comprovou-se Alfa de Cronbach médio de 0,50 ($dp = 0,04$) para as seis subfunções, variando de 0,45 (*suprapessoal*) a 0,56 (*existência*). A homogeneidade média ficou em 0,26 ($dp = 0,03$), variando de 0,23 (*suprapessoal*) a 0,30 (*existência* e *normativa*). No caso da confiabilidade composta, esta apresentou valor médio de 0,67 ($dp = 0,04$), situando-se no intervalo de 0,64 (*suprapessoal*) a 0,72 (*interativa*); a variância média extraída, considerando seu valor médio, ficou em 0,51 ($dp = 0,03$), com os valores mais baixo e alto correspondente às subfunções *suprapessoal* e *normativa* (0,46 e 0,55, respectivamente).

Tabela 14. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto no Centro-Oeste.

Subfunção	<i>m</i>	<i>dp</i>	α	$r_{m.i}$	CC	VME
Experimentação	5,06 (5)	1,00	0,48	0,25	0,69	0,52
Realização	4,83 (6)	1,02	0,50	0,25	0,66	0,48
Existência	6,24 (1)	0,72	0,56	0,30	0,65	0,54
Suprapessoal	5,77 (3)	0,78	0,45	0,23	0,64	0,46
Interativa	5,83 (2)	0,80	0,49	0,26	0,72	0,51
Normativa	5,39 (4)	1,07	0,53	0,30	0,68	0,55

Nota: *m* = média, *dp* = desvio padrão, α = Alfa de Cronbach, $r_{m.i}$ = Índice de homogeneidade, CC = Confiabilidade Composta, VME = Variância Média Extraída. Os valores entre parênteses correspondem à ordem de importância das subfunções.

Averiguaram-se também evidências de validade discriminante das subfunções valorativas. Os resultados a respeito são mostrados na Tabela 15, que reúne as raízes

quadradas das *VMEs* e a matriz de correlações entre tais subfunções. A correlação entre as subfunções *existência* e *suprapessoal* foi forte ($\Phi = 0,98$), superando suas $\sqrt{VMEs}$ (0,73 e 0,68, respectivamente). *Existência* se correlacionou também com a subfunção *interativa* ($\Phi = 0,74$), similar ao que ocorreu com esta subfunção e a *suprapessoal* ($\Phi = 0,78$); esta última também se correlacionou com *realização* ($\Phi = 0,70$). Por fim, constatou-se correlação entre as subfunções *interativa* e *normativa* ($\Phi = 0,79$) que foi superior aos coeficientes observados para suas $\sqrt{VMEs}$ (0,71 e 0,74, respectivamente).

Tabela 15. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas no Centro-Oeste.

$\sqrt{VME}$	Subfunção	1	2	3	4	5
0,72	1.Experimentação	—				
0,69	2.Realização	0,72 (0,38)	—			
0,73	3.Existência	0,60 (0,27)	0,68 (0,30)	—		
0,68	4.Suprapessoal	0,47 (0,27)	0,70 (0,23)	0,98 (0,42)	—	
0,71	5.Interativa	0,30 (0,18)	0,46 (0,19)	0,74 (0,40)	0,77 (0,38)	—
0,74	6.Normativa	0,15 (0,03)	0,36 (0,13)	0,71 (0,38)	0,58 (0,27)	0,79 (0,44)

Nota: Entre parênteses encontram-se as correlações de Pearson (unicaudal).

Calculou-se ainda uma *MANOVA* para medidas interdependentes, comprovando-se diferenças nas médias das subfunções valorativas [*Lambda de Wilks* = 0,28; *F* (5, 2.730) = 1.421,27, $p < 0,001$]. Com o fim de conhecer as subfunções que diferenciavam entre si, realizou-se teste *post hoc* de Bonferroni, o qual evidenciou que as pontuações entre todas elas eram estatisticamente diferentes.

Região Sudeste. De acordo com a Tabela 16, os índices de consistência interna (α) nesta região variaram de 0,47 (*interativa*) a 0,56 (*existência*), apresentando valor médio de 0,52 ($dp = 0,04$). No que diz respeito à homogeneidade, apresentou média de

0,27 ($dp = 0,03$), oscilando de 0,24 (*interativa*) a 0,32 (*normativa*). No caso da confiabilidade composta, esta apresentou média de 0,68 [$dp = 0,03$; amplitude de 0,64 (*suprapessoal*) a 0,73 (*interativa*)], enquanto que o valor médio da VME foi de 0,52 ($dp = 0,03$), com os valores mínimo e máximo correspondendo a *suprapessoal* (0,48) e *normativa* (0,57).

Tabela 16. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto no Sudeste.

Subfunção	<i>m</i>	<i>dp</i>	α	$r_{m.i}$	CC	VME
Experimentação	5,00 (5)	0,92	0,50	0,26	0,68	0,52
Realização	4,63 (6)	0,96	0,55	0,29	0,67	0,54
Existência	6,20 (1)	0,66	0,56	0,29	0,65	0,54
Suprapessoal	5,75 (3)	0,72	0,49	0,25	0,64	0,48
Interativa	5,78 (2)	0,73	0,47	0,24	0,73	0,49
Normativa	5,28 (4)	1,03	0,53	0,32	0,69	0,57

Nota: *m* = média, *dp* = desvio padrão, α = Alfa de Cronbach, $r_{m.i}$ = Índice de homogeneidade, CC = Confiabilidade Composta, VME = Variância Média Extraída. Os valores entre parênteses correspondem à ordem de importância das subfunções.

Procurou-se conhecer evidências de validade discriminante das subfunções valorativas, sendo os resultados apresentados na Tabela 17. Observou-se correlação forte entre *existência* e *suprapessoal* ($\Phi = 0,98$), superando suas respectivas $\sqrt{VMEs}$ (0,73 e 0,69). Estas duas subfunções se correlacionaram também com *interativa* ($\Phi = 0,75$ e 0,81, respectivamente), coeficientes que foram superiores às raízes quadradas da VMEs (0,73 e 0,69, respectivamente). Por fim, as subfunções *interativa* e *normativa* se correlacionaram entre si ($\Phi = 0,78$; $\sqrt{VMEs} = 0,70$ e 0,75, respectivamente), como também o fizeram *experimentação* e *realização* ($\Phi = 0,77$; $\sqrt{VMEs} = 0,72$ e 0,73, respectivamente).

Tabela 17. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas no Sudeste.

$\sqrt{VME}$	Subfunção	1	2	3	4	5
0,72	1.Experimentação	—				
0,73	2.Realização	0,77 (0,42)	—			
0,73	3.Existência	0,65 (0,29)	0,59 (0,30)	—		
0,69	4.Suprapessoal	0,64 (0,33)	0,67 (0,29)	0,98 (0,45)	—	
0,70	5.Interativa	0,54 (0,28)	0,52 (0,25)	0,75 (0,39)	0,81 (0,40)	—
0,75	6.Normativa	0,26 (0,09)	0,45 (0,22)	0,70 (0,34)	0,61 (0,27)	0,78 (0,45)

Nota: Entre parênteses encontram-se as correlações de Pearson (unicaudal).

Uma *MANOVA* para medidas interdependentes, comparando as médias das subfunções, revelou diferenças significativas [*Lambda de Wilks* = 0,23; *F* (5, 8.549) = 5.581,59, *p* < 0,001]. Neste caso, o teste de *post hoc* de Bonferroni mostrou diferenças entre todas as subfunções.

Região Sul. Conforme pode ser conhecido na Tabela 18, as subfunções valorativas apresentaram Alfas de Cronbach variando de 0,44 (*suprapessoal*) a 0,55 (*realização*), apresentando coeficiente médio de 0,51 (*dp* = 0,05); o índice médio de homogeneidade foi de 0,27 [*dp* = 0,05; amplitude de 0,21 (*suprapessoal*) a 0,35 (*normativa*)]. A média de confiabilidade composta se situou em 0,68 [*dp* = 0,04; amplitude de 0,63 (*existência*) a 0,74 (*interativa*)], o valor médio de *VME* foi 0,52 (*dp* = 0,05), variando de 0,44 (*suprapessoal*) a 0,58 (*normativa*).

Tabela 18. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto no Sul.

Subfunção	<i>m</i>	<i>dp</i>	α	$r_{m,i}$	CC	VME
Experimentação	5,09 (4)	0,91	0,49	0,26	0,69	0,52
Realização	4,72 (6)	0,96	0,55	0,30	0,68	0,52
Existência	6,16 (1)	0,69	0,54	0,28	0,63	0,53
Suprapessoal	5,72 (3)	0,72	0,44	0,21	0,64	0,44
Interativa	5,77 (2)	0,73	0,47	0,25	0,74	0,51
Normativa	5,00 (5)	1,11	0,54	0,35	0,70	0,58

Nota: *m* = média, *dp* = desvio padrão, α = Alfa de Cronbach, $r_{m,i}$ = Índice de homogeneidade, CC = Confiabilidade Composta, VME = Variância Média Extraída. Os valores entre parênteses correspondem à ordem de importância das subfunções.

No que se refere à validade discriminante das subfunções valorativas, os resultados são mostrados na Tabela 19. As subfunções *existência* e *suprapessoal* apresentaram correlação forte entre si ($\Phi = 0,95$), coeficiente que foi superior às suas $\sqrt{VMEs}$ (0,72 e 0,66, respectivamente). A subfunção *suprapessoal* se correlacionou ainda com a *interativa* ($\Phi = 0,75$), coeficiente superior às raízes quadradas de suas $VMEs$ (0,66 e 0,71, respectivamente). Finalmente, as subfunções *experimentação* e *realização* pouco se diferenciaram entre si ($\Phi = 0,76$; $\sqrt{VMEs} = 0,72$ para ambas).

Tabela 19. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas no Sul.

$\sqrt{VME}$	Subfunção	1	2	3	4	5
0,72	1.Experimentação	—				
0,72	2.Realização	0,76 (0,42)	—			
0,73	3.Existência	0,59 (0,25)	0,69 (0,33)	—		
0,66	4.Suprapessoal	0,51 (0,25)	0,66 (0,24)	0,95 (0,39)	—	
0,71	5.Interativa	0,42 (0,24)	0,46 (0,22)	0,70 (0,37)	0,75 (0,37)	—
0,76	6.Normativa	0,15 (0,04)	0,45 (0,22)	0,69 (0,34)	0,55 (0,23)	0,63 (0,38)

Nota: Entre parênteses encontram-se as correlações de Pearson (unicaudal).

Realizou-se uma *MANOVA* para medidas interdependentes com o fim de checar se as médias das subfunções diferiam, o que foi observado [*Lambda de Wilks* = 0,25; *F* (5, 2.914) = 1.756,56, *p* < 0,001]. O teste de *post hoc* de Bonferroni indicou que, excetuando as subfunções *interativa* e *suprapessoal*, todas se diferenciaram entre si (*p* < 0,05).

Finalmente, procurou-se comparar as pontuações nas subfunções entre as cinco regiões brasileiras. No caso, considerando que os participantes variaram entre tais regiões em função das variáveis idade e sexo, decidiu-se realizar uma *MANCOVA* (*análise múltipla de covariância*), controlando-as. Os resultados indicaram diferenças significativas [*Lambda de Wilks* = 0,96; *F* (4, 33.507) = 58,08, *p* < 0,001], conforme observadas na Tabela 20.

Tabela 20. Comparação das subfunções valorativas segundo a região do país.

Subfunção	Contraste	N	NE	CO	SE	S
	<i>F</i>	<i>m (dp)</i>	<i>m (dp)</i>	<i>m (dp)</i>	<i>m (dp)</i>	<i>m (dp)</i>
Experimentação	29,56*	5,0 (1,05)	4,9 (1,16)	5,1 (1,00)	5,0 (0,91)	5,1 (0,91)
Realização	34,43*	4,8 (1,06)	4,7 (1,14)	4,8 (1,02)	4,6 (0,96)	4,7 (0,96)
Existência	9,93*	6,3 (0,74)	6,2 (0,85)	6,2 (0,71)	6,2 (0,66)	6,2 (0,70)
Suprapessoal	12,82*	5,8 (0,83)	5,6 (0,97)	5,8 (0,78)	5,8 (0,72)	5,7 (0,72)
Interativa	12,86*	5,9 (0,83)	5,8 (0,94)	5,8 (0,80)	5,8 (0,73)	5,8 (0,73)
Normativa	252,03*	5,5 (1,08)	5,6 (1,10)	5,4 (1,07)	5,3 (1,03)	5,0 (1,11)

Nota. * *p* < 0,05. N = Norte, NE = Nordeste, CO = Centro-Oeste, SE = Sudeste e S = Sul.

De acordo com esta tabela, observaram-se diferenças em relação a cada uma das subfunções. Especificamente, na subfunção *experimentação* se constatou a seguinte hierarquia: Norte = Sul > Sudeste = Centro-Oeste > Nordeste; em *realização* a ordem foi como segue: Norte = Centro-Oeste > Nordeste = Sul > Sudeste; na subfunção *existência* se apresentou a seguinte hierarquia: Norte = Nordeste = Centro-Oeste > Sudeste = Sul; na *suprapessoal* se constatou a ordem a seguir: Norte = Centro-Oeste > Nordeste = Sudeste = Sul; na subfunção *interativa* foi observada a ordem que segue:

Norte = Nordeste = Centro-Oeste > Sul = Sudeste; e, finalmente, na *normativa* ficou como se apresenta: Nordeste > Norte > Centro-Oeste > Sudeste > Sul.

Uma vez apresentados os resultados correspondentes à descrição dos parâmetros das subfunções valorativas e aqueles referentes às pontuações dos participantes em função das regiões brasileiras, o passo seguinte é testar as hipóteses do estudo, como a seguir são tratadas.

4.3.2 Testando as hipóteses de conteúdo e estrutura no Brasil

Nesta oportunidade são testadas as hipóteses de *conteúdo* e *estrutura* dos valores, considerando separadamente cada uma das regiões brasileiras. A *hipótese de conteúdo* prediz que os 18 valores saturariam em suas subfunções teóricas correspondentes. Para testar esta hipótese, definiram-se os valores que teoricamente pertenciam a cada subfunção (Figura 4), procedendo-se as análises fatoriais confirmatórias (AFCs). Neste caso, considerou-se como entrada a matriz de variância-covariância, adotando o método de estimação *ML* (*Maximum Likelihood* - *ML*).

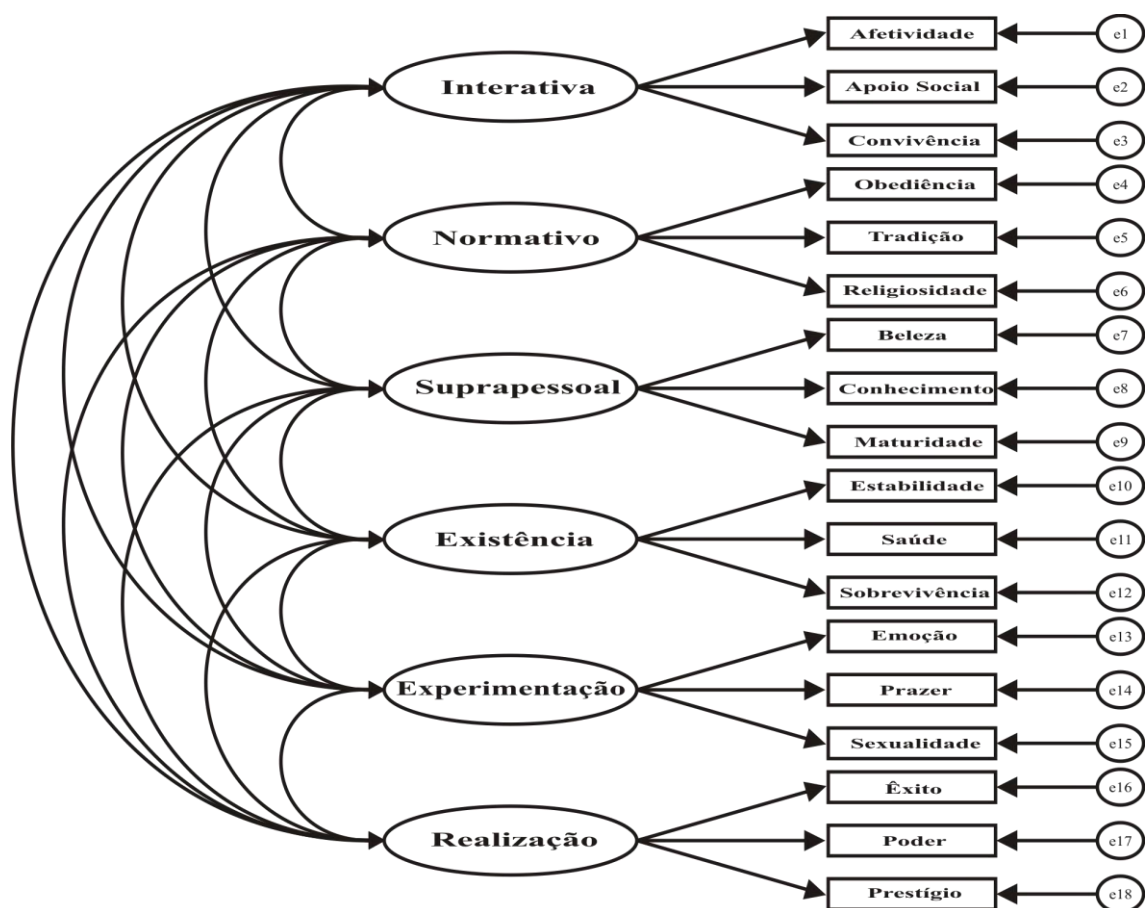


Figura 4. Hipótese de conteúdo da Teoria Funcionalista dos Valores Humanos.

Com o objetivo de determinar o ajuste relativo do modelo apresentado (Figura 4), procedeu-se a sua comparação com quatro modelos alternativos, segundo o número de fatores: *unifatorial* (todos os itens / valores saturando em um único fator), *bifatorial* (os valores sendo distribuídos segundo o *tipo motivador*: *materialista* e *idealista*), *trifatorial* (os valores sendo organizados segundo o *tipo de orientação*: *pessoal*, *central* e *social*) e *pentafatorial* (unindo os valores das subfunções *existência* e *suprapessoal*) (Gouveia & cols., 2011). É importante notar que os modelos bi e trifatorial guardam certa correspondência, respectivamente, com as propostas teóricas Inglehart (1977) e Schwartz (1992).

Com o propósito de comparar os modelos alternativos com aquele que propõe a teoria, que preconiza a existência de seis fatores, foram considerados os seguintes indicadores de ajuste: diferenças de qui-quadrado e seus respectivos graus de liberdade ($\Delta\chi^2$) e diferença entre as raízes quadradas médias do erro de aproximação (ΔRMSEA). Nestes casos, como anteriormente foi indicado, com o fim de tomar decisão sobre o modelo mais adequado, tomaram-se em conta os seguintes parâmetros: resultado de $\Delta\chi^2$ significativo, com o modelo mais adequado apresentando o menor χ^2 , e um valor de ΔRMSEA igual ou inferior a 0,001. Além disso, tiveram-se em conta os índices *CAIC* e *ECVI*, penalizando o modelo com valores maiores.

Quanto à *hipótese de estrutura*, esta foi subdividida em duas: *Hipótese 2a*, que diz respeito à dimensão funcional *tipo de orientação*, predizendo que os valores *centrais* se encontrarão entre os *pessoais* e *sociais*; e *Hipótese 2b*, que versa sobre o *tipo de motivador*, prevendo que os valores *materialistas* e *idealistas* estarão organizados em espaços distintos e polarizados. Tais hipóteses foram testadas por meio de *MDS* confirmatória (*Proxscal*); nas figuras correspondentes os triângulos correspondem aos valores *pessoais*, círculos aos *centrais* e quadrados aos *pessoais*; e as figuras preenchidas representam os valores *materialistas* e as vazias os *idealistas*. A testagem destas hipóteses foi realizada em cada uma das cinco macrorregiões do país.

4.3.2.1 Norte

Hipótese de conteúdo

Como previamente explicitado, para testar esta hipótese, realizaram-se análises fatoriais confirmatórias. Inicialmente foi considerado o modelo original (hexafatorial). Destaca-se que todas as saturações (*lambda*) foram estatisticamente diferentes de zero ($\lambda \neq 0$; $t > 1,96$, $p < 0,05$), apresentando valor médio de 0,47, variando de 0,27

(sobrevivência) a 0,77 (prazer). O modelo apresentou os seguintes indicadores de ajuste: $\chi^2/ \text{g.l.} = 9,08$, $GFI = 0,95$, $CFI = 0,83$, $RMSEA (IC90\%) = 0,05 (0,05-0,06)$, $ECVI = 0,51$ e $CAIC = 1536,93$ (Tabela 21). A Figura 5 descreve o modelo testado.

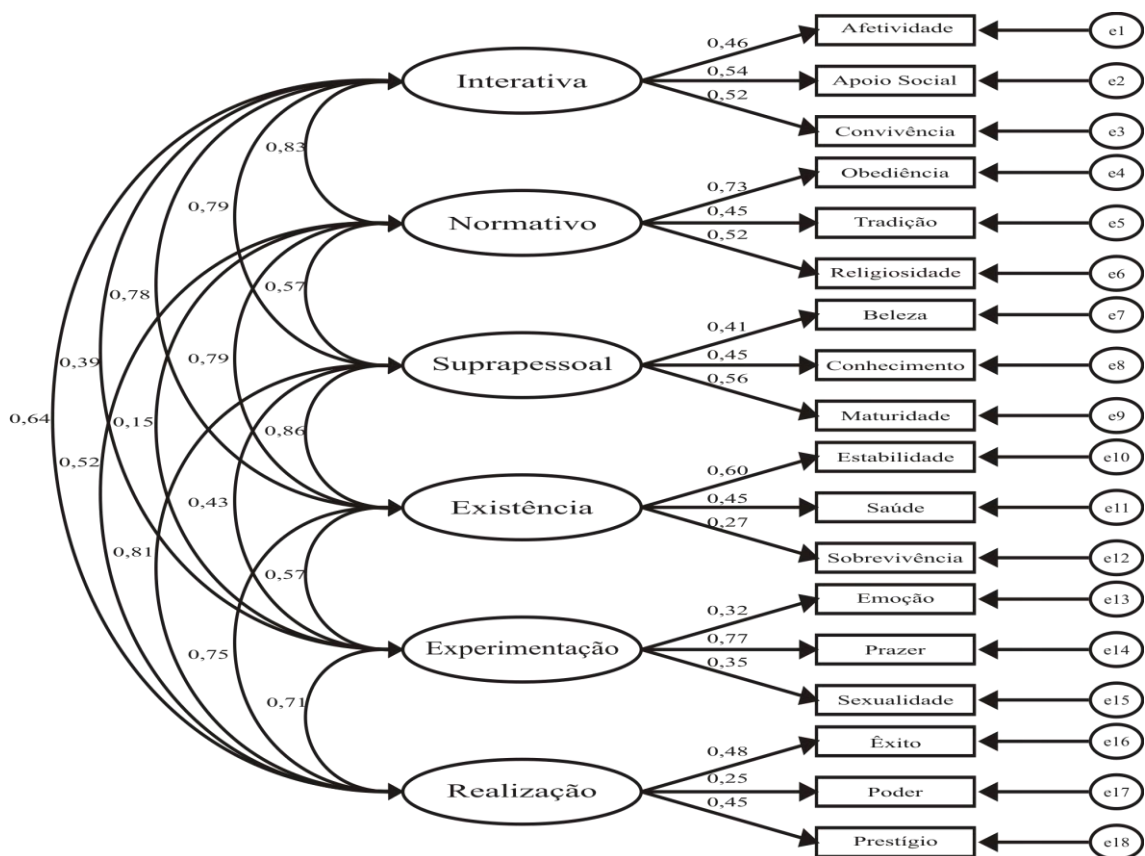


Figura 5. Estrutura fatorial com respectivas saturações na região Norte.

Este modelo foi contrastado com os outros quatro modelos alternativos anteriormente descritos, isto é, formando por diferentes estruturas fatoriais (um, dois, três e cinco fatores). Os resultados são apresentados na Tabela 21.

Tabela 21. Indicadores de ajuste dos modelos na região Norte (n = 2.328).

Índices	Número de Fatores				
	Seis	Cinco	Três	Dois	Um
χ^2	1090,54	1165,37	1950,78	1819,51	1845,84
<i>gl</i>	120	125	134	134	135
GFI	0,95	0,94	0,91	0,91	0,91
CFI	0,83	0,82	0,69	0,71	0,70
RMSEA	0,05	0,06	0,08	0,07	0,07
(CI90%)	(0,05-0,06)	(0,06-0,06)	(0,07-0,08)	(0,07-0,08)	(0,07-0,08)
CAIC	1536,93	1567,99	2212,98	2143,36	2160,94
ECVI	0,51	0,54	0,87	0,81	0,82
$\Delta\chi^2$ (<i>gl</i>)	—	74,83* (5)	860* (14)	728,97* (14)	755,30* (15)

Notas: Modelos fatoriais: seis fatores (modelo original), cinco fatores (subfunções *suprapessoal* e *existência* formando uma única dimensão: *valores centrais*), três fatores (*valores pessoais, centrais e sociais*), dois fatores (*valores idealistas e materialistas*) e um fator (todos os itens saturando em uma única dimensão); * $p < 0,05$.

Como é possível observar nesta tabela, os modelos original (seis subfunções) e alternativo com cinco fatores foram claramente os melhores. Estes resultados sugerem que não seria absurdo pensar em um fator gerado pela junção das subfunções *existência* e *suprapessoal*. O $\Delta\chi^2$ com seus respectivos graus de liberdade (*gl*) se apresentou significativo, com menor valor de qui-quadrado para o modelo original. Portanto, parece plausível pensar que os 18 valores específicos do QVB podem ser representados adequadamente por seis fatores, corroborando a *hipótese de conteúdo*.

Hipótese de estrutura

Com o fim de testar esta hipótese, seguindo o que foi indicado, executou-se um escalonamento multidimensional confirmatório (MDS com algoritmo *Proxscal*). Os resultados desta análise podem ser observados na Figura 6.

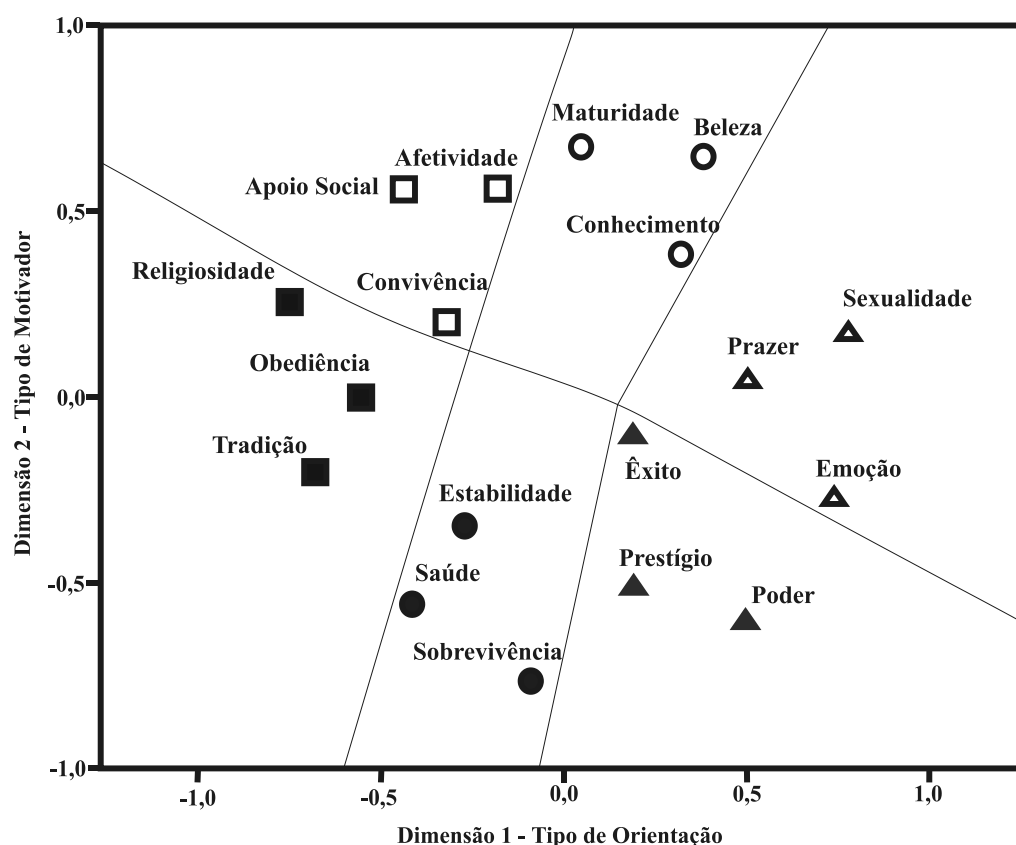


Figura 6. Representação espacial dos valores na região Norte.

Como é possível verificar nesta figura, as seis subfunções valorativas teorizadas podem ser representadas em um espaço bidimensional, demonstrando esta solução um ajuste satisfatório (Φ de Tucker = 0,94). Claramente, os valores *materialistas* (figuras fechadas) e *idealistas* (figuras vazadas) se apresentam em regiões diferentes do espaço; de um lado figuram os valores *sociais* (quadrados) e de outro os *pessoais* (triângulos), aparecendo entre ambos aqueles denominados como *centrais* (círculos). Estes achados corroboram a Hipótese 2 (2a e 2b).

4.3.2.2 Nordeste

Hipótese de conteúdo

Coerente com esta hipótese, previu-se que os dezoito itens (marcadores valorativos) saturariam nas seis subfunções correspondentes, sendo três itens por subfunção. Os resultados relativos ao modelo original (seis fatores) são resumidos na Figura 7 a seguir.

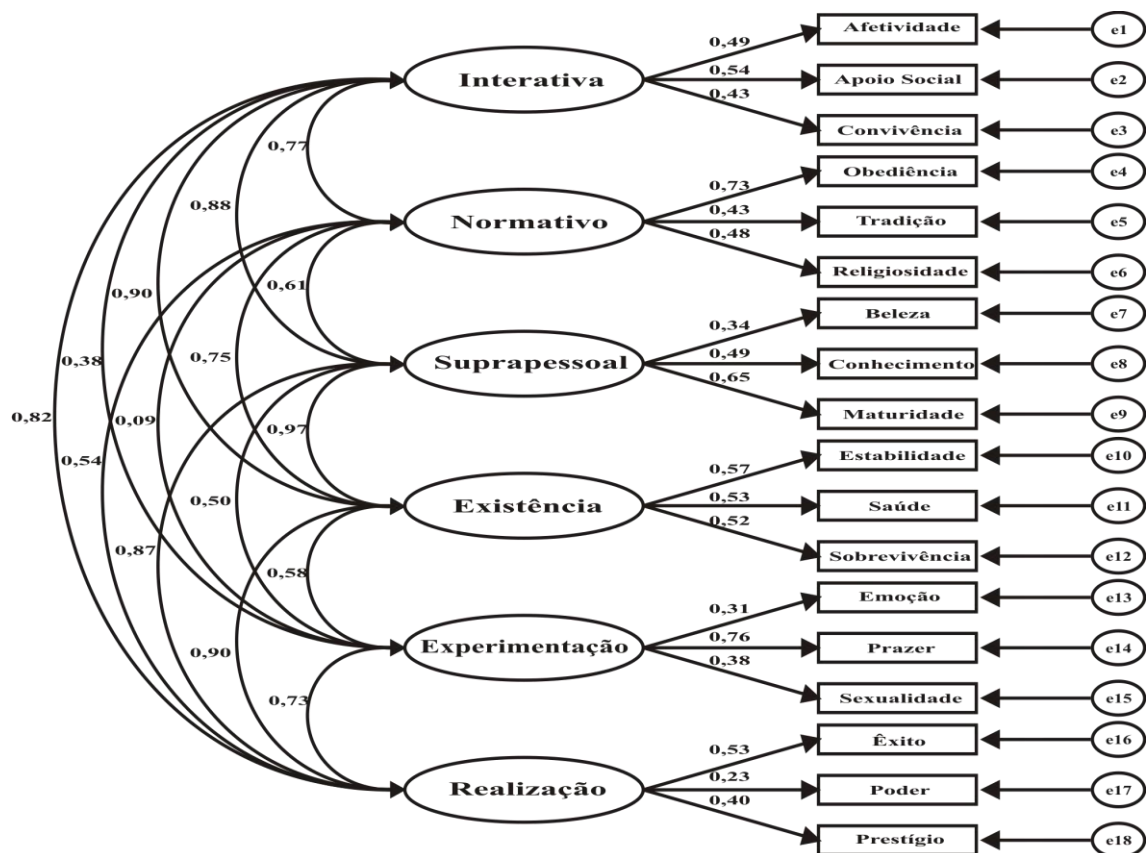


Figura 7. Estrutura fatorial com respectivas saturações na região Nordeste.

Todas as saturações (*lambdas*) foram estatisticamente diferentes de zero ($\lambda \neq 0$; $z > 1,96$, $p < 0,05$), com a saturação mínima para o valor *poder* (0,23) e a máxima para *prazer* (0,76), apresentando coeficiente médio de 0,49. Este modelo apresentou indicadores de ajuste satisfatórios [por exemplo, *GFI* = 0,95 e *RMSEA* (*IC90%*) = 0,06 (0,06 - 0,06)]. Estes resultados são mostrados na Tabela 22, onde são apresentados os valores correspondentes para os quatro modelos alternativos testados.

Tabela 22. Indicadores de ajuste dos modelos na região Nordeste (n = 17.431).

Indicadores	Número de Fatores				
	Seis	Cinco	Três	Dois	Um
χ^2	7227,60	7426,33	9684,62	12427,76	12474,93
<i>GI</i>	120	125	132	134	135
<i>GFI</i>	0,95	0,95	0,94	0,91	0,91
<i>CFI</i>	0,86	0,85	0,81	0,75	0,75
<i>RMSEA</i>	0,06	0,06	0,06	0,07	0,07
(<i>CI90%</i>)	(0,06-0,06)	(0,06-0,06)	(0,06-0,07)	(0,07-0,07)	(0,07-0,07)
<i>CAIC</i>	7777,67	7921,57	10104,49	12826,10	12862,51
<i>ECVI</i>	0,42	0,43	0,56	0,72	0,72
$\Delta\chi^2$ (<i>gl</i>)	—	198,73* (5)	2457,02* (12)	5200,16* (14)	5247,33* (15)

Notas: Modelos fatoriais: seis fatores (modelo original), cinco fatores (subfunções *suprapessoal* e *existência* formando uma única dimensão: *valores centrais*), três fatores (*valores pessoais, centrais e sociais*), dois fatores (*valores idealistas e materialistas*) e um fator (todos os itens saturando em uma única dimensão); * $p < 0,05$.

Os resultados reportados nesta tabela apoiam a *hipótese de conteúdo*. Concretamente, o modelo teorizado, composto por seis subfunções, mostrou-se superior aos demais modelos. Isso fica evidente quando são comparados seu qui-quadrado e os dos modelos alternativos, uma vez que o χ^2 do modelo hexafatorial foi estatisticamente inferior. O modelo com cinco fatores (reunindo os valores centrais em um único fator) foi o que apresentou indicadores de ajustes mais próximos do modelo teorizado; os modelos com três e dois fatores apresentaram resultados admissíveis, mas claramente inferiores aos modelos penta e hexafatorial.

Hipótese de estrutura

Esta hipótese previu que os valores são estruturados de acordo com duas dimensões: *tipo de motivador* (idealista e materialista) e *tipo de orientação* (pessoal, central e social), com suas combinações produzindo uma estrutura que pode ser apresentada em espaço bidimensional. Com o fim de testá-la, realizou-se um *MDS* confirmatório (Proxscal), com os resultados descritos na Figura 8.

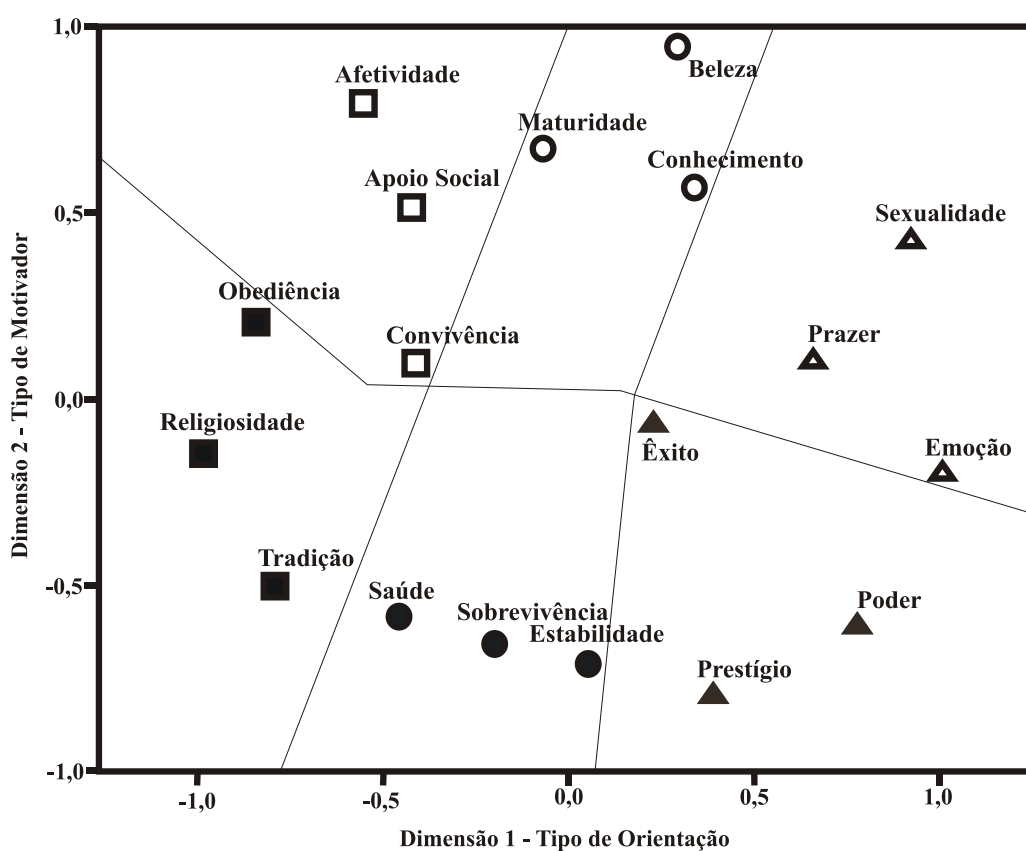


Figura 8. Representação espacial dos valores na região Nordeste.

Corroborando esta hipótese, na região Nordeste é possível perceber a adequação de organizar os valores em espaço bidimensional, com os valores *personais* e *sociais* se apresentando em lados opostos, separados por aqueles *centrais* (Hipótese 2a); em regiões diferentes deste espaço aparecem os valores *materialistas* e *idealistas* (Hipótese 2b). O ajuste desta configuração aos dados foi adequado (Φ de Tucker = 0,94).

4.3.2.3 Centro-Oeste

Hipótese de conteúdo

Procurando testar esta hipótese, primeiramente foi avaliada a adequação da estrutura fatorial teorizada, admitindo que os 18 itens são igualmente distribuídos nas seis subfunções valorativas. Este modelo hexafatorial reuniu indicadores de ajuste aceitáveis [por exemplo, $GFI = 0,94$ e $RMSEA (IC90\%) = 0,06 (0,06-0,07)$]. A Figura 9 descreve os parâmetros deste modelo.

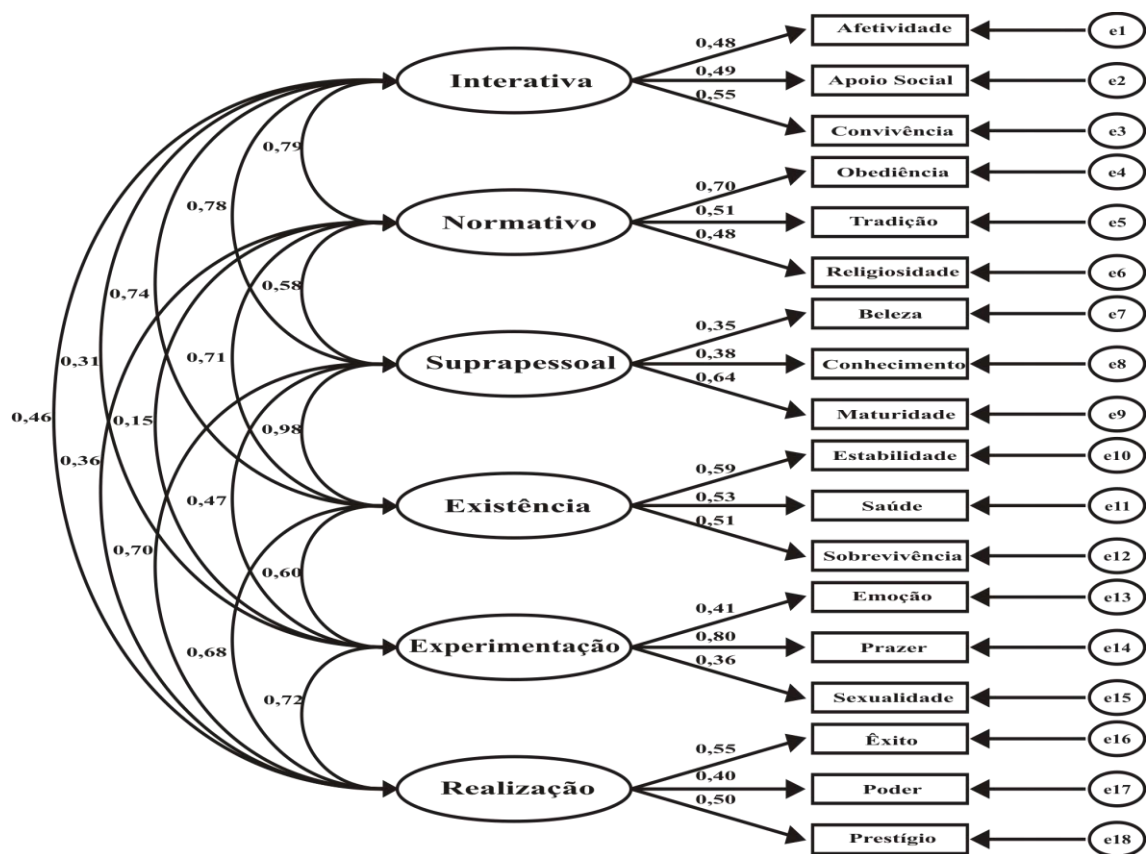


Figura 9. Estrutura fatorial com respectivas saturações na região Centro-Oeste.

Todas as saturações (λ ; *Lambdas*) mostradas nesta figura foram estatisticamente diferentes de zero ($\lambda \neq 0$; $z > 1,96$, $p < 0,05$); estas apresentaram valor médio de 0,51, variando de 0,35 (*beleza*) a 0,80 (*prazer*). Portanto, corroborou-se a *Hipótese 1*

(conteúdo das subfunções valorativas). Entretanto, reuniram-se evidências complementares a respeito, quando foram testados quatro modelos alternativos; os resultados destas múltiplas análises fatoriais confirmatórias são descritos na Tabela 23.

Tabela 23. Indicadores de ajuste dos modelos na região Centro-Oeste (n = 2.735).

Indicadores	Número de Fatores				
	Seis	Cinco	Três	Dois	Um
χ^2	1423,11	1472,90	1667,34	2674,24	2681,38
<i>gl</i>	120	125	132	134	135
GFI	0,94	0,94	0,93	0,88	0,88
CFI	0,84	0,83	0,81	0,68	0,68
RMSEA	0,06	0,06	0,06	0,08	0,08
(CI90%)	(0,06-0,07)	(0,06-0,07)	(0,06-0,07)	(0,08-0,09)	(0,08-0,09)
CAIC	1877,71	1882,94	2014,98	3004,06	3002,28
ECVI	0,56	0,57	0,64	1,00	1,00
$\Delta\chi^2$ (<i>gl</i>)	—	49,79* (5)	244,23* (12)	1251,13* (14)	1258,27* (15)

Notas: Modelos fatoriais: seis fatores (modelo original), cinco fatores (subfunções *suprapessoal* e *existência* formando uma única dimensão: *valores centrais*), três fatores (*valores pessoais, centrais e sociais*), dois fatores (*valores idealistas e materialistas*) e um fator (todos os itens saturando em uma única dimensão); * $p < 0,05$.

Os modelos que melhor se ajustaram aos dados foram o hexa (original) e pentafatorial, seguidos pelos de três e dois fatores. Apesar de o modelo hexafatorial apresentar indicadores de ajuste próximos àqueles dos demais modelos (por exemplo, *GFI* e *RMSEA*), seu qui-quadrado foi estatisticamente inferior [$\Delta\chi^2$ (*gl*)]. Isto reitera a adequação do modelo original, corroborando a *hipótese de conteúdo*.

Hipótese de estrutura

Um MDS confirmatório (algoritmo Proxscal) foi realizado para comprovação da estrutura bidimensional teorizada, isto é, três tipos de orientação (*Hipótese 2a*) e dois tipos de motivador (*Hipótese 2b*). Nesta estrutura, previu-se que os valores *centrais* se localizariam entre os *pessoais* e *sociais*; os valores *idealistas* deveriam ocupar uma região diferente daqueles *materialistas*. Os resultados a respeito podem ser observados na Figura 10 a seguir.

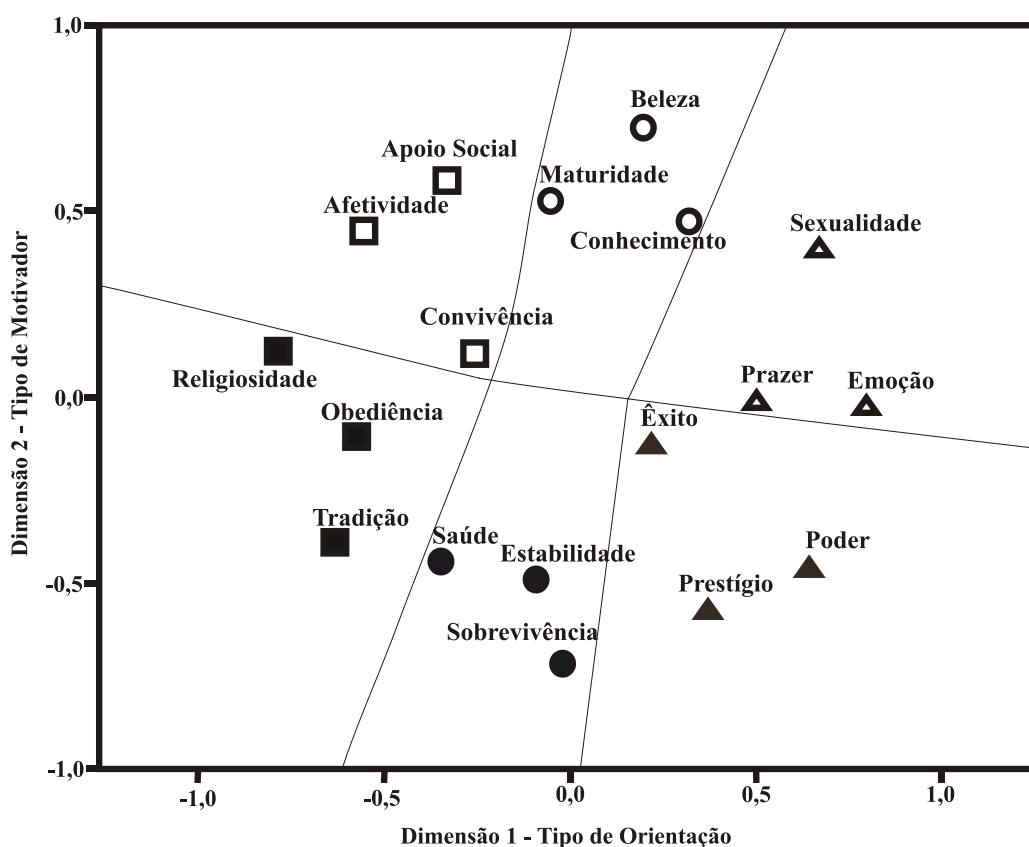


Figura 10. Representação espacial dos valores na região Centro-Oeste.

Coerentemente com o teoricamente formulado, os valores puderam ser representados em um espaço bidimensional (Φ de Tucker = 0,94), representando uma configuração 3 (tipo de orientação: pessoal, central e social) x 2 (tipo de motivador:

materialista e idealista). Portanto, reuniram-se evidências que suportam a *hipótese de estrutura*.

4.3.2.4 Sudeste

Hipótese de conteúdo

Como primeiro passo, procurou-se testar o modelo hexafatorial, admitindo que os 18 itens do QVB poderiam ser igualmente distribuídos nas seis subfunções valorativas. Neste caso, fez-se uma análise fatorial confirmatória. Os *lambdas* (λ) resultantes foram todos positivos e diferentes de zero ($0; z > 1,96, p < 0,001$), apresentando coeficiente padronizado médio de 0,52 [amplitude de 0,40 (*conhecimento*) a 0,72 (*prazer*)]. O modelo correspondente apresentou indicadores de ajuste aceitáveis [por exemplo, $GFI = 0,92$ e $RMSEA(IC90\%) = 0,08$ (0,08-0,08)], sendo sumarizado na Figura 11 a seguir.

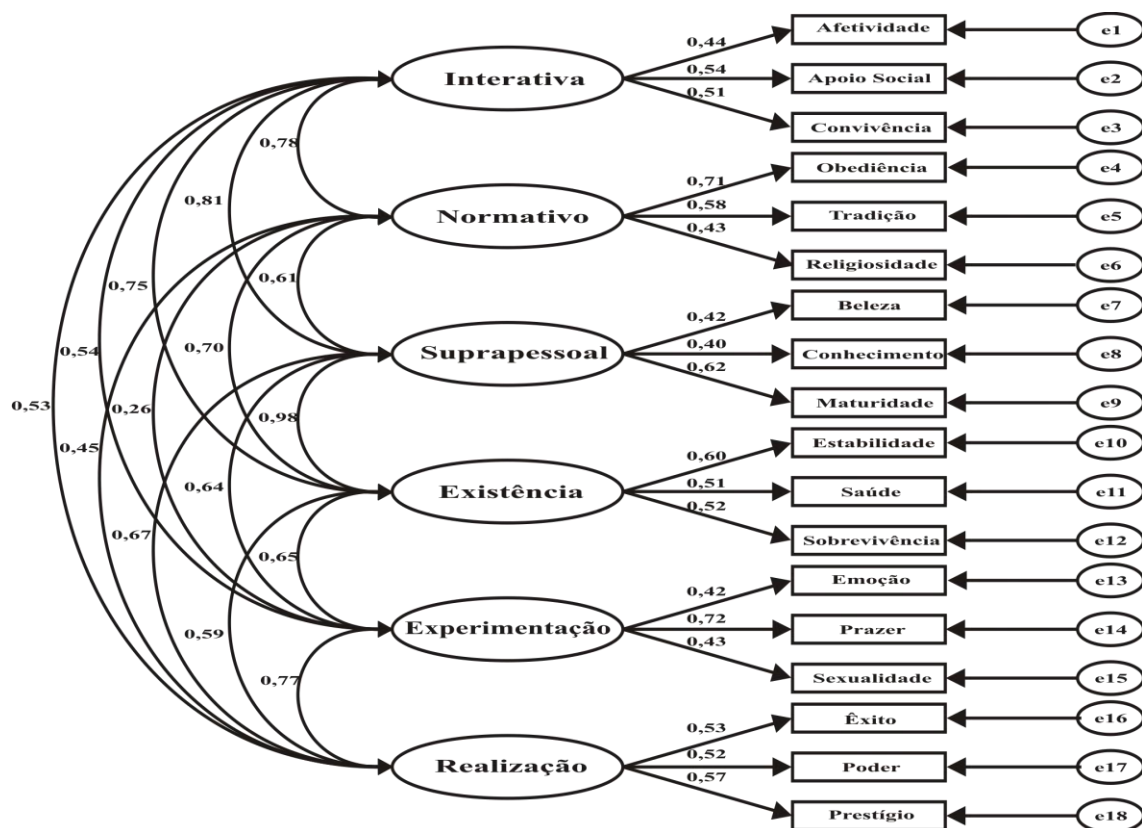


Figura 11. Estrutura fatorial com respectivas saturações na região Sudeste

Portanto, a solução encontrada confirma a *hipótese de conteúdo*, isto é, os participantes do Sudeste conseguem diferenciar as seis subfunções valorativas. Entretanto, o passo seguinte foi comparar o modelo original (hexafatorial) com quatro modelos alternativos (uni, bi, tri e pentafatorial), realizando-se múltiplas análises fatoriais confirmatórias. Os resultados são apresentados na Tabela 24.

Tabela 24. Indicadores de ajuste dos modelos na região Sudeste (n = 8.554).

Indicadores	Número de Fatores				
	Seis	Cinco	Três	Dois	Um
χ^2	6276,17	6360,49	7101,90	9507,84	9586,34
<i>GI</i>	120	125	132	134	135
GFI	0,92	0,92	0,91	0,88	0,88
CFI	0,79	0,78	0,76	0,68	0,67
RMSEA	0,08	0,08	0,08	0,09	0,09
(CI90%)	(0,08-0,08)	(0,07-0,08)	(0,08-0,08)	(0,09-0,09)	(0,09-0,09)
CAIC	6788,93	6822,98	7494,01	9879,85	9948,29
ECVI	0,74	0,75	0,84	1,12	1,13
$\Delta\chi^2$ (<i>gl</i>)	—	84,32* (5)	825,73* (12)	3231,67* (14)	3310,17* (15)

Notas: Modelos fatoriais: seis fatores (modelo original), cinco fatores (subfunções *suprapessoal* e *existência* formando uma única dimensão: *valores centrais*), três fatores (*valores pessoais, centrais e sociais*), dois fatores (*valores idealistas e materialistas*) e um fator (todos os itens saturando em uma única dimensão); * $p < 0,05$.

Conforme se observa nesta tabela, os modelos hexa (original) e pentafatorial (alternativo) foram os que apresentaram os melhores indicadores de ajuste. Porém, quando estes foram comparados diretamente (*CAIC*, *ECVI* e $\Delta\chi^2$), o primeiro se revelou mais adequado; os modelos alternativos com dois e um fator foram os menos adequados. Neste sentido, reforça-se a adequação da *Teoria funcionalista dos valores*, ao menos no que se refere à *hipótese de conteúdo*.

Hipótese de estrutura

Considerando o que estabelece esta hipótese, buscou-se averiguar se nesta região poderia ser observada a estrutura bidimensional teorizada, representada por um delineamento 3 (*tipo de orientação: pessoal, central e social*) x 2 (*tipo de motivador: idealista e materialista*). Especificamente, esperava-se que os valores *centrais* se localizassem entre os *pessoais* e *sociais*, que figurariam em lados opostos do espaço; no caso da dimensão tipo de motivador, a expectativa era que os valores *idealistas* e *materialistas* se apresentassem em localizações diferentes. Os resultados de um MDS confirmatório (algoritmo *Proxscal*) são apresentados na Figura 12 a seguir.

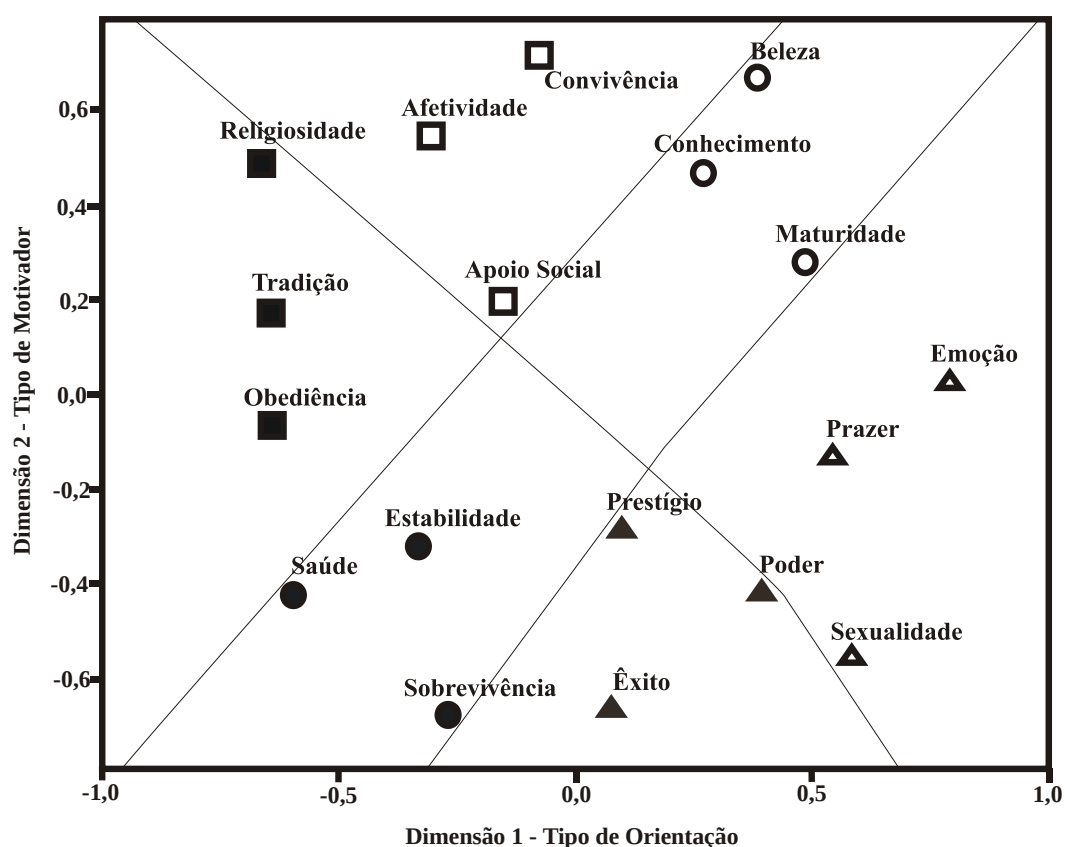


Figura 12. Representação espacial dos valores na região Sudeste.

O ajuste da solução bidimensional foi adequado (Φ de Tucker = 0,935), corroborando-se a hipótese de estrutura no Sudeste. Nesta figura é possível facilmente

identificar a localização dos valores *materialistas* (figuras geométricas completas) e *idealistas* (figuras geométricas vazadas), que se apresentam em espaços diferentes; do mesmo modo, fica evidente a diferenciação dos valores *centrais* (círculos localizados no meio da distribuição espacial), *pessoais* e *sociais* (quadrados e triângulos, respectivamente, localizados em lados opostos do espaço).

4.3.2.5 Sul

Hipótese de conteúdo

Esta hipótese, que prevê uma estrutura valorativa hexafatorial, pôde ser comprovada no Sul, indicando que as seis subfunções podem ser diferenciadas pelos participantes do estudo. No geral, o modelo apresentou indicadores de ajuste (por exemplo, $GFI = 0,92$ e $RMSEA = 0,08$). Além disso, constatou-se que todas as saturações (pesos padronizados) foram estatisticamente diferentes de zero (0; $z > 1,96$, $p < 0,001$), apresentando coeficiente médio de 0,52 [amplitude de 0,34 (*beleza*) a 0,73 (*prazer*)]. Um resumo deste modelo pode ser observado na Figura 13.

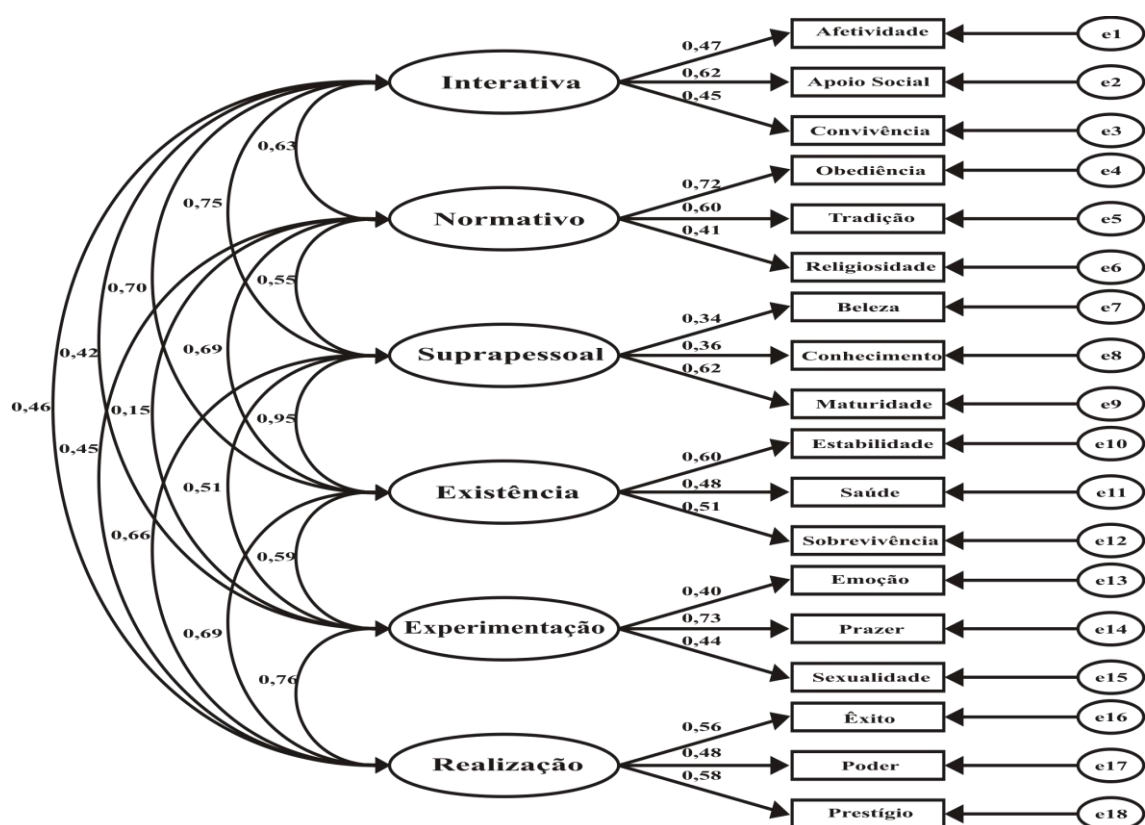


Figura 13. Estrutura fatorial com respectivas saturações na região Sul.

Com o fim de reunir mais evidências acerca da comprovação da *hipótese de conteúdo*, realizaram-se múltiplas análises fatoriais confirmatórias para testar quatro modelos alternativos (uni, bi, tri e pentafatorial), confrontando-os com o original teorizado (hexafatorial). Os indicadores de ajuste destes modelos podem ser observados na Tabela 25 a seguir.

Tabela 25. Indicadores de ajuste dos modelos na região Sul (n = 2.919).

Indicadores	Número de Fatores				
	Seis	Cinco	Três	Dois	Um
χ^2	2133,61	2168,17	2568,99	3413,19	3481,39
GI	120	125	132	134	135
GFI	0,92	0,92	0,90	0,87	0,87
CFI	0,78	0,78	0,74	0,64	0,64
RMSEA	0,08	0,07	0,08	0,09	0,09
(CI90%)	(0,07-0,08)	(0,07-0,08)	(0,08-0,08)	(0,09-0,09)	(0,09-0,10)
CAIC	2591,54	2581,20	2919,17	3745,41	3804,64
ECVI	0,76	0,77	0,91	1,19	1,23
$\Delta\chi^2$ (gl)	—	34,56* (5)	435,38* (12)	1279,58* (14)	1347,78* (15)

Notas: Modelos fatoriais: seis fatores (modelo original), cinco fatores (subfunções *suprapessoal* e *existência* formando uma única dimensão: *valores centrais*), três fatores (*valores pessoais, centrais e sociais*), dois fatores (*valores idealistas e materialistas*) e um fator (todos os itens saturando em uma única dimensão); * $p < 0,05$.

De acordo com esta tabela, os modelos com seis e cinco fatores foram os que apresentaram os melhores indicadores de ajuste; neste último caso, sugerindo que as subfunções que formam os valores *centrais* poderiam ser agregadas. Entretanto, o modelo original com seis subfunções, diferenciando os valores *suprapessoais* e de *existência*, além de ser teoricamente consistente, reuniu evidências em seu favor. Especificamente, constata-se que a prova formal do $\Delta\chi^2$ revelou valores estatisticamente diferentes, com menor χ^2 do modelo hexafatorial. Portanto, considera-se que esta seja uma prova complementar da adequação da estrutura fatorial teorizada, endossando a pertinência da *hipótese de conteúdo*.

Hipótese de estrutura

Esta hipótese supõe que os valores devem se organizar em um espaço com duas dimensões funcionais dos valores, representando uma estrutura que reflete um delineamento 3 (*tipo de orientação: pessoal, central e social*) por 2 (*tipo de motivador: idealista e materialista*). Esta hipótese foi testada por meio de *MDS* confirmatório (algoritmo Proxscal), assumindo que o ajuste do modelo aos dados se daria em razão de o coeficiente *Phi de Tucker* ser igual ou superior a 0,90. Os resultados desta análise estatística podem ser sumarizados na Figura 14 a seguir.

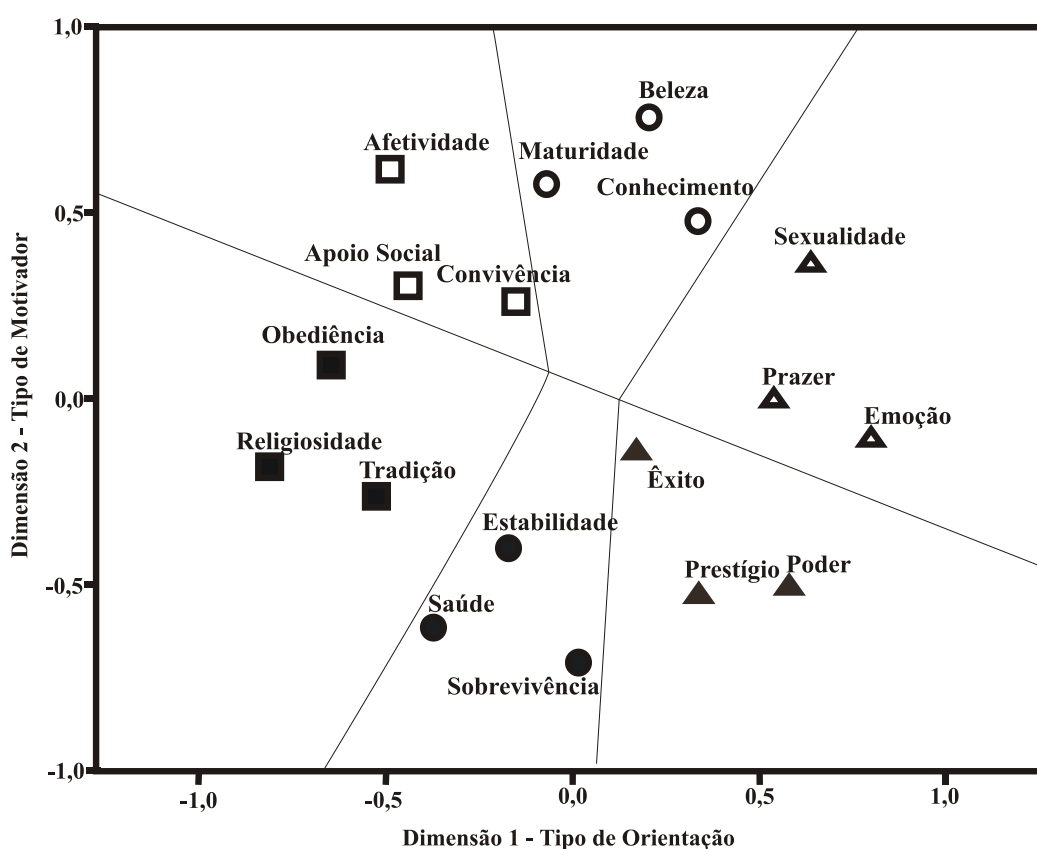


Figura 14. Representação espacial dos valores na região Sul.

Observando-se esta figura, na região Sul parece clara a distribuição espacial dos valores básicos de acordo com o que define a *Teoria funcionalista dos valores*. O ajuste desta configuração bidimensional pode ser considerado satisfatório (*Phi de Tucker* =

0,94). Desta forma, corroborando a *hipótese de estrutura*, os tipos de orientação se organizaram de modo que os valores *centrais* (círculos) ocuparam o meio do espaço, localizado entre os *pessoais* (triângulos) e sociais (*quadrados*), que se encontraram em lados opostos; na parte superior da configuração apareceram os valores *idealistas* (figuras vazadas) e na inferior aqueles *materialistas* (figuras fechadas).

4.3.3 Análises multigrupos de invariância fatorial

Embora se tenha demonstrada a adequação da estrutura fatorial do QVB nas diferentes regiões brasileiras, procurou-se reunir informações complementares a respeito, checando sua invariância fatorial. Concretamente, seguindo recomendações de Byrne (2010), partiu-se do modelo de referência (*baseline model*), correspondendo à estrutura hexafatorial, apontada na *Teoria funcionalista dos valores*, compreendendo seis subfunções valorativas (*experimentação, realização, existência, suprapessoal, interativa e normativa*), cada uma sendo representada por três itens / valores. A representação gráfica deste modelo é reproduzida na Figura 4.

A invariância é conceituada como um contínuo de restrições de parâmetros específicos entre os grupos. No caso, os parâmetros restritos de interesse são as cargas fatoriais, as covariâncias e os erros. Neste sentido, Byrne (2001, 2010) sugere que se considerem três níveis principais de invariância a serem testadas: (1) *invariância configural*. Refere-se a igualdade de fatores e padrões fatoriais, isto é, os mesmos itens (valores) devem servir como indicadores dos mesmos traços latentes (subfunções) através dos grupos (regiões). Resguarda-se, portanto, igualdade de *forma*; (2) *invariância métrica*. Esta especifica que os padrões das cargas fatoriais (saturações dos valores nas subfunções) são equivalentes através das regiões; é denominada também de *invariância fraca*. Neste caso, tal invariância é observada quando não há diferenças

substanciais nos indicadores de ajuste deste modelo quando comparado com o anterior. Deste modo, admite-se que a unidade de medida subjacente aos fatores é idêntica em todos os grupos; e (3) *invariância escalar*. Indica-se que a *origem* (o *intercepto*) da escala de medida é similar através dos grupos; esta é nomeada de *invariância forte*.

Cada nível de invariância inclui as restrições imediatamente anteriores. Os quatro tipos previamente descritos se referem ao modelo métrico (*measurement model*), que especifica em que medida os indicadores observados (itens, valores específicos) são relacionados com os fatores comuns latentes (subfunções valorativas). Contudo, é possível também avaliar a invariância em relação ao modelo estrutural (*structural model*), que contempla, por exemplo, a distribuição das variáveis latentes e as relações entre elas (Wu, Li & Zumbo, 2007). Neste caso, dois níveis adicionais de invariância são testados: (4) *invariância estrutural*. Diz respeito à invariância de correlação (covariância) entre os fatores comuns latentes; e (5) *invariância erro*. Este tipo testa a invariância das variâncias únicas (erros, concebidos como variáveis latentes) dos indicadores específicos (valores); denomina-se também de *invariância estrita*.

Com o fim de decidir se há ou não a invariância de um modelo a outro, Byrne (2010) sugere a diferença dos respectivos qui-quadrados ($\Delta\chi^2$), esperando que o modelo mais restrito (maior nível de variação) não diferencie estatisticamente do imediatamente menos restrito. Não obstante, sabe-se que este tipo de indicador é sensível a grandes amostras, levando a rejeitar a invariância quando de fato ela existe (Cheung & Rensvold, 2002; Fan & Sivo, 2009). Neste cenário, têm sido recomendados outros indicadores de ajuste, a exemplo do $\Delta RMSEA$ (Pai & cols., 2007); indica-se que este indicador pode ser tomado como referência para avaliar se as restrições mantêm o modelo invariante através dos múltiplos grupos, sugerindo-se que o modelo é invariante se o $\Delta RMSEA < 0,015$ (Chen, 2007; Wu & cols., 2007).

Considerando o anteriormente descrito, testaram-se múltiplos níveis de invariância, começando pelo mais básico: *invariância configural*. Neste caso, realizou-se uma única análise fatorial confirmatória multigrupo, tendo em conta as amostras de todas as regiões brasileiras ao mesmo tempo. Portanto, somente a estrutura fatorial foi restrita (seis fatores, subfunções valorativas), deixando livres os outros parâmetros (por exemplo, cargas fatoriais, covariâncias, residuais). Posteriormente, adicionou-se a restrição das cargas fatoriais através dos grupos (*invariância métrica*), permanecendo livres os interceptos, as covariâncias e os erros. O passo seguinte foi acrescentar a restrição dos interceptos (*invariância escalar*), deixando que variassem as covariâncias. Logo em seguida, fixou-se adicionalmente a *invariância de covariâncias (invariância estrutural)*, permitindo os erros variarem livremente. Por fim, restringiram-se os erros (*invariância residual*). Os resultados dos testes correspondentes de invariância através das regiões brasileiras são sumarizados na Tabela 26 a seguir.

Tabela 26. Verificação de invariância fatorial entre as macrorregiões do Brasil.

Indicadores	Configural	Métrica	Escalar	Estrutural	Residual
χ^2	18.152,23	19.120,88	20.301,68	29.312,42	45.220,51
gl	600	648	708	780	852
RMSEA	0,029	0,029	0,029	0,033	0,039
IC90%	0,029 - 0,030	0,029 - 0,029	0,028 - 0,029	0,032 - 0,033	0,039 - 0,039
ECVI	0,56	0,58	0,61	0,87	1,34
IC90%	0,542 - 0,568	0,567 - 0,594	0,598 - 0,626	0,856 - 0,889	1,317 - 1,358
$\Delta\chi^2$ (gl)	—	968,62 (48)*	2.149,45 (108)*	11.160,19 (180)*	27.068,28 (252)*
Teste de Diferença dos Modelos					
Δ RMSEA	—	0,000	0,000	0,004	0,006
Decisão	—	Aceitar	Aceitar	Aceitar	Aceitar

Nota: Norte ($n = 2.328$), Nordeste ($n = 17.431$), Centro-Oeste ($n = 2.735$), Sudeste ($n = 8.554$) e Sul ($n = 2.919$); * $p < 0,05$.

Como é possível observar nesta tabela, a análise fatorial confirmatória multigrupo, que testou a *invariância configural*, pareceu suportar esta hipótese. No caso, verificou-se $RMSEA = 0,029$. Portanto, sugere-se que a estrutura hexafatorial pode ser considerada equivalente através das cinco regiões brasileiras. Quando as cargas fatoriais foram restringidas (*invariância métrica*), o $\Delta RMSEA$ correspondente (0,000) sugeriu que o modelo seguiu invariante, uma vez que este coeficiente foi inferior ao ponto de corte admitido ($\Delta RMSEA < 0,015$); achados similares foram também verificados para as invariâncias *escalar* ($\Delta RMSEA = 0,000$), *estrutural* ($\Delta RMSEA = 0,004$) e *residual* ($\Delta RMSEA = 0,006$).

Em resumo, apesar de variações apresentadas pelos dados com respeito ao modelo teórico discutido acerca dos valores humanos, no geral, os resultados parecem apoiar sua adequação no contexto brasileiro. Este aspecto é brevemente considerado a seguir, apresentando uma *discussão parcial* do presente estudo.

4.4 Discussão Parcial

O objetivo principal deste primeiro estudo foi verificar a adequação da *Teoria funcionalista dos valores humanos* (Gouveia & cols., 2008, 2009, 2010) no contexto brasileiro, testando suas hipóteses de *conteúdo* e *estrutura*. Espera-se que estes tenham sido alcançados. Destacam-se os seguintes aspectos:

Segundo os autores desta teoria (Gouveia, 2003; Gouveia & cols., 2008, 2009, 2010), os valores são organizados em termos de duas dimensões funcionais principais: *tipo de orientação* (pessoal, central e social) e *tipo de motivador* (materialista e idealista), cujo cruzamento dá origem a seis subfunções que, no presente caso, são representadas por três valores específicos cada uma: *experimentação* (motivador idealista e orientação pessoal; valores *emoção*, *prazer* e *sexualidade*), *realização*

(motivador *materialista* e orientação *pessoal*; valores *êxito, poder e prestígio*), *existência* (motivador *materialista* e orientação *central*; valores *estabilidade pessoal, saúde e sobrevivência*), *suprapessoal* (motivador *idealista* e orientação *central*; valores *beleza, conhecimento e maturidade*), *interativa* (motivador *idealista* e orientação *social*; valores *afetividade, apoio social e convivência*) e, por fim, *normativa* (motivador *materialista* e orientação *social*; valores *obediência, tradição e religiosidade*).

A *hipótese de conteúdo* sugeria que os valores específicos se agrupariam em seis subfunções, que deveria ser a estrutura fatorial mais adequada; e a *hipótese de estrutura* indicava que os valores *centrais* se localizariam entre os *pessoais* e *sociais*, que se encontrariam em lados opostos do espaço bidimensional, enquanto que os valores *materialistas* e *idealistas* ocupariam posições distintas neste espaço. Tais hipóteses foram corroboradas nas cinco macrorregiões do país, empregando-se procedimentos confirmatórios (análises fatoriais, escalonamentos multidimensionais).

O *tipo de orientação* reflete em certa medida a tipologia de tipos motivacionais de valores (Schwartz, 2005), que os classifica em individualistas (*pessoais*), coletivistas (*sociais*) e mistos (*centrais*). Contudo, Gouveia, Milfont, Soares, Andrade e Leite-Lauer (no prelo) apontam que estas semelhanças não se tratam de mudança de nomenclaturas, indicando que os valores *centrais* não podem ser confundidos com os *mistos*, pois, diferentemente destes, aqueles não se definem por expressarem ideias múltiplas (Schwartz & Boehnke, 2004); contrariamente, são descritos como *centrais* por representarem a espinha dorsal da estrutura de valores, sendo coerentes com todos os demais (Gouveia & cols., 2010). Não são *pessoais* ou *sociais*, mas centram-se no eixo principal das necessidades; a dicotomia *pessoal - social* é minorada quer em razão de a pessoa tomar como princípios-guias valores que representam as necessidades humanas mais básicas (subfunção *existência*) ou devido a se guiar por aqueles que representam

necessidades de mais alto nível, comumente definidas como de desenvolvimento (subfunção *suprapessoal*).

Quanto ao *tipo de motivador*, sugere alguma similaridade com aquela proposta por Inglehart (1991). Contudo, há também diferença. Enquanto este autor considera os valores materialistas e pós-materialistas como polos de uma mesma dimensão cultural, no modelo sob consideração os valores *materialistas* e *idealistas* conformam dimensões distintas no nível individual, pessoal de análise (Gouveia, 2003). Esta dimensão parece fundamental para comparar pessoas vivendo em diferentes contextos culturais, segundo o grau de escassez ou riqueza apresentado. Possivelmente, em culturas mais pobres o padrão esperado seja o *materialismo*, enquanto o *idealista* poderia ocorrer com mais frequência em culturas ricas (Fischer & cols., no prelo). É possível, contudo, que ambos os tipos de motivadores sejam endossados em contextos ou países em desenvolvimento, o que talvez dificulte separá-las mais claramente.

Concluindo, segundo os achados deste estudo, parece razoável afirmar que, ao menos no contexto brasileiro, considerando seus 26 estados e o Distrito Federal, a *Teoria funcionalista dos valores humanos* apresenta evidências que apoiam suas hipóteses de *conteúdo* e *estrutura*. Embora não perfeito, isto é, com indicadores de ajuste algo abaixo dos recomendados, sobretudo em razão das características próprias dos valores, com escassa variabilidade de resposta, o modelo se mostrou adequado, reunindo parâmetros aceitáveis que o corroboram. Além disso, é importante assinalar que esta teoria é mais parcimoniosa que alguns modelos teóricos prévios (por exemplo, Rokeach, 1973; Schwartz, 1992) e mais inclusivo que outros (por exemplo, Hofstede, 1984; Inglehart, 1991), apesar de não fazer distinção entre os níveis cultural e individual de análise. Resta, entretanto, conhecer se ela pode ser igualmente empregada em outros contextos culturais ou países.

**CAPÍTULO V. TESTANDO A TEORIA FUNCIONALISTA DOS VALORES
HUMANOS TRANSCULTURALMENTE**

5.1 Introdução

Como anteriormente descrito, não é de hoje que se realizam esforços com o fim de conhecer o conteúdo e a estrutura dos valores humanos (Braithwaite & Law, 1985; Gouveia, 1998; Gouveia & cols., 2011; Kohn, 1977; Rokeach, 1973; Schwartz, 1992). Especificamente, no contexto internacional alguns modelos têm reunido evidências a respeito, como o que descreve Schwartz (1992). Contudo, no caso da *Teoria funcionalista dos valores*, apesar de sua eficácia para explicar múltiplos fenômenos psicossociais (Aquino, 2009; Cavalcanti, 2009; Coelho, 2009; Coelho Junior, 2001; Diniz, 2009; Medeiros, 2008; Pimentel, 2004; Santos, 2008; Vasconcelos, 2004) e seu caráter integrador e parcimonioso, contemplando modelos prévios (por exemplo, Inglehart, 1991; Schwartz, 1992), pouco ainda é conhecido acerca de sua adequação fora do Brasil. Concretamente, foram encontradas três referências a respeito, sendo um artigo (Gouveia & cols., 2011) e duas teses de doutorado (Boer, 2009; Guerra, 2009); unicamente a primeira focou no propósito de conhecer a adequação desta teoria, considerando participantes da Espanha.

O presente estudo procurou reunir achados adicionais sobre os valores humanos, apresentando evidências acerca desta teoria em doze países, a saber (em ordem alfabética): Alemanha, Argentina, Brasil, Colômbia, Espanha, Filipinas, Honduras, Inglaterra, Israel, México, Nova Zelândia e Peru. Este foi seu *objetivo geral*, pretendendo-se, especificamente, testar as hipóteses de *conteúdo* (*Hipótese 1*. Seis subfunções valorativas representadas por três marcadores específicos cada uma) e *estrutura* (*Hipótese 2*. Valores *centrais* figurando entre os *pessoais* e *sociais*, localizados em lados opostos do espaço, enquanto os *idealistas* e *materialistas* aparecendo em regiões diferentes). Pretendeu-se ainda (a) testar se a *estrutura* e o *conteúdo* dos valores se mantêm invariantes através dos países e (b) reunir evidências

dos parâmetros psicométricos das subfunções valorativas, isto é, suas validades convergente e discriminante, homogeneidade e consistência interna (Alfa de Cronbach, Confiabilidade Composta). Neste sentido, busca-se replicar os achados anteriores, considerando diversos contextos culturais e realizando análises estatísticas complementares.

5.2 Método

5.2.1 Amostra

Participaram deste estudo 4.991 pessoas de doze países, incluindo pessoas da população geral e estudantes universitários. Todas as amostras foram acidentais, isto é, por conveniência (não probabilísticas). Descrevem-se sumariamente a seguir as características demográficas principais de cada uma:

Alemanha. A amostra deste país, representante da Europa, foi composta por 156 participantes da população geral, os quais responderam os questionários disponibilizados na Internet. Tais participantes tinham idade média de 22,6 anos ($dp = 6,27$), variando de 13 a 49 anos, sendo a maioria do sexo feminino (53,8%).

Argentina. Os participantes argentinos totalizaram 406 pessoas, das quais 66% foram oriundas da população geral e os demais eram estudantes universitários. No geral, estas pessoas da América do Sul tinham idade média de 24,5 anos ($dp = 9,39$), com o mais jovem tendo 15 e o mais velho 73 anos; majoritariamente, estes eram do sexo feminino (60,1%).

Brasil. Ressalta-se que a amostra brasileira considerada nesta ocasião independeu daquela descrita no *Estudo 1*. No presente caso, contou-se com a participação de 1.235 pessoas da população geral e estudantes, a maioria dos quais universitários (56%). Suas idades variaram de 17 a 70 anos, apresentando média de 26

anos ($dp = 9,60$); tais participantes foram predominantemente do sexo feminino (59,4%). Este foi o segundo país da América do Sul.

Colômbia. Os participantes deste país, também da América do Sul, somaram 230 pessoas, distribuídas entre estudantes universitários (56,5%) e aquelas da população geral (43,5%). Estas tinham idade média de 28,7 anos ($dp = 11,33$), com amplitude de 18 a 67 anos, quase igualmente distribuída quanto ao sexo (51,3% mulheres).

Espanha. Compuseram a amostra deste país 874 participantes, todos estudantes de níveis diferentes de escolaridade, com idades variando de 12 a 84 anos ($m = 19,4$, $dp = 11,53$). A maioria destes foi do sexo feminino (54,4%). Este é outro país da Europa.

Filipinas. Contou-se com uma amostra de 279 estudantes universitários deste país, localizado na Ásia. Estes tinham idade média de 19,1 anos ($dp = 3,28$; amplitude de 16 a 35), sendo próximo a 2/3 do sexo feminino (70,3%).

Honduras. Deste representante da América Central participaram 199 indivíduos, incluindo-se aqueles da população geral (51%) e estudantes universitários (49%). Tais participantes tinham idades entre 15 e 63 anos, com média de 27,1 anos ($dp = 10,26$), sendo quase igualmente distribuídos quanto ao sexo (50,3% homens).

Inglaterra. Contou-se com amostra de 298 participantes deste país da Europa, distribuídos entre aqueles identificados como estudantes universitários (76,2%) e os da população geral (23,8%). Todos participaram responderam os questionários disponíveis na Internet. Estes participantes tinham idade média de 22,3 anos ($dp = 8,24$; amplitude de 18 a 70), sendo majoritariamente do sexo feminino (73,2%).

Israel. Este país, localizado na Ásia, mas com inserção na Europa, teve a participação de 167 estudantes universitários, os quais apresentaram idade média de 23,1 anos ($dp = 2,07$), variando de 19 a 35 anos. Predominantemente, foram do sexo masculino (58,7%).

México. A amostra deste país, localizado na América Central, foi composta por 274 participantes, os quais foram identificados como estudantes universitários (58%) e pessoas da população geral (42%). Suas idades variaram de 18 a 78 anos ($m = 28,1$, $dp = 10,62$), estando quase igualmente distribuídos em relação ao sexo (50,7% mulheres).

Nova Zelândia. Contou-se com a participação de 257 estudantes universitários deste país da Oceania. Estes apresentaram idade média de 19,9 anos ($dp = 4,73$), variando de 17 a 49 anos. Cerca de 3/4 deles foram do sexo feminino (75,5%).

Peru. Este país da América do Sul contribuiu com a participação de 615 pessoas, distribuídos entre estudantes universitários (51,2%) e pessoas da população geral (48,8%). Estes apresentaram idade média de 28,2 anos ($dp = 11,20$; amplitude de 18 a 68 anos), quase igualmente representados em relação ao sexo (51,1% homens).

5.2.2 Instrumentos

Os participantes de todos os países responderam uma bateria de instrumentos, entre os quais o *Questionário de Valores Básicos* (QVB; Gouveia, 2003; Gouveia & cols., 2010) e *perguntas demográficas* (sexo, idade e escolaridade). A descrição do QVB foi detalhadamente apresentada no *Estudo 1*; sua versão original em português foi tida em conta para desenvolver versões em três idiomas: alemão (Anexo 5), espanhol (Anexo 4) e inglês (Anexo 3). Todas as traduções foram realizadas por ao menos dois psicólogos bilíngues, sendo revisadas por um terceiro psicólogo com igual habilidade linguística. Procurou-se garantir o sentido de cada valor específico, tendo-se sempre em conta a subfunção que cada um pretendia representar.

5.2.3 Procedimento

Pesquisadores em diversos países foram convidados a participar de projeto transcultural sobre valores humanos no período de 2007 a 2010. Procurou-se realizar ações coordenadas com o fim de coletar os dados nos países, preparando instruções padronizadas e/ou treinando os colaboradores, coordenadores da pesquisa em seus respectivos países. Os dados referentes aos estudantes foram obtidos em contexto coletivo de sala de aula, embora sua participação tenha sido individual, pautando-se nas instruções sobre como responder o questionário. No caso daqueles que responderam a versão *online* (na *Internet*) do QVB, eles receberam um *e-mail* em que eram convidados a participar do estudo, disponibilizando-se um *link* que os direcionavam para uma página *web* onde constavam as instruções e os instrumentos. Não foi contabilizada a taxa de participação, sendo igualmente estimulada a colaboração de colegas da pessoa inicialmente convidada (*técnica de bola de neve*). Todas as respostas eram salvas em arquivos do *excel*, convertidas posteriormente para formato *.sav* (*PASW*). Finalmente, as pessoas da população geral eram abordadas em locais públicos (por exemplo, ruas, praças, centros comerciais). Na ocasião eram informadas sobre os propósitos do estudo, sendo solicitadas a participar; aquelas que se disponibilizaram a colaborar receberam uma caneta e o caderno contendo instruções e os instrumentos a serem respondidos.

Todos os participantes foram informados acerca do caráter voluntário de sua participação, indicando que suas respostas seriam tratadas de modo confidencial e anônimo, não sendo necessária sua identificação. Adicionalmente, esclareceram-se sobre as diretrizes éticas de pesquisas com seres humanos, solicitando que assinassem (pesquisa com estudantes e pessoas da população geral) ou concordassem com (pesquisa *online*) *termo de consentimento livre e esclarecido*. Este projeto compreendeu um desdobramento de pesquisa aprovada por Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, do Hospital Universitário Lauro Wanderley, Universidade Federal da Paraíba

(Proc. 0011; Anexo 7). Naqueles contextos em que foi possível controlar o tempo, aproximadamente 20 minutos foram necessários para concluir a participação das pessoas na pesquisa.

5.2.4 Análises de dados

Utilizaram-se três programas estatísticos para realizar as análises dos dados deste estudo. O PASW (versão 19) foi empregado para calcular estatísticas descritivas, consistência interna das subfunções valorativas e realizar o escalonamento multidimensional confirmatório (MDS, algoritmo Proxscal). Neste caso, coerente com o estudo anterior, a partir dos dados brutos foi criada a matriz de distâncias euclidianas, transformando as respostas aos valores em pontuações *z*, admitindo média 0 e desvio padrão 1. Posteriormente, a organização espacial dos valores foi definida de acordo com a teoria em pauta, com as subfunções assumindo os seguintes parâmetros para a dimensão *tipo de orientação*: experimentação [1,0], realização [1,0], existência [0,0], suprapessoal [0,0], interativa [-1,0] e normativa [-1,0]; no caso da dimensão *tipo de motivador*, os parâmetros assumidos pelas subfunções foram como seguem: experimentação [0,5], realização [-0,5], existência [-1,0], suprapessoal [1,0], interativa [0,5] e normativa [-0,5]. Portanto, cada valor foi forçado a ocupar uma posição específica no espaço. Assumiu-se o nível ordinal de medida, permitindo *break ties*. O coeficiente *Phi de Tucker* (Φ) foi utilizado como medida de ajuste do modelo, aceitando-se valores de 0,90 ou superiores (Van de Vijver & Leung, 1997).

O programa Amos (versão 19) foi utilizado para realizar as análises fatoriais confirmatórias. Neste caso, considerou-se em cada país a matriz de variância-covariância, adotando o estimador *ML* (*Maximum Likelihood*). Testou-se inicialmente o modelo original, isto é, hexafatorial, presumindo as subfunções *experimentação*,

realização, existência, suprapessoal, interativa e normativa. Este modelo foi contrastado com outros quatro: unifatorial (todos os valores saturando em um único fator), bifatorial (os valores sendo igualmente distribuídos em dois tipos de motivador: *materialista* e *idealista*, coerente com a proposta de Inglehart, 1991), trifatorial (dividindo os valores segundo o tipo de orientação, isto é, *pessoal, central* e *social*, algo similar à proposta de Schwartz, 1992) e pentafatorial (reunindo os valores *materialistas* e *idealistas* em um único fator, mantendo as outras quatro subfunções). Admitiram-se os mesmos indicadores de ajuste descritos no estudo anterior (por exemplo, *GFI, CFI, RMSEA*; Byrne, 2010; Kline, 2005; Tabachnick & Fidell, 2007).

O programa *GPA (Generalized Procrustes Analysis, versão 2.5)* foi utilizado com o fim de avaliar a reprodutibilidade da estrutura espacial dos valores humanos. Este procedimento não era necessário no contexto do Brasil (*Estudo 1*), uma vez que se tratava de uma única cultura; porém, ao considerar múltiplas culturas, existe sempre a possibilidade de as pessoas atribuírem significados diferentes aos valores, podendo resultar em diferentes configurações ou representações espaciais (Schwartz & Sagiv, 1995). Neste caso, inicialmente, com o fim de contar com um parâmetro de comparação, tomou-se a matriz agregada de correlações, considerando os 12 países. Esta é a matriz de correlação média, calculada a partir das matrizes específicas por país, assegurando-lhes peso equivalente (Fontaine & Fischer, no prelo; Muthén, 1994). Com base nesta matriz conjunta foi testada a estrutura espacial (*MDS* com algoritmo Proxscal), que gerou as coordenadas de referência. Contudo, um problema é que as coordenadas dos valores específicos (itens) na matriz conjunta e aquelas dos países específicos não podem ser diretamente comparadas, no sentido de que a rotação, reflexão, tradução e dilatação do sistema de coordenadas as afetam, sugerindo que as soluções espaciais são mais diferentes a primeira vista do que realmente são. Neste

sentido, procurou-se tornar tais coordenadas comparáveis por meio do *GPA* (Borg & Groenen, 1997; Commandeur, 1991; Commandeur, Kroonenberg & Dum III, 2004), que calcula as configurações de modo a que correspondam, tanto quanto possível, sem afetar as distâncias relativas entre os pontos (localização dos valores) dentro de cada configuração espacial. Este procedimento estatístico permite que as coordenadas dos valores específicos sejam diretamente comparáveis. A similaridade média entre a configuração conjunta e as específicas dos países compreende um indicador da robustez e estabilidade transcultural da estrutura teorizada dos valores; o *S-stress* de até 0,20 e o *total fit* (ajuste total) igual ou superior a 0,90 foram considerados como provas da adequação da estrutura teórica.

5.3 Resultados

5.3.1 Estatísticas descritivas, índices de consistência e validades das subfunções

Neste primeiro momento, buscou-se averiguar as pontuações médias das subfunções nos diversos países, seus respectivos índices de consistência interna (*Alfa de Cronbach*), homogeneidade (correlação média inter-itens, $r_{m.i}$), confiabilidade composta (*CC*) e variância média extraída (*VME*). Os resultados são apresentados em ordem alfabética dos países.

Alemanha. Os resultados correspondentes a este país são mostrados na Tabela 27 a seguir; as funções consideradas menos e mais importantes foram *normativa* ($m = 3,1$) e *suprapessoal* ($m = 5,5$), respectivamente. Observaram-se diferenças entre as pontuações das subfunções [*Lambda de Wilks* = 0,15; $F(5, 151) = 165,92$, $p < 0,001$]. O teste *post hoc* de Bonferroni indicou que unicamente não foram observadas diferenças ($p < 0,05$) entre os pares de subfunções *suprapessoal* - *interativa* e *experimentação* - *existência*. Todos os Alfas de Cronbach foram superiores a 0,50, com valor médio de

0,54; seus índices de homogeneidade se situaram entre 0,26 a 0,31 ($m = 0,28$); no caso de suas *CCs*, excetuando aquela para a subfunção *existência* (0,58), todas as demais foram superiores a 0,60; e as *VMEs* se apresentaram no intervalo de 0,51 a 0,57 ($m = 0,54$), sugerindo *validade convergente* das subfunções.

Tabela 27. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto na Alemanha.

Subfunções	<i>m</i>	<i>dp</i>	α	$r_{m.i}$	<i>CC</i>	<i>VME</i>
Experimentação	5,1 (3)	0,97	0,53	0,27	0,68	0,54
Realização	4,1 (5)	1,05	0,54	0,29	0,66	0,52
Existência	5,0 (4)	1,00	0,54	0,27	0,58	0,52
Suprapessoal	5,5 (1)	0,91	0,50	0,26	0,66	0,51
Interativa	5,4 (2)	1,05	0,54	0,29	0,66	0,56
Normativa	3,1 (6)	1,04	0,57	0,31	0,76	0,57

Nota: *m* = média, *dp* = desvio padrão, α = Alfa de Cronbach, $r_{m.i}$ = Índice de homogeneidade, *CC* = Confiabilidade Composta, *VME* = Variância Média Extraída. Os valores entre parênteses correspondem à ordem de importância das subfunções.

Os resultados referentes às evidências de validade discriminante são apresentados na Tabela 28. Conforme pode ser observado, a maioria das correlações entre as subfunções foi positiva, excetuando aquelas de *experimentação* com *existência* e *normativa* ($r = -0,04$ para ambas).

Tabela 28. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas na Alemanha.

$\sqrt{VME}$	Subfunções	1	2	3	4	5
0,73	1.Experimentação	—				
0,72	2.Realização	0,33 (0,24)	—			
0,72	3.Existência	-0,04 (0,02)	0,46 (0,19)	—		
0,71	4.Suprapessoal	0,50 (0,28)	0,53 (0,22)	0,02 (0,12)	—	
0,75	5.Interativa	0,64 (0,30)	0,11 (0,01)	0,26 (0,34)	0,39 (0,18)	—
0,75	6.Normativa	-0,04 (-0,04)	0,32 (0,13)	0,65 (0,40)	0,09 (0,11)	0,29 (0,25)

Nota: Entre parênteses encontram-se as correlações de Pearson (unicaudal).

Percebe-se que todas as raízes quadradas das *VMEs*, situadas entre 0,71 e 0,75, foram superiores às correlações observadas entre as subfunções valorativas, que se apresentaram no intervalo de -0,04 a 0,64. Portanto, indica-se que tais subfunções reuniram evidências de *validade discriminante*.

Argentina. Os resultados correspondentes a este país são mostrados na Tabela 29. Por meio de uma *MANOVA* para medidas interdependentes foram identificadas diferenças significativas entre as seis subfunções [*Lambda de Wilks* = 0,27; *F* (5, 401) = 210,61, *p* <0,001)]. Especificamente, os valores mais endossados pelos argentinos foram os da subfunção *existência* (*m* = 5,9), enquanto que os com menor adesão foram aqueles de *realização* (*m* = 4,5); o teste *post hoc* de Bonferroni indicou que todas as pontuações das subfunções se diferiram entre si. A consistência interna média foi de 0,52 (Alfa de Cronbach), variando de 0,40 (*suprapessoal*) a 0,60 (*normativa*); já a homogeneidade variou de 0,18 (*suprapessoal*) a 0,33 (*normativa*), com coeficiente médio de 0,26; no que diz respeito à confiabilidade composta, em todas as subfunções esta foi superior a 0,60; e, finalmente, no caso das *VMEs*, com exceção das subfunções *existência* (0,40) e *suprapessoal* (0,49), as demais apresentaram valores superiores a 0,50, evidenciando *validade convergente*.

Tabela 29. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto na Argentina.

Subfunções	<i>m</i>	<i>dp</i>	<i>α</i>	<i>r_{m.i}</i>	<i>CC</i>	<i>VME.</i>
Experimentação	5,1 (4)	0,91	0,50	0,26	0,68	0,51
Realização	4,5 (6)	0,99	0,59	0,31	0,83	0,59
Existência	5,9 (1)	0,74	0,49	0,24	0,63	0,49
Suprapessoal	5,3 (3)	0,81	0,40	0,18	0,61	0,40
Interativa	5,7 (2)	0,84	0,52	0,26	0,73	0,52
Normativa	4,8 (5)	1,15	0,60	0,33	0,65	0,58

Nota: *m* = média, *dp* = desvio padrão, *α* = Alfa de Cronbach, *r_{m.i}* = Índice de homogeneidade, *CC* = Confiabilidade Composta, *VME* = Variância Média Extraída. Os valores entre parênteses correspondem à ordem de importância das subfunções.

A matriz de correlações entre as subfunções e as raízes quadradas das *VMEs* de cada subfunção pode ser vistas na Tabela 30. Excetuando a correlação entre as subfunções *normativa* e *experimentação* ($r = -0,01$), todas as demais foram positivas.

Tabela 30. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas na Argentina.

$\sqrt{VME}$	Subfunções	1	2	3	4	5
0,71	1.Experimentação	—				
0,77	2.Realização	0,56 (0,33)	—			
0,70	3.Existência	0,57 (0,26)	0,30 (0,18)	—		
0,63	4.Suprapessoal	0,58 (0,25)	0,32 (0,16)	1,00 (0,34)	—	
0,72	5.Interativa	0,40 (0,18)	0,09 (0,03)	0,82 (0,43)	0,87 (0,35)	—
0,76	6.Normativa	-0,01 (-0,06)	0,22 (0,13)	0,80 (0,41)	0,77 (0,34)	0,85 (0,48)

Nota: Entre parênteses encontram-se as correlações de Pearson (unicaudal).

Percebe-se, nesta tabela, que as raízes quadradas das *VMEs* variaram de 0,63 a 0,77, sendo superiores a maioria das correlações entre as subfunções, assegurando *validade discriminante*. Entretanto, fugindo a este padrão apareceram as correlações de *existência* com *interativa* ($r = 0,82$) e *normativa* ($r = 0,80$), bem como a *suprapessoal* com *interativa* ($r = 0,87$) e *normativa* ($r = 0,77$).

Brasil. Neste país, os valores mais importantes foram os de *existência* ($m = 6,1$), enquanto que os de menor importância foram aqueles de *experimentação* e *realização* ($m = 4,9$ para ambos). Observaram-se diferenças significativas entre as pontuações das subfunções [$\text{Lambda de Wilks} = 0,36$; $F(5, 1230) = 441,13$, $p < 0,001$], com o teste de *post hoc* de Bonferroni mostrando que somente entre as subfunções *experimentação* e *realização* não se observou diferença ($p > 0,05$). A homogeneidade variou de 0,24 a 0,38 ($m = 0,29$); todas as *CCs* foram superiores a 0,60, enquanto que as *VMEs*, excetuando a correspondente à subfunção *interativa* ($VME = 0,49$), situaram-se acima

de 0,50, assegurando sua *validade convergente*. Detalhes destes resultados são mostrados na Tabela 31 a seguir.

Tabela 31. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto no Brasil.

Subfunções	<i>m</i>	<i>dp</i>	<i>α</i>	<i>r_{m.i}</i>	<i>CC</i>	<i>VME</i>
Experimentação	4,9 (5)	1,05	0,53	0,28	0,71	0,55
Realização	4,9 (6)	1,03	0,58	0,31	0,78	0,57
Existência	6,1 (1)	0,81	0,55	0,29	0,64	0,55
Suprapessoal	5,6 (3)	0,86	0,50	0,25	0,63	0,50
Interativa	5,8 (2)	0,83	0,48	0,24	0,69	0,49
Normativa	5,3 (4)	1,14	0,63	0,38	0,71	0,63

Nota: *m* = média, *dp* = desvio padrão, *α* = Alfa de Cronbach, *r_{m.i}* = Índice de homogeneidade, *CC* = Confiabilidade Composta, *VME* = Variância Média Extraída. Os valores entre parênteses correspondem à ordem de importância das subfunções.

Na Tabela 32 são apresentados os resultados que podem dar conta da *validade discriminante* das subfunções valorativas. Nela é possível observar as raízes quadradas das *VMEs* e os coeficientes de correlação entre as seis subfunções. A propósito, destaca-se que, excetuando a correlação entre as subfunções *experimentação* e *normativa* (*r* = -0,02), todas as demais foram positivas.

Tabela 32. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas no Brasil.

$\sqrt{VME}$	Subfunções	1	2	3	4	5
0,74	1.Experimentação	—				
0,75	2.Realização	0,81 (0,48)	—			
0,75	3.Existência	0,43 (0,22)	0,57 (0,33)	—		
0,71	4.Suprapessoal	0,50 (0,30)	0,44 (0,26)	0,96 (0,49)	—	
0,70	5.Interativa	0,31 (0,16)	0,34 (0,19)	0,77 (0,41)	0,79 (0,39)	—
0,79	6.Normativa	-0,02 (-0,05)	0,24 (0,14)	0,64 (0,37)	0,41 (0,21)	0,61 (0,36)

Nota: Entre parênteses encontram-se as correlações de Pearson (unicaudal).

Nos pares de subfunções *realização* – *experimentação*, *existência* – *suprapessoal*, *existência* – *interativa* e *suprapessoal* – *interativa* é possível observar que as correlações foram superiores as raízes quadradas das *VMEs* correspondentes; em

todos os outros pares o contrário foi constatado, atestando a *validade discriminante* das subfunções valorativas.

Colômbia. Inicialmente, buscou-se conhecer se havia diferenças entre as pontuações nas subfunções, realizando-se uma *MANOVA* para medidas interdependentes, atestando tais diferenças [*Lambda de Wilks* = 0,40; *F* (5, 225) = 64,74, *p* < 0,001)]. Os resultados podem ser observados na Tabela 33 a seguir.

Tabela 33. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto na Colômbia.

Subfunções	<i>m</i>	<i>dp</i>	<i>α</i>	<i>r_{m.i}</i>	<i>CC</i>	<i>VME</i>
Experimentação	5,1 (6)	0,96	0,57	0,32	0,73	0,56
Realização	5,1 (5)	0,99	0,68	0,43	0,82	0,66
Existência	6,0 (1)	0,73	0,44	0,21	0,61	0,45
Suprapessoal	5,6 (3)	0,82	0,50	0,25	0,70	0,50
Interativa	5,6 (2)	0,75	0,46	0,23	0,72	0,48
Normativa	5,2 (4)	1,03	0,51	0,28	0,65	0,55

Nota: *m* = média, *dp* = desvio padrão, *α* = Alfa de Cronbach, *r_{m.i}* = Índice de homogeneidade, *CC* = Confiabilidade Composta, *VME* = Variância Média Extraída. Os valores entre parênteses correspondem à ordem de importância das subfunções.

De acordo com esta tabela, verifica-se que a subfunção *existência* (*m* = 6,0) foi considerada a mais importante, enquanto que as subfunções *experimentação* e *realização* obtiveram a menor importância (*m* = 5,1). Segundo o teste *post hoc* (*Bonferroni*), não se diferenciaram (*p* > 0,05) entre si as subfunções *realização* – *normativa*, *interativa* – *suprapessoal*, *normativa* – *experimentação* e *experimentação* – *realização*. O índice de consistência interna medido por meio do Alfa de Cronbach apresentou valor médio de 0,53, variando de 0,46 (*existência*) a 0,68 (*realização*); já os coeficientes de homogeneidade variaram de 0,21 (*existência*) a 0,43 (*realização*), com média de 0,29; a *validade convergente* foi averiguada por meio das *CCs* e *VMEs*, indicando-se no primeiro caso valores superiores a 0,60, e as *VMEs*, no geral, foram iguais ou superiores a 0,50, excetuando-se as referentes às subfunções *existência* (0,45) e *interativa* (0,48).

Os resultados que se referem à *validade discriminante* são apresentados na Tabela 34. Nesta tabela são observadas as raízes quadradas das *VMEs* das subfunções e a matriz de correlações correspondentes. Excetuando a correlação entre as subfunções *normativa* e *experimentação* ($r = -0,13$), todas as demais foram positivas.

Tabela 34. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas na Colômbia.

$\sqrt{VME}$	Subfunções	1	2	3	4	5
0,75	1.Experimentação	—				
0,81	2.Realização	0,75 (0,44)	—			
0,67	3.Existência	0,52 (0,25)	0,54 (0,29)	—		
0,71	4.Suprapessoal	0,54 (0,32)	0,51 (0,26)	0,86 (0,37)	—	
0,69	5.Interativa	0,14 (0,13)	0,36 (0,20)	0,87 (0,38)	0,70 (0,34)	—
0,74	6.Normativa	-0,13 (-0,10)	0,19 (0,09)	0,74 (0,33)	0,34 (0,17)	0,79 (0,43)

Nota: Entre parênteses encontram-se as correlações de Pearson (unicaudal).

De acordo com esta tabela, unicamente as correlações da subfunção *existência* com *suprapessoal* e *interativa*, e *suprapessoal* com *interativa* não foram superiores às raízes quadradas de suas respectivas *VMEs*. Portanto, isto indica a *validade discriminante* das subfunções valorativas.

Espanha. Os resultados para este país podem ser observados na Tabela 35. Observa-se que a subfunção *existência* ($m = 5,8$) foi considerada a mais importante, ao passo que a *normativa* ($m = 4,0$) foi a menos. Identificaram-se diferenças entre as pontuações das subfunções [$\text{Lambda de Wilks} = 0,31$; $F(5, 869) = 382,14$, $p < 0,001$]. Especificamente, os testes *post hoc* de Bonferroni indicaram diferenças entre todas elas ($p < 0,05$). Os resultados apontaram coeficientes médios de α e $r_{m,i}$ correspondentes a 0,61 e 0,31, respectivamente. A *validade convergente* das subfunções foi averiguada por meio dos indicadores de *CCs* e *VMEs*, que apresentaram valores satisfatórios, isto é, próximos a 0,60 e 0,50, respectivamente.

Tabela 35. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto na Espanha.

Subfunções	<i>m</i>	<i>dp</i>	α	$r_{m.i}$	<i>CC</i>	<i>VME</i>
Experimentação	4,9 (4)	1,27	0,68	0,41	0,74	0,64
Realização	4,2 (5)	1,25	0,63	0,36	0,82	0,62
Existência	5,8 (1)	1,04	0,66	0,40	0,71	0,63
Suprapessoal	5,1 (3)	1,06	0,50	0,26	0,64	0,50
Interativa	5,5 (2)	1,07	0,64	0,37	0,73	0,61
Normativa	4,0 (6)	1,25	0,57	0,31	0,74	0,53

Nota: *m* = média, *dp* = desvio padrão, α = Alfa de Cronbach, $r_{m.i}$ = Índice de homogeneidade, *CC* = Confiabilidade Composta, *VME* = Variância Média Extraída. Os valores entre parênteses correspondem à ordem de importância das subfunções.

Na Tabela 36 a seguir são mostradas as raízes quadradas das *VMEs* e as correlações entre as subfunções valorativas. A partir destes resultados podem-se inferir acerca de evidências de *validade discriminante* de cada subfunção.

Tabela 36. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas na Espanha.

$\sqrt{VME}$	Subfunções	1	2	3	4	5
0,80	1.Experimentação	—				
0,79	2.Realização	0,71 (0,51)	—			
0,79	3.Existência	0,38 (0,22)	0,28 (0,29)	—		
0,71	4.Suprapessoal	0,61 (0,38)	0,46 (0,37)	0,92 (0,48)	—	
0,78	5.Interativa	0,37 (0,22)	0,30 (0,24)	0,92 (0,60)	0,85 (0,45)	—
0,73	6.Normativa	0,00 (-0,09)	0,26 (0,18)	0,66 (0,29)	0,73 (0,33)	0,62 (0,28)

Nota: Entre parênteses encontram-se as correlações de Pearson (unicaudal).

Observa-se que, excetuando as correlações da subfunção *existência* com *suprapessoal* e *interativa*, e *suprapessoal* com *interativa*, em todos os demais casos as raízes quadradas das *VMEs* das subfunções foram superiores às correlações correspondentes entre elas. Portanto, estas são evidências favoráveis de *validade discriminante* das subfunções valorativas.

Filipinas. Os resultados deste país podem ser verificados na Tabela 37. Inicialmente, buscou-se verificar se havia diferenças entre as pontuações das subfunções, o que se comprovou [*Lambda de Wilks* = 0,30; *F* (5, 274) = 127,87, *p*

<0,001)]. O teste *post hoc* de *Bonferroni* demonstrou que não se diferenciaram unicamente as subfunções *interativa – normativa*, *interativa – suprapessoal* e *experimentação - realização*. Para os filipinos as subfunções *existência* ($m = 6,1$) e *experimentação* ($m = 4,9$) se apresentaram como a mais e menos importantes, respectivamente. Os Alfas de Cronbach das subfunções variaram de 0,55 (*existência*) a 0,68 (*experimentação*), com coeficiente médio de 0,63; a homogeneidade média foi de 0,37; evidências de *validade convergente* de cada subfunção foram observadas em razão de as *CCs* e *VMEs* serem superiores a 0,60 e 0,50, respectivamente.

Tabela 37. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto nas Filipinas.

Subfunções	<i>m</i>	<i>dp</i>	α	$r_{m.i}$	<i>CC</i>	<i>VME</i>
Experimentação	4,9 (6)	0,96	0,55	0,28	0,64	0,56
Realização	5,0 (5)	0,96	0,61	0,33	0,82	0,60
Existência	6,1 (1)	0,84	0,67	0,41	0,70	0,64
Suprapessoal	5,8 (2)	0,84	0,64	0,37	0,72	0,60
Interativa	5,7 (3)	0,87	0,68	0,42	0,75	0,64
Normativa	5,6 (4)	0,93	0,66	0,41	0,72	0,64

Nota: *m* = média, *dp* = desvio padrão, α = Alfa de Cronbach, $r_{m.i}$ = Índice de homogeneidade, *CC* = Confiabilidade Composta, *VME* = Variância Média Extraída. Os valores entre parênteses correspondem à ordem de importância das subfunções.

Na Tabela 38, verificam-se os resultados que descrevem evidências de *validade discriminante* das subfunções valorativas, isto é, as raízes quadradas de suas *VMEs* e as correlações entre elas.

Tabela 38. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas nas Filipinas.

$\sqrt{VME}$	Subfunções	1	2	3	4	5
0,75	1.Experimentação	—				
0,77	2.Realização	0,96 (0,60)	—			
0,80	3.Existência	0,69 (0,47)	0,61 (0,48)	—		
0,77	4.Suprapessoal	0,64 (0,47)	0,58 (0,43)	1,00 (0,62)	—	
0,80	5.Interativa	0,66 (0,46)	0,58 (0,41)	0,90 (0,59)	0,86 (0,54)	—
0,80	6.Normativa	0,20 (0,16)	0,26 (0,22)	0,74 (0,50)	0,82 (0,54)	0,68 (0,44)

Nota: Entre parênteses encontram-se as correlações de Pearson (unicaudal).

Os valores das raízes quadradas superam as correlações em quase todos os pares de subfunção, assegurando a *validade discriminante*; as exceções focaram por conta da correlação da subfunção *existência* com *suprapessoal* e *normativa*, *suprapessoal* com *interativa* e *normativa* e, finalmente, *experimentação* com *realização*.

Honduras. Para os participantes hondurenhos os valores das subfunções *existência* ($m = 6,0$) e *experimentação* ($m = 4,7$) foram os pólos em termos de importância; detalhes podem ser observados na Tabela 39. Por meio de comparação de médias interdependentes (*MANOVA*), observaram-se diferenças significativas nas pontuações das subfunções [*Lambda de Wilks* = 0,41; $F(5, 194) = 54,93$, $p < 0,001$]. Especificamente, o teste de *post hoc* (*Bonferroni*) evidenciou que não se diferenciou a subfunção *interativa* da *normativa* e *suprapessoal*, assim como não se diferenciaram, entre si, estas duas. A consistência interna das subfunções foi verificada por meio do α de Cronbach e da homogeneidade, que apresentaram valores médios de 0,44 e 0,21, respectivamente; a *validade convergente* foi averiguada como as *CCs* e as *VMEs*, que apresentaram valores médios de 0,65 e 0,48, respectivamente.

Tabela 39. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto em Honduras.

Subfunções	<i>m</i>	<i>dp</i>	α	$r_{m.i}$	<i>CC</i>	<i>VME</i>
Experimentação	4,7 (6)	1,05	0,44	0,21	0,72	0,48
Realização	5,1 (5)	0,97	0,45	0,21	0,81	0,51
Existência	6,0 (1)	0,80	0,48	0,24	0,59	0,48
Suprapessoal	5,6 (4)	0,78	0,40	0,18	0,59	0,39
Interativa	5,7 (2)	0,87	0,45	0,21	0,61	0,47
Normativa	5,7 (3)	0,89	0,43	0,21	0,60	0,54

Nota: m = média, dp = desvio padrão, α = Alfa de Cronbach, $r_{m.i}$ = Índice de homogeneidade, *CC* = Confiabilidade Composta, *VME* = Variância Média Extraída. Os valores entre parênteses correspondem à ordem de importância das subfunções.

Na Tabela 40 são apresentados os resultados a respeito de evidências de *validade discriminante* das subfunções valorativas. Especificamente, encontram-se a matriz de correlações entre as subfunções, todas positivas, e as raízes quadradas da variância média extraída (*VMEs*) para as subfunções.

Tabela 40. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas em Honduras.

$\sqrt{VME}$	Subfunções	1	2	3	4	5
0,69	1.Experimentação	—				
0,71	2.Realização	0,68 (0,33)	—			
0,69	3.Existência	0,60 (0,25)	0,60 (0,32)	—		
0,62	4.Suprapessoal	0,52 (0,23)	0,53 (0,24)	0,81 (0,27)	—	
0,68	5.Interativa	0,22 (0,12)	0,31 (0,20)	0,79 (0,40)	0,56 (0,21)	—
0,73	6.Normativa	0,16 (0,12)	0,38 (0,26)	0,97 (0,45)	0,60 (0,29)	1,00 (0,57)

Nota: Entre parênteses encontram-se as correlações de Pearson (unicaudal).

De acordo com esta tabela, a maior parte das raízes quadradas das *VMEs* foi superior às correlações observadas para os pares de subfunções, assegurando evidências de *validade discriminante*. As exceções ficaram por conta das correlações da subfunção *existência* com *suprapessoal*, *interativa* e *normativa*, assim como entre estas duas últimas. Por certo, neste país a correlação entre estas duas subfunções foi superior a 1, tendo sido arredondado; quiçá indique um fator de distúrbio.

Inglaterra. Na Tabela 41 estão apresentados os resultados descritivos. Percebe-se que a subfunção *existência* ($m = 5,5$) foi considerada a mais importante como um princípio-guia na vida dos participantes, enquanto que a *normativa* ($m = 3,7$) foi a menos importantes. O teste de diferenças de médias (*MANOVA* para medidas interdependentes) apontou diferenças [$\text{Lambda de Wilks} = 0,23$; $F(5, 293) = 198,38$, $p < 0,001$]; o teste de *post hoc* (*Bonferroni*) mostrou que somente entre as subfunções *interativa* e *existência* a diferença não se confirmou ($p > 0,05$). Verifica-se ainda que as

subfunções apresentaram coeficientes médios de consistência interna de 0,57 (α de Cronbach) e 0,33 (homogeneidade); no que diz respeito às CCs, estas apresentaram valor médio de 0,70; excetuando o observado para a subfunção *suprapessoal* (0,58), todas as demais apresentaram valores superiores a 0,60; e, finalmente, evidenciando *validade convergente*, a média das VMEs se situou em 0,55, com uma única subfunção com coeficiente abaixo de 0,50 (0,40; *suprapessoal*).

Tabela 41. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto na Inglaterra.

Subfunções	<i>m</i>	<i>dp</i>	α	$r_{m.i}$	CC	VME
Experimentação	4,8 (4)	1,08	0,66	0,39	0,74	0,63
Realização	4,5 (5)	1,03	0,64	0,37	0,72	0,59
Existência	5,5 (1)	0,84	0,53	0,28	0,64	0,53
Suprapessoal	5,3 (3)	0,79	0,42	0,19	0,58	0,40
Interativa	5,5 (2)	0,88	0,63	0,37	0,73	0,60
Normativa	3,7 (6)	1,20	0,59	0,35	0,77	0,59

Nota: *m* = média, *dp* = desvio padrão, α = Alfa de Cronbach, $r_{m.i}$ = Índice de homogeneidade, CC = Confiabilidade Composta, VME = Variância Média Extraída. Os valores entre parênteses correspondem à ordem de importância das subfunções.

Os resultados sobre a *validade discriminante* são apresentados na Tabela 42 a seguir. Concretamente, constam as correlações entre as subfunções e as raízes quadradas das VMEs de cada uma delas.

Tabela 42. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas na Inglaterra.

$\sqrt{VME}$	Subfunções	1	2	3	4	5
0,79	1.Experimentação	—				
0,77	2.Realização	0,70 (0,43)	—			
0,73	3.Existência	0,41 (0,25)	0,82 (0,41)	—		
0,63	4.Suprapessoal	0,61 (0,32)	0,76 (0,33)	0,79 (0,27)	—	
0,77	5.Interativa	0,50 (0,33)	0,53 (0,34)	0,86 (0,51)	0,63 (0,25)	—
0,77	6.Normativa	0,13 (0,00)	0,59 (0,26)	0,65 (0,31)	0,25 (0,09)	0,55 (0,30)

Nota: Entre parênteses encontram-se as correlações de Pearson (unicaudal).

Com exceção dos pares de subfunções *existência – suprapessoal*, *existência – interativa*, *realização – existência* e *realização – suprapessoal*, todos os demais apresentam *validade discriminante*, pois suas correlações foram inferiores às respectivas raízes quadradas de suas *VMEs*.

Israel. Como apresentado na Tabela 43, no que diz respeito às prioridades valorativas dos israelenses, priorizaram-se os valores de *existência* ($m = 5,8$), dando-se menos importância aos normativos ($m = 4,0$). Ao comparar as médias das subfunções se observaram diferenças [*Lambda de Wilks* = 0,28; $F(5, 162) = 81,88$, $p < 0,001$]. Concretamente, o teste de *post hoc* (*Bonferroni*) mostrou que unicamente não diferiam os seguintes pares de subfunções: *interativa – suprapessoal*, *suprapessoal – realização* e *experimentação – realização*. Os coeficientes de consistência interna (α) apresentaram média de 0,57, com valores mínimo e máximo de 0,49 (*suprapessoal*) e 0,73 (*normativo*), respectivamente; e a homogeneidade média foi de 0,32. Com exceção da subfunção *existência* (0,59), as demais apresentaram *CCs* acima de 0,60, com valor médio de 0,78; e, por fim, com relação às *VMEs*, todas as subfunções apresentaram valores iguais ou superiores a 0,50, evidenciando *validade convergente*.

Tabela 43. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto em Israel.

Subfunções	<i>m</i>	<i>dp</i>	α	$r_{m.i}$	<i>CC</i>	<i>VME</i>
Experimentação	5,1 (5)	0,95	0,55	0,29	0,75	0,53
Realização	5,3 (4)	0,90	0,63	0,39	0,84	0,62
Existência	5,8 (1)	0,84	0,53	0,27	0,59	0,53
Suprapessoal	5,4 (3)	0,83	0,49	0,24	0,86	0,52
Interativa	5,6 (2)	0,80	0,50	0,27	0,87	0,50
Normativa	4,0 (6)	1,33	0,73	0,49	0,76	0,73

Nota: *m* = média, *dp* = desvio padrão, α = Alfa de Cronbach, $r_{m.i}$ = Índice de homogeneidade, *CC* = Confiabilidade Composta, *VME* = Variância Média Extraída. Os valores entre parênteses correspondem à ordem de importância das subfunções.

No que tange à *validade discriminante*, os resultados podem ser observados na Tabela 44 a seguir. Constam nesta tabela as raízes quadradas das *VMEs* das subfunções valorativas e as correlações entre cada par delas.

Tabela 44. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas em Israel.

$\sqrt{VME}$	Subfunções	1	2	3	4	5
0,73	1.Experimentação	—				
0,79	2.Realização	0,66 (0,40)	—			
0,73	3.Existência	0,17 (0,14)	0,42 (0,22)	—		
0,72	4.Suprapessoal	0,70 (0,35)	0,42 (0,32)	0,21 (0,19)	—	
0,71	5.Interativa	0,03 (0,01)	0,10 (0,01)	0,76 (0,48)	0,34 (0,24)	—
0,85	6.Normativa	0,01 (-0,07)	-0,06 (-0,01)	0,46 (0,39)	0,17 (0,15)	0,54 (0,39)

Nota: Entre parênteses encontram-se as correlações de Pearson (unicaudal).

De acordo com esta tabela, excetuando a correlação entre as subfunções *existência* e *interativa* ($r = 0,76$), observa-se que todas as demais foram inferiores às raízes quadradas das correspondentes *VMEs*, sugerindo evidências de *validade discriminante* destas subfunções.

México. Os resultados que correspondem a este país podem ser vistos na Tabela 45. A subfunção mais importante para guiar o comportamento dos mexicanos foi *existência* ($m = 6,0$), sendo indicada como menos importante a *normativa* ($m = 4,7$). Comparando as médias das subfunções (*MANOVA* para medidas interdependentes), observaram-se diferenças significativas [*Lambda de Wilks* = 0,35; $F(5, 269) = 97,08$, $p < 0,001$]. Especificamente, no teste de *post hoc* de *Bonferroni* unicamente não foram diferentes as pontuações das subfunções *experimentação* e *realização*. Quanto à consistência interna das subfunções, encontrou-se α médio de 0,57 e homogeneidade média de 0,31; no tocante à *validade convergente*, todas as *CCs* foram superiores a

0,60, enquanto que as *VMEs* foram iguais ou superiores a 0,50, indicando evidências favoráveis a respeito.

Tabela 45. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto no México.

Subfunções	<i>m</i>	<i>dp</i>	α	$r_{m.i}$	<i>CC</i>	<i>VME</i>
Experimentação	5,0 (5)	0,98	0,55	0,29	0,75	0,53
Realização	5,1 (4)	1,09	0,67	0,41	0,77	0,63
Existência	6,0 (1)	0,84	0,58	0,32	0,65	0,57
Suprapessoal	5,5 (2)	0,89	0,49	0,25	0,68	0,50
Interativa	5,2 (3)	0,95	0,53	0,28	0,72	0,53
Normativa	4,7 (6)	1,13	0,57	0,32	0,71	0,56

Nota: *m* = média, *dp* = desvio padrão, α = Alfa de Cronbach, $r_{m.i}$ = Índice de homogeneidade, *CC* = Confiabilidade Composta, *VME* = Variância Média Extraída. Os valores entre parênteses correspondem à ordem de importância das subfunções.

A matriz de correlações entre as subfunções e as raízes quadradas de suas *VMEs* são apresentadas na Tabela 46, a seguir. Estes indicadores podem ser considerados como evidências de *validade discriminante* de cada subfunção.

Tabela 46. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas no México.

$\sqrt{VME}$	Subfunções	1	2	3	4	5
0,73	1.Experimentação	—				
0,79	2.Realização	0,87 (0,49)	—			
0,75	3.Existência	0,62 (0,32)	0,79 (0,48)	—		
0,71	4.Suprapessoal	0,88 (0,44)	0,86 (0,43)	0,87 (0,45)	—	
0,73	5.Interativa	0,60 (0,30)	0,61 (0,38)	0,80 (0,47)	0,95 (0,50)	—
0,77	6.Normativa	0,36 (0,15)	0,55 (0,30)	0,63 (0,35)	0,76 (0,32)	0,94 (0,51)

Nota: Entre parênteses encontram-se as correlações de Pearson (unicaudal).

As raízes quadradas das *VMEs* se situaram entre 0,71 e 0,79, sendo superiores às correlações observadas entre várias subfunções valorativas; as exceções ficaram por conta dos seguintes pares de subfunções: *experimentação* – *realização*, *experimentação* – *suprapessoal*, *realização* – *existência*, *realização* – *suprapessoal*, *existência* – *suprapessoal* e *existência* - *interativa*. Portanto, indica-se que no caso dos demais pares, de subfunções, foram observadas evidências de *validade discriminante*.

Nova Zelândia. Os resultados deste país são mostrados na Tabela 47. Inicialmente, verificou-se a existência de diferenças significativas entre as pontuações das subfunções, o que foi corroborado [*Lambda de Wilks* = 0,31; *F* (5, 252) = 112,80, *p* < 0,001)]. Por meio do teste *post hoc* de *Bonferroni* foi constatado que somente entre as subfunções *interativa* e *existência* não houve diferença significativa. Os participantes deste país consideraram *existência* (*m* = 5,7) como a subfunção mais importante como princípio-guia em suas vidas, apreciando menos a *normativa* (*m* = 4,0). No tocante à consistência interna, observou-se α médio de 0,53 e homogeneidade média de 0,31; as confiabilidades compostas (*CCs*), de todas as subfunções, foram iguais ou superiores a 0,60 e, finalmente, com exceção da subfunção *normativa* (*VME* = 0,44), todas as demais apresentaram *VMEs* superiores a 0,50, sugerindo sua *validade convergente*.

Tabela 47. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto na Nova Zelândia.

Subfunções	<i>m</i>	<i>dp</i>	α	$r_{m.i}$	<i>CC</i>	<i>VME</i>
Experimentação	5,0 (4)	0,89	0,59	0,33	0,69	0,58
Realização	4,5 (5)	0,94	0,64	0,38	0,78	0,62
Existência	5,7 (1)	0,73	0,55	0,30	0,63	0,54
Suprapessoal	5,3 (3)	0,85	0,57	0,30	0,80	0,57
Interativa	5,6 (2)	0,85	0,65	0,38	0,77	0,62
Normativa	4,0 (6)	2,02	0,20	0,17	0,60	0,44

Nota: *m* = média, *dp* = desvio padrão, α = Alfa de Cronbach, $r_{m.i}$ = Índice de homogeneidade, *CC* = Confiabilidade Composta, *VME* = Variância Média Extraída. Os valores entre parênteses correspondem à ordem de importância das subfunções.

A seguir, na Tabela 48, encontram-se as raízes quadradas das *VMEs* correspondentes as seis subfunções valorativas e as correlações entre elas. Excetuando-se a correlação entre as subfunções *normativa* e *experimentação* (*r* = -0,18), todas as demais foram positivas.

Tabela 48. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas na Nova Zelândia.

$\sqrt{VME}$	Subfunções	1	2	3	4	5
0,76	1.Experimentação	—				
0,79	2.Realização	0,69 (0,43)	—			
0,73	3.Existência	0,48 (0,28)	0,64 (0,37)	—		
0,75	4.Suprapessoal	0,32 (0,28)	0,26 (0,21)	0,26 (0,17)	—	
0,79	5.Interativa	0,34 (0,26)	0,46 (0,32)	0,77 (0,46)	0,21 (0,19)	—
0,66	6.Normativa	-0,18 (-0,02)	0,26 (0,16)	0,59 (0,24)	0,14 (0,09)	0,51 (0,17)

Nota: Entre parênteses encontram-se as correlações de Pearson (unicaudal).

Como é possível observar nesta tabela, todas as correlações entre as subfunções foram inferiores às respectivas raízes quadradas de suas *VMEs*. Portanto, reuniram-se evidências de *validade discriminante* das subfunções.

Peru. Buscou-se, primeiramente, conhecer as diferenças de médias entre as pontuações das subfunções, o que foi assegurado por uma *MANOVA* para medidas interdependentes [*Lambda de Wilks* = 0,33; *F* (5, 610) = 249,62, *p* < 0,001]. O teste *post hoc* (*Bonferroni*) indicou que dois pares de subfunções não diferiram entre si: *interativa* - *suprapessoal* e *normativa* - *realização* (*p* > 0,05). A subfunção com maior média foi *existência* (*m* = 6,0), enquanto que *experimentação* apresentou a menor (*m* = 4,6). Os *Alfas* de Cronbach apresentaram média de 0,53, observando-se homogeneidade média de 0,31; as *CCs* e as *VMEs* apresentaram médias de 0,71 e 0,50, respectivamente; porém, quatro subfunções tiveram *VMEs* inferiores a 0,50 (*experimentação*, *suprapessoal*, *interativa* e *normativa*), o que pode comprometer suas *validades convergentes*. Maiores detalhes podem ser observados na tabela 49.

Tabela 49. Estatísticas descritivas, precisão e validade de construto no Peru.

Subfunções	<i>m</i>	<i>dp</i>	α	$r_{m.i}$	<i>CC</i>	<i>VME</i>
Experimentação	4,6 (6)	0,93	0,40	0,19	0,78	0,43
Realização	5,3 (5)	0,91	0,54	0,29	0,74	0,54
Existência	6,0 (1)	0,73	0,54	0,29	0,66	0,54
Suprapessoal	5,5 (3)	0,79	0,46	0,24	0,66	0,48
Interativa	5,6 (2)	0,83	0,47	0,23	0,65	0,49
Normativa	5,3 (4)	0,91	0,37	0,19	0,62	0,49

Nota: *m* = média, *dp* = desvio padrão, α = Alfa de Cronbach, $r_{m.i}$ = Índice de homogeneidade, *CC* = Confiabilidade Composta, *VME* = Variância Média Extraída. Os valores entre parênteses correspondem à ordem de importância das subfunções.

Na Tabela 50, a seguir, é apresentada a matriz de correlações entre as subfunções valorativas, tendo sido todas positivas, além das raízes quadradas de suas respectivas *VMEs*.

Tabela 50. Correlações entre subfunções e raízes quadradas das variâncias médias extraídas no Peru.

$\sqrt{VME}$	Subfunções	1	2	3	4	5
0,65	1.Experimentação	—				
0,73	2.Realização	0,85 (0,36)	—			
0,73	3.Existência	0,51 (0,22)	0,83 (0,44)	—		
0,69	4.Suprapessoal	0,46 (0,28)	0,73 (0,33)	0,85 (0,35)	—	
0,70	5.Interativa	0,38 (0,19)	0,74 (0,36)	0,83 (0,42)	0,82 (0,38)	—
0,70	6.Normativa	0,13 (0,03)	0,52 (0,25)	0,79 (0,38)	0,56 (0,23)	0,93 (0,48)

Nota: Entre parênteses encontram-se as correlações de Pearson (unicaudal).

Conforme se constata nesta tabela, algumas correlações foram inferiores às raízes quadradas das *VMEs* relativas às subfunções, as quais se situaram entre 0,65 (*experimentação*) e 0,73 (*interativa* e *normativa*). Concretamente, *existência* não pareceu se diferenciar claramente das subfunções *suprapessoal*, *interativa* e *normativa*; a *suprapessoal* não se diferenciou de *interativa*; *experimentação* e *realização*, assim como *interativa* e *normativa* também não se diferenciaram nitidamente. Nos demais casos foram reunidas evidências de *validade discriminante* das subfunções.

Em resumo, os países pareceram se diferenciar em termos da importância atribuída às subfunções valorativas, ressaltando-se comumente a subfunção *existência*. No geral, as subfunções apresentaram evidências de consistência interna, como avaliadas pelos indicadores de Alfa de Cronbach e homogeneidade, também reforçado pela confiabilidade composta (CC). Na maioria dos países são observadas evidências de *validade convergente* das subfunções, embora a *validade discriminante* possa ser questionada, sobretudo no que se refere à relação das subfunções *existência* e *suprapessoal* com as demais. Procura-se, à continuação, testar as hipóteses principais da *Teoria funcionalista dos valores humanos*, correspondendo àquelas de *conteúdo* e *estrutura*.

5.3.2 Testando as hipóteses de conteúdo e estrutura

Como no estudo anterior, procura-se testar primeiramente a hipótese de conteúdo, realizando múltiplas análises fatoriais confirmatórias (AFC). No caso, previu-se que existiam seis subfunções valorativas, cada uma delas representada por três valores específicos (*Hipótese 1*). Neste sentido, testou-se o modelo original (hexafatorial), confrontando-o com os quatro alternativos previamente descritos. Para efeito de comparação dos modelos alternativos com o original, consideraram-se os seguintes indicadores de ajuste: diferenças de qui-quadrado e seus respectivos graus de liberdade ($\Delta\chi^2$), CAIC e EVCI. A decisão final sobre o melhor modelo se pautou em resultado de $\Delta\chi^2$ significativo, priorizando aquele com menor χ^2 .

A hipótese de estrutura (*Hipótese 2*) indicou que os valores *centrais* ocupariam o meio da configuração espacial; de um e outro lado apareceriam os valores *pessoais* e *sociais* (*Hipóteses 2a*), enquanto que os valores *idealistas* e *materialistas* se apresentariam em regiões diferentes no espaço bidimensional (*Hipóteses 2b*). Realizou-se um MDS (algoritmo Proxscal) em cada país, considerando-se o coeficiente *Phi* de

Tucker igual ou superior a 0,90 como prova de adequação da estrutura teorizada. Descrevem-se, a seguir, os resultados por países.

5.3.2.1 Alemanha

Hipótese de conteúdo

Esta hipótese define seis subfunções valorativas, cada uma definida por três valores específicos. Neste sentido, previamente, definiram-se os valores que fazem parte de cada uma das subfunções, de acordo com a teoria tratada. Os resultados resumidos são apresentados na Figura 15; todas as saturações (lambdas) foram estatisticamente diferentes de zero ($\lambda \neq 0$; $z > 1,96$, $p < 0,001$).

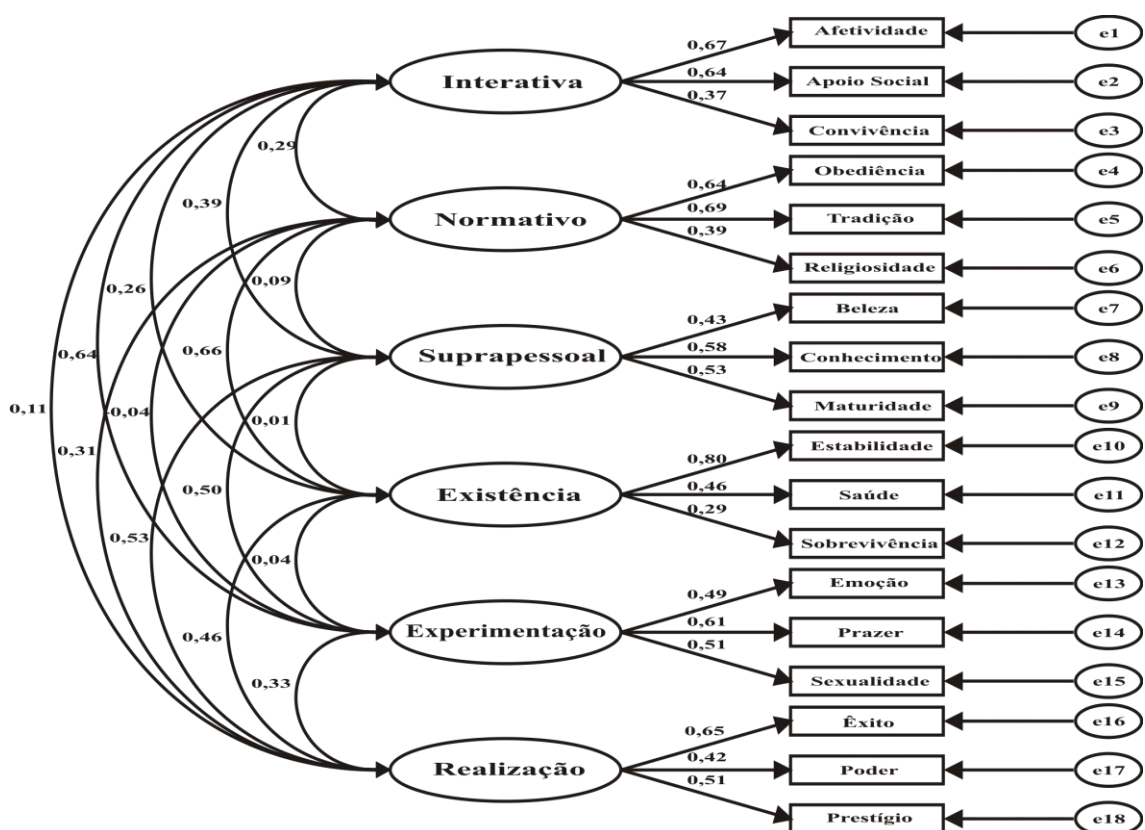


Figura 15. Estrutura fatorial com respectivas cargas fatoriais na Alemanha.

De acordo com esta figura, as saturações variaram de 0,29 (*sobrevivência*) a 0,80 (*estabilidade pessoal*), com coeficiente médio de 0,54. Portanto, estes resultados demonstram que os participantes da amostra alemã conseguem diferenciar as subfunções valorativas do modelo aqui testado (*Hipótese 1*). Concretamente, os indicadores de ajuste deste modelo hexafatorial se mostraram aceitáveis (por exemplo, $\chi^2/df = 2,29$, $RMSEA = 0,09$), conforme descritos na Tabela 51, que também apresenta tais indicadores para os modelos alternativos.

Tabela 51. Indicadores de ajuste dos modelos na Alemanha.

Modelos	χ^2	DF	GFI	CFI	RMSEA (IC90%)	CAIC	ECVI	$\Delta\chi^2$ (df)
Seis	275,74	120	0,84	0,66	0,09 (0,07-0,10)	584,29	2,43	—
Cinco	315,18	125	0,81	0,59	0,09 (0,08-0,11)	593,47	2,44	39,44 (5)*
Três	376,99	132	0,77	0,47	0,11 (0,10-0,12)	612,93	2,93	101,25 (12)*
Dois	358,52	134	0,80	0,51	0,10 (0,09-0,12)	582,36	2,79	82,78 (14)*
Um	441,86	135	0,74	0,40	0,11 (0,10-0,13)	629,65	3,12	166,12 (15)*

Nota: $n = 156$. Modelos hexafatorial (original), pentafatorial (subfunções *suprapessoal* e *existência* formando uma única subfunção: *valores centrais*), trifatorial (valores *pessoais*, *centrais* e *sociais*), bifatorial (valores *idealistas* e valores *materialistas*) e unifatorial (todos os 18 valores saturando em um único fator); * $p < 0,001$.

Como esperado, o modelo original, com cinco e seis fatores, apresentou os melhores indicadores de ajustes, o que pode ser atestado por seu menor valor de qui-quadrado. Este foi estatisticamente diferente do segundo melhor modelo, isto é, o pentafatorial, que foi claramente superior aos demais.

Hipótese de estrutura

A teoria discutida sugere que as subfunções se estruturam melhor em um espaço bidimensional, resultado da combinação das dimensões valorativas *tipo de motivador* (*idealista e materialista*) e *tipo de orientação* (*pessoal, central e social*). Neste sentido, testou-se esta configuração com MDS confirmatório, sendo os resultados resumidos na Figura 16.

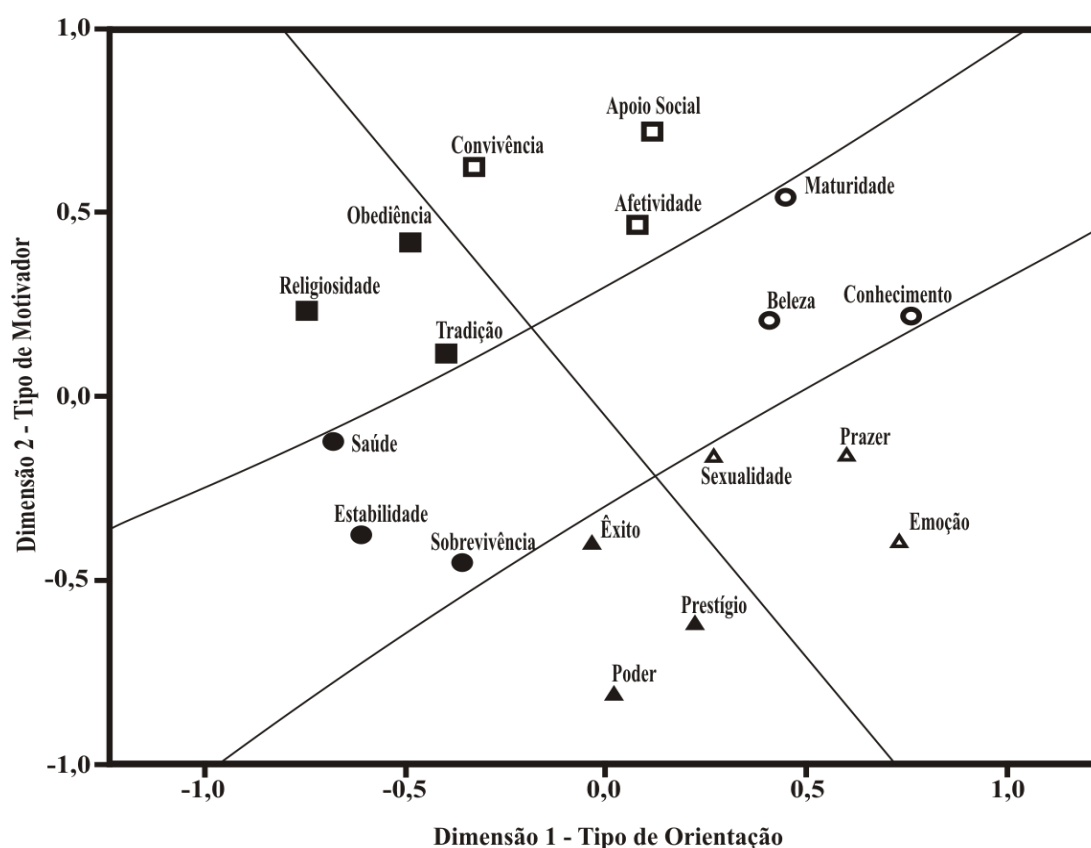


Figura 16. Representação espacial dos valores na Alemanha.

Como é possível observar nesta figura, os valores se apresentaram de acordo com a estrutura hipotetizada, que claramente reproduz as duas dimensões teóricas. Por um lado estão os valores *idealistas* (figuras vazadas) e, por outro, os *materialistas* (figuras preenchidas); no meio da configuração aparecem os valores *centrais* (círculos), estando presentes em lados opostos os valores *pessoais* (triângulos) e *sociais*

(quadrados). A adequação desta solução espacial é atestada pelo coeficiente *Phi de Tucker* = 0,94, que sugere um ajuste satisfatório aos dados.

5.3.2.2 Argentina

Hipótese de conteúdo

Lembrando que esta hipótese define que os 18 valores devem representar seis subfunções valorativas, isto é, para cada uma delas existem três marcadores valorativos. Deste modo, foi realizada inicialmente uma *AFC* para testar este modelo hexafatorial. Os lambdas ou as saturações dos valores podem ser verificados na Figura 17; todos foram estatisticamente diferentes de zero ($\lambda \neq 0$; $z > 1,96$, $p < 0,001$), situando-se no intervalo de 0,22 (*beleza*) a 0,73 (*prestígio*), com coeficiente médio de 0,51.

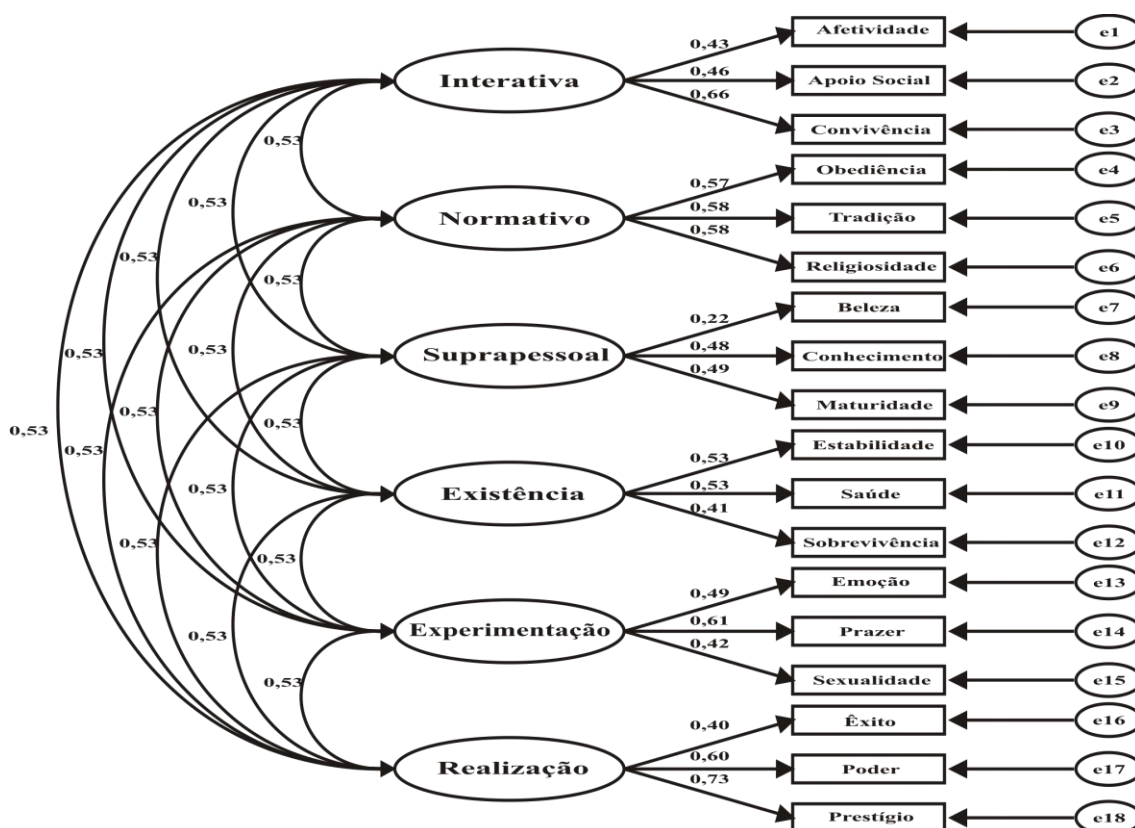


Figura 17. Estrutura fatorial com respectivas cargas fatoriais na Argentina.

De acordo com estes achados, parecem existir evidências favoráveis para corroborar esta primeira hipótese na Argentina. No caso, o modelo com as seis subfunções apresentou indicadores de ajuste aceitáveis (por exemplo, $\chi^2/\text{gl} = 3,9$ e $RMSEA = 0,08$), sendo os demais indicadores mostrados na Tabela 52, inclusive para os modelos alternativos.

Tabela 52. Indicadores de ajuste dos modelos na Argentina.

Modelos	χ^2	DF	GFI	CFI	RMSEA (IC90%)	CAIC	ECVI	$\Delta\chi^2$ (df)
Seis	474,63	120	0,88	0,73	0,08 (0,08-0,09)	831,95	1,42	—
Cinco	475,54	125	0,88	0,73	0,08 (0,07-0,09)	797,84	1,40	0,91 (5)
Três	558,75	132	0,85	0,68	0,09 (0,08-0,10)	831,99	2,93	84,12 (12)*
Dois	721,50	134	0,81	0,55	0,10 (0,10-0,11)	980,73	1,96	246,87 (14)*
Um	730,86	135	0,81	0,55	0,10 (0,10 – 0,11)	983,09	1,98	256,23 (15)*

Nota: $n = 406$. Modelos hexafatorial (original), pentafatorial (subfunções *suprapessoal* e *existência* formando uma única subfunção: *valores centrais*), trifatorial (valores *pessoais*, *centrais* e *sociais*), bifatorial (valores idealistas e valores materialistas) e unifatorial (todos os 18 valores saturando em um único fator); * $p < 0,001$.

Dos modelos fatoriais possíveis, os dois melhores foram os de seis (original) e cinco (alternativo) fatores. Não se observou diferença estatística entre os qui-quadrados destes modelos ($\Delta\chi^2$), embora o *CAIC* e o *ECVI* para o segundo tenham sido algo inferiores, sugerindo que as subfunções *existência* e *suprapessoal* podem ser agregados, formando uma subfunção geral, denominada como *valores centrais*. O terceiro melhor modelo foi o trifatorial, sugerindo que os valores podem ser pensados segundo o *tipo de orientação* que cumprem.

Hipótese de estrutura

Realizou-se nesta ocasião um *MDS* confirmatório (algoritmo Proxscal), procurando testar esta hipótese. Portanto, esperar-se-ia que os valores se distribuíssem em espaço bidimensional, correspondendo ao cruzamento das dimensões *tipo de orientação* e *tipo de motivador*. Os resultados desta análise são resumidos na Figura 18 a seguir.

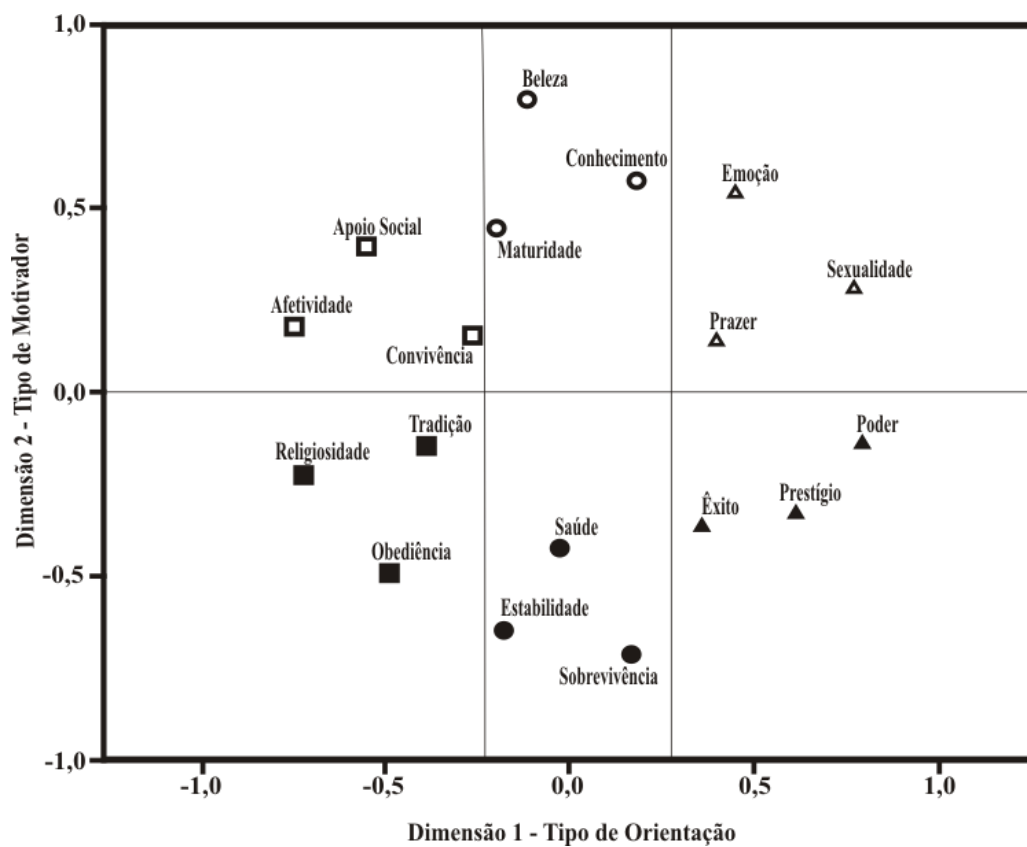


Figura 18. Representação espacial dos valores na Argentina.

Como fica evidente nesta figura, é possível identificar as seis subfunções teorizadas com seus marcadores específicos. Além disso, elas são representadas em consonância com a hipótese de estrutura (*Hipótese 2*). Especificamente, os valores *centrais* (círculos) estão localizados no centro da distribuição, separando aqueles

personais (triângulos) e sociais (quadrados), que aparecem em lados opostos; já os valores *idealistas* (figuras vazadas) e *materialistas* (figuras preenchidas) aparecem em regiões diferentes deste espaço. O *Phi de Tucker* (0,94) atesta a adequação desta configuração.

5.3.2.3 Brasil

Hipótese de conteúdo

Com o fim de testar esta hipótese, foi realizada inicialmente, uma AFC para verificar a adequação de seis fatores (subfunções), cada representado por três itens (marcadores valorativos). Corroborando-a, o modelo com seis dimensões foi o mais adequado, apresentando indicadores de ajuste aceitáveis (por exemplo, $GFI = 0,92$, $RMSEA = 0,07$). A Figura 19 resume este modelo; todas as saturações foram estatisticamente diferentes de zero ($t > 1,96$, $p < 0,001$), com coeficientes variando de 0,41 (*beleza*) a 0,81 (*obediência*), sendo seu valor médio de 0,55.

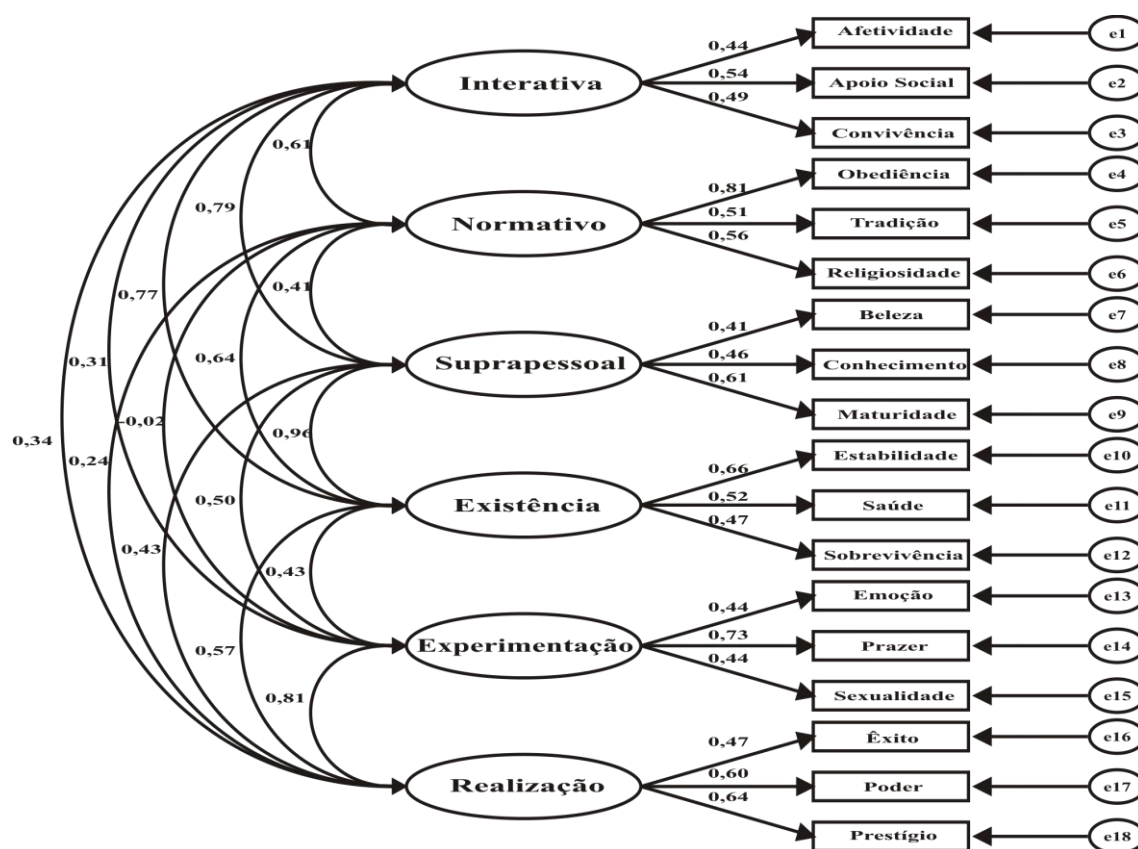


Figura 19. Estrutura fatorial com respectivas cargas fatoriais no Brasil.

Detalhes sobre os indicadores de ajuste deste modelo e sua comparação com os alternativos podem ser observados na Tabela 53 a seguir. Os dois melhores modelos foram o original e aquele que propõe agregar os valores das subfunções *existência* e *suprapessoal*, embora esta solução alternativa tenha sido menos adequada, conforme a diferença entre seus respectivos qui-quadrados e graus de liberdade ($\Delta\chi^2$).

Tabela 53. Indicadores de ajuste dos modelos no Brasil.

Modelos	χ^2	DF	GFI	CFI	RMSEA (IC90%)	CAIC	ECVI	$\Delta\chi^2$ (df)
Seis	949,75	120	0,92	0,81	0,07 (0,07-0,08)	1363,32	0,85	—
Cinco	994,62	125	0,92	0,80	0,07 (0,07-0,08)	1368,09	0,88	44,87 (5)*
Três	1226,14	132	0,89	0,75	0,08 (0,08-0,09)	1542,77	1,05	276,39 (12)*
Dois	1927,82	134	0,82	0,77	0,10 (0,10-0,11)	2228,22	1,62	978,07 (14)*
Um	1963,17	135	0,82	0,58	0,10 (0,10 – 0,11)	2255,44	1,64	1013,42 (15)*

Nota: $n = 1.235$. Modelos hexafatorial (original), pentafatorial (subfunções *suprapessoal* e *existência* formando uma única subfunção: *valores centrais*), trifatorial (*valores pessoais, centrais e sociais*), bifatorial (*valores idealistas e valores materialistas*) e unifatorial (todos os 18 valores saturando em um único fator); * $p < 0,001$.

A diferença em prol do modelo hexafatorial é observada igualmente ao comparar seu *CAIC* e *ECVI* com aqueles dos demais modelos. Concretamente, tais indicadores foram menores para o modelo original; o segundo e terceiro melhores modelos foram o penta e trifatorial, respectivamente. Portanto, também parece razoável pensar nos valores como *tipo de orientação*, definindo três possibilidades de valores: *pessoais, centrais e sociais*.

Hipótese de estrutura

Para levar a cabo a verificação desta hipótese foi realizada um *MDS* confirmatório (Proxscal). Especificamente, testou-se a hipótese de uma configuração bidimensional, representada pelos eixos *tipo de orientação* e *tipo de motivador*. Na Figura 20 a seguir são apresentados os resultados desta análise estatística.

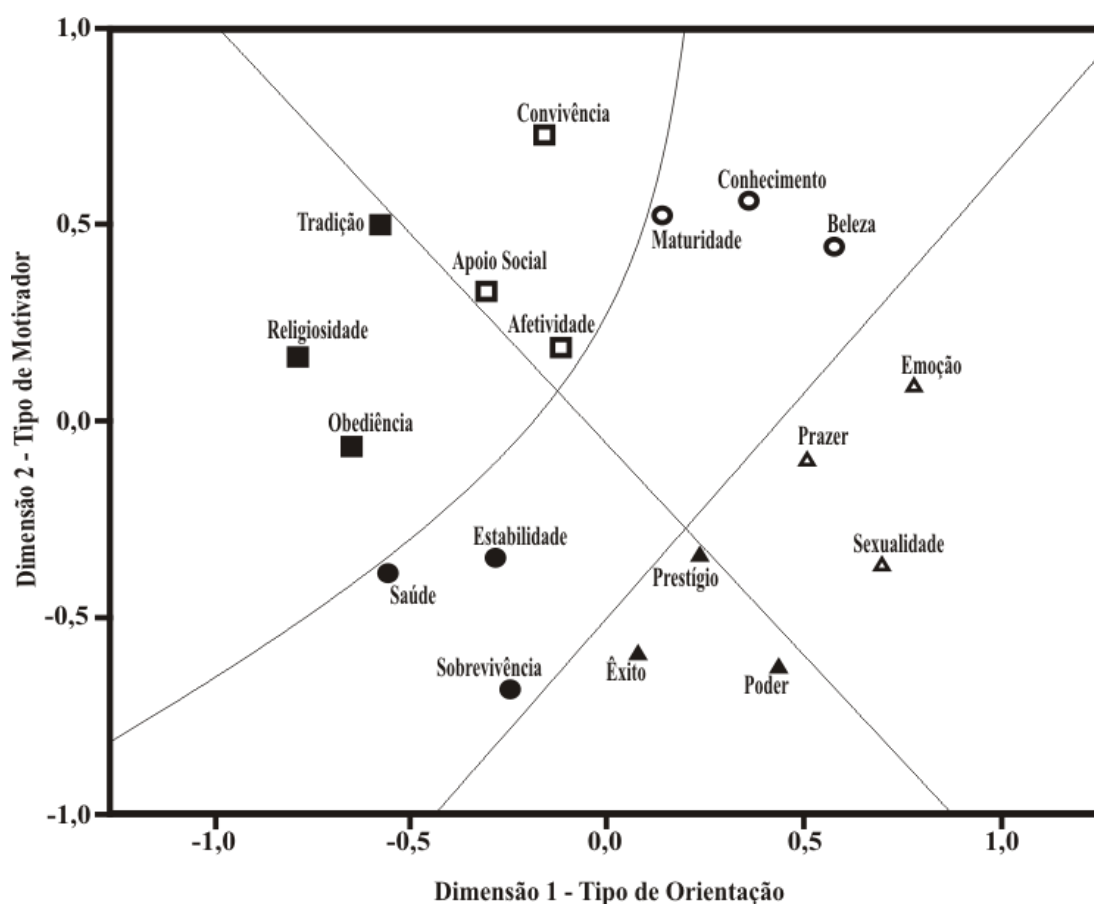


Figura 20. Representação espacial dos valores no Brasil.

Segundo o que é possível observar nesta figura, a estrutura teorizada é claramente identificada. Especificamente, os valores *centrais* (círculos) ocupam o meio da distribuição, ladeados por aqueles *pessoais* (triângulos) e *sociais* (quadrados) (*Hipótese 2a*); de um lado aparecem aqueles denominados como *idealistas* (figuras vazadas) e de outro os *materialistas* (figuras preenchidas) (*Hipótese 2b*). Este modelo se apresentou consistente com os dados obtidos neste país (*Phi de Tucker* = 0,93).

5.3.2.4 Colômbia

Hipótese de conteúdo

Inicialmente, realizou-se uma análise fatorial confirmatória para testar a hipótese que prediz a existência de seis subfunções valorativas, cada uma representada por três valores específicos. Este modelo proposto apresentou indicadores de ajuste aceitáveis (por exemplo, $\chi^2/\text{g.l} = 2,43$, $RMSEA = 0,08$). Na Figura 21 são apresentadas as saturações dos 18 valores, três por subfunção; estas variaram de 0,35 (*sobrevivência*) a 0,79 (*prazer*), apresentando coeficiente médio de 0,53.

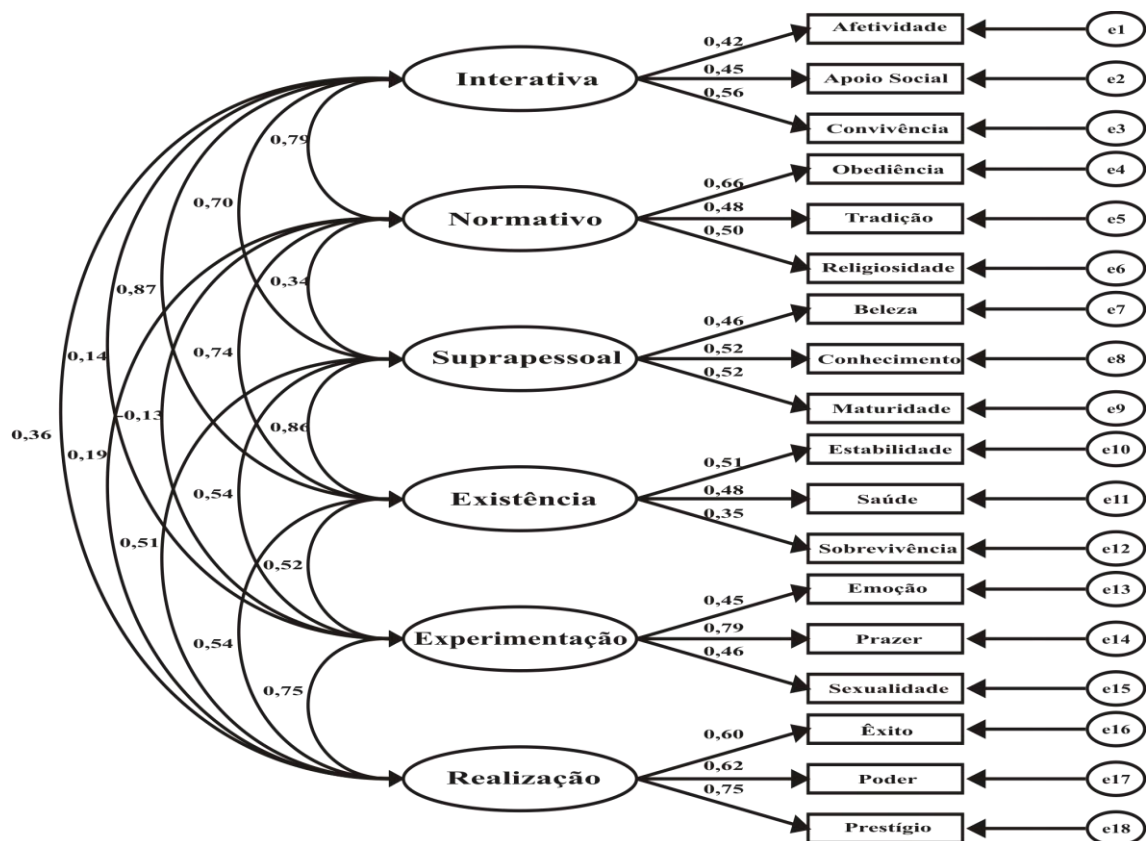


Figura 21. Estrutura fatorial com respectivas cargas fatoriais na Colômbia.

Com o propósito de comparar este modelo com outros plausíveis, foram realizadas quatro AFCs. A primeira testou a possibilidade de as subfunções *existência* e *suprapessoal* formarem um único fator (modelo pentafatorial); a segunda avaliou uma

estrutura trifatorial, representada pelos três *tipos de orientação* (*pessoal, central e social*); o terceiro comprovou a estrutura com dois fatores, admitindo que o principal diferenciador dos valores seria o *tipo de motivador* (*idealista e materialista*); e, finalmente, testou-se se todos os valores poderiam ser reunidos em um único fator, fruto, quiçá, da natureza desejável deste construto. Os resultados estas análises são resumidos na Tabela 54 a seguir.

Tabela 54. Indicadores de ajuste dos modelos no Colômbia.

Modelos	χ^2	DF	GFI	CFI	RMSEA (IC90%)	CAIC	ECVI	$\Delta\chi^2$ (df)
Seis	291,77	120	0,88	0,77	0,08 (0,07-0,09)	620,11	1,72	—
Cinco	300,23	125	0,88	0,77	0,08 (0,07-0,09)	596,38	1,71	8,46 (5)
Três	332,42	132	0,83	0,73	0,08 (0,07-0,09)	583,50	1,79	40,65 (12)*
Dois	486,54	134	0,78	0,53	0,11 (0,10-0,12)	724,75	2,45	194,77 (14)*
Um	492,49	135	0,78	0,53	0,11 (0,10 – 0,12)	724,27	2,46	200,72 (15)*

Nota: $n = 230$. Modelos hexafatorial (original), pentafatorial (subfunções *suprapessoal* e *existência* formando uma única subfunção: *valores centrais*), trifatorial (valores *pessoais, centrais* e *sociais*), bifatorial (valores *idealistas* e valores *materialistas*) e unifatorial (todos os 18 valores saturando em um único fator); * $p < 0,001$.

De acordo com estes resultados, os dois melhores modelos foram o original (hexafatorial) e o pentafatorial, não havendo diferença estatística entre ambos ($\Delta\chi^2$, $p > 0,05$). Portanto, é admissível reunir as subfunções *existência* e *suprapessoal*, definindo uma subfunção mais ampla, denominada como *valores centrais*. O terceiro modelo mais adequado foi aquele com três fatores, representando os *tipos de orientação*.

Hipótese de estrutura

O MDS confirmatório (algoritmo Proxscal) foi utilizado para testar se os valores se configuram de acordo com duas dimensões espaciais: *tipo de orientação* (*pessoal, central e social*) (*Hipótese 2a*) e *tipo de motivador* (*idealista e materialista*) (*Hipótese 2b*). Os resultados desta análise estatística são mostrados na Figura 22 a seguir.

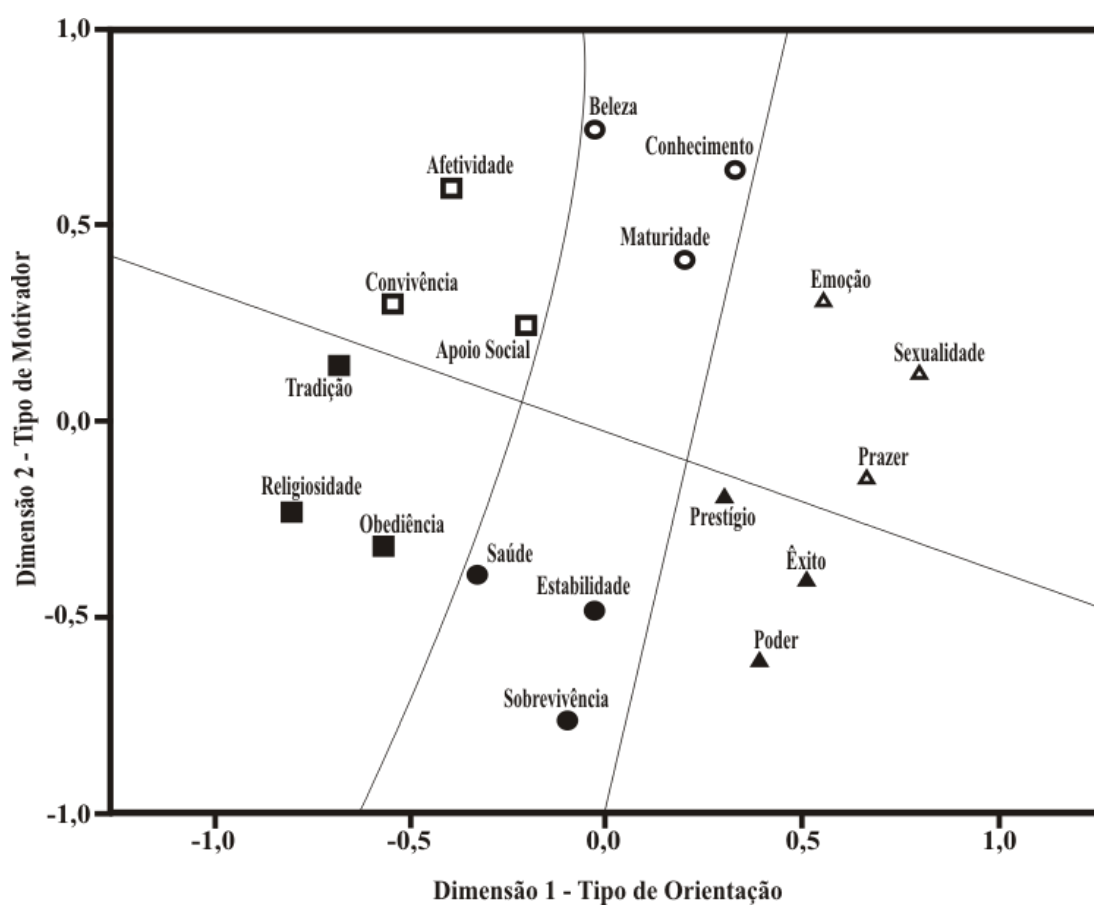


Figura 22. Representação espacial dos valores na Colômbia.

De acordo com esta figura, parece bastante plausível admitir que a *Hipótese 2* foi corroborada. Neste sentido, constata-se que os valores *pessoais* (triângulos) e *sociais* (quadrados) aparecem em lados opostos, separados por aqueles *centrais* (círculos); os valores *idealistas* (figuras vazadas) e *materialistas* (figuras preenchidas) se apresentam

em regiões distintas deste espaço bidimensional. O *Phi de Tucker* (0,94) atesta a adequação desta configuração espacial.

5.3.2.5 Espanha

Hipótese de conteúdo

Procurando testar esta hipótese, recorreu-se primeiramente a uma AFC para checar a adequação do modelo original (hexafatorial), supondo seis subfunções valorativas, cada uma representada por três itens / valores específicos. No geral, pode-se admitir a comprovação da presente hipótese, uma vez que os indicadores de ajuste do modelo foram de meritórios a aceitáveis (por exemplo, $GFI = 0,87$, $RMSEA = 0,09$). Além disso, salienta-se que todos os itens apresentaram saturações diferentes de zero ($z > 1,96$, $p < 0,05$), variando de 0,35 (*religiosidade*) a 0,78 (*prestígio*), tendo coeficiente médio de 0,59. Na Figura 23 são oferecidos detalhes sobre este modelo.

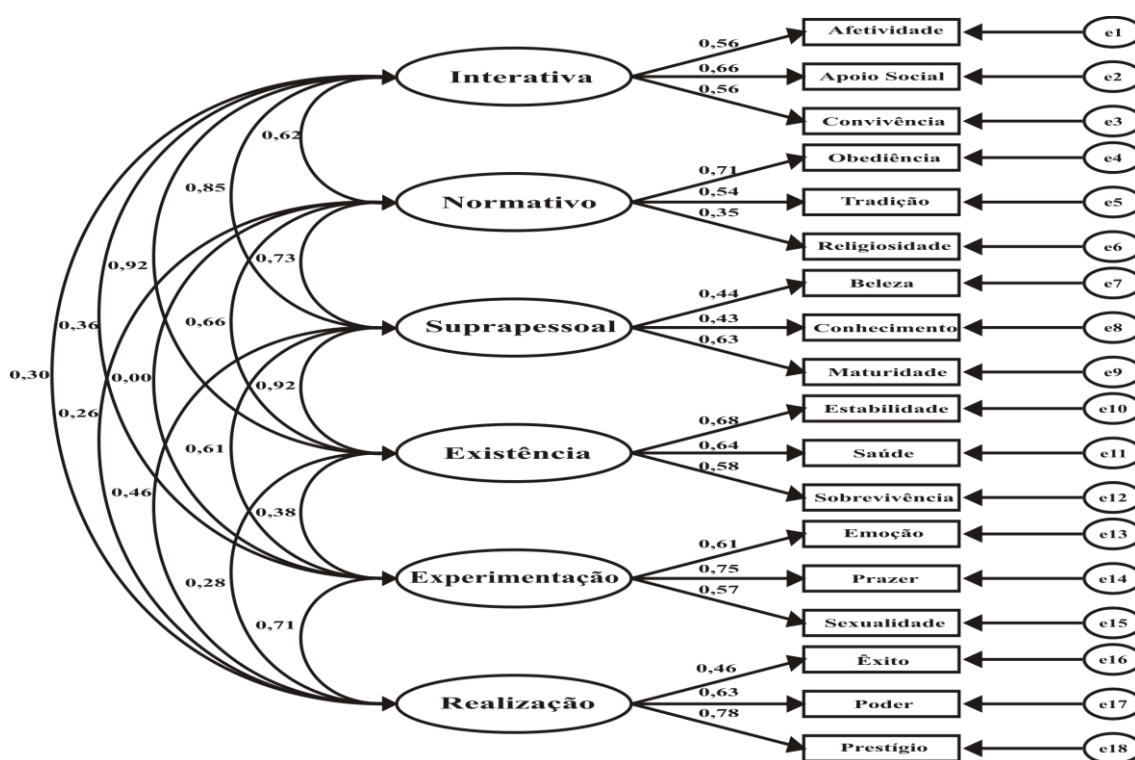


Figura 23. Estrutura fatorial com respectivas cargas fatoriais na Espanha.

Procurando reunir evidências de adequação do modelo hexafatorial, decidiu-se compará-lo com modelos fatoriais alternativos, como previamente descritos. Os resultados a respeito podem ser observados na Tabela 55.

Tabela 55. Indicadores de ajuste dos modelos na Espanha.

Modelos	χ^2	DF	GFI	CFI	RMSEA (IC90%)	CAIC	ECVI	$\Delta\chi^2$ (df)
Seis	1084,32	120	0,87	0,77	0,10 (0,09-0,10)	1480,75	1,36	—
Cinco	1121,57	125	0,87	0,76	0,10 (0,09-0,10)	1479,12	1,39	37,25 (5)*
Três	1329,87	132	0,84	0,72	0,10 (0,10-0,11)	1633,03	1,61	245,55 (12)*
Dois	1900,90	134	0,76	0,58	0,12 (0,12-0,13)	2188,50	2,26	816,58 (14)*
Um	1900,99	135	0,76	0,58	0,12 (0,12 – 0,13)	2180,83	2,26	816,67 (15)*

Nota: $n = 874$. Modelos hexafatorial (original), penta-fatorial (subfunções *suprapessoal* e *existência* formando uma única subfunção: *valores centrais*), trifatorial (valores *pessoais*, *centrais* e *sociais*), bifatorial (valores idealistas e valores materialistas) e unifatorial (todos os 18 valores saturando em um único fator); * $p < 0,001$.

De acordo com esta tabela, fica evidente a adequação do modelo original, composto por seis subfunções valorativas, que é superior aos demais ($\Delta\chi^2$). Os dois melhores modelos na sequência foram o penta e trifatorial; portanto, talvez possa ser pensado em agregar os valores das subfunções *existência* e *suprapessoal*, ou ainda pensar em tratar os valores segundo o *tipo de orientação* que eles representam.

Hipótese de estrutura

Esta hipótese foi testada a partir de um *MDS* confirmatório (Proxscal), buscando verificar se os valores se apresentariam em seis subfunções no espaço bidimensional, oriundo da combinação das duas dimensões funcionais teorizadas: *tipo de orientação* (*Hipótese 2a*) e *tipo de motivador* (*Hipótese 2b*). Os resultados podem ser observados resumidamente na Figura 24.

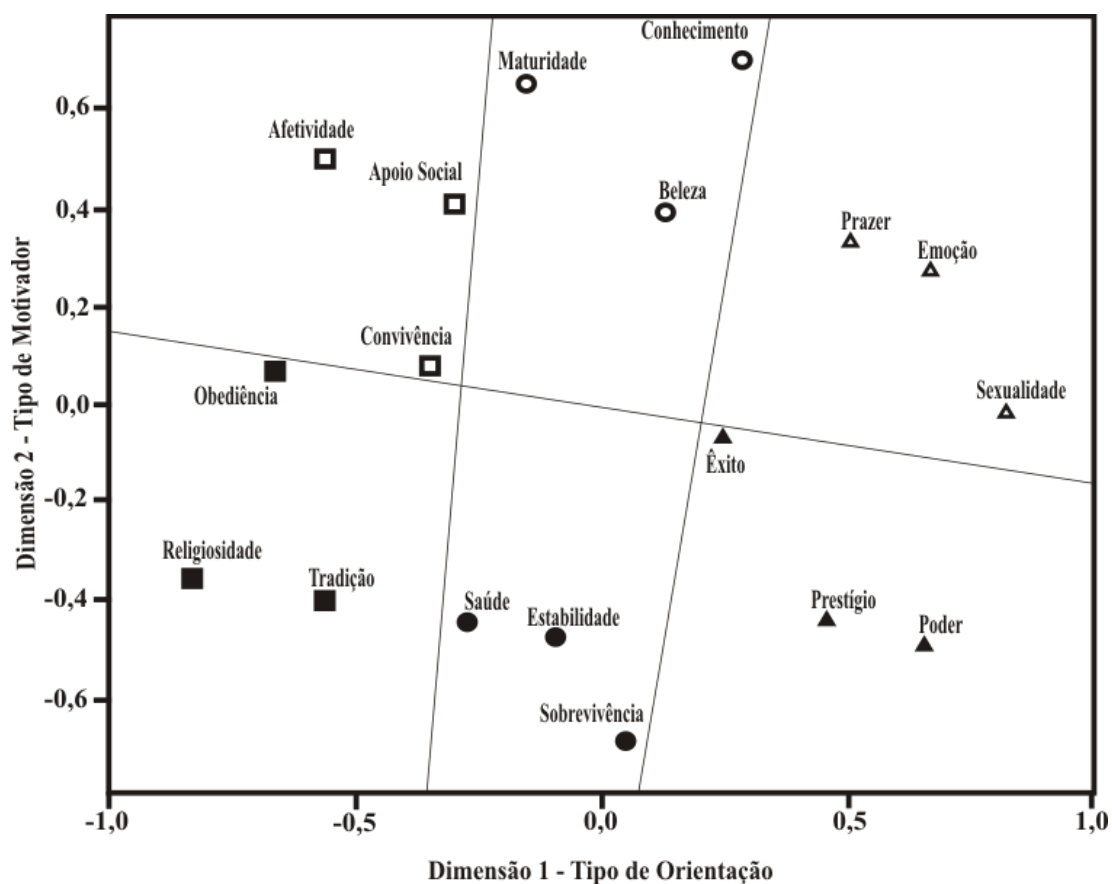


Figura 24. Representação espacial dos valores na Espanha.

Ao observar esta figura não é possível haver dúvidas quanto à organização espacial dos valores, congruente com o que define a teoria dos valores em questão. A propósito, o ajuste do modelo aos dados foi adequado (Φ de Tucker = 0,94), sugerindo que os valores podem ser representados em um espaço bidimensional, estruturados de acordo com as duas dimensões funcionais. Claramente, os valores *centrais* (círculos) se colocam entre aqueles *pessoais* (triângulos) e *sociais* (quadrados); e os valores *idealistas* (figuras vazadas) e *materialistas* (figuras fechadas) se apresentam em regiões separadas no espaço. Portanto, corrobora-se a *hipótese de estrutura*.

5.3.2.6 Filipinas

Hipótese de conteúdo

Primeiramente, realizou-se uma AFC para testar a hipótese de conteúdo neste país, admitindo seis subfunções valorativas, cada uma representada por três valores específicos. O modelo testado (hexafatorial) apresentou indicadores aceitáveis de ajuste (por exemplo, $\chi^2/\text{gl} = 3,63$, $RMSEA = 0,09$). A estrutura fatorial testada e saturações são apresentadas na Figura 25.

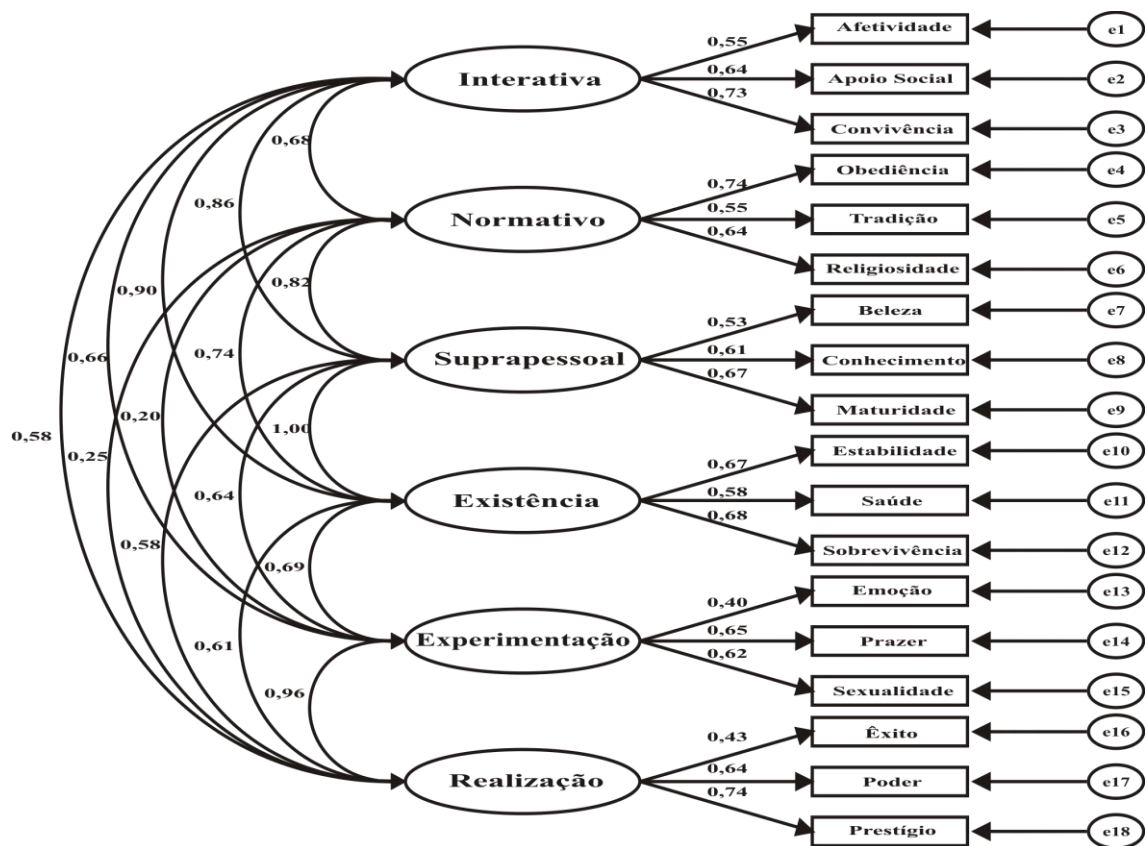


Figura 25. Estrutura fatorial com respectivas cargas fatoriais nas Filipinas.

Destaca-se que todas as saturações (os lambdas, λ) foram positivas e estatisticamente diferentes de zero ($\lambda \neq 0$; $z > 1,96$, $p < 0,05$). Procurando reunir evidências complementares de ajuste deste modelo, realizaram-se testes adicionais, contemplando diferentes modelos fatoriais. Os resultados são apresentados na Tabela 56 a seguir.

Tabela 56. Indicadores de ajuste dos modelos nas Filipinas

Modelos	χ^2	DF	GFI	CFI	RMSEA (IC90%)	CAIC	ECVI	$\Delta\chi^2$ (df)
Seis	436,38	120	0,85	0,81	0,09 (0,09-0,011)	774,57	1,94	—
Cinco	439,40	125	0,85	0,81	0,09 (0,09-0,10)	744,44	1,91	3,02 (5)
Três	503,75	132	0,82	0,77	0,10 (0,09-0,11)	762,37	2,09	67,37 (12)*
Dois	560,63	134	0,79	0,74	0,11 (0,10-0,12)	805,99	2,28	124,25 (14)*
Um	563,95	135	0,79	0,74	0,11 (0,10 – 0,12)	802,67	2,29	127,57 (15)*

Nota: $n = 279$. Modelos hexafatorial (original), pentafatorial (subfunções *suprapessoal* e *existência* formando uma única subfunção: *valores centrais*), trifatorial (valores *pessoais*, *centrais* e *sociais*), bifatorial (valores idealistas e valores materialistas) e unifatorial (todos os 18 valores saturando em um único fator); * $p < 0,001$.

Além do modelo original (hexafatorial), os melhores indicadores de ajuste foram observados para o pentafatorial; ambos não diferem entre si ($\Delta\chi^2$, $p > 0,05$). Deste modo, pode-se pensar em uma solução alternativa para o conteúdo dos valores, reunindo em um mesmo fator aqueles pertencentes às subfunções *existência* e *suprapessoal*. O terceiro melhor modelo foi o trifatorial, sugerindo também a alternativa plausível de considerar os valores a partir de sua dimensão *tipo de orientação*. Porém, esta solução foi inferior às outras duas previamente descritas.

Hipótese de estrutura

Esta hipótese foi testada com *MDS* confirmatório, adotando o algoritmo Proxscal. Os resultados correspondentes são observados na Figura 26 a seguir, que representa uma estrutura bidimensional, admitindo as dimensões *tipo de orientação* (Hipótese 2a) e *tipo de motivador* (Hipótese 2b).

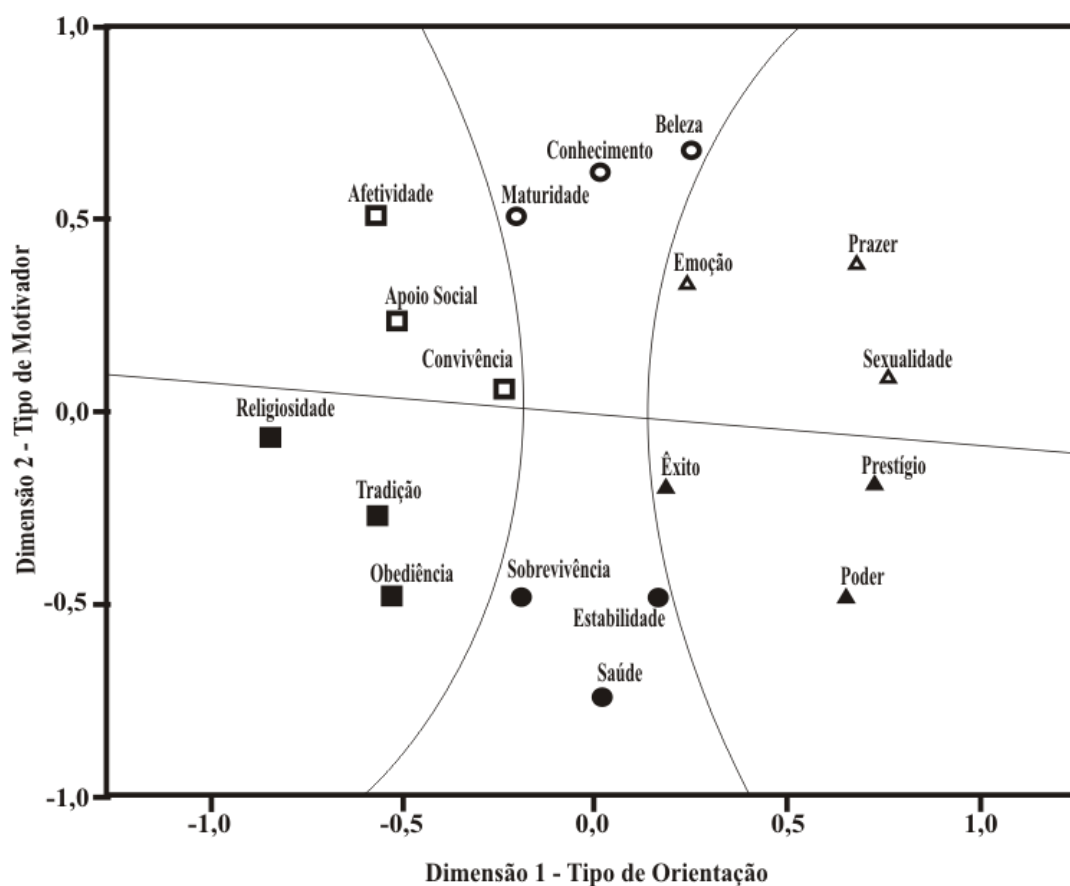


Figura 26. Representação espacial dos valores em Filipinas.

Como é possível observar nesta figura, a estrutura proposta pela *Teoria funcionalista dos valores* é bastante plausível, mostrando ajuste satisfatório (Φ de Tucker = 0,94). Neste caso, os valores *pessoais* e *sociais* aparecem em lados opostos desta figura, sendo separados pelos valores *centrais*; em regiões claramente diferentes figuram os valores *idealistas* e *materialistas*.

5.3.2.7 Honduras

Hipótese de conteúdo

Testou-se esta hipótese por meio de análises fatoriais confirmatórias, que fornecem indicadores de ajuste do modelo testado em relação aos dados empíricos. No caso, comprovou-se inicialmente o modelo original, composto por seis fatores (subfunções valorativas), cada um representado por três marcadores valorativos. Os resultados são apresentados na Figura 27.

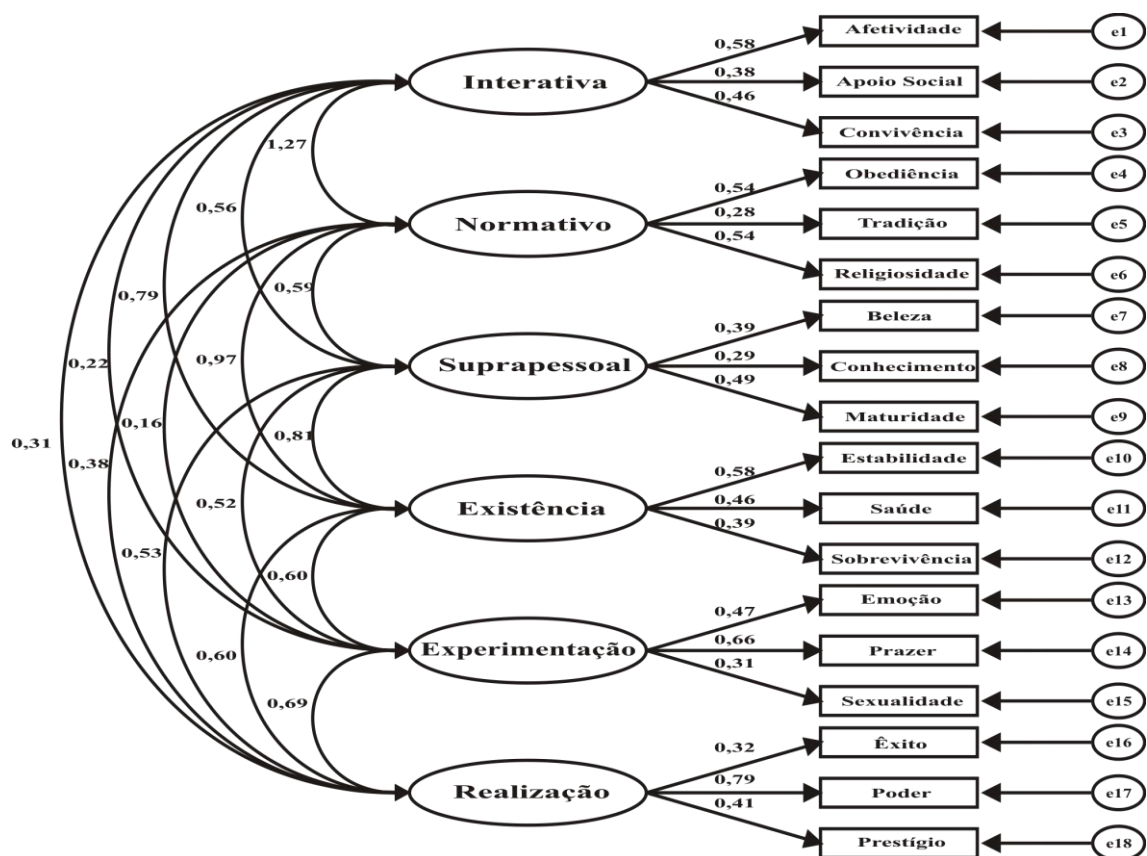


Figura 27. Estrutura fatorial com respectivas cargas fatoriais em Honduras.

As saturações dos valores específicos variaram de 0,28 (*tradição*) a 0,79 (*poder*), apresentando um coeficiente médio de 0,46. Todas as saturações (lambdas) foram estatisticamente diferentes de zero ($z > 1,96, p < 0,05$). Este modelo apresentou

indicadores de ajuste aceitáveis (por exemplo, $\chi^2 / gl = 2,15$, $RMSEA = 0,08$). Na Tabela 57, a seguir, são apresentados detalhes, bem como os indicadores de ajuste dos modelos alternativos testados.

Tabela 57. Indicadores de ajuste dos modelos em Honduras.

Modelos	χ^2	DF	GFI	CFI	RMSEA (IC90%)	CAIC	ECVI	$\Delta\chi^2 (df)$
Seis	257,99	120	0,87	0,73	0,08 (0,06-0,09)	578,95	1,82	—
Cinco	261,52	125	0,87	0,73	0,07 (0,06-0,09)	551,00	1,78	3,53 (5)
Três	278,64	132	0,86	0,71	0,07 (0,06-0,09)	524,08	1,80	20,65 (12)*
Dois	343,50	134	0,83	0,59	0,09 (0,08-0,10)	576,36	2,10	85,51 (14)**
Um	344,91	135	0,83	0,59	0,9 (0,08 – 0,10)	571,47	2,10	86,92 (15)**

Nota: $n = 199$. Modelos hexafatorial (original), pentafatorial (subfunções *suprapessoal* e *existência* formando uma única subfunção: *valores centrais*), trifatorial (valores *pessoais*, *centrais* e *sociais*), bifatorial (valores idealistas e valores materialistas) e unifatorial (todos os 18 valores saturando em um único fator); * $p < 0,05$; ** $p < 0,001$.

Segundo esta tabela, o modelo penfatorial foi igualmente adequado. De fato, este não diferenciou estatisticamente daquele original (hexafatorial), sugerindo a adequação de reunir em um único fator os valores das subfunções *existência* e *suprapessoal*. O terceiro modelo em termos de indicadores de ajuste foi o trifatorial, embora com estatísticas inferiores aos outros dois. Porém, pode-se pensar também nos valores como representando os *tipos de orientação*.

Hipótese de estrutura

Com o fim de testar esta hipótese, lançou-se mão de um *MDS* confirmatório (Proxscal). Conforme esperado, as subfunções se organizaram a partir de duas dimensões funcionais: *tipo de motivador* (*Hipótese 2a*) e *tipo de orientação* (*Hipótese 2b*). Um resumo a respeito pode ser observado na Figura 28 a seguir.

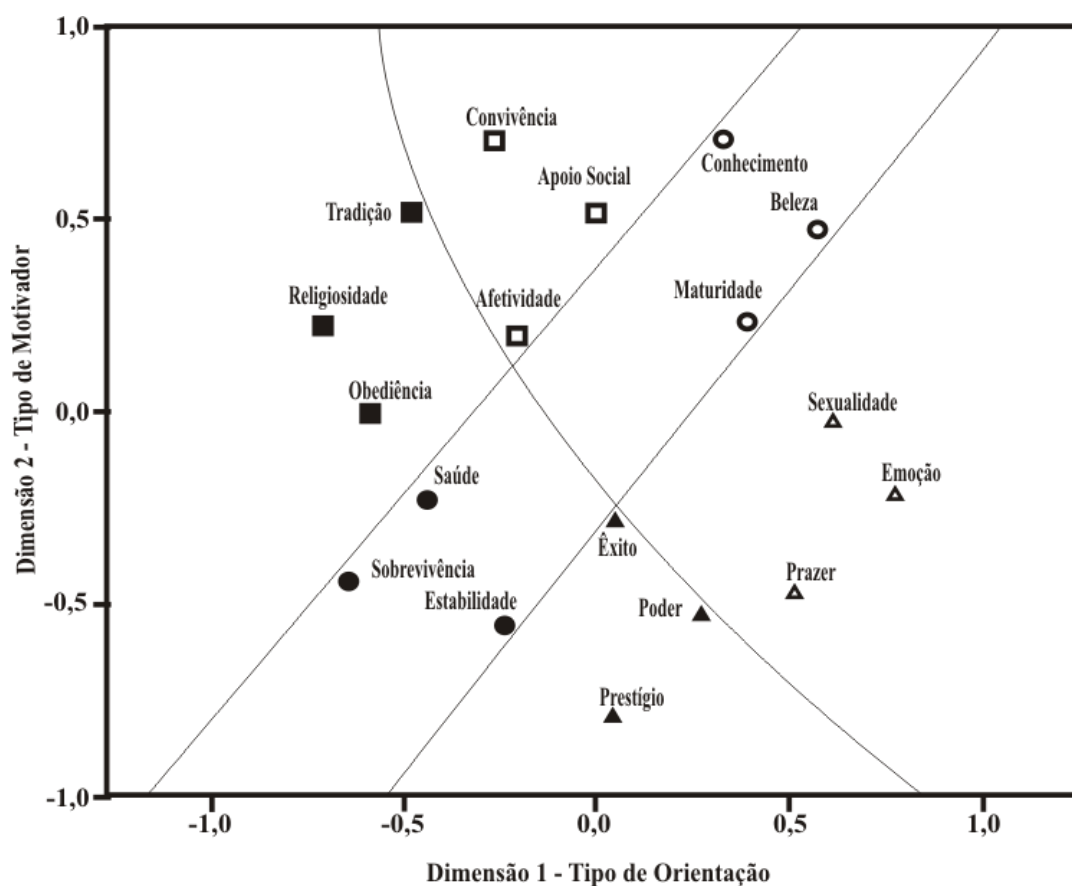


Figura 28. Representação espacial dos valores em Honduras.

Claramente, a estrutura teorizada foi corroborada (Φ de Tucker = 0,94). Especificamente, os valores *centrais* (círculos) foram localizados no meio da distribuição, separando, em lados opostos, os valores *pessoais* (triângulos) e *sociais* (quadrados); e os valores *idealistas* (figuras vazadas) e *materialistas* (figuras preenchidas) se situaram em regiões diferentes deste espaço bidimensional.

5.3.2.8 Inglaterra

Hipótese de conteúdo

Como primeiro passo, realizou-se uma análise fatorial confirmatória para comprovar a adequação de os valores serem representados por meio de seis subfunções, cada uma reunindo três valores específicos. Os resultados parecem corroborar este

modelo, conforme os indicadores de ajuste observados (por exemplo, $\chi^2/\text{gl} = 3,44$, $RMSEA = 0,09$). Um resumo acerca desta estrutura e as saturações dos valores específicos são apresentados na Figura 29 a seguir.

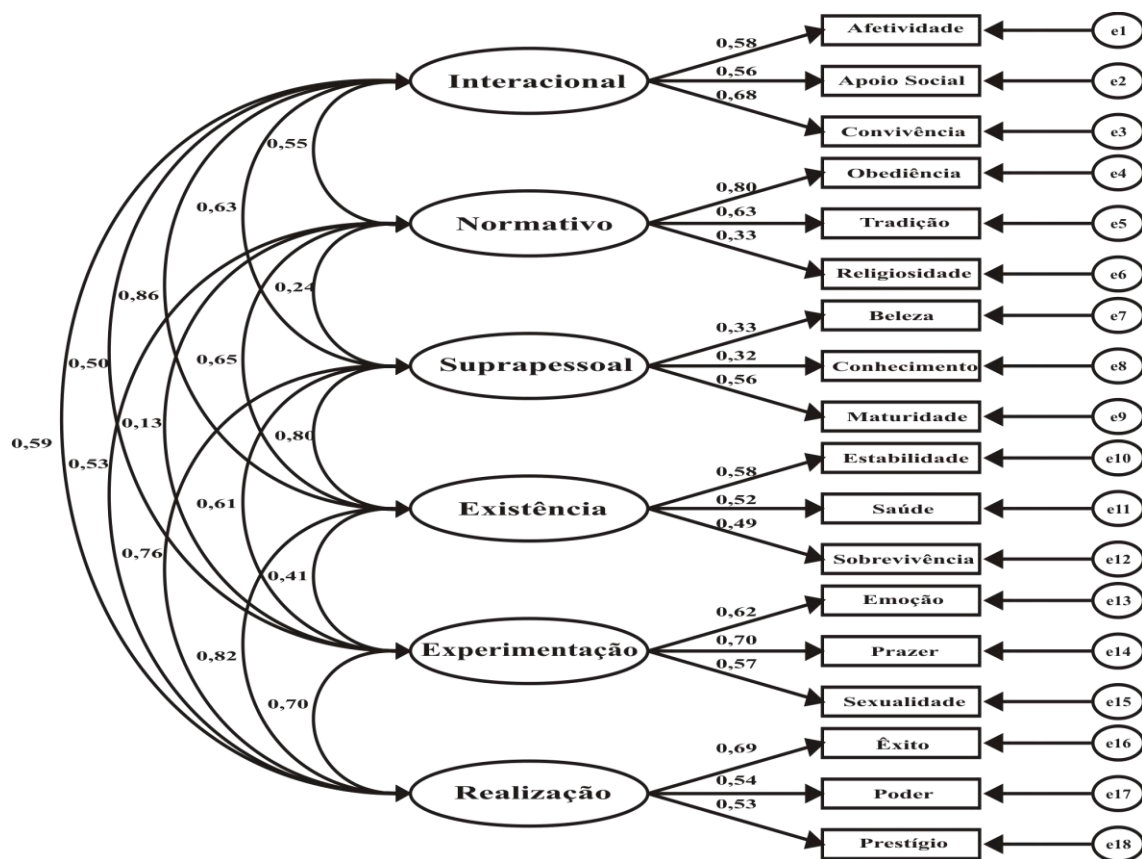


Figura 29. Estrutura fatorial com respectivas cargas fatoriais na Inglaterra.

Destaca-se que todas as saturações (*lambdas*) deste modelo foram positivas e diferentes de zero ($z > 1,98$, $p < 0,05$), apresentando um coeficiente médio de 0,56, variando de 0,32 (*conhecimento*) a 0,80 (*obediência*). Portanto, parece justificável pensar em seis subfunções valorativas, reunindo cada uma três valores específicos (*Hipótese 1*).

Com o propósito de reunir provas adicionais do modelo hexafatorial, procurou-se confrontá-lo com quatro modelos alternativos, segundo o número de fatores admitidos: cinco fatores (subfunções *existência* e *suprapessoal* formando uma única

subfunção: valores *centrais*), três fatores (valores *pessoais*, *centrais* e *sociais*), dois fatores (valores *idealistas* e *materialistas*) e, finalmente, com um único fator (todos os valores saturando em uma mesma dimensão). Os indicadores de ajuste destes modelos são mostrados na Tabela 58 a seguir.

Tabela 58. Indicadores de ajuste dos modelos na Inglaterra.

Modelos	χ^2	DF	GFI	CFI	RMSEA (IC90%)	CAIC	ECVI	$\Delta\chi^2$ (df)
Seis	413,32	120	0,86	0,76	0,09 (0,08-0,10)	754,87	1,73	—
Cinco	430,86	125	0,85	0,75	0,09 (0,08-0,10)	738,93	1,76	17,54 (5)*
Três	546,04	132	0,82	0,66	0,10 (0,09-0,11)	807,23	2,10	132,72 (12)**
Dois	597,08	134	0,80	0,62	0,11 (0,10-0,12)	844,87	2,26	183,76 (14)**
Um	628,75	135	0,79	0,59	0,11 (0,10 – 0,12)	869,85	2,35	215,43 (15)**

Nota: $n = 298$. Modelos hexafatorial (original), pentaafatorial (subfunções *suprapessoal* e *existência* formando uma única subfunção: valores *centrais*), trifatorial (valores *pessoais*, *centrais* e *sociais*), bifatorial (valores *idealistas* e valores *materialistas*) e unifatorial (todos os 18 valores saturando em um único fator); * $p < 0,05$, ** $p < 0,001$.

Conforme é descrito nesta tabela, claramente o modelo original (hexafatorial) foi o que mais se ajustou aos dados, reunindo indicadores superiores àqueles observados para o segundo modelo mais adequado: pentaafatorial ($\Delta\chi^2$, $p < 0,05$). Isto sugere corroborar a *Hipótese 1*. O modelo que se organiza segundo o *tipo de orientação* foi o terceiro mais adequado, sugerindo tratar os valores a partir de três critérios: *pessoal*, *central* e *social*.

Hipótese de estrutura

Esta hipótese sugere a organização espacial dos valores em um espaço bidimensional, cujas funções principais são o *tipo de orientação* (*Hipótese 2a*) e o *tipo motivador* (*Hipótese 2b*). Os resultados do *MDS* confirmatório são mostrados na Figura 30 a seguir.

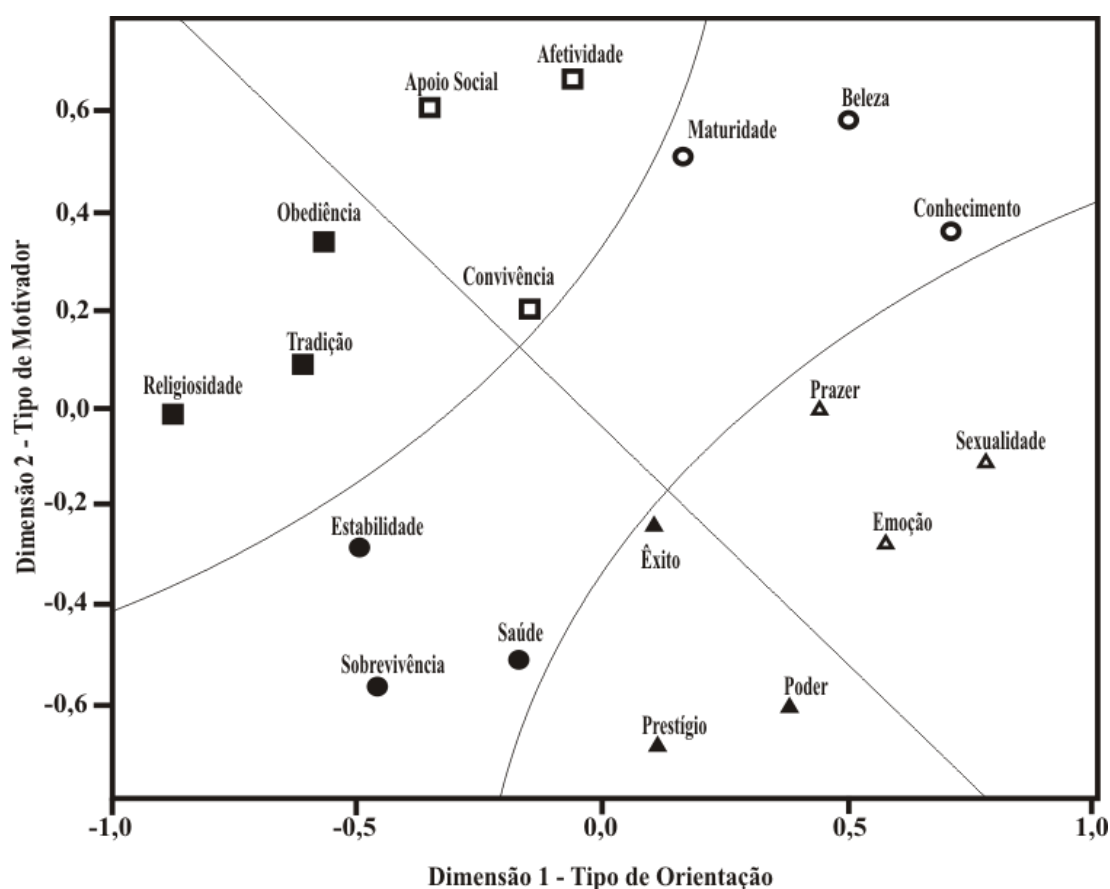


Figura 30. Representação espacial dos valores na Inglaterra.

Esta configuração apresentou ajuste adequado aos dados (Φ de Tucker = 0,94). Portanto, parece sustentável tratar os valores como organizados em duas dimensões principais. Especificamente, os valores *centrais* (círculos) se localizam no meio da configuração, estando de um e outro lado os valores *pessoais* (triângulos) e *sociais* (quadrados); e os valores *idealistas* (figuras vazadas) e *materialistas* (figuras preenchidas) se apresentam em espaços diferentes. Neste sentido, confirma-se a *Hipótese 2 (estrutura dos valores)*

5.3.2.9 Israel

Hipótese de conteúdo

Procurou-se testar esta hipótese por meio de AFC. Como primeiro passo, testou-se o modelo com seis subfunções (original), cujos indicadores de ajuste sugerem sua adequação (por exemplo, $\chi^2/\text{gl} = 2,29$, $\text{RMSEA} = 0,08$). Portanto, é possível pensar os valores como organizados em seis subfunções, cada uma representada por três valores específicos, conforme se descreve na Figura 31.

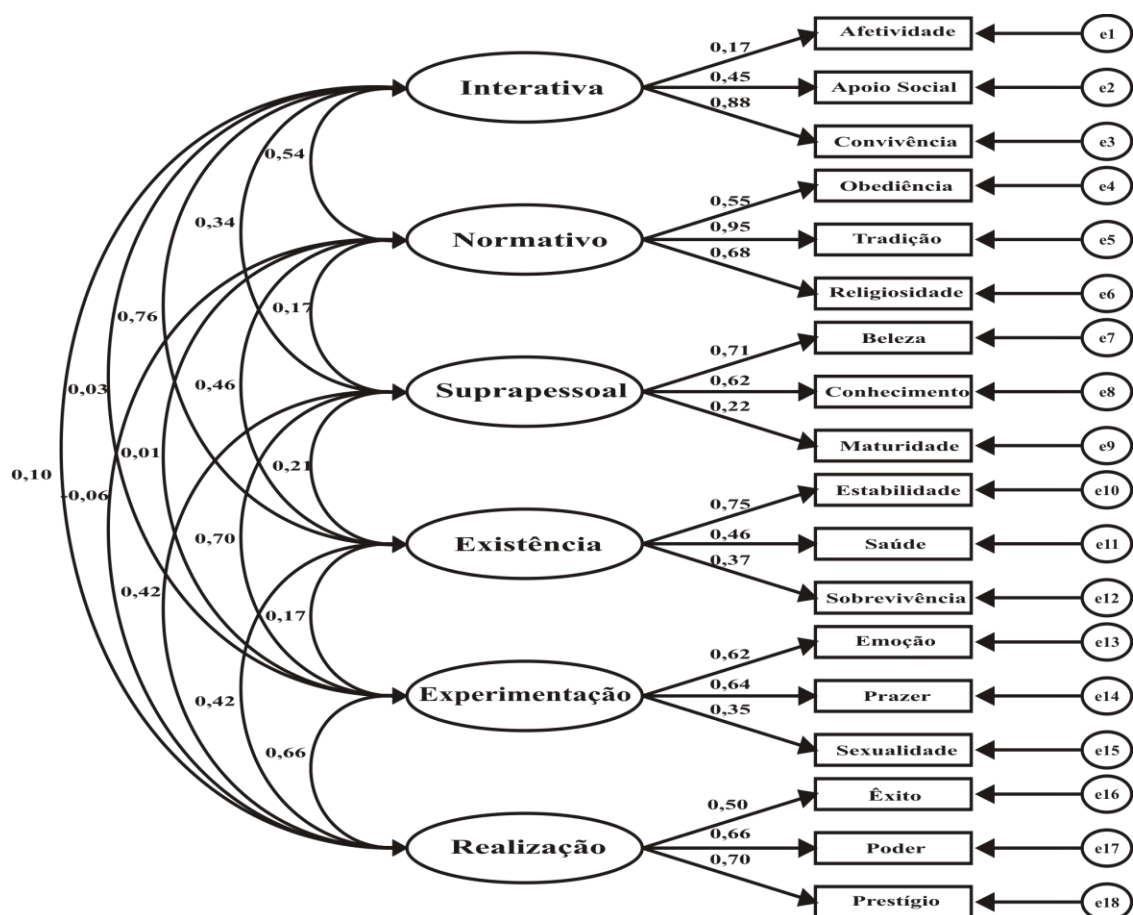


Figura 31. Estrutura fatorial com respectivas cargas fatoriais em Israel.

Este modelo obteve *lambda* (λ) médio de 0,57, com coeficientes variando de 0,17 (*afetividade*) a 0,95 (*tradição*); todos foram estatisticamente diferentes de zero ($z > 1,96$, $p < 0,05$). Porém, as evidências acerca da *Hipótese 1* não se restringiu ao teste do

modelo hexafatorial, mas procurou-se ir além, confrontando-o com outros quatro modelos alternativos; os resultados são apresentados na Tabela 59 a seguir.

Tabela 59. Indicadores de ajuste dos modelos em Israel.

Modelos	χ^2	DF	GFI	CFI	RMSEA (IC90%)	CAIC	ECVI	$\Delta\chi^2$ (df)
Seis	274,98	120	0,85	0,77	0,09 (0,07-0,10)	587,00	2,27	—
Cinco	328,55	125	0,82	0,70	0,10 (0,09-0,11)	609,98	2,53	53,57 (5)*
Três	389,23	132	0,79	0,62	0,11 (0,10-0,12)	627,84	2,81	114,25 (12) *
Dois	525,96	134	0,72	0,42	0,13 (0,12-0,14)	752,33	3,61	250,98 (14)*
Um	539,58	135	0,70	0,41	0,13 (0,12 – 0,15)	759,83	3,68	264,60 (15)*

Nota: $n = 167$. Modelos hexafatorial (original), pentaafatorial (subfunções *suprapessoal* e *existência* formando uma única subfunção: *valores centrais*), trifatorial (valores *pessoais*, *centrais* e *sociais*), bifatorial (valores idealistas e valores materialistas) e unifatorial (todos os 18 valores saturando em um único fator); * $p < 0,001$.

De acordo com os resultados desta tabela, o modelo proposto pela *Teoria funcionalista dos valores* foi o mais adequado ($\Delta\chi^2$), corroborando a *Hipótese 1*. Com relação aos demais modelos, os dois mais adequados foram o penta e o trifatorial, embora com indicadores menos adequados. Particularmente, parece viável pensar também os valores a partir do *tipo de orientação*, mas esta solução não pareceu suficiente.

Hipótese de estrutura

Para efeito de testar esta hipótese, empregou-se o escalonamento multidimensional (MDS) confirmatório (Proxscal). Procurou-se checar se os valores poderiam ser organizados em uma estrutura com duas dimensões: *tipo de orientação* (*Hipótese 2a*) e *tipo de motivador* (*Hipótese 2b*). Na Figura 32 é apresentada a distribuição dos valores no espaço bidimensional.

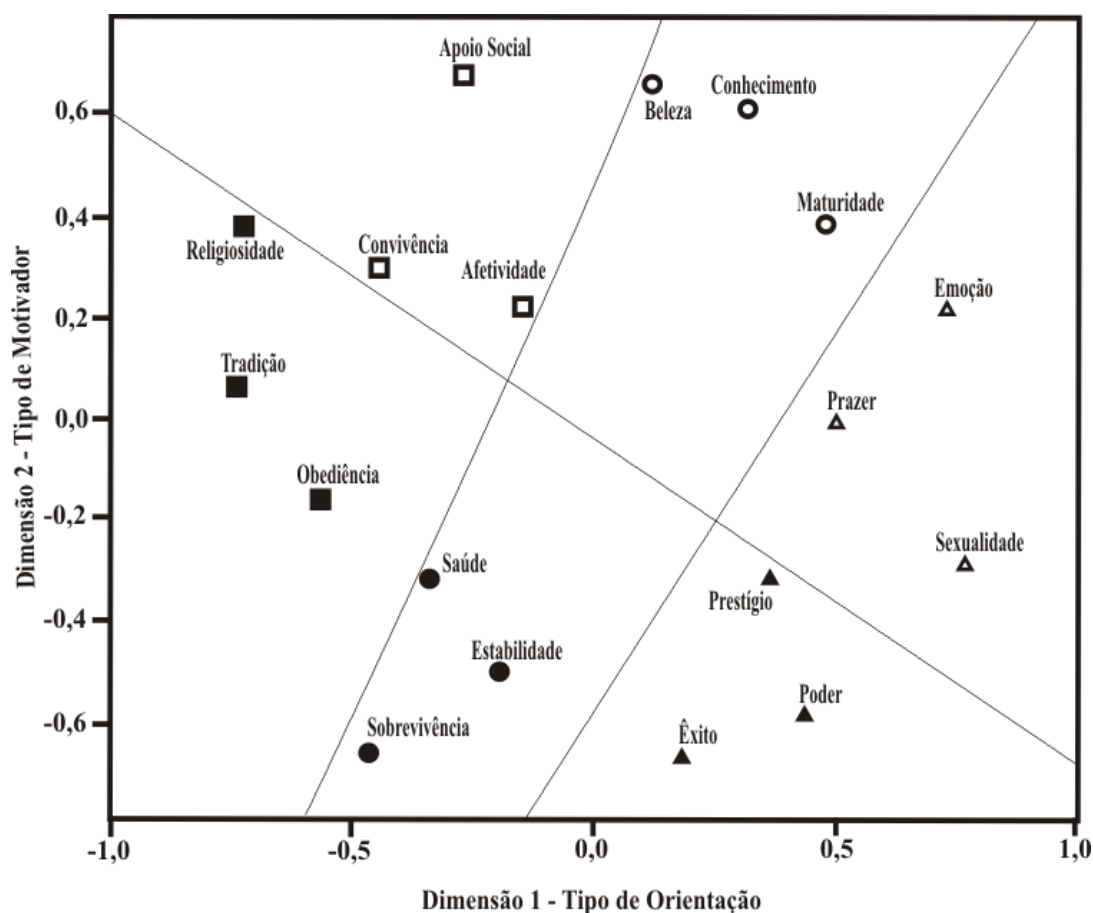


Figura 32. Representação espacial dos valores em Israel.

Segundo o que pode ser observado nesta figura, a solução bidimensional, como teoricamente esperado, foi claramente corroborada (Φ de Tucker = 0,94). Neste caso, os valores *centrais* (círculos) se localizam no meio do espaço, aparecendo de um e outro lado os valores *pessoais* (triângulos) e *sociais* (quadrados); e os valores *idealistas* (figuras vazadas) e *materialistas* (figuras preenchidas) se apresentaram em duas regiões distintas da configuração. Portanto, confirmou-se a *hipótese de estrutura* (Hipótese 2).

5.3.2.10 México

Hipótese de conteúdo

Coerente com o procedimento adotado nos demais países, realizou-se inicialmente uma análise fatorial confirmatória para verificar a adequação de representar os valores em seis subfunções, cada uma representada por três valores específicos. A estrutura correspondente e as saturações dos itens em suas subfunções são mostradas na Figura 33, a seguir.

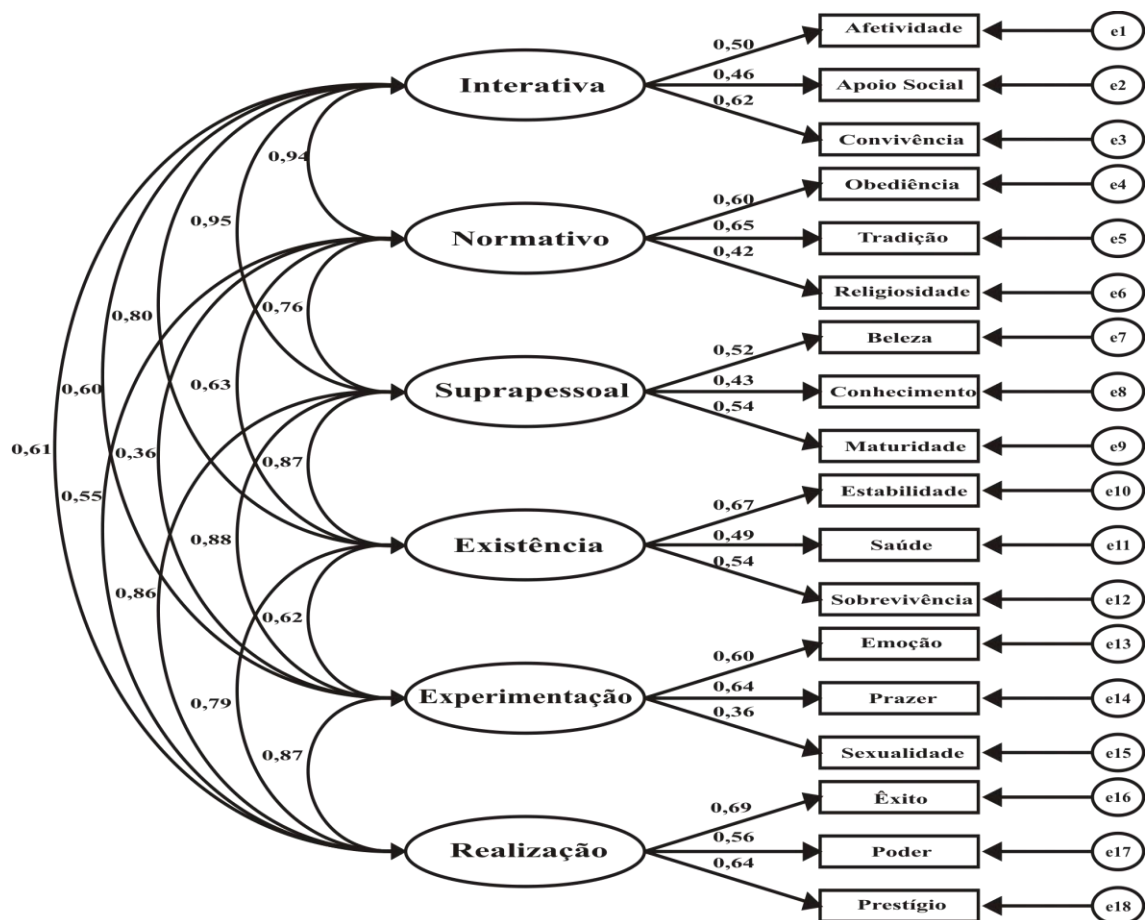


Figura 33. Estrutura fatorial com respectivas cargas fatoriais no México.

Todas as saturações desta figura foram diferentes de zero ($z > 1,96$, $p < 0,05$), com coeficiente mínimo de 0,36 (*sexualidade*) e máximo de 0,69 (*êxito*), apresentando valor médio de 0,55. Este modelo apresentou indicadores de ajuste satisfatórios (por exemplo, $\chi^2/g.l. = 3,14$, $RMSEA = 0,09$).

Com finalidade de confrontar o ajuste do modelo proposto (seis subfunções) com os quatro modelos alternativos previamente descritos, realizaram-se múltiplas AFCs. Os resultados a respeito podem ser observados na Tabela 60.

Tabela 60. Indicadores de ajuste dos modelos no México.

Modelos	χ^2	DF	GFI	CFI	RMSEA (IC90%)	CAIC	ECVI	$\Delta\chi^2$ (df)
Seis	377,55	120	0,87	0,78	0,09 (0,80-0,10)	714,82	1,76	—
Cinco	385,45	125	0,86	0,78	0,09 (0,08-0,10)	689,65	1,75	7,90 (5)
Três	400,03	132	0,86	0,77	0,09 (0,08-0,10)	657,94	1,75	22,48 (12)*
Dois	486,16	134	0,83	0,70	0,10 (0,09-0,11)	730,84	2,05	108,61 (14)**
Um	490,64	135	0,83	0,70	0,10 (0,09 – 0,11)	728,72	2,06	113,09 (15)*

Nota: $n = 167$. Modelos hexafatorial (original), pentafatorial (subfunções *suprapessoal* e *existência* formando uma única subfunção: *valores centrais*), trifatorial (valores *pessoais*, *centrais* e *sociais*), bifatorial (valores idealistas e valores materialistas) e unifatorial (todos os 18 valores saturando em um único fator); * $p < 0,001$.

O modelo hexafatorial apresentou indicadores de ajuste similares àqueles descritos para o modelo pentafatorial. Deste modo, é igualmente plausível contar com uma solução com cinco fatores, resultado da agregação dos valores das subfunções *existência* e *suprapessoal*. O terceiro modelo mais adequado foi o trifatorial, embora apresentando indicadores de ajuste claramente inferiores aos outros dois ($\Delta\chi^2$).

Hipótese de estrutura

Um escalonamento multidimensional (*MDS*) confirmatório (algoritmo Proxscal) foi realizado para testar esta hipótese. De acordo com os parâmetros fixados, testou-se a adequação de representar os valores em um espaço bidimensional, tomando como referência duas dimensões funcionais dos valores: *tipo de orientação* (*Hipótese 2a*) e *tipo de motivador* (*Hipótese 2b*). Os resultados são sumarizados na Figura 34.

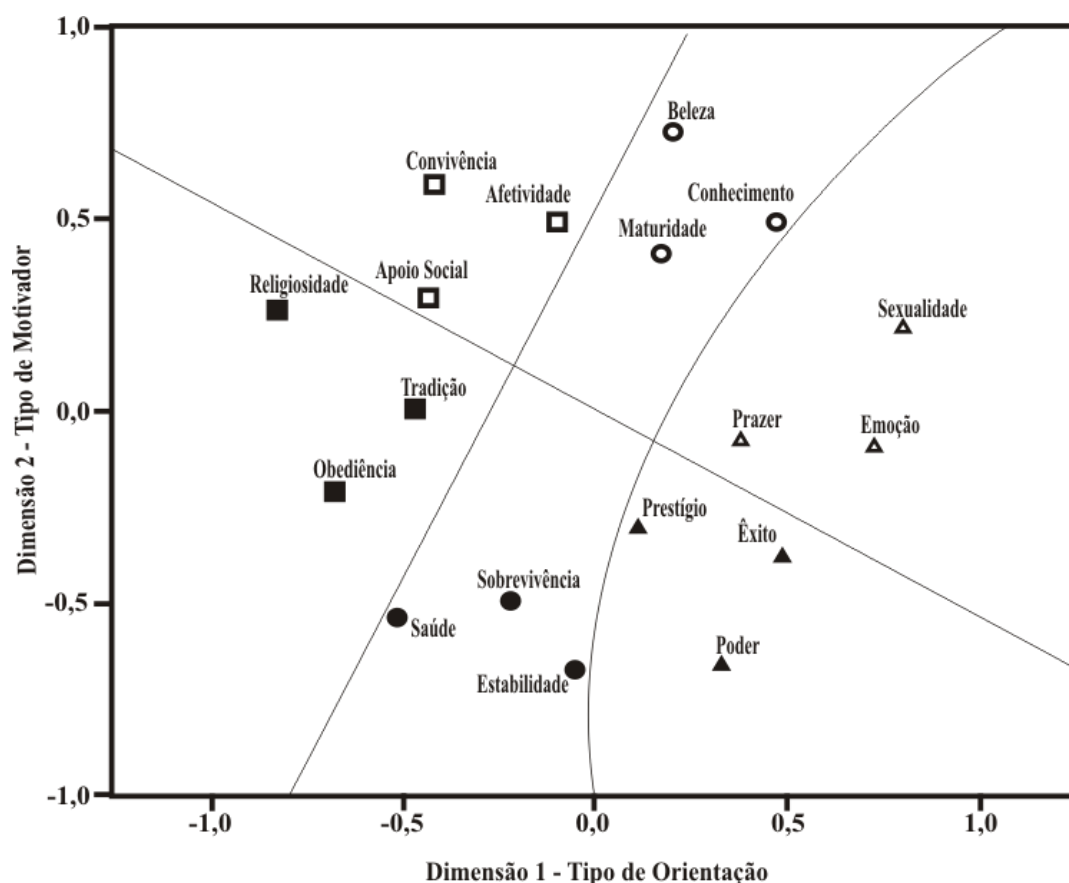


Figura 34. Representação espacial dos valores no México.

A estrutura bidimensional teorizada foi adequada (Φ de Tucker = 0,94), corroborando a *Hipótese 2*. Especificamente, no caso da dimensão *tipo de orientação*, corroborando a *Hipótese 2a*, os valores *personais* (triângulos) e *sociais* (quadrados) foram localizados em lados opostos da configuração, sendo separados pelos valores *centrais* (círculos); no caso do *tipo de motivador*, corroborando a *Hipótese 2b*, os valores foram representados em duas regiões distintas, correspondendo aos valores *idealistas* (figuras vazadas) e *materialistas* (figuras preenchidas).

5.3.2.11 Nova Zelândia

Hipótese de conteúdo

Inicialmente, testou-se a estrutura teórica que define seis subfunções valorativas, cada uma representada por três valores / itens. Neste caso, realizou-se uma análise fatorial confirmatória, cujos resultados são resumidos na Figura 35 a seguir.

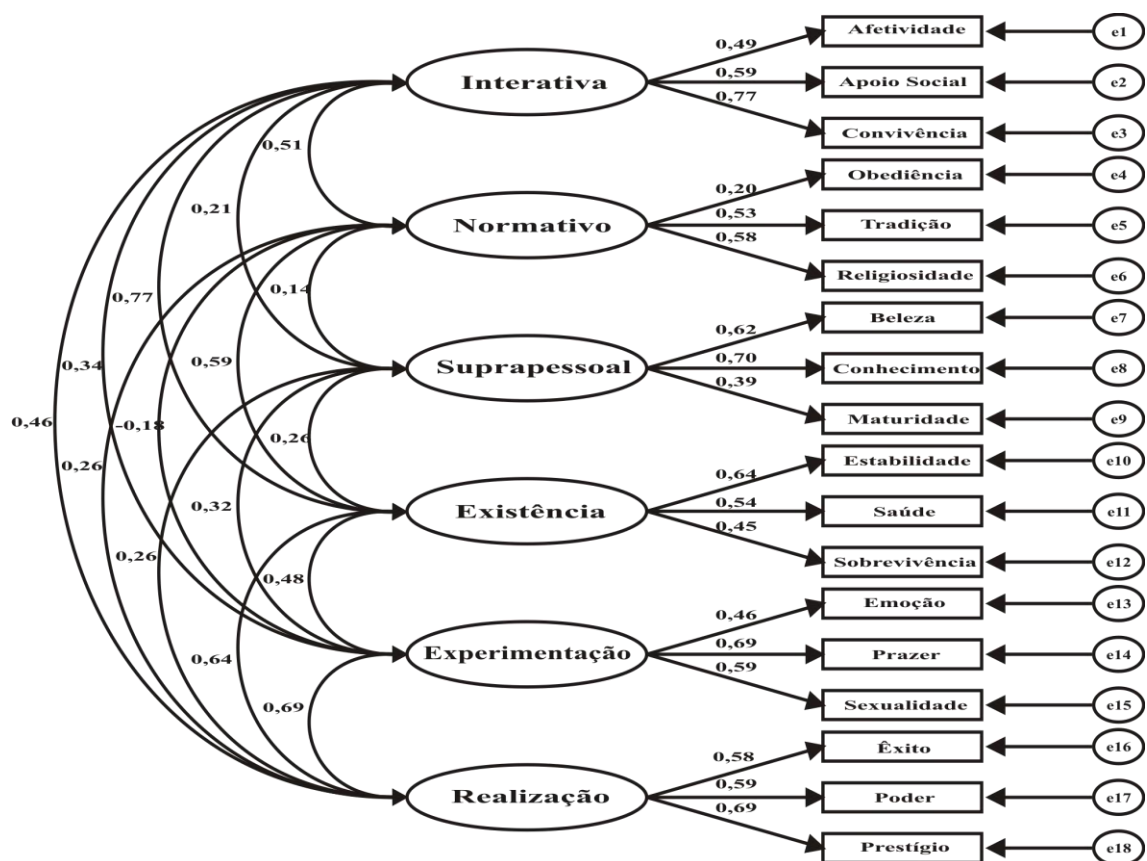


Figura 35. Estrutura fatorial com respectivas cargas fatoriais na Nova Zelândia.

Apoiando a adequação do conjunto de itens, todos apresentaram coeficientes lambdas positivos e diferentes de zero ($z > 1,96$, $p < 0,05$), variando de 0,20 (obediência) a 0,77 (convivência); o coeficiente médio foi de 0,56. Este modelo apresentou indicadores de ajuste aceitáveis (por exemplo, $\chi^2_{gl} = 2,64$, $RMSEA = 0,08$), corroborando a Hipótese 1.

Complementando tais evidências de adequação da estrutura hexafatorial, procurou-se testar quatro modelos fatoriais alternativos: pentafatorial (as subfunções *existência* e *suprapessoal* formariam a uma única subfunção, denominada como *valores centrais*), trifatorial (as subfunções organizadas segundo o *tipo de orientação*: *pessoal*, *central* e *social*), bifatorial (as subfunções organizadas segundo o *tipo de motivação*: *idealista* e *materialista*) e, finalmente, unifatorial (todos os valores específicos saturando em um fator geral dos valores). Os resultados destas análises são sumarizados na Tabela 61 a seguir.

Tabela 61. Indicadores de ajuste dos modelos na Nova Zelândia.

Modelos	χ^2	DF	GFI	CFI	RMSEA (IC90%)	CAIC	ECVI	$\Delta\chi^2$ (df)
Seis	317,16	120	0,89	0,77	0,08 (0,07-0,09)	651,15	1,64	—
Cinco	380,06	125	0,85	0,71	0,09 (0,08-0,10)	681,32	1,84	62,90 (5)*
Três	441,09	132	0,84	0,64	0,10 (0,09-0,11)	696,50	2,03	123,93 (12)*
Dois	514,31	134	0,80	0,56	0,10 (0,10-0,11)	756,62	2,30	197,15 (14)*
Um	533,83	135	0,80	0,54	0,11 (0,10 – 0,12)	769,60	2,37	216,67 (15)*

Nota: $n = 257$. Modelos hexafatorial (original), pentafatorial (subfunções *suprapessoal* e *existência* formando uma única subfunção: *valores centrais*), trifatorial (valores *pessoais*, *centrais* e *sociais*), bifatorial (valores *idealistas* e valores *materialistas*) e unifatorial (todos os 18 valores saturando em um único fator); * $p < 0,001$

Como esperado, o modelo de referência foi o que apresentou os melhores indicadores de ajuste, sendo superior ao pentafatorial ($\Delta\chi^2$); estes dois foram superiores aos demais modelos, destacando-se o trifatorial, que foi o terceiro com indicadores de ajuste maiores. Deste modo, corroborou-se a *Hipótese 1*, que previa que os valores poderiam ser organizados em seis subfunções, agrupando equitativamente os 18 itens do QVB.

Hipótese de estrutura

Com intenção de verificar se os valores se organizam em função das duas dimensões valorativas principais, isto é, *tipo de orientação* (valores *pessoais*, *centrais* e *sociais*) e *tipo de motivador* (valores *idealistas* e *materialistas*), recorreu-se a MDS confirmatório (Proxscal). Os resultados desta análise estatística são mostrados na Figura 36 a seguir.

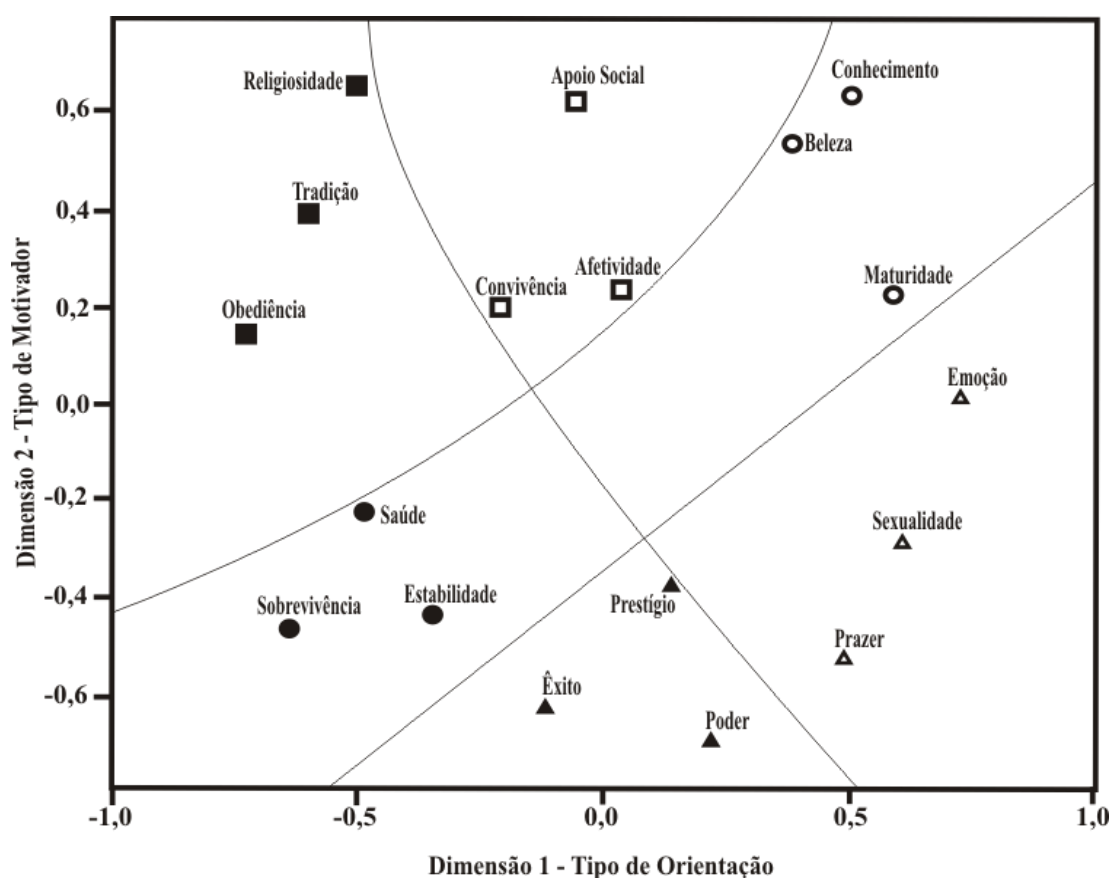


Figura 36. Representação espacial dos valores na Nova Zelândia.

Pode-se observar nesta figura uma organização dos valores em consonância com a *Teoria funcionalista dos valores*. A solução bidimensional se mostrou adequada (Φ de Tucker = 0,94), sugerindo que os *centrais* (círculos) aparecem no centro da configuração, separando os *pessoais* (triângulos) e *sociais* (quadrados) (*Hipótese 2a*); e

os valores *idealistas* (figuras vazadas) e *materialistas* (figuras preenchidas) aparecem em regiões diferentes (*Hipótese 2b*).

5.3.2.12 Peru

Hipótese de conteúdo

Neste país, como nos demais, partiu-se da comprovação do modelo hexafatorial (original), admitindo seis subfunções valorativas representadas por três valores específicos cada uma (*Hipótese 1*). Portanto, fez-se uma análise fatorial confirmatória cujos resultados são resumidos na Figura 37 a seguir.

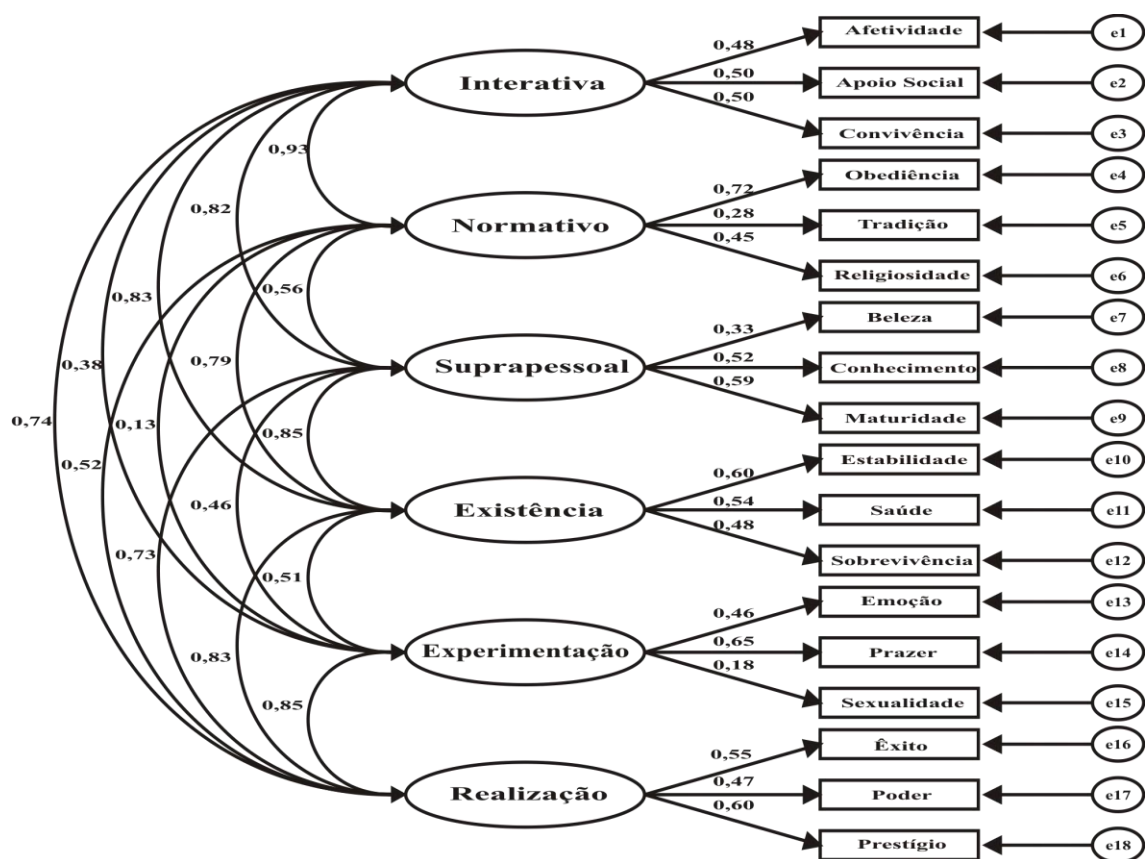


Figura 37. Estrutura fatorial com respectivas cargas fatoriais no Peru.

Todos os λ desta figura foram positivos e diferentes de zero ($z > 1,96$, $p < 0,05$), variando de 0,18 (*sexualidade*) a 0,72 (*obediência*), com saturação média de 0,49. Este

modelo se mostrou adequado, apresentando indicadores de ajuste aceitáveis (por exemplo, $GFI = 0,90$, $RMSEA = 0,08$). Neste sentido, confirmou-se a *hipótese de conteúdo*. Entretanto, procurou-se reunir evidências complementares, testando quatro modelos fatoriais alternativos, cujos resultados são mostrados na Tabela 62.

Tabela 62. Indicadores de ajuste dos modelos no Peru.

Modelos	χ^2	DF	GFI	CFI	RMSEA (IC90%)	CAIC	ECVI	$\Delta\chi^2$ (df)
Seis	612,53	120	0,90	0,75	0,08 (0,07-0,09)	991,04	1,16	—
Cinco	627,72	125	0,90	0,75	0,08 (0,07-0,09)	969,12	1,17	15,19 (5)*
Três	671,47	132	0,89	0,73	0,08 (0,08-0,09)	960,92	1,22	58,94 (12)*
Dois	800,24	134	0,86	0,66	0,09 (0,08-0,10)	1074,84	1,42	187,71 (14)*
Um	801,73	135	0,86	0,66	0,09 (0,08 – 0,10)	1068,90	1,42	189,20 (15)*

Nota: $n = 167$. Modelos hexafatorial (original), penta-fatorial (subfunções *suprapessoal* e *existência* formando uma única subfunção: *valores centrais*), trifatorial (*valores pessoais, centrais e sociais*), bifatorial (*valores idealistas e valores materialistas*) e unifatorial (todos os 18 valores saturando em um único fator); * $p < 0,001$.

De acordo com os resultados desta tabela, o modelo hexafatorial é claramente superior aos demais ($\Delta\chi^2$). Portanto, reforça-se a pertinência da *hipótese de conteúdo*, isto é, os valores podem ser adequadamente representados por seis subfunções, cada uma reunindo três valores específicos. O modelo penta-fatorial, embora apresentando indicadores inferiores ao do hexafatorial, também se mostrou aceitável, permitindo pensar em uma subfunção de valores *centrais*, condensando aqueles que representam as subfunções *existência* e *suprapessoal*. Também o modelo trifatorial pareceu plausível, embora menos adequado do que os outros dois.

Hipótese de estrutura

Procurou-se, nesta oportunidade, testar se os valores poderiam ser organizados de acordo com uma estrutura bidimensional, definidas como *tipo de orientação* (Hipótese 2a) e *tipo de motivador* (Hipótese 2b). Neste sentido, lançou-se mão de MDS confirmatório (algoritmo Proxscal), sendo os resultados apresentados na Figura 38.

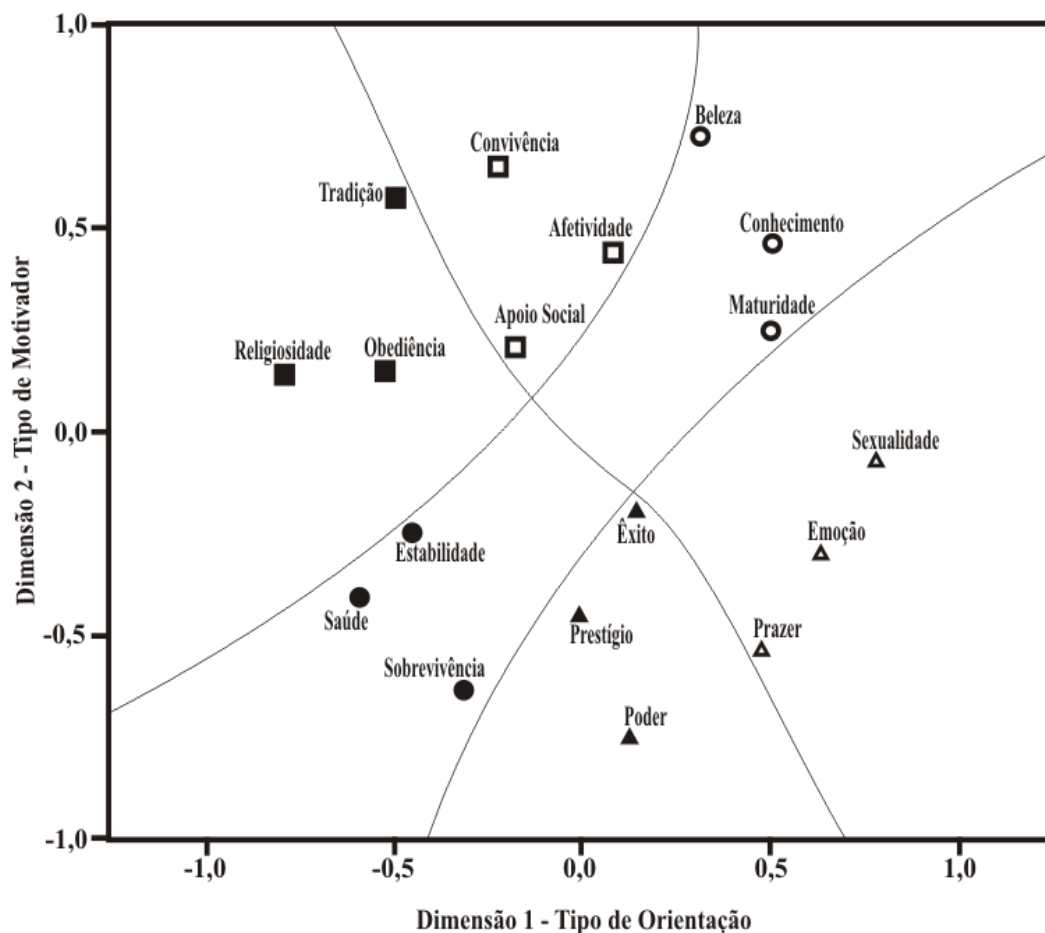


Figura 38. Representação espacial dos valores no Peru.

Esta estrutura bidimensional se mostrou adequada (Φ de Tucker = 0,94), corroborando a *hipótese de estrutura*. Especificamente, confirme esta figura, os valores *centrais* (círculos) aparecem no meio da configuração espacial, separando os valores *pessoais* (triângulos) e *sociais* (quadrados) (Hipótese 2a); e os valores *idealistas*

(figuras vazadas) e *materialistas* (figuras preenchidas) se localizam em regiões distintas deste espaço (*Hipótese 2b*).

Em resumo, a *hipótese de conteúdo* foi plenamente corroborada em sete países (Alemanha, Brasil, Espanha, Inglaterra, Israel, Nova Zelândia e Peru), reunindo os melhores indicadores de ajuste; nos outros cinco países (Argentina, Colômbia, Filipinas, Honduras e México) os modelos penta e hexafatorial foram os melhores, não diferindo estatisticamente entre eles. No caso da *hipótese de estrutura*, em todos os países o indicador de ajuste (*Phi de Tucker*) se mostrou adequado ($\phi \geq 0,93$), permitindo afirmar que os valores se configuram em um espaço **3** (*tipo de orientação: pessoal, central e social*) por **2** (*tipo de motivador: idealista e materialista*), como teorizado. Procura-se a seguir reunir evidências de invariância fatorial do modelo hexafatorial.

5.3.3 Análises multigrupos de invariância fatorial

Procurando dirimir dúvidas quanto à *hipótese de conteúdo*, isto é, a adequação de contar com seis subfunções valorativas, cada uma representada por três valores específicos, procedeu-se a testar a invariância fatorial deste modelo hexafatorial através dos doze países. Esta análise foi realizada por meio de testes de invariância levados a cabo com base em modelagem por equações estruturais, indicado por Byrne (2001, 2010). O ponto de partida foi o modelo apresentado na Figura 39 a seguir.

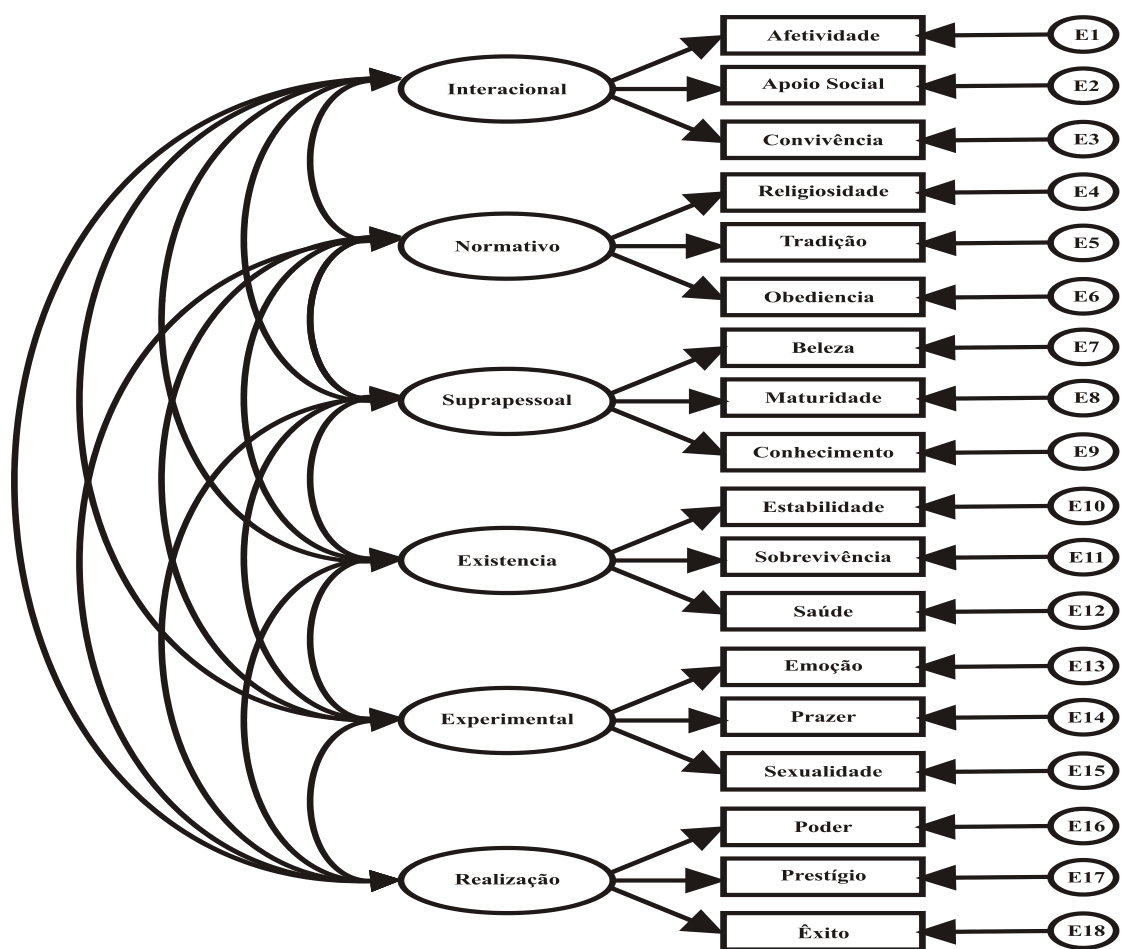


Figura 39. Hipótese de conteúdo na Teoria Funcionalista dos Valores.

Nesta figura é possível identificar as seguintes estruturas: os retângulos representam as variáveis observadas, isto é, os itens (valores específicos / marcadores), que são expressão de seus respectivos fatores (subfunções), representados por elipses maiores, e por erros de medidas, configuradas como elipses menores. As setas unidirecionais (fator → item ou erro → item) indicam que os fatores (as subfunções) e os erros são variáveis latentes exógenas (independentes). As setas bidirecionais entre as elipses maiores (os fatores) indicam covariâncias entre as subfunções valorativas.

O modelo teórico foi submetido a análises fatoriais confirmatórias multigrupos, visando efetuar, sucessivamente, restrições no modelo base (*baseline model*) [cargas fatoriais, interceptos, covariâncias e resíduos (erros)], de modo ser possível analisar a equivalência entre os grupos (países). Especificamente, como no *Estudo 1*, o $\Delta RMSEA$

foi utilizado para verificar se há diferença significativa entre os modelos comparados. O modelo base apresentou indicadores aceitáveis de ajuste, tomando-o como referência para proceder à imposição de restrições sucessivas. Os resultados destas análises são apresentados na Tabela 63.

Tabela 63. Indicadores de ajuste para os testes de invariância entre os países.

Indicadores	Configural	Métrica	Escalar	Estrutural	Residual
χ^2	5.768,03	6.157,31	11.083,92	13.794,54	14.959,61
gl	1.440	1.572	1.170	1.948	2.133
RMSEA	0,025	0,024	0,033	0,035	0,035
IC90%	0,024-0,025	0,024-0,025	0,032-0,033	0,034-0,036	0,034-0,035
ECVI	1,49	1,52	2,43	2,90	3,06
IC90%	1,445-1,539	1,469-1,566	2,361-2,494	2,826-2,975	2,982-3,138
$\Delta\chi^2$ (gl)	—	389,28 (132)*	5.315,89 (270)*	8.026,51 (508)*	9.191,58 (693)*
Teste de Diferença dos Modelos					
Δ RMSEA	—	0,001	-0,009	-0,002	0,000
Decisão	—	Aceitar	Aceitar	Aceitar	Aceitar

De acordo com esta tabela, o modelo hexafatorial apresentou evidências de ser invariante através dos doze países. Tomando como referência o ponto de corte de Δ RMSEA < 0,015, os diversos tipos de invariância foram atestados: *métrica*, *escalar*, *estrutural* e *residual*.

5.3.3.2 Análise Procrustes Generalizada

A estrutura de valores foi testada por meio de escalonamento multidimensional confirmatório (MDS com algoritmo Proxscal). A estrutura média dos valores foi obtida por meio da matriz agrupada de correlações (*pooled matrix*; Fontaine & Fischer, no prelo; Muthén 1994) dos doze países estudados. A estrutura bidimensional proposta segundo a *Teoria funcionalista dos valores* foi imposta. A solução do MDS da matriz

agrupada foi comparada com cada uma obtida nos países específicos, sendo usado o *Phi de Tucker* para estimar o ajuste global desta imposição (restrição). Contudo, este não avalia a localização dos itens específicos ou os desajustes correspondentes (Fischer & cols., no prelo; Fontaine, Poortinga, Delbeke & Schwartz, 2008). Isto acarreta que as configurações da matriz agrupada e as matrizes dos países não podem ser comparadas diretamente por este indicador.

Para se conseguir coordenadas comparáveis, submeteram-se as estruturas de coordenadas, tanto a derivada da matriz agregada como as individuais referentes aos países, à *Análise Procrustes Generalizada (GPA; Generalized Procrustes Analysis)*. Esta calcula configurações de amostras específicas de modo que sejam comparáveis, sem afetar as distâncias relativas entre os pontos dentro de cada configuração. Após a *GPA*, as coordenadas espaciais dos marcadores valorativos foram diretamente comparáveis entre a configuração geral agregada (*pooled*) e as configurações específicas dos países. A similaridade entre estas configurações sugerem a estabilidade da estrutura valorativa testada nas doze culturas. O *S-stress (raw stress)* da estrutura bidimensional da matriz agrupada foi de 0,12, apresentando *Phi de Tucker* de 0,94; esta configuração foi tomada como referência, sendo os resultados correspondentes mostrados na Tabela 64.

Tabela 64. Análise Procrustes (GPA) para comparar estruturas nos 12 países.

Países (n)	GPA		Phi de Tucker	S-stress bruto
	Ajuste total	Perda		
Alemanha (156)	0,943	0,057	0,942	0,111
Argentina (406)	0,940	0,061	0,941	0,112
Brasil (1.235)	0,917	0,083	0,940	0,115
Colômbia (230)	0,923	0,078	0,943	0,110
Espanha (874)	0,977	0,023	0,941	0,113
Filipinas (279)	0,961	0,039	0,941	0,113
Honduras (199)	0,919	0,081	0,937	0,121
Inglaterra (298)	0,964	0,036	0,940	0,115
Israel (167)	0,922	0,078	0,945	0,106
México (274)	0,927	0,073	0,938	0,118
Nova Zelândia (257)	0,912	0,088	0,942	0,112
Peru (615)	0,912	0,088	0,938	0,119
Matriz agregada	—	—	0,937	0,120

De acordo com a tabela, a média do *stress* bruto foi de 0,113, com amplitude de 0,106 (Israel) a 0,121 (Honduras). No caso do ajuste de cada configuração individual, o valor médio correspondente (*Phi de Tucker*) foi de 0,94, variando de 0,937 (Honduras) a 0,945 (Israel). Percebeu-se ainda que o o *ajuste total* médio se situou em 0,93, com todos os países apresentando valores superiores a 0,90, com os piores ajustes totais correspondendo a Peru e Nova Zelândia (0,912 para ambos) e o melhor para a Espanha (0,977); em nenhum dos casos a perda na "sobreposição" (ajuste) da configuração agregada em relação às específicas dos países chegou a 0,10. Portanto, estas são evidências complementares de que a estrutura teórica, que pressupõe um modelo com três *tipos de orientação* (*pessoal, central e social*) e dois *tipos de motivador* (*idealista e materialista*), pode ser considerada adequada nos doze países considerados.

5.4 Discussão parcial

Este estudo teve como objetivo principal replicar os achados descritos no *Estudo 1*, considerando amostras de países de diferentes continentes. Especificamente, procurou reunir evidências acerca das hipóteses de *conteúdo* e *estrutura*, segundo são definidas pela *Teoria funcionalista dos valores humanos*. Deste modo, como previamente explicitado, o modelo proposto por Gouveia e seus colaboradores (Gouveia, 2003; Gouveia & cols., 2008; 2010) pareceu adequado, sugerindo que é pertinente pensar os valores como seis subfunções representadas por três itens cada uma (*hipótese de conteúdo*), as quais são organizadas em um espaço bidimensional, de acordo com as duas funções principais identificadas: *tipo de orientação* (*pessoal, central e social*) e *tipo de motivador* (*idealista e materialista*) (*hipótese de estrutura*). Além disso, descreveram-se parâmetros para as subfunções específicas que asseguram evidências de *consistência interna, validade convergente e validade discriminante* (Clark & Watson, 1995; Pasquali, 1999, 2003, 2010).

Rokeach (1973) assinala que a lista de valores instrumentais pode ser infinita, embora ele pense que a que represente os terminais girem próximos a uma dúzia e meia. Foram precisamente 18 valores os que integraram o instrumento desenvolvido por Gouveia (2003). Esta não é uma lista exaustiva, mas pode ser usada adequadamente no Brasil e em outros onze países. Contudo, mais importante do que se prender nos valores específicos, o pesquisador deve levar em conta as subfunções valorativas (Gouveia & cols., 2010). É possível que novas listas de valores sejam elaboradas em culturas onde possam existir dificuldades de compreender os presentes no QVB ou mesmo quando os parâmetros psicométricos desta medida não foram os ideais.

Apesar do anteriormente comentado, este instrumento parece bastante adequado. Este aspecto pode ser atestado de acordo com as evidências favoráveis à *hipótese de*

conteúdo, que prevê que o conjunto de três marcadores valorativos por subfunção é adequado. Este dado foi corroborado neste país e em outros onze, de acordo com os indicadores de ajuste que foram na direção daqueles indicados na literatura (Byrne, 2010). Além disso, este modelo hexafatorial apresentou evidências de invariância *configural* (*hipótese de conteúdo*), *métrica*, *escalar*, *estrutural* e *residual* (Byrne, 2004; Byrne & Stewart, 2006; Cheung & Rensvold, 2002; Fontaine & cols., 2008).

Com relação à estrutura dos valores (*hipótese de estrutura*), teoricamente as funções valorativas são organizadas em dois eixos: *tipo de orientação* (eixo horizontal, correspondendo à distribuição dos valores em *pessoais*, *centrais* e *sociais*) e *tipo de motivador* (eixo vertical, configurando os valores *idealistas* e *materialistas*). O eixo horizontal é responsável por maior ênfase no grupo ou indivíduo como principal unidade de sobrevivência (Gouveia, 2003; Gouveia & cols., 2010; Rokeach, 1973). Mas, há ainda outra classe de valores, que servem de orientação além das duas já citadas, não sendo completa ou exclusivamente *pessoal* ou *social*; são os denominados valores *centrais*, que em todas as amostras se mostraram no centro do espaço bidimensional, representando, provavelmente, a espinha dorsal da organização valorativa. Talvez este aspecto explique o fato de as subfunções *existência* e *suprapessoal* serem unidas em alguns países, e mesmo não serem facilmente diferenciadas das demais (Gouveia, 1998, 2003; Gouveia & cols., 2009).

Finalmente, os resultados observados neste estudo foram congruentes com aqueles descritos por Gouveia e cols. (2010), que consideraram um único país: Espanha. Este aspecto parece sugerir que a teoria sob consideração pode representar uma contribuição importante para a área dos valores, uma vez que integra modelos prévios (Inglehart, 1991; Schwartz, 1992), embora seja mais parcimoniosa. Procura-se a seguir condensar e discutir os resultados deste e do estudo anterior, levantando suas limitações potenciais, achados principais, aplicabilidade dos estudos e oportunidades de pesquisas futuras que são demandadas acerca da *Teoria funcionalista dos valores*.

CAPÍTULO VI. DISCUSSÃO GERAL E CONCLUSÕES

Esta tese teve como objetivo geral testar dois dos aspectos principais (*conteúdo e estrutura*) da *Teoria funcionalista dos valores humanos* (Gouveia, 2003; Gouveia & cols., 2009). Especificamente, buscou-se testar as hipóteses de *conteúdo e estrutura* dos valores, considerando (1) uma amostra de todo o Brasil, contemplando seus 26 estados e o Distrito Federal, subdivididos em suas correspondentes cinco macrorregiões geoeconômicas; e (2) uma amostra transcultural, formada por participantes de 12 países (Argentina, Alemanha, Brasil, Colômbia, Espanha, Filipinas, Honduras, Inglaterra, Israel, México, Nova Zelândia e Peru). Confia-se que este objetivo tenha sido alcançado. Deste modo, procura-se discutir os achados principais destes dois contextos de pesquisa. Antes, entretanto, parece oportuno apontar algumas limitações potenciais que circundam esta obra, permitindo ao leitor avaliar com cautela qualquer tentativa de extrapolar os resultados ora apresentados.

6.1 Limitações Potenciais

Mesmo tendo atingindo o objetivo proposto, como acontece com todo empreendimento científico, o aqui apresentado não está isento de limitações potenciais, apresentando problemas eventuais que podem ser eliminados ou minimizados, dirimindo dúvidas que por ventura seja levantadas. Deste modo, são considerados nos próximos parágrafos aspectos que, potencialmente, resultaram em limitações dos estudos realizados, mas que não invalidam os achados previamente descritos, sobretudo em razão de sua consistência com o modelo teórico em questão.

Parece inevitável principiar com o viés potencial de amostragem. Apesar de terem sido consideradas, predominantemente, amostras grandes, estas foram não probabilísticas, isto é, de conveniência, não permitindo deliberadamente generalizar os

resultados para além dos contextos específicos em que os estudos foram realizados. Nem mesmo o esforço de contar com pessoas de todas as unidades da federação do Brasil, no caso do *Estudo 1*, permite sobrepor esta limitação. Portanto, estudos futuros deveriam levar em consideração amostras mais heterogêneas e representativas, coletadas de forma randômica; isso poderia ser de fundamental importância, permitindo a generalização geral dos resultados. Contudo, reconhece-se também que isso não é fácil, muito menos no contexto de uma tese de doutorado. É preciso contar com recursos humanos, administrativos e econômicos extraordinários, dos quais não se dispõem neste momento. Resta o conforto de que amostras de conveniência têm sido igualmente predominantes para testar outros modelos teóricos, a exemplo dos achados iniciais de Schwartz (1992). Ressalta-se também que, excetuando Alemanha e Israel, cujas amostras foram as menores, nos demais países o número de participantes foi próximo ou superior aos 200 comumente recomendados para análises estatísticas mais robustas (Watkins, 1989).

Outro aspecto que pode ser gerador de vieses diz respeito à utilização de um único instrumento, de tipo autorrelato. Este método de coleta de dados apresenta algumas desvantagens, já que o respondente pode falsear o conteúdo relatado, diferindo do que seriam, realmente, suas atitudes, seus comportamentos e seus valores (Cozby, 2003; Kohlsdorf & Costa Junior, 2009). É particularmente preocupante o viés ou o estilo de resposta resultante da desejabilidade social, uma característica que pode mesmo ser inerente aos valores humanos (Schwartz, Verkasalo, Antonovsky & Sagiv, 1997), tendo impacto, sobretudo, em medidas de autorrelato. A propósito, poderia ser uma alternativa pensar em instrumentos fundamentados em no procedimento do *Implicit Association Test* (Karpinski & Steinman, 2006). Também poderiam ser pensadas estratégias fundamentadas em delineamentos experimentais (Campbell & Stanley,

1979) ou *priming* (Jaboby, 2006; Maio, Pakizesh, Cheung & Rees, 2009). Neste ponto, destaca-se o programa de pesquisa levado a cabo por Maio (2010), estudando diversos aspectos dos valores humanos (por exemplo, mudança, centralidade).

Resumindo, sem deixar de reconhecer a importância das limitações potenciais previamente apontadas, os resultados desta tese parecem plausíveis e com valor heurístico. Isso parece evidente em razão da solidez dos achados, geralmente congruentes com a *Teoria funcionalista dos valores*, tanto no *Estudo 1*, realizado no Brasil, como no *Estudo 2*, que considerou participantes desta cultura e de outras onze. Neste sentido, procura-se discutir tais achados à luz desta teoria e da literatura sobre os valores considerados como construtos motivacionais.

6.2 Resultados Principais

Esta tese buscou reunir evidências acerca da adequação empírica da *Teoria funcionalista dos valores*, centrando-se nas hipóteses de *conteúdo* e *estrutura* dos valores humanos. Resgatam-se a seguir os resultados principais, procurando discuti-los de acordo com o *Marco Teórico* previamente apresentado. Com o fim de facilitar a compreensão do leitor, procurou-se estruturar a apresentação em três tópicos principais, condizentes com os achados referentes, respectivamente, aos parâmetros psicométricos da medida de valores e às duas hipóteses testadas, isto é, *hipótese de conteúdo* e *hipótese de estrutura*.

6.2.1. Parâmetros da Medida de Valores

Dois parâmetros psicométricos principais foram avaliados com respeito ao instrumento para medir os valores: (1) *consistência interna* (Alfa de Cronbach, homogeneidade e confiabilidade composta) e (2) *validade de construto* (validade

convergente e discriminante). Neste último caso, a comprovação da *hipótese de conteúdo* pode também ser entendida como evidências de sua validade fatorial, mas este aspecto será considerado como algo específico na seguinte seção.

6.2.1.1. Evidências de Consistência Interna

Como é sabido, o Alfa de Cronbach é sensível ao número de itens que compõem a escala ou fator, no caso, as subfunções (Lance, Butts & Michels, 2006). Lembrando, cada uma foi definida por apenas três itens (valores específicos). No *Estudo 1* os valores médios deste índice variaram de 0,45 (*Norte*) a 0,52 (*Sudeste*), enquanto que no *Estudo 2* estiveram entre 0,44 (*Honduras*) e 0,64 (*Filipinas*). Obviamente, são valores inferiores ao 0,70 comumente sugerido na literatura (Pasquali, 2010), porém próximos do que se pode aceitar para propósitos de pesquisa (Peterson, 1994). Tais coeficientes são também similares àqueles relatados por Schwartz (2005), certamente refletindo uma propriedade dos valores, que tendem a apresentar pouca variabilidade entre os participantes de um mesmo contexto cultural. Destaca-se que, tomando em conta a *Profecia de Spearman-Brown*, isto é, o Alfa previsto em razão do aumento do número de itens do fator (Nunnally, 1991), se fossem considerados dez itens por cada subfunção, um número razoável para representar um construto psicológico (Pasquali, 1999), o menor Alfa (0,38 para *realização* no Norte) seria 0,67, aproximando-se do ponto de corte recomendado.

Como foi anteriormente comentado, o Alfa de Cronbach depende do número de itens que representam o construto, sendo menor segundo se conte com menos itens. Neste sentido, pode não ser adequado para a medida de valores empregada, cujos seus fatores (suas subfunções) reúnem apenas três itens. Nestes casos, tratar com o índice de homogeneidade, isto é, a correlação média inter-itens ($r_{m.i}$) parece uma das alternativas viáveis. A propósito, estima-se que um coeficiente acima de 0,15 possa ser considerado

aceitável (Clark & Watson, 1995), sobretudo quando se tratam de amostras grandes ($n > 100$). No *Estudo 1* a menor $r_{m,i}$ observada nas regiões foi 0,23 (Norte), com o menor valor individual correspondendo à subfunção *realização* (0,18); no *Estudo 2* o $r_{m,i}$ de 0,21 foi o menor entre os países, observando-o em Honduras, onde a subfunção *suprapessoal* apresentou a menor correlação média inter-itens (0,18). Portanto, os coeficientes de homogeneidade parecem estar dentro do intervalo admitido como adequado.

Uma prova adicional do parâmetro de consistência interna das subfunções valorativas compreendeu a *confiabilidade composta* (CC). Recomendam-se valores iguais ou superiores a 0,70 (Hair, Anderson, Tatham & Black, 1998), admitindo-se aqueles iguais ou superiores a 0,60 (Škerlavaj & Dimovski, 2009). O Alfa de Cronbach não é prova de unidimensionalidade; antes a admite como pressuposto para sua aplicação, assumindo também que os itens tenham iguais cargas fatoriais e variâncias erros (Cortina, 1993). Tais limitações são minimizadas com o emprego do CC, que representa uma medida geral de confiabilidade de um conjunto de itens heterogêneos, embora avaliando um construto similar (Fornell & Larcker, 1981). No *Estudo 1* todos os valores de CC foram superiores a 0,60, com o menor coeficiente correspondendo à subfunção *existência* (0,63), observado em duas regiões do Brasil (Norte e Sul). No *Estudo 2* todos os valores médios de CC foram superiores a este ponto de corte; porém, quando consideradas as subfunções por cada um dos 12 países, em quatro deles os CCs, embora próximos, foram inferiores a 0,60: Alemanha (*existência* = 0,58), Honduras (*existência* e *suprapessoal* = 0,59 para ambas), Inglaterra (*suprapessoal* = 0,58) e Israel (*existência* = 0,59).

Em resumo, considerando o conjunto de achados anteriormente tratados, no geral, observam-se evidências suficientes de consistência interna das subfunções

valorativas. Os valores não são idealmente os melhores, mas, considerando a natureza do construto medido, podem ser aceitáveis, atendendo a pontos de corte sugeridos na literatura e sendo coerentes com achados observados quando outras medidas têm sido empregadas, como as que utiliza Schwartz (1992, 2005), a exemplo do SVS e PQ.

6.2.1.2. Evidências de Validade de Construto

Tomando como referência a *variância média extraída* (VME), resultado de cálculos que têm em conta as saturações (os pesos fatoriais) brutas e padronizadas da do modelo hexafatorial, avaliaram-se a *validade convergente* [o quanto os itens (valores) servem como representação legítima do traço latente (subfunções) que pretendem medir] e *validade discriminante* [o quanto cada traço latente (subfunção) se diferencia dos demais]. Valores de VME superiores a 0,50 sugerem evidências de validade convergente, enquanto evidências de validade discriminante podem ser comprovadas quando a raiz quadrada das VME de cada par de subfunções são superiores à correlação entre ambas (Fornell & Larcker, 1981). No *Estudo 1* a subfunção *suprapessoal* apresentou $VME \leq 0,50$ em todas as regiões; no Nordeste foi onde mais subfunções apresentaram problemas: *experimentação*, *realização*, *interativa* e *normativa*; *interativa* também não atendeu o ponto de corte no Sudeste, assim como não o fez *realização* no Centro-Oeste. No *Estudo 2* em dois países todas as subfunções mostraram validade convergente (Alemanha e Filipinas), sendo Honduras o país onde a maioria das subfunções não atendeu este parâmetro (*experimentação*, *existência*, *suprapessoal* e *interativa*); a subfunção *suprapessoal* não o fez também em Argentina, Brasil, Colômbia, Espanha, Inglaterra, México e Peru; isso também ocorreu para *existência* em Argentina e Colômbia.

Quanto à validade discriminante, no *Estudo 1*, invariavelmente, *existência* e *suprapessoal* foram as duas subfunções que apresentaram maiores dificuldades em atender este parâmetro. Não somente elas não se diferenciaram entre si nas cinco regiões, como também se mostraram diferenciar pouco em relação às subfunções que representavam cada tipo motivador respectivo: *materialista* (*realização* e *normativa*) e *idealista* (*experimentação* e *interativa*). Padrão bastante semelhante pôde ser observado no *Estudo 2* para os seguintes países: Argentina, Brasil, Filipinas, Honduras, Inglaterra, México e Peru; em Israel unicamente não se diferenciaram as subfunções *existência* e *interativa*, sendo que nos demais países foram observadas evidências deste parâmetro psicométrico (Alemanha, Colômbia, Espanha e Nova Zelândia)

Em resumo, as evidências de *validade de construto* (*convergente-discriminante*) parecem menos nítidas. É possível que isso se deva ao instrumento de medida, demandando elaborar um novo, com itens que representem toda extensão de cada dimensão ou subfunção. Cabe, entretanto, pensar em duas subfunções principais que fazem menos evidentes estes parâmetros, isto é, *existência* e *suprapessoal*. Como descrevem os autores da *Teoria funcionalista dos valores* (Gouveia, 2003; Gouveia & cols., 2011), tais subfunções são a espinha dorsal ou os princípios a partir dos quais têm origem todas as demais subfunções, o que as tornam muito relacionadas com elas, de modo que não aparecem na definição da *hipótese de congruência* dos valores. Não se pode perder de vista também que é possível que algumas subfunções podem ter significados algo variados em função das culturas, ou mesmo que algumas amostras podem ser peculiares (Schwartz & Sagiv, 1995), a exemplo de Honduras.

Portanto, haverá que se ter em conta este parâmetro em estudos futuros, provavelmente demandando elaborar um instrumento novo dos valores, procurando representar a teoria em questão.

6.2.1 Conteúdo dos valores humanos

Como previamente explicitado, este estudo teve como meta principal verificar a adequação de dois dos principais aspectos da *Teoria funcionalista dos valores humanos*: seu *conteúdo* e sua *estrutura*. Adicionalmente, buscou-se conhecer quais as prioridades valorativas das pessoas nas cinco regiões geopolíticas do Brasil e a invariabilidade de sua estrutura fatorial através das regiões e países. Neste sentido, inicia-se discutindo os resultados referentes à *hipótese de conteúdo*.

A presente teoria identifica seis subfunções valorativas que foram derivadas do cruzamento de duas funções principais (Gouveia, 2003). Cada subfunção, nesta teoria, é representada por três valores. A propósito, as listas de valores humanos podem ser infinitas, em função de sua natureza e fonte (Gouveia, Fischer & Milfont, 2009; Gouveia & cols., 2011). O instrumento proposto nesta oportunidade representa cada subfunção por três valores específicos (marcadores / itens), selecionados a partir da literatura acerca dos valores. Entretanto, seus autores apontam que não se trata de uma lista fechada; seguramente podem ser utilizados outros marcadores que atendam as idiossincrasias de cada cultura (Gouveia & cols. 2011). Portanto, o mais importante não é o conjunto específico de valores, mas o sentido ou o significado que têm as funções e subfunções valorativas.

Os resultados do *Estudo 1* corroboram a *hipótese de conteúdo* em todas cinco macrorregiões brasileiras, reforçando a configuração hexafatorial dos valores, ou seja, a adequação de três itens específicos para representar cada uma das seis subfunções. Deste modo, os valores / itens que compõem o *Questionário de Valores Básicos (QVB*; Gouveia, 1998, 2003) são adequados, independentemente da região do Brasil. Este resultado foi consistente com outros observados previamente (Gouveia & cols., 2010).

Os indicadores de ajuste do modelo hexafatorial nas cinco regiões foram próximos daqueles descritos por Gouveia, Fischer e Milfont (2009), que também consideraram uma amostra brasileira. Não obstante, reconhece-se que tais indicadores foram algo inferiores aqueles que têm sido recomendados na literatura (Byrne, 2010; Hu & Bentler, 1999; Tabachnick & Fidell, 2007). Mas, embora seja recomendável um *CFI* ou *GFI* de 0,90 ou mais, parece prudente não fazer uma avaliação restrita destes pontos de corte (Bollen, 1989; Garson, 2003). Por exemplo, um *CFI* de 0,85 pode ser aceitável, representando um progresso quando o valor observado previamente acerca do modelo se situa por volta de 0,70 ou 0,80.

Coerente com o anteriormente comentado, ao comparar o modelo hexafatorial, proposto por seus autores, com modelos alternativos (uni, bi, tri e pentafatorial) nas regiões brasileiras, ficou evidente que aquele apresentou melhores indicadores de ajuste aos dados. O modelo com cinco fatores pode ser plausível, o que já se fundamentava em razão do menor poder discriminativo das subfunções *existência* e *suprapessoal*, mas também parece razoável admitir a dimensão *tipo de motivador* para diferenciar os valores. De fato, a diferenciação entre valores *pessoais* e *sociais* parece ser a mais fundamental na literatura (Gouveia & cols., 2003; Mueller & Wornhoff, 1990). Visando dirimir dúvidas quanto ao modelo hexafatorial, checkou-se também sua invariabilidade através das regiões (Byrne, 2004, 2010). Consistentemente, os resultados indicaram a invariabilidade *configural*, *métrica*, *escalar*, *estrutura* e *residual* (Byrne, 2004; Byrne & Stewart, 2006; Cheung & Rensvold, 2002; Fontaine & cols., 2008). Neste caso, teve-se em conta o valor de $\Delta RMSEA$ (Fan & Sivo, 2009; Wu & cols., 2007). Decidiu-se escolhê-lo em razão de seus valores de referência não flutuarem em razão da variabilidade do número de participantes, apresentando resultados consistentes com aqueles de ΔCFI e claramente superiores aos do $\Delta \chi^2$ (Chen, 2007).

Os resultados do *Estudo 2*, isto é, aqueles correspondentes aos doze países, reforçaram a adequação do modelo com seis subfunções, cada uma representada por três valores específicos. No caso, na maioria dos países, sete em doze (Alemanha, Brasil, Espanha, Inglaterra, Israel, Nova Zelândia e Peru), o modelo teórico com seis subfunções se mostrou superior aos demais. Nos demais países (Argentina, Colômbia, Filipinas, Honduras e México) os modelos hexa e pentafatorial (com as subfunções *existência* e *suprapessoal* agrupados) não se diferenciaram entre si. Portanto, em alguns casos, não parece absurdo pensar nestas subfunções unidas, compondo uma única dimensão (*valores centrais*). Olhando para os países que confirmaram (1) e não (0) o modelo, conjecturou-se que em a diferenciação entre as subfunções *existência* e *suprapessoal* seria mais plausível em países com *IDH* (*Índice de Desenvolvimento Humano*) mais elevados, o que foi corroborado ($r = 0,63$, $p < 0,05$). Este aspecto, entretanto, demandará atenção no futuro; seguramente será importante testar o modelo também em culturas com *IDH* muito baixo, quando poderia ser também confirmado o modelo hexafatorial, sendo claramente contrastante as concepções materialista e idealista, respectivamente. Como ocorreu no estudo anterior, a estrutura trifatorial foi também plausível, acentuando a importância da dimensão *tipo de orientação*. Os resultados da comprovação de invariância da estrutura hexafatorial foram na mesma direção anteriormente descrita, corroborando a adequação deste modelo.

Em resumo, a *hipótese de conteúdo*, que prediz a existência de seis subfunções valorativas, cada uma representada por três valores específicos (itens), foi, no geral, admitidamente corroborada nos contextos intra e intercultural. Portanto, os achados foram na direção esperada, isto é, em todas as regiões brasileiras e nos doze países foi observada a estrutura hexafatorial, que apresentou indicadores de ajustes que são

aceitáveis. Deste modo, este aspecto da *Teoria funcionalista dos valores* reuniu evidências de nos âmbitos do intra e intercultural.

6.2.2 Estrutura dos valores humanos

De acordo com a teoria em pauta, as funções valorativas se apresentam organizadas em dois eixos que representam o *tipo de orientação* (eixo vertical; *pessoal, central e social*) e o *tipo de motivador* (eixo horizontal; *idealista e materialista*). O tipo de orientação diz respeito ao grupo ou a pessoa como principal unidade de sobrevivência (Gouveia & cols., 2003; Rokeach, 1973). Portanto, individualmente, as pessoas são guiadas por valores pessoais ou sociais. Não obstante, esta teoria admite também um terceiro conjunto de valores, que não são completa ou exclusivamente pessoais ou sociais; eles são a base dos demais valores, formando o eixo central ou a espinha dorsal da organização valorativa, sendo assim denominados como *valores centrais* (Gouveia & cols., 2011).

Em consonância com as predições, tanto nas regiões do Brasil (*Estudo 1*) como nos doze países (*Estudo 2*), os resultados apontaram que os valores *centrais* foram localizados entre os *pessoais* e *sociais*, que se apresentaram em lados opostos do espaço bidimensional. Os *valores centrais* são a referência para os demais por representarem as necessidades mais básicas (por exemplo, beber, comer e dormir) e as mais elevadas (por exemplo, conhecimento, beleza, autorrealização) do ser humano. O segundo eixo *tipo de motivador* foi também coerente com o esperado, isto é, os valores *idealistas* e *materialistas* foram agrupados em regiões espaciais diferentes. Estes achados permitiram corroborar a *hipótese de estrutura* dos valores, com indicadores de ajuste acima do ponto de corte recomendado (Φ de Tucker > 0,90; van der Vijver & Leung,

1997); lembrando, os *tipos de orientação* e *tipos de motivador* representam, aproximadamente, os modelos de Schwartz (1992) e Inglehart (1991), respectivamente.

No caso do *Estudo 2*, especificamente, buscou-se conhecer se a estrutura teórica esperada (Gouveia, 1998, 2003; Gouveia & cols., 2008) e observada previamente se mantinha equivalente através dos países, considerada a matriz conjunta de intercorrelações dos valores como padrão de referência (Muthén, 1994). Os resultados observados acerca da estrutura dos valores foram coerentes com o que preconiza a *Teoria funcionalista dos valores*, empregando análises confirmatórias de representações especiais, como obtidas por meio de *GPA* (Borg & Groenen, 1997; Commandeur, 1991). Em todos os países o ajuste observado foi superior ao recomendado na literatura como prova da adequação estrutural (Fischer & cols., no prelo; Fontaine & cols., 2008).

Em resumo, os resultados desta tese corroboram plenamente a *hipótese de estrutura* dos valores humanos, como definido pelos autores da teoria tratada (Gouveia, 2003; Gouveia & cols., 2011). Portanto, a estrutura biaxial das funções valorativas foi encontrada empiricamente em todas as regiões do Brasil e nas amostras dos doze países diversos considerados, representando diferentes regiões do mundo. Os *valores centrais*, como esperado, apresentaram-se entre os *pessoais* e *sociais*; os valores *idealistas* e *materialistas* se encontraram em espaços distintos. Além disso, verificou-se que esta configuração espacial se manteve estável entre as nações consideradas (*Estudo 2*). Não obstante, muito há ainda que conhecer acerca dos valores, especificamente da *Teoria funcionalista*. Deste modo, apresentam-se a seguir sugestões de pesquisas futuras.

6.3 Direções futuras

Os valores humanos são úteis para o entendimento de diversos construtos psicossociais (Schwartz & Bardi, 2001). Neste ponto, coerentemente, a teoria proposta por Gouveia e seus colaboradores tem se mostrado eficaz, como é possível constatar em diversas pesquisas levadas a cabo nos últimos dez anos (Aquino, 2009; Chaves, 2006; Coelho, 2009; Coelho Júnior, 2001; Fonseca, 2008; Leite-Lauer, 2009; Maia, 2000; Medeiros, 2008; Pimentel, 2004; Santos, 2008; Vasconcelos, 2004). Não obstante, poucos estudos têm sido delineados tendo como foco principal sua comprovação. Apesar disso, quando ela tem sido empregada juntamente com outros modelos, a exemplo do de S.H. Schwartz, os resultados têm oferecido evidências de que ela oferece explicações equivalentes e mesmo mais robustas (Boer, 2009; Guerra, 2009; Leite-Lauer, 2009). Contudo, muito há ainda para pesquisar de modo a consolidar o valor deste modelo teórico.

Um dos aspectos que demandarão atenção diz respeito à *hipótese de compatibilidade* (Gouveia, 2003; Gouveia & cols, 2008, 2009, 2010, 2011). Schwartz (2005) tem reunido evidências da relação dos valores com diversas variáveis, incluindo sexo, rendimento econômico e idade. Esperar-se-ia que fossem igualmente feitas análises e publicações a respeito utilizando esta perspectiva funcionalista. Por exemplo, seria importante conhecer em que medida os valores humanos mudam ou permanecem inalterados ao longo da vida, realizando estudos longitudinais ou transversais a respeito, como têm sido levados a cabo no campo da personalidade (Srivastava, John, Gosling & Potter, 2003). Embora Rokeach (1973) estime que os valores são socializados na infância, mudando pouco desde então, sendo muito mais consequência de procedimentos deliberados ou experiências intensas, parece ser que ao longo da vida as pessoas mudam seus princípios-guia em conformidade com as exigências ambientais e

de desenvolvimento (Erickson, 1959). Por exemplo, estima-se que os valores da *subfunção experimentação*, na qual se encontram *sexualidade* e *prazer*, são pouco priorizados na infância; na adolescência e idade adulta chegam ao seu ápice de importância, diminuindo com a maior idade, sem necessariamente ser rejeitado. Estudos que tratam do comportamento sexual parecem reforçar esta conjectura (Kassel, 2001; Lindau & cols., 2007; Ludeman, 1981).

A *hipótese de congruência* (Gouveia, 1998, 2003), que prediz que os valores mantêm relação positiva entre eles, porém em graus variados, segundo a congruência das subfunções, deveria também merecer atenção. Este é um aspecto inovador da *Teoria funcionalista dos valores*, diferenciando-a do modelo proposto por Schwartz (1992). Poder-se-ia avaliar, por exemplo, em que medida os padrões estimados de congruência são invariantes através das culturas e fases de desenvolvimento. Por exemplo, é possível pensar nos valores na infância como dificilmente separados, em razão de as crianças estarem no processo de consolidação de seu sistema valorativo (Leite-Lauer, 2009; Monteiro, 2009). Chegada a adolescência, parece mais típico um padrão valorativo que opõe subfunções como *experimentação* e *normativa*, uma vez que o jovem está descobrindo o mundo, deixando de lado a autoridade dos pais para buscar experimentar e descobrir seu próprio espaço e definir sua identidade (Pimentel, 2004; Santos, 2008). Neste sentido, seus valores podem ser mais discrepantes, mostrando-se espalhados no espaço. Contrariamente, quando as pessoas se fazem mais idosas é possível que seja identificada uma estrutura valorativa mais congruente, fruto da integração de todos os valores, que passam a ser encarados como positivos e funcionais para garantir a sobrevivência da espécie biológica e da sociedade (Gouveia & cols., 2011). Este aspecto da teoria merecerá atenção no futuro.

É nítido na literatura que outros modelos sobre os valores têm sido mais difundidos no meio acadêmico do que a *Teoria funcionalista dos valores*, a exemplo daqueles que descrevem Inglehart (1977), Rokeach (1973) e Schwartz (1992). Não obstante, conforme foi descrito no *marco teórico* e reunidas evidências nos *estudos empíricos*, tal teoria não é incompatível com estas, mas as integra. Neste sentido, parece ser plausível seu uso em substituição de outros. A propósito, confia-se que a *estrutura* definida a partir de duas funções principais dos valores possa ser observada com independência do instrumento utilizado. Por exemplo, poder-se-iam utilizar o *Rokeach Value Survey* (Rokeach, 1973) ou o *Schwartz Value Survey* (Schwartz, 1992, 1994) com o fim de operacionalizar o modelo hexafatorial. Não obstante, reconhece-se que alguns valores podem não estar presentes nestes instrumentos, como aqueles referentes à subfunção *existência*.

Por fim, como foi indicado quando da descrição da *Teoria funcionalista dos valores*, todos os valores são definidos como individuais, sendo princípios-guia para pessoas individuais. Neste sentido, falar em valores pessoais versus valores culturais pode ser mais um artefato estatístico que um aspecto efetivamente de conteúdo. Dito de outro modo, esta teoria não pressupõe um modelo que pode ser específico para os dados diretos dos indivíduos e outro que resulte da pontuação média de cada item por cultura nacional, como descrevem os modelos culturais (Hofstede, 1984; Schwartz, 1992). Desta forma, pesquisas futuras deveriam comprovar as hipóteses de *conteúdo* e *estrutura* dos valores analisando também dados culturais; se forem confirmadas tais hipóteses, será prova de que não é descabido pensar em um modelo teórico que independa dos níveis de análises.

6.4 Conclusão

Esta tese não deve ser entendida como uma palavra final acerca da temática abordada, nem mesmo com relação ao modelo teórico testado. Compreendeu antes uma oportunidade para o doutorando experimentar habilidades e limites sobre como pensar e pesquisar determinado problema científico, dando-lhe a oportunidade de passar de aprendiz de pesquisador para um recém-pesquisador, que ainda tem muito para aprender, mas confia ter dados seus primeiros passos decisivos nesta direção, consolidando uma área provável para sua atuação como docente e pesquisador. Portanto, este é o sentido que tem a presente tese para seu autor.

Os estudos previamente apresentados reuniram evidências acerca da *Teoria funcionalista dos valores humanos* (Gouveia, 1998, 2003; Gouveia & cols., 2008, 2009, 2010, 2011), indicando que ela pode ser adequada, justificando seu uso em contextos intra (cultura brasileira) e intercultural (países que fizeram parte do estudo). Isso é válido principalmente no que diz respeito a dois de seus fundamentos principais: *conteúdo* e *estrutura* dos valores. A propósito, em geral, os resultados corroboraram o que era teoricamente esperado, pese a que foram considerados dados de fontes variadas (coletas feitas em locais públicos, salas de aulas, internet, etc.), de diferentes países e continentes (Alemanha, Argentina, Brasil, Colômbia, Espanha, Filipinas, Honduras, Inglaterra, Israel, México, Nova Zelândia e Peru) e com características amostrais diversas (por exemplo, estudantes e população geral, de idades variando dos 8 aos 86 anos).

A teoria objeto desta tese compreende uma tentativa de focalizar as funções principais dos valores, considerando-os genuinamente como terminais, evitando a dicotomia instrumental-terminal (Rokeach, 1973; Schwartz & Bilsky, 1987). Ela não é contrária às demais formulações existentes na literatura, mas sim representa uma

alternativa integradora para os estudiosos que utilizam os valores humanos como princípios-guia e construções motivacionais úteis para compreender o comportamento humano. Além destas vantagens eminentemente teóricas, não há que perder de vista a praticidade do instrumento que tem sido comumente utilizado para testá-la, o QVB (Gouveia & cols., 2008); compreende um instrumento curto, com poucos itens, de fácil aplicação (tipo papel e lápis) e que pode ser facilmente adaptado para outras amostras, a exemplo da infantil (Gouveia & cols., no prelo).

De acordo com os estudos anteriormente levados a cabo, estima-se que esta tese agregue contribuições ao conhecimento acerca dos valores humanos, sobretudo desde a perspectiva funcionalista (Gouveia, 1998, 2003; Gouveia & cols., 2010, 2011). Esta teoria tem sido utilizada com êxito para explicar diversos comportamentos, apresentando parâmetros psicométricos aceitáveis, dentro do que tem sido relatado para outros instrumentos que avaliam valores.

Finalmente, o leitor pode indagar-se: mas, é mesmo necessária uma *Teoria funcionalista dos valores*. Confia-se que as provas empíricas oferecidas possam ao menos mostrar que ela é viável. Mas, além disso, parece justificável. Esta proposta atende critérios comumente aceitos para definir uma boa teoria científica (Kuhn, 1962 / 2003; Popper, 1959 / 2001): (1) *falseabilidade*. Faz afirmações testáveis acerca do mundo; (2) *parcimônia*. Parte unicamente de duas dimensões funcionais principais dos valores, produzindo seis subfunções representadas cada uma por três valores específicos; (3) *integração*. Contempla explicações de dois dos principais modelos teóricos da literatura que acentuam os *tipos de motivador* (Inglehart, 1977, 1991) e os *tipos de orientação* (Schwartz, 1992, 2005); (4) *exatidão (relativa)*. As predições feitas pelo modelo correspondem com os dados empíricos; e (5) *simplicidade*. Permite unificar fenômenos que, aparentemente, tinham pouca relação entre si, sendo fonte de novas descobertas, orientando a pesquisa científica de forma produtiva.

REFERÊNCIAS

- Adler, A. (1964). Superiority and social interest: A collection of later writings. Em H. L. Ansbacher & R. R. Ansbacher (Eds.), Evanston, IL: Northwestern University Press.
- Ajzen, I. & Fishbein, M. (1970). The prediction of behavior from attitudinal and normative variables. *Journal of Experimental Social Psychology*, 6, 466-487.
- Ajzen, I. & Fishbein, M. (1980). *Understanding attitudes and predicting social behavior*. New Jersey: Prentice-Hall.
- Ajzen, I. (1985). From intentions to actions: A theory of planned behavior. Em J. Kuhl & J. Beckmann (Ed.), *Action control: From cognition to behavior* (pp 11-39). New York: Springer-Verlag.
- Albuquerque, F. J. B., Noriega, J. A. V., Coelho, J. A. P. M., Neves, M. T. S. & Martins, C. R. (2006). Valores humanos básicos como preditores do bem-estar subjetivo. *Psico - PUCRS*, 37, 131-137.
- Allen, M. W., Ng, S. H. & Wilson, M. (2002). A functional approach to instrumental and terminal values and the value-attitude-behavior system of consumer choice. *European Journal of Marketing*, 36, 111-135.
- Almeida, F. J. R. & Sobral, F. J. B. A. (2009). O sistema de valores humanos de administradores brasileiros: Adaptação da escala PQV para o estudo de valores no Brasil. *Revista de Administração Mackenzie*, 10, 101-126.
- Andrade, M. W. C. L. (2006). *Estudo sobre o desenvolvimento dos valores humanos da infância à adolescência*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Pernambuco, Recife, PE.
- Aquino, T. A. A. (2009). *Atitudes e intenção de cometer o suicídio: Seus correlatos existências e normativos*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

- Bain, P. G., Kashima, Y. & Haslam, N. (2006). Conceptual beliefs about human values and their implications: Human nature beliefs predict value importance, value trade-offs, and responses to value-laden rhetoric. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91, 351-367.
- Bardi, A. & Schwartz, S. H. (2001). Value hierarchies across cultures: Taking a similarities perspectives. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 268-290.
- Bardi, A. & Schwartz, S. H. (2003). Values and behavior: Strength and structure of relations. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29, 1207-1220.
- Barnea, M. F. & Schwartz, S. H. (1998). Values and voting. *Political Psychology*, 19, 17-40.
- Boer, D. (2009). *Music makes the people come together: Social functions of music listening for young people across cultures*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia, Victoria University of Wellington, Nova Zelândia.
- Bollen, K. A. (1989). *Structural equations with latent variables*. New York: Wiley.
- Borg, I. & Groenen, P. (2005). *Modern multidimensional scaling: Theory and applications*. New York: Springer.
- Braithwaite, V. A. & Law, H. G. (1985). Structure of human values: testing the adequacy of Rokeach Value Survey. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49, 250-263.
- Braithwaite, V. A. & Scott, W. A. (1991). Values. Em J. P. Robinson, P. R. Shaver & L. S. Wrightsman (Eds.), *Measures of personality and social psychological attitudes* (pp. 661-753). New York: Academic Press.
- Browne, B. M. & Cudeck, R. (1993). Alternative ways of assessing model fit. In K. A. Bollen & J. S. Long (Eds.), *Testing structural equation models* (pp. 136-162). Newbury Park, CA: Sage.

- Byrne, B. M. (2001). *Structural equation modeling with Amos: Basic concepts, applications, and programming*. New York: Springer – Verlag.
- Byrne, B. M. (2004). Testing for multigroup invariance using AMOS Graphic: A road less traveled. *Structural Equation Modeling*, 11, 272-300.
- Byrne, B. M. (2010). *Structural equation modeling with Amos: Basic concepts, applications, and programming*. (2 ed.), New York: Routledge.
- Byrne, B. M. & Stewart, S. M. (2006). The MACS approach to testing for multigroup invariance of second-order structure: A walk through the process. *Structural equation modeling*, 13, 287-321.
- Campbell, D. T. & Stanley, J. C. (1979). *Delineamentos experimentais e quase-experimentais de pesquisa*. São Paulo: EPU.
- Cavalcanti, M. F. B. (2009). *Atitudes frente ao piercing e a intenção de usá-lo: Uma explicação a partir do compromisso convencional*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Chaves, C. M. (2006). *Compromisso convencional: Fator de proteção para as condutas agressivas, anti-sociais e de uso de álcool?* Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Chen, F. F. (2007). Sensitivity of goodness of fit indexes to lack of measurement invariance. *Structural Equation Modeling*, 14, 464-504.
- Cheung, G. W. & Rensvold, R. B. (2002). Evaluating goodness-of-fit indexes for testing measurement invariance. *Structural Equation Modeling*, 9, 233-255.
- Chinese Cultural Connection (1987). Chinese values and the search for culture-free dimensions of culture. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 18, 143-64.
- Clark, L. A. & Watson, D. (1995). Constructing validity: Basic issues in objective scale. *Psychological Assessment*, 7, 309-319.

- Coelho, J. A. P. M. (2009). *Habilidade de conservação de água: uma explicação pautada em valores humanos, emoções e atitudes ambientais*. Tese de doutorado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Coelho, J. A. P. M., Gouveia, V. V. & Milfont, T. L. (2006). Valores humanos como explicadores de atitudes ambientais e intenção de comportamento pró-ambiental. *Psicologia em Estudo*, 11, 199-207.
- Coelho Júnior, L. L. (2001). *Uso potencial de drogas em estudantes do ensino médio: Suas correlações com as prioridades axiológicas*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Commandeur, J. J. F. (1991). *Matching configurations*. Leiden, The Netherlands: DSWO Press.
- Commandeur, J. J. F, Kroonenberg, P. M. & Dum III, W. J. (2004). A dedicated generalized Procrustes algorithm for consensus molecular alignment. *Journal of Chemometrics*, 18, 37-42.
- Cortina, J. M. (1993). What is coefficient alpha? An examination of theory and applications. *Journal of Applied Psychology*, 78, 98- 104.
- Cozby, P. C. (2003). *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento*. São Paulo: Atlas.
- Diniz, P. K. C. (2009). *Correlatos valorativos e emocionais do altruísmo*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Durkheim, E. (1897 / 2000). *O suicídio: Estudo de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes
- Eagly, A. & Himmelfarb, S. (1978). Attitudes and opinions. *Annual Review of Psychology*, 29, 517-554.

- Erikson, E. H. (1959). *Identity and the life cycle*. New York: International Universities Press.
- Fan, X. & Sivo, S. A. (2009). Using Δ Goodness-of-Fit Indexes in assessing mean structure invariance. *Structural Equation Modeling*, 16, 54-69.
- Fischer, R., Milfont, T. L. & Gouveia, V. V. (no prelo). Does social context affect value structures? Testing the within-country stability of value structures with a functional theory of values. *Journal of Cross-Cultural Psychology*.
- Fonseca, P. N. (2008). *Desempenho acadêmico de adolescentes: Proposta de um modelo explicativo*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Fontaine, J. J. R. & Fischer, R. (no prelo). Multilevel structural equivalence. Em D. Matsumoto & F. van de Vijver (Eds), *Handbook of cross-cultural research methods*. Oxford: University Press.
- Fontaine, J. R. J., Poortinga, Y. H., Delbeke, L. & Schwartz, S. H. (2008). Structural equivalence of the values domain across cultures: Distinguishing sampling fluctuations from meaningful variation. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 39, 345-365.
- Formiga, N. S. (2002). *Condutas anti-sociais e delitivas: Uma explicação baseada nos valores humanos*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Fornell, C. & Larcker, D. F. (1981). Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error. *Journal of Marketing Research*, 18, 39-50.
- Frankl, V. E. (1990). *A questão do sentido em psicoterapia*. São Paulo: Papirus.

- Garcés, J. (1988). *Valores humanos: Principales concepciones teóricas*. Valência, Espanha: Nau Llibres.
- Garson, G. D. (2003). *PA 765 Statnotes: An online textbook*. Retirado em 17/05/2005 do sítio <http://www2.chass.ncsu.edu/garson/pa765/statnote.htm>.
- Gouveia, V. V. (1998). *La naturaleza de los valores descriptores del individualismo e del colectivismo: Una comparación intra e intercultural*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia Social, Universidade Complutense de Madri, Espanha.
- Gouveia, V. V. (2003). A natureza motivacional dos valores humanos: Evidências acerca de uma nova tipologia. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8, 431-443.
- Gouveia, V. V. (2005, Julho). Toward a functional approach to human values. Trabalho apresentado no *9th European Congress of Psychology*, Granada, Espanha.
- Gouveia, V. V., Albuquerque, F. J. B., Clemente, M. & Espinosa, P. (2002). Human values and social identities: A study in two collectivist cultures. *International Journal of Psychology*, 37, 333-342.
- Gouveia, V. V., Andrade, J. M., Jesus, G. R., Meira, M. & Soares, N. F. (2002). Escala multi-fatorial de individualismo e coletivismo: Elaboração e validação de construto. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18, 203 – 212.
- Gouveia, V. V., Andrade, J. M., Milfont, T. L., Queiroga, F. & Santos, W. S. (2003). Dimensões normativas do individualismo e coletivismo: É suficiente a dicotomia pessoal vs. social?. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16, 223-234.
- Gouveia, V. V., Chaves, S. S. S., Dias, M. R., Gouveia, R. S. V. & Andrade, P. R. (2003). Valores humanos y salud general: Aportaciones desde la psicología social. Em M. A. Vidal (Org.), *Psicología del cuidado*. Valência, Espanha: Universidad Cardenal de Herrera.

- Gouveia, V. V., Fischer, R. & Milfont, T. L. (2009). A functional theory of terminal values: Testing content and structure hypotheses. *Manuscrito submetido à publicação*.
- Gouveia, V. V., Fonseca, P. N., Gouveia, R. S. V., Diniz, P. K. C., Cavalcanti, M. F. B. & Medeiros, E. D. (2010). Correlatos valorativos de atributos desejáveis de um/a parceiro/a ideal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23, 166-175.
- Gouveia, V. V., Fonseca, P. N., Milfont, T. L. & Fischer, R. (2011). Valores humanos: Contribuições e perspectivas teóricas. Em C. V. Torres & E. R. Neiva (Eds.), *A psicologia social: Principais temas e vertentes*. Porto Alegre, RS: ArtMed.
- Gouveia, V. V., Martínez, E., Meira, M. & Milfont, T. L. (2001). A estrutura e o conteúdo universais dos valores humanos: Análise fatorial confirmatória da tipologia de Schwartz. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 6, 133-142.
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., Fischer, R. & Coelho, J. A. P. M. (2009). Teoria funcionalista dos valores humanos: Aplicações para organizações. *Revista de Administração Mackenzie*, 10, 34-59.
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., Fischer, R. & Santos, W. S. (2008). Teoria funcionalista dos valores humanos. Em M. L. M. Teixeira (Ed.), *Valores humanos e gestão: Novas perspectivas* (pp. 47-80). São Paulo, SP: Senac.
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., Soares, A. K. S., Andrade, P. R. & Leite-Lauer, I. (no prelo). Conhecendo valores na infância: Evidências psicométricas de uma medida. *Psico - PUCRS*.
- Gouveia, V. V., Santos, W. S., Milfont, T. L., Fischer, R., Clemente, M. & Espinosa, P. (2010). Teoría funcionalista de los valores humanos en España: Comprobación de las hipótesis de contenido y estructura. *Interamerican Journal of Psychology*, 44, 203-214.

- Guerra, V. M. (2005). *Bases valorativas do liberalismo sexual*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Guerra, V. M. (2008). *Community, autonomy, and divinity: Studying morality across cultures*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia, Universidade de Kent, Inglaterra.
- Günther, H. (1981). Uma tentativa de traduzir e adaptar a escala de valores de Rokeach para uso no Brasil. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 33, 58-72.
- Gusmão, E. E. da S. (2004). *A hipótese da congruência vocacional: Considerações acerca dos valores humanos e do bem-estar subjetivo*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Hair, J., Jr., Anderson, R., Tatham, R. & Black, W. (1998). *Multivariate data analysis*. 5ª ed. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall.
- Hofstede, G. (1984). *Culture's consequences: International differences in work-related values*. Beverly Hills, CA: Sage Publications.
- Hofstede, G. (1991). *Culture and organizations: Software of the mind*. London: McGraw-Hill.
- Hu, L. T. & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling*, 6, 1-55.
- Inglehart, R. (1977). *The silent revolution: Changing values and political styles among Western publics*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Inglehart, R. (1991). *El cambio cultural en las sociedades industriales avanzadas*. Madri: Siglo XXI.

- Jacoby, W. G. (2006). *Testing for hierarchical structure and priming effects among individual value choices*. Disponível em: <http://polisci.msu.edu/jacoby/research/values/tess/Jacoby,%20Prelim%20Report%20on%20Tess%20Project.pdf>. Acesso em 06 de fevereiro de 2011.
- Jöreskog, K. G. & Sörbom, D. (1989). *Lisrel 7 user's reference guide*. Mooresville, IN: Scientific Software.
- Kagitçibasi, Ç. (1987). Individual and group loyalties: Are they compatible? Em Ç. Kagitçibasi (Ed.). *Growth and progress in cross-cultural psychology* (pp. 94-103). Lisse, The Netherlands: Swets & Zeitlinger.
- Karpinski, A. & Steinman, R. B. (2006). The Single Category Implicit Association Test as a measure of implicit social cognition. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91, 16–32.
- Kassel, B. (2001). Sexuality in the older person. *Age and Ageing*, 30, 121-124.
- Kenrick, D. T., Griskevicius, V., Neuberg, S. L. & Schaller, M. (2010). Renovating the pyramid of needs: Contemporary extensions built upon ancient foundations. *Perspectives on Psychological Science*, 5, 292-314.
- Kid, Q. & Lee, A. (1997). Postmaterialist values and the environment: A critique and reappraisal. *Social Science Quarterly*, 78, 1-15.
- Kline, R. B. (2005). *Principles and practice of structural equation modelling*. New York: The Guilford Press.
- Kluckhohn, C. (1951). Values and value orientations in the theory of action. Em T. Parsons & E. Shils (Eds.), *Toward a general theory of action* (pp. 388-433). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Kohlsdorf, M. & Costa Junior, A. L. (2009). O autorrelato na pesquisa em psicologia da saúde: Desafios metodológicos. *Psicologia Argumento (Curitiba)*, 27, 131-139.

- Kohlberg, L. (1981). *Essays on moral development* (Vol. 1). San Francisco, CA: Harper and Row.
- Kohn, M. L. (1977). *Class and conformity: A study in values*. Chicago, CA: The University of Chicago Press.
- Kuhn, T. S. (1962 / 2003). *A estrutura das revoluções científicas*. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva.
- Lakatos, I. (1989). *La metodología de los programas de investigación científica*. Madrid: Alianza.
- Lance, C. E., Butts, M. M. & Michels, L. C. (2006). The sources of four commonly reported cutoff criteria: What did they really say? *Organizational Research Methods*, 9, 202-220.
- Leite-Lauer, I. (2009). *Correlatos valorativos do significado do dinheiro para crianças*. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, PA.
- Levy, S. (1990). Values and deeds. *Applied Psychology: An International Review*, 39, 379-400.
- Lima, M. E. (1997). *Valores, participação política, atitudes face à democracia e ao autoritarismo: Uma análise da socialização política dos universitários da Paraíba*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Lindau, S. T., Schumm, M. A., Laumann, E. O., Levinson, W., O'Muircheartaigh, C. A. & Waite, L. J. (2007). A study of sexuality and health among older adults in the United States. *The New England Journal of Medicine*, 356, 762-774.
- Ludeman, K. (1981). The sexuality of the older person: Review of the literature. *The Gerontologist*, 21, 203-208.

- Maia, L. M. (2000). *Prioridades valorativas e desenvolvimento moral: Considerações acerca de uma teoria dos valores humanos*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Maio, G. R. (2010). Mental representations of social values. Em M. P. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 42, pp. 1-43). Burlington, VT: Academic Press.
- Maio, G. R., Pakizesh, A., Cheung, W. & Rees, K. J. (2009). Changing, priming, and acting on values: Effects via motivational relations in a circular model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 97, 699–715.
- Mangabeira, R. (2002). *Práticas de socialização e valores sociais: Um estudo da relação entre a percepção das práticas parentais de socialização e os valores de adolescentes paraibanos*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Psicologia, João Pessoa, PB.
- Marks, G. N. (1997). The formation of materialist and postmaterialist values. *Social Science Research*, 26, 52-68.
- Maslow, A. H. (1943). A theory of human motivation. *Psychological Review*, 50, 370-396.
- Maslow, A. H. (1954). *Motivation and personality*. New York: Harper and Row.
- Medeiros, E. D. (2008). *Correlatos valorativos das atitudes frente à tatuagem*. Dissertação de mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Merton, R. K. (1938). Social structure and anomie. *American Sociological Review*, 3, 672-682.
- Merton, R. K. (1949 / 1968). *Social theory and social structure*. New York: Free Press.

- Milfont, T. L. (2001). *A intenção de constituir família: Suas bases normativas e relacionais*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Milfont, T. L., Gouveia, V. V. & Fischer, R. (2008). A functional theory of terminal values. *Australian Journal of Psychology*, 60 (Suplemento), 37.
- Milfont, T. L., Gouveia, V. V., & da Costa, J. B. (2006). Determinantes psicológicos da intenção de constituir família. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19, 25-33.
- Molpeceres, M. A. (1994). *El sistema de valores: Su configuración cultural y su socialización familiar en la adolescencia*. Tese de Doutorado. Faculdade de Psicologia, Universidade de Valência, Espanha
- Monteiro, R. A. (2009). *Influência de aspectos psicossociais e situacionais sobre a escolha alimentar infantil*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, DF.
- Mueller, D. J. & Wornhoff, S. A. (1990). Distinguishing personal and social values. *Educational and Psychological Measurement*, 50, 691-699.
- Muthén, B.O. (1994). Multilevel covariance structure analysis. *Sociological Methods & Research*, 22, 376-398.
- Oyeserman, D. (2001). Values, psychological perspectives on. Em N. Smelser & Beltes (Eds.), *International encyclopedia of the social and behavioral science* (pp. 16151-16153), Oxford: Elsevier Science.
- Pai, A. L. H., Mullins, L. L., Drotar, D., Burant, C. Wagner, J. & Channey, J. M. (2007). Exploratory and confirmatory factor analysis of Child Uncertainty in Illness Scale among children with chronic illness. *Journal of Pediatric Psychology*, 32, 288-296.
- Parsons, T. (1959/ 1976). *El sistema social*. Madri: Revista do Occidente.

- Parsons, T. & Shils, E. A. (1951). *Toward a general theory of action*. New York: Harper.
- Pasquali, L. (1999). *Instrumentos psicométricos: Manual prático de elaboração*. Brasília, DF: LabPAM/IBAPP.
- Pasquali, L. (2003). *Psicometria: Teoria dos testes na psicologia e na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Pasquali, L. (2010). *Instrumentação psicológica: Fundamentos e práticas*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Perrinjaquet, A., Furrer, O., Marguerat, D., Usunier, J. C. & Cestre, G. (2007). A test of circumplex structure of human values. *Journal of Research in Personality*, 41, 820 -840.
- Peterson, R. A. (1994). A meta-analysis of Cronbach's coefficient Alpha. *Journal of Consumer Research*, 21, 381-391.
- Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança*. 4ª ed. São Paulo: Summus.
- Pilati, R. & Laros, J. A. (2007). Modelos de equações estruturais em psicologia: Conceitos e aplicações. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 23, 205-216.
- Pimentel, C. E. (2004). *Valores humanos, preferência musical, identificação grupal e comportamentos de risco*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Popper, K. (1959 / 2001). *A lógica da pesquisa científica*. 9ª ed. São Paulo: Editora Cultrix.
- Rohan, M. J. & Zanna, M. P. (2003). Values and ideologies. Em A. Tesser & N. Schwartz (Eds.), *Blackwell handbook of social psychology: Intraindividual processes* (pp. 458-478). Oxford: Blackwell Publishers.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.

- Rokeach, M. (1979). From individual to institutional values: With special reference to the values of science. Em M. Rokeach (Ed.), *Understanding human values: Individual and societal* (pp. 47-70). New York: The Free Press.
- Rokeach, M. (1981). *Crença, atitudes e valores: uma teoria de organização e mudança*. Rio de Janeiro: Interciência.
- Ronen, S. (1994). An underlying structure of motivational need taxonomies: A cross-cultural confirmation. Em H. C. Triandis, M. D. Dunnette & L. M. Hough (Eds.). *Handbook of industrial and organizational psychology* (v.4, pp. 241-269). Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Ros, M. (2006). Psicologia social dos valores humanos: Uma perspectiva histórica. Em M. Ros & V. V. Gouveia (Orgs.), *Psicologia social dos valores humanos: Desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados* (pp. 23-53), São Paulo: Editora Senac São Paulo.
- Ros, M. & Gouveia, V. V. (2006). *Psicologia social dos valores humanos: Desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados*. São Paulo: Editora Senac.
- Santos, W. S. (2008). *Explicando comportamentos socialmente desviantes: uma análise do compromisso convencional e afiliação social*. Tese de Doutorado. Departamento de psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Schwartz, S. H. (1990). Individualism – coletivism: Critique and proposed refinements. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 21, 139-157.
- Schwartz, S. H. (1992). Universal in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. Em M. P. Zanna (Ed.), *Advanced in experimental social psychology* (pp. 1-65). New York: Academic Press.
- Schwartz, S. H. (1994). Are there universal aspects in the structure and contents of human values? *Journal of Social Issues*, 50, 19-45.

- Schwartz, S. H. (2005). Validade e aplicabilidade da teoria dos valores. Em A. Tamayo & J. B. Porto (Eds.), *Valores e comportamentos nas organizações* (pp. 56-59). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Schwartz, S. H. (2006). Há aspectos universais na estrutura e no conteúdo dos valores humanos? Em M. Ross & V. V. Gouveia (Orgs.), *Psicologia social dos valores humanos: Desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados*, (pp. 55-85), São Paulo: Editora Senac São Paulo.
- Schwartz, S. H. (2010). Basic values: How they motivate and inhibit prosocial behavior. Em M. Mikulincer & P. R. Shaver (Eds.), *Prosocial motives, emotions, and behavior: The better angels of our nature* (pp. 221-241). Washington, DC: American Psychological Association.
- Schwartz, S. H. & Bilsky, W. (1987). Toward a universal psychological structure of human values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53, 550–562.
- Schwartz, S. H. & Bilsky, W. (1990). Toward a theory of the universal content and structure of values: Extensions and cross-cultural replications. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 878–891.
- Schwartz, S. H. & Boehnke, K. (2004). Evaluating the structure of human values with confirmatory factor analysis. *Journal of Research in Personality*, 38, 230-255.
- Schwartz, S. H. & Huismans, S. (1995). Value priorities and religiosity in four Western religions. *Social Psychological Quarterly*, 58, 88–107.
- Schwartz, S. H. & Sagiv, L. (1995). Identifying culture-specifics in the content and structure of values. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 26, 92-116.
- Schwartz, S., Verkasalo, M., Antonovsky, A. & Sagiv, L. (1997). Value priorities and social desirability: Much substance, some style. *British Journal of Social Psychology*, 36, 3-19.

- Sinha, D. & Tripathi, R.C. (1994). Individualism in a collective culture: A case of coexistence of opposites. Em U. Kim, H.C. Triandis, C. Kagitcibasi, S. Choi & G. Yoon (Eds.), *Individualism and collectivism: Theory, method and applications* (pp. 123-136). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Škerlavaj, M. & Dimovski, V. (2009). Organizational learning and performance in two national cultures: A multi-group structural equation modeling approach. Em W. R. King (Ed.), *Knowledge management and organizational learning* (Vol. 4, pp. 321-366). New York: Springer.
- Smith, P. B. & Schwartz, S. H. (1997). Values. Em J. W. Berry, M. H. Segall & C. Kagitcibasi (Eds.), *Handbook of cross-cultural psychology* (Vol. 3, pp. 77-118). EUA: Allyn & Bacon.
- Spates, J. L. (1983). The sociology of values. *Annual Review Sociology*, 9, 27-49.
- Sperry, R. W. (1993). The impact and promise of cognition revolution. *American Psychologist*, 48, 878-885.
- Srivastava, S., John, O. P., Gosling, S. D. & Potter, J. (2003). Development of personality in early and middle adulthood: Set like plaster or persistent change? *Journal of Personality and Social Psychology*, 84, 1041-1053.
- Tabachnick, B. G. & Fidell, L. S. (2007). *Using multivariate statistics* (5th ed.). Boston: Allyn & Bacon.
- Tamayo, A. (1988). Influência do sexo e da idade sobre o sistema de valores. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 38, 91-104.
- Thomas, W. I. & Znaniecki, F. (1918). *The Polish peasant in Europe and America*. EUA: University of Chicago Press.
- Tönnies, F. (1887/1979). *Comunidad y asociación*. Barcelona: Ediciones Península.

- Triandis, H. C. (1995). *Individualism and collectivism*. Boulder, CO: Westview Press.
- Van de Vijver, F. J. R. & Leung, K. (1997). *Methods and data analysis for cross-cultural research*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Vancleur, C. M. (2009). *What is right? What is wrong? And does the answer tell something about culture? An investigation into culture and morality using the values concept*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia, Universidade Victoria de Wellington, Nova Zelândia.
- Vasconcelos, T. C. (2004). *Personalidade, valores e condutas anti-sociais de jovens*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Vasconcelos, T. C., Gouveia, V. V., Souza Filho, M. L., Sousa, D. M. F. & Jesus, G. R. (2004). Preconceito e intenção em manter contato social: Evidências acerca dos valores humanos. *Psico-USF*, 9, 147–154.
- Verplaken, B. & Holland, R. W. (2002). Motivated decision making: Effects of activation and self-centrality of values on choices and behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82, 434-447.
- Waage, H., Billiet, J. & Pleysier, S. (2000). Validation by means of method variations: A CFA approach to the SSA-value-typology of Schwarz. Em A. Ferligoj. & A. Mrvar (Orgs.), *Developments in survey methodology* (pp. 55-74). Ljubjana: FDV.
- Watkins, D. (1989). The role of confirmatory factor analysis in cross-cultural research. *International Journal of Psychology*, 24, 685-701.
- Wu, A. D., Li, Z. & Zumbo, B. D. (2007). Decoding the meaning of factorial invariance and updating the practice of multi-group confirmatory factor analysis: A demonstration with TIMSS data. *Practical Assessment, Research & Evaluation*, 12, 1-26.

Zavalloni, M. (1980). Values. Em H. C. Triandis & R. W. Brislin (Eds.), *Handbook of cross-cultural psychology: Social psychology* (Vol. 5, pp. 73-120). EUA: Allyn and Bacon.

Zuckerman, M. (1994). *Behavioural expressions and biosocial bases of sensation-seeking*. Cambridge: Cambridge University Press.

ANEXOS

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO DOS VALORES BÁSICOS (QVB)

Por favor, leia atentamente a lista de valores descritos a seguir, considerando seu conteúdo. Utilizando a escala de resposta abaixo, escreva um número ao lado de cada valor para indicar em que medida o considera importante como um princípio que guia sua vida.

1	2	3	4	5	6	7
Totalmente não Importante	Não Importante	Pouco Importante	Mais ou menos Importante	Importante	Muito Importante	Extremament e Importante

01. ____ **SEXUALIDADE**. Ter relações sexuais; obter prazer sexual.
02. ____ **ÊXITO**. Obter o que se propõe; ser eficiente em tudo que faz.
03. ____ **APOIO SOCIAL**. Obter ajuda quando a necessite; sentir que não está só no mundo.
04. ____ **CONHECIMENTO**. Procurar notícias atualizadas sobre assuntos pouco conhecidos; tentar descobrir coisas novas sobre o mundo.
05. ____ **EMOÇÃO**. Desfrutar desafiando o perigo; buscar aventuras.
06. ____ **PODER**. Ter poder para influenciar os outros e controlar decisões; ser o chefe de uma equipe.
07. ____ **AFETIVIDADE**. Ter uma relação de afeto profunda e duradoura; ter alguém para compartilhar seus êxitos e fracassos.
08. ____ **RELIGIOSIDADE**. Crer em Deus como o salvador da humanidade; cumprir a vontade de Deus.
09. ____ **SAÚDE**. Preocupar-se com sua saúde antes mesmo de ficar doente; não estar enfermo.
10. ____ **PRAZER**. Desfrutar da vida; satisfazer todos os seus desejos.
11. ____ **PRESTÍGIO**. Saber que muita gente lhe conhece e admira; quando velho receber uma homenagem por suas contribuições.
12. ____ **OBEDIÊNCIA**. Cumprir seus deveres e obrigações do dia a dia; respeitar seus pais, os superiores e os mais velhos.
13. ____ **ESTABILIDADE PESSOAL**. Ter certeza de que amanhã terá tudo o que tem hoje; ter uma vida organizada e planificada.
14. ____ **CONVIVÊNCIA**. Conviver diariamente com os vizinhos; fazer parte de algum grupo, como: social, religioso, esportivo, entre outros.
15. ____ **BELEZA**. Ser capaz de apreciar o melhor da arte, música e literatura; ir a museus ou exposições onde possa ver coisas belas.
16. ____ **TRADIÇÃO**. Seguir as normas sociais do seu país; respeitar as tradições da sua sociedade.
17. ____ **SOBREVIVÊNCIA**. Ter água, comida e poder dormir bem todos os dias; viver em um lugar com abundância de alimentos.
18. ____ **MATURIDADE**. Sentir que conseguiu alcançar seus objetivos na vida; desenvolver todas as suas capacidades.

ANEXO 2 – TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Universidade Federal da Paraíba
CCHLA – Departamento de Psicologia
Programa de Pós-graduação em Psicologia Social
Doutorado em Psicologia social



Prezado (a) Participante,

Estamos convidando-lhe para participar desta pesquisa sobre valores e alguns outros construtos psicossociais. Este mesmo instrumento está sendo aplicado em diversos países do mundo, o que nos permitirá comparar as amostras destes países em termos destas variáveis psicossociais.

A resposta ao questionário levará entre dez e quinze minutos. Suas respostas são completamente anônimas e apenas os pesquisadores diretamente envolvidos no projeto terão acesso aos dados. Você nunca será pessoalmente identificado neste projeto de pesquisa ou em qualquer apresentação ou publicação decorrente do mesmo. A informação que você nos fornecer será codificada como um número. Por favor, não escreva seu nome ou qualquer outra identificação pessoal no questionário.

Agradecemos o preenchimento atento ao questionário que se segue. Sua participação é totalmente voluntária. Você é livre para parar de respondê-lo em qualquer momento antes de finalizá-lo, e, mesmo assim, devolvê-lo para nós. Ao preencher e devolver o questionário você estará de acordo que os dados sejam utilizados e analisados.

Por favor, responda estas questões o mais sinceramente possível, utilizando-se das escalas de resposta apresentadas em cada seção, por meio da escolha do número que melhor representa sua opinião. Por favor, lembre-se que não existem respostas certas ou erradas. Nós estamos apenas interessados em conhecer sua opinião sincera!

Em caso de dúvida você pode entrar em contato com os responsáveis por esta pesquisa Prof. Dr. Valdiney V. Gouveia (vvgouveia@pesquisador.cnpq.br) e Emerson Diógenes de Medeiros (emersondiogenes@gmail.com).

Muito obrigado por sua ajuda e cooperação nesta pesquisa!

ANEXO 3 – BASIC VALUE SURVEY (BVS)

Please read carefully the basic values listed below and their descriptions. Using the following answer scale, **indicate by writing a number beside each value** how important you consider each one of them as a **guiding principle in your life**.

1	2	3	4	5	6	7
Completely unimportant	Not important	Not very important	More or less important	Important	Very important	Of the utmost importance

- 01.____**SEXUALITY**. To have sexual relationships; to obtain sexual pleasure.
- 02.____**SUCCESS**. To reach your goals; to be efficient in everything you do.
- 03.____**SOCIAL SUPPORT**. To obtain help when you need it; to feel that you are not alone in the world.
- 04.____**KNOWLEDGE**. To look for up to date news on not very well-known matters; to try to discover new things about the world.
- 05.____**EMOTION**. To enjoy challenges or unknown situations; to look for adventure.
- 06.____**POWER**. To have the power to influence others and to control decisions; to be the boss of a team.
- 07.____**AFFECTIVITY**. To have a deep and enduring affectionate relationship; to have somebody to share successes and failures.
- 08.____**RELIGIOSITY**. To believe in God as the savior of humanity; to fulfill the will of God.
- 09.____**HEALTH**. To look after your health at all times, not just when sick; not to be sick.
- 10.____**PLEASURE**. To live for the moment; to satisfy all your desires.
- 11.____**PRESTIGE**. To know that a lot of people know and admire you; when you are older to receive a homage for your contributions.
- 12.____**OBEDIENCE**. To fulfill your daily duties and obligations; to respect your parents, superiors or elders.
- 13.____**PERSONAL STABILITY**. To have the certainty that tomorrow you will have all that you have today; to have an organized and planned life.
- 14.____**BELONGING**. To have good neighborly relationships; to form part of a group (e.g., social, religious, sporting, etc.)
- 15.____**BEAUTY**. To be able to appreciate the best in art, music and literature; to go to museums or exhibitions where you can see beautiful things.
- 16.____**TRADITION**. To follow the social norms of your country; to respect the traditions of your society.
- 17.____**SURVIVAL**. To have water, food and shelter every day in your life; to live in a place with enough food.
- 18.____**MATURITY**. To feel that your purpose in life has been fulfilled; to develop all your capacities.

ANEXO 4 – CUESTIONARIO DE LOS VALORES BÁSICOS (CVB)

Por favor, lea atentamente la lista de valores básicos descritos a continuación, considerando su contenido. Utilizando la siguiente escala de respuesta, **escriba un número al lado de cada valor** para indicar en qué medida usted le considera importante como **un principio que guía su vida**.

1	2	3	4	5	6	7
Totalmente sin importancia	No importante	Poco importante	Más o menos importante	Importante	Muy importante	De máxima importancia

01. ____ **SEXUALIDAD**. Tener relaciones sexuales; obtener placer sexual.
02. ____ **ÉXITO**. Obtener lo que se propone; ser eficiente en todo lo que hace.
03. ____ **APOYO SOCIAL**. Obtener ayuda cuando la necesite; sentir que no está sólo en el mundo.
04. ____ **CONOCIMIENTO**. Procurar noticias actualizadas sobre asuntos poco conocidos; intentar descubrir cosas nuevas sobre el mundo.
05. ____ **EMOCIÓN**. Disfrutar con desafíos o situaciones desconocidas; buscar aventuras.
06. ____ **PODER**. Tener poder para influir en los otros y controlar decisiones; ser el jefe de un equipo.
07. ____ **AFECTIVIDAD**. Tener una relación de afecto profunda y duradera; tener a alguien con quien compartir sus logros y fracasos.
08. ____ **RELIGIOSIDAD**. Creer en Dios como el salvador de la humanidad; cumplir la voluntad de Dios.
09. ____ **SALUD**. Preocuparse por su salud permanentemente, no sólo cuando se está enfermo; no estar enfermo.
10. ____ **PLACER**. Disfrutar de la vida; satisfacer todos sus deseos.
11. ____ **PRESTIGIO**. Saber que mucha gente le conoce y admira; cuando sea mayor recibir reconocimiento por sus contribuciones.
12. ____ **OBEDIENCIA**. Cumplir sus deberes y obligaciones del día a día; respetar a sus padres, superiores y a los mayores.
13. ____ **ESTABILIDAD PERSONAL**. Tener la certeza de que mañana tendrá todo lo que tiene hoy; tener una vida organizada y sin altibajos.
14. ____ **PERTENENCIA**. Llevarse bien con los vecinos; formar parte de algún grupo (por ejemplo, social, religioso, deportivo, entre otros).
15. ____ **BELLEZA**. Ser capaz de apreciar lo mejor del arte, la música y la literatura; ir a museos o exposiciones donde pueda ver cosas bellas.
16. ____ **TRADICIÓN**. Seguir las normas sociales de su país; respetar las tradiciones de su sociedad.
17. ____ **SUPERVIVENCIA**. Tener agua, comida y poder dormir bien todos los días; vivir en un sitio con suficientes alimentos.
18. ____ **MADUREZ**. Sentir que sus objetivos en la vida se han cumplido; desarrollar todas sus capacidades.

ANEXO 5 – GRUNDWERTE FRAGEBOGEN (GF)

Bitte lies Dir sorgfältig die im Folgenden aufgelisteten Grundwerte und deren Beschreibungen durch. Gib bitte an, für wie wichtig Du jeden Wert in Deinem Leben erachtest. Bitte schreibe die entsprechende Ziffer (1 – „*absolut unwichtig*“ bis 7 – „*absolut wichtig*“) neben dem zu beurteilenden Wert.

1	2	3	4	5	6	7
Absolut unwichtig	Nicht wichtig	Nicht ganz so wichtig	Mehr oder weniger wichtig	Wichtig	Sehr wichtig	Absolut wichtig

01. ____ **GEHORSAM.** Deine täglichen Aufgaben und Verpflichtungen zu erfüllen; Deine Eltern, Vorgesetzten und ältere Personen zu respektieren.
02. ____ **ERFOLG.** Deine Ziele zu erreichen; effizient zu sein in allem, was Du tust.
03. ____ **SOZIALE UNTERSTÜTZUNG.** Hilfe zu erhalten, wenn Du sie brauchst; zu fühlen, dass Du nicht allein auf der Welt bist.
04. ____ **WISSEN.** Nach den letzten Neuigkeiten in Deinem Interessengebiet zu suchen; zu versuchen, neue Dinge über die Welt zu entdecken.
05. ____ **AUFREGUNG.** Herausforderungen und unbekannte Situationen zu genießen; nach Abenteuer zu suchen.
06. ____ **MACHT.** Die Macht, andere zu beeinflussen und Entscheidungen zu übernehmen; der Leiter eines Teams zu sein.
07. ____ **GEFÜHLSLEBEN.** Eine tiefgründige und liebevolle Beziehung zu haben; jemanden zu haben, mit dem man Freud und Leid teilen kann.
08. ____ **RELIGIOSITÄT.** An Gott als den Retter der Menschheit zu glauben; den Willen Gottes zu erfüllen.
09. ____ **GESUNDHEIT.** Jeder Zeit auf seine Gesundheit zu achten, nicht nur, wenn man krank ist; nicht krank zu sein.
10. ____ **VERGNÜGEN.** Den Moment zu leben; Deine Wünsche zu erfüllen.
11. ____ **PRESTIGE.** Zu wissen, dass Dich Leute kennen und bewundern; eine Würdigung Deines Werkes zu erhalten, wenn Du älter bist.
12. ____ **SEXUALITÄT.** Sexuelle Beziehungen zu haben; sexuelle Befriedigung zu erhalten.
13. ____ **PERSÖNLICHE STABILITÄT.** Die Sicherheit zu haben, dass sich von heute auf morgen nichts verändert; ein organisiertes und geplantes Leben zu haben.
14. ____ **ZUGEHÖRIGKEIT.** Gute nachbarschaftliche Beziehungen zu haben; Teil einer Gruppe zu sein (z.B. soziale, religiöse oder sportliche Gruppe).
15. ____ **SCHÖNHEIT.** Qualität in Kunst, Musik und Literatur schätzen zu können; in Museen oder Ausstellungen zu gehen, in denen man schöne Dinge sehen kann.
16. ____ **TRADITION.** Den sozialen Normen Deines Landes zu folgen; die Traditionen Deiner Gesellschaft zu respektieren.
17. ____ **ÜBERLEBEN.** An jedem Tag Wasser, Nahrung und Schutz zu haben; an einem sicheren Ort mit ausreichend Nahrung zu leben.
18. ____ **REIFE.** Das Gefühl zu haben, dass Dein Lebensziel erreicht wurde; all Deine Kompetenzen zu entfalten.

ANEXO 6 – QUESTIONÁRIO DEMOGRÁFICO

INFORMAÇÕES DEMOGRÁFICAS. Finalmente, gostaríamos que respondessem algumas perguntas sobre você. Não é necessário assinar este questionário, pois não é nosso interesse identificá-lo.

População: (1) Estudante (2) População Geral

Sexo: (1) Masculino (2) Feminino

Idade: _____

Estado civil: (1) Solteiro (2) Casado (3) Casado

(4) Outro

País: _____

ANEXO 6 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA UFPB

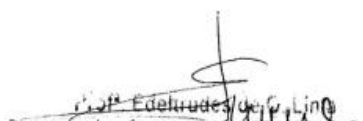


UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CERTIDÃO

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa, do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou por unanimidade na 4ª Reunião Ordinária, realizada no dia 28/05/08 o projeto de pesquisa do(a) interessado(a) Professor(a) Valdiney Veloso Gouveia, intitulado: “CORRELATOS VALORATIVOS DAS ATITUDES FRENTE AO USO DE TATUAGENS”. Protocolo nº. 0011.

Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionado à apresentação do resumo do estudo proposto à apresentação do Comitê.


Vice Coordenadora